



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES
SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO**

DANIELA NUNES DO NASCIMENTO

**“OURO NEGRO”: GÊNERO, TRABALHO E PROSTITUIÇÃO
EM CANDEIAS/BA (1960-1985).**



**SALVADOR
2014**



DANIELA NUNES DO NASCIMENTO

**“OURO NEGRO”: GÊNERO, TRABALHO E PROSTITUIÇÃO EM
CANDEIAS/BA (1960-1985).**

Orientadora: Iole Macedo Vanin

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos como requisitos para a obtenção do título de mestre.

**Salvador – BA
2014**

N244 Nascimento, Daniela Nunes do
“Ouro negro”: gênero, trabalho e prostituição em Candeias/Ba (1960-1985) /
Daniela Nunes do Nascimento. – 2014.
212 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Iole Macedo Vanin
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2014.

1. Gênero. 2. Trabalhadores da indústria petrolífera – Candeias (BA). 3. Feminismo.
4. Prostituição - Brasil. 5. Refinaria de Landulpho Alves. 6. Modernização. I. Vanin,
Iole Macedo. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas. III. Título.

CDD: 305.42

TERMO DE APROVAÇÃO

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre no Programa de Pós Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo - PPGNEIM, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 10 de fevereiro de 2014.

Iole Macedo Vanin - Orientadora

Doutora em História Social pela Universidade Federal da Bahia – UFBA
Professora do Departamento de Ciência Política e do PPGNEIM/FFCCH/UFBA

Lina Maria Brandão Aras

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo – USP
Professora do Departamento de História e do PPGNEIM/FFCCH/UFBA

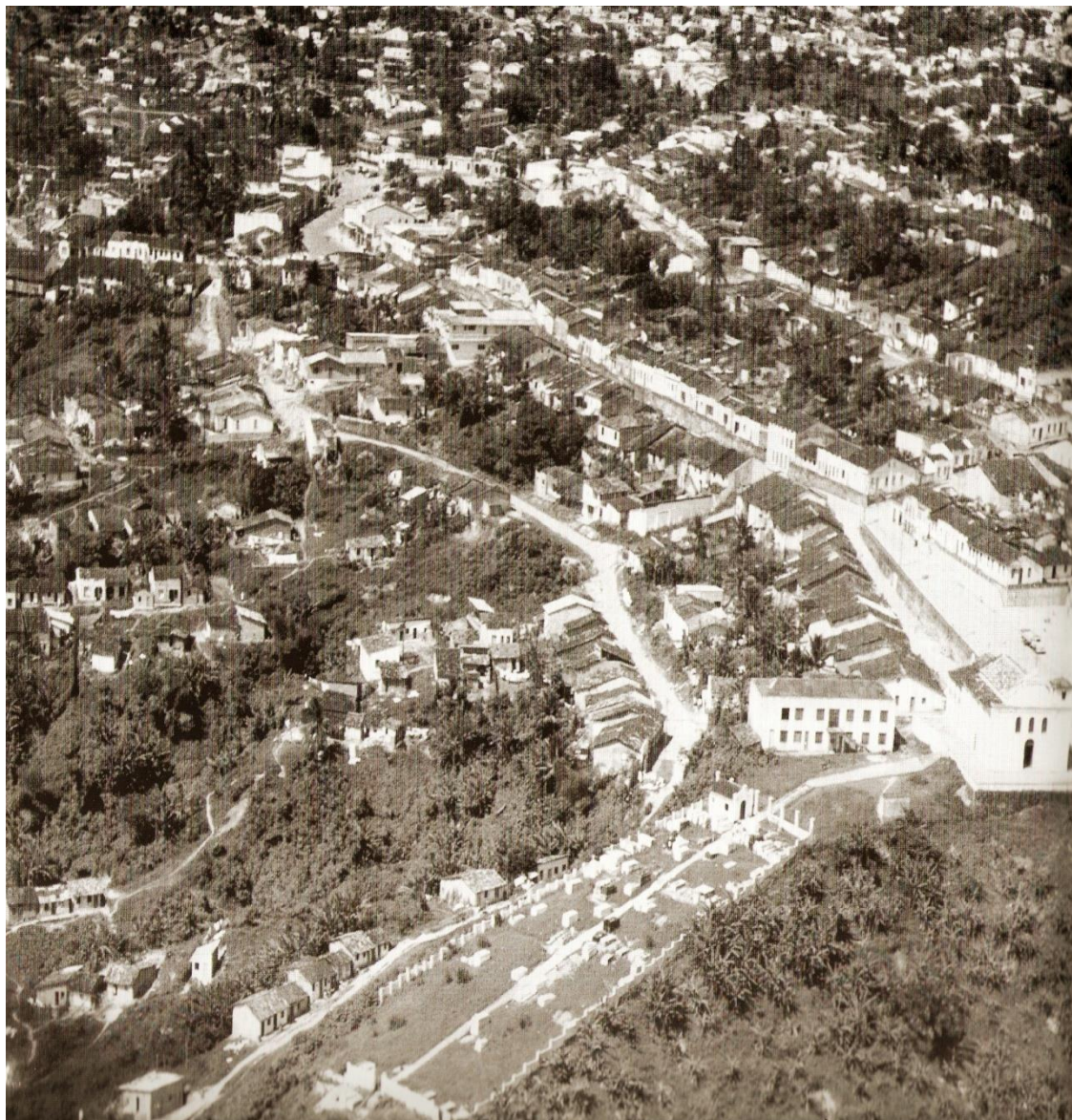
Marcia Santana Tavares

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia – UFBA
Professora do Departamento de Serviço Social e do PPGNEIM/FFCCH/UFBA

Rosângela Araújo Costa

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo – USP
Professora do Departamento de Educação/ FACED e do Doutorado
Multidisciplinar e Multinstitucional de Difusão do Conhecimento/MMDC -
UFBA

Figura 02- Vista parcial da cidade na década de 1970.



Candeias adorada...

“Esta é minha homenagem sincera
A minha Candeias querida
Longe ou perto que estivera
Estamos entrelaçados por toda vida”

(Péricles Vasconcelos de Souza, 1996)

Dedico aos migrantes do “ouro negro”, especialmente, a estes homens e mulheres, que fizeram história, fomentaram paixões e romperam tabus, e com coragem, constituíram a “minha” Candeias.

Em especial, as minhas inspirações: Joana (Dona Miúda), Firmina (Dona Nininha) e a minha mãe/amiga Angélica.

AGRADECIMENTOS

Para chegar até o momento de conclusão deste trabalho muitas pessoas me auxiliaram e ajudaram de diversas formas.

Inicialmente dedico os agradecimentos ao Programa de Pós Graduação em Estudos Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismo-PPPGNEIM/UFBA, por ter me selecionado dentre as mestrandas do ano de 2011 e a Fundação de Amparo á Pesquisa do Estado da Bahia/FAPESB, pela concessão da bolsa. Certamente, merecem agradecimentos especiais as professoras Cecilia Bacelar Sanderberg, Marcia Macedo, Ana Alice Costa e Alinne Bonetti. Também sou grata a todos/as colegas de mestrado da turma de 2011.

Com relação a minha orientadora, Iole Macedo Vanin, os agradecimentos serão eternos, infinitos. Pessoa que me ajudou na construção do texto e, principalmente, por ter paciência com o ritmo da minha escrita e o caminhar da dissertação. Iole muito obrigada! Este trabalho é nosso. Totalmente nosso!

A próxima pessoa que devo agradecer é a minha mãe e melhor amiga Angélica. Durante a escrita desta dissertação ela me ajudou em diversos momentos de choros, angústias e percalços. Não foram raras as madrugadas em que estava escrevendo em que ela acordou só para ver como eu estava, preocupada com a minha saúde e também desejando que eu terminasse logo a escrita.

Aos meus irmãos Ivan e Vagner, meus sinceros agradecimentos. Ivan por me proteger com seu amor “implicante” e Vagner, que mesmo estando um pouco longe, esteve presente. Os dois me apoiaram em situações que somente “verdadeiros” irmãos enfrentam.

Além de agradecer a mãe e irmãos, tem outras pessoas da família que preciso agradecer que são meus primos Aleffe Rangel e Uiliams Rangel. Este primeiro transcreveu, mesmo com alguns erros, as minhas fontes orais e impressas. Cheguei a pagar um valor simbólico, mas, muito pouco em relação ao trabalho que ele teve. Já o Uiliams (Dinho) me cedeu seu colo para os meus desabafos, além de me apoiar nos meus projetos.

Após agradecer as pessoas que tiveram mais envolvidas na construção deste trabalho, gostaria também de agradecer ao “divino”. Por diversas vezes, quando me senti perdida, sentindo a “pressão” do trabalho, família, amigos (as), da vida acadêmica que me faziam esmaecer, apagar-me, silenciar-me dentro das minhas inquietações e angústias, foi para minha padroeira Nossa Senhora das Candeias que direcionei as minhas orientações, sempre pedindo sabedoria, força, paciência e compreensão. Certamente, quando findava minhas orações,

sentia-me melhor, agraciada e abençoada. Por isso, agradeço a Deus e a minha santa protetora.

Outras pessoas que merecem estarem nestas páginas são os amigos de pesquisas Anderson Gomes Epifania, Alex Souza Ivo e Jair Cardoso dos Santos. Estes me ajudaram muito, me cederam suas fontes, textos, livros e também deram dicas valiosas de pesquisas. As obras por eles publicadas também compõe o referencial bibliográfico desta dissertação. Sem a ajuda valiosa destes amigos, certamente as de Alex e Anderson, que me cederam suas fontes impressas e iconográficas, esta dissertação não teria sido realizada. Meus sinceros e eternos agradecimentos. Aqui aproveito também para agradecer a Aguielo, o meu vizinho, que me apresentou ao “Seu Regi”, fazendo com que as “mulheres do 24” aparecessem. Agradeço também aos depoentes, que desde 2007, quando iniciei as pesquisas orais, abriram suas vidas e histórias para mim.

Dentro do processo de construção deste projeto tive o prazer de ter meu projeto revisado pela professora da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Luzinete Simões Minela e pelo doutorando do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Sérgio Rodrigues, durante a minha estadia na UFSC através do Projeto Procad UFSC/UFBA, em outubro de 2011. Ao Sergio também agradeço a hospitalidade, de ter me mostrado a cidade e proporcionado momentos tão especiais e inesquecíveis em Florianópolis.

Durante a minha estadia na UFSC não poderia me esquecer de Dona Eneida, que me “abrigou” e me tratou como filha durante os dias em que estive em sua casa em Florianópolis. Outra amiga que conheci em “Floripa” foi a Miriam Nascimento. Agradeço pelo apoio moral e pela despreziosa amizade.

Também tive o prazer de ter a ajuda desde a construção do projeto da seleção, como também quando estava cursando as disciplinas do mestrado, de ter tido orientações de Ione Celeste de Jesus Souza, minha orientadora da graduação. Profissional de extrema competência me ensinou a pesquisar, a ter o “olhar atento para as fontes”.

Na qualificação desta pesquisa, também agradeço imensamente a Rosângela Araújo e Alinne Bonetti. Os olhares que elas lançaram sobre o meu primeiro capítulo, como também as dicas e possibilidades de estudar Candeias através das representações de feminilidades e masculinidades foram importantíssimas, o que certamente segui e fiz.

Nesta caminhada, amigos antigos se afastaram e novos apareceram e “ajudas” de “onde menos esperei” surgiram, a exemplo do doutorando em História Social da UFBA, Ricardo Batista, que através de conversas que tive com ele por meio do facebook, percebendo as dificuldades geográficas de nos encontrarmos pessoalmente para me ceder algumas

bibliografias, me enviou, gentilmente, sem nunca ter me visto pessoalmente, através dos Correios, a dissertação de Nélia Santana. Situações “inusitadas”, mas, que muito enriquecem as nossas relações durante a pesquisa. A generosidade de Ricardo me marcou bastante e eu vi que existem pessoas “mais que maravilhosas” no mundo.

Os (as) amigos (as) de Candeias jamais seriam esquecidos neste rol de agradecimentos. Em especial, a Juliana Oliveira (Juba), a Lucília Santos (Cici) e a Pedro Santos (Pedrinho), que valorizam o meu trabalho (pesquisa) e também a minha amizade. As noites candeenses foram mágicas ao lado de vocês. As amigas de longa data e histórias Valci Santana (Ci), Isis Sousa e Laís Carneiro eu também agradeço.

Aos meus colegas de profissão, e que dividem/dividiram comigo a “arte de professorar” eu também agradeço muito. Inicialmente a Claudia Pimental e Noelma Santos que muito me ajudaram nesta caminhada e também aos amigos de trabalho do SESI CANDEIAS.

Também agradeço ao jornalista e proprietário do jornal local Bahia Notícias, Junior Robocop. Este publicou o tema desta pesquisa na imprensa de Candeias, o que foi importante para dar visibilidade, além de ampliar meus contatos para outros projetos culturais.

Agradeço a Matheus Oliveira, que se fez presente nos últimos dois anos desta pesquisa, especialmente por ter acompanhado de perto este momento tão importante da minha trajetória acadêmica, principalmente com suas palavras de incentivo e otimismo.

Por último, dedico meus fraternos agradecimentos a Marcelo Siquara, que contribuiu nos momentos finais dessa dissertação, através de algumas das últimas revisões.

RESUMO

A partir de uma abordagem interdisciplinar e feminista, esta dissertação busca apreender as representações de gênero e as conexões entre o mundo do trabalho petrolífero e da prostituição entre os anos de 1960/1985, na cidade Candeias/BA, período em que a localidade passou por mudanças socioeconômicas, urbanas e políticas com a instalação da primeira indústria de petróleo do Brasil, a Refinaria de Mataripe/Landulpho Alves em suas imediações, e que novos atores sociais migraram para a região, prostitutas e trabalhadores, constituindo novas formas de pensar/representar masculinidades e feminilidades e espaços de prazer, poder e mobilidade social. O *corpus documental*, cuja leitura foi feita tendo como suporte teórico os estudos de gênero e feministas, constitui-se de fontes orais, escritas e iconográficas. Assim, para o contato com a complexidade e dinamismo do contexto onde o nosso objeto de estudo estava inserido foi necessário à utilização de metodologias de cunho qualitativo como, a história oral e a análise documental.

Palavras chaves: Candeias; petróleo; modernização; gênero; prostituição.

ABSTRAT

From a feminist and interdisciplinary approach , this dissertation aims to grasp gender representations and the connections between the world of work oil and prostitution between 1960/1985 , at Candeias / BA. During thisperiod the city went throught socioeconomic , urban and political changes with the installation of the first oil industry in Brazil, the Mataripe / Landulpho Alves Refinery in their vicinity, and new social actors migrated to the region , prostitutes and industry workers , providing new ways of thinking / represent masculinity and femininity and spaces of pleasure , power, and social mobility . The documentary corpus, where the readings were made with theoretical support of gender and feminist studies, consists of oral , written and iconographic sources. Thus, to contact with the complexity and dynamism of the context where the object of our study was nested we used methods of qualitative nature as oral history and document analysis .

Keywords: Candeias; oil; modernization; gender; prostitution.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Petroleiros comendo no capacete	CAPA
Figura 02	Vista parcial da cidade de Candeias	5
Figura 03	Imagem de N. S ^a das Candeias	33
Figura 04	Igreja de N. S ^a das Candeias	34
Figura 05	Junta de bois puxando a sonda de petróleo	43
Figura 06	Imagem primeiro poço comercial de petróleo do Brasil C-01	44
Figura 07	Vista da estrada que liga Candeias a Mataripe	46
Figura 08	Transporte de equipamentos pelos saveiros	47
Figura 09	Homens trabalhando nos tanques de petróleo	49
Figura 10	Vila Mataripe	51
Figura 11	Refinaria de Mataripe em 1950	52
Figura 12	Movimentação comercial em Candeias na década de 1960	54
Figura 13	Antiga Rua da Estação e sua movimentação comercial	55
Figura 14	Antiga Fazenda Santo Antônio	57
Figura 15	Feira de Candeias década de 1960	58
Figura 16	Feira de Candeias década de 1960	61
Figura 17	Trabalhadores do Petróleo	62
Figura 18	Equipe de futebol de Mataripe	64
Figura 19	Perfuração de um poço de petróleo	68
Figura 20	Professora Dalila Baptista dos Santos	82
Figura 21	Trabalhadores do petróleo	86
Figura 22	Engenheiro e operário	89
Figura 23	Trabalhadores do petróleo “braçais”	93
Figura 24	Trabalhadores do petróleo em jipes	96

Figura 25	José Magalhães dos Santos	99
Figura 26	Carteira de trabalho de José Magalhães dos Santos	100
Figura 27	Petrolinho	101
Figura 28	Carteira de trabalho de José Magalhães dos Santos	109
Figura 29	Carteira de trabalho de José Magalhães dos Santos	110
Figura 30	Petroleiros socializando no bar	114
Figura 31	Vista total de Candeias	157
Figura 32	Vista das áreas centrais de Candeias	158
Figura 33	Mapeamento e localização dos principais meretrícios do 24	159
Figura 34	BA – 522, estrada que liga Candeias a Refinaria de Mataripe	160
Figura 35	Localização da Boate/Brega Três Jaqueiras	161
Figura 36	Local onde se situava a antiga Praça do 24	166
Figura 37	Ruínas da Boate/Brega Grande Hotel	166
Figura 38	Ruínas da Boate/Brega Pousada Barão	167
Figura 39	Ruínas da Igreja de Nossa Senhora Encarnação do Passé	206
Figura 40	Ruínas do Engenho Caboto	206
Figura 41	Antigo Engenho Freguesia	207
Figura 42	Museu Vanderley Araújo Pinho	208
Figura 43	Casa de Horácio Pinto	208
Figura 44	Campos de Petroleo em Candeias	209
Figura 45	Centro de Candeias em 1970	210
Figura 46	Crianças trabalhando na Feira de Candeias	211

LISTAS DE SIGLAS

APEB	Arquivo Público do Estado da Bahia
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
CNP	Conselho Nacional do Petróleo
CPB	Companhia Petróleos do Brasil
CONDER	Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador
DASP	Departamento de Administração do Serviço Público
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PRODUR	Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano da Prefeitura Municipal de Candeias
PPGNEIM	Programa do Pós Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo
REPAR	Refinaria do Paraná
RLAM	Refinaria Landulpho Alves
RMS	Região Metropolitana de Salvador
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 SITUANDO E DEMARCANDO ESPAÇOS	
1.1 CANDEIAS: DE ENGENHOS DE CANA DE AÇÚCAR A CENTRO DE PEREGRINAÇÃO RELIGIOSA	31
1.2 CANDEIAS: CIDADE PETROLEIRA	39
1.3 A PRIMEIRA REFINARIA DE PETRÓLEO DO BRASIL: MATARIPE	45
1.4 AS MUDANÇAS SOCIOECONÔMICAS E POLÍTICAS EM CANDEIAS (1960-1985)	52
2 TRABALHO PARA HOMENS: PATRIARCADO E RELAÇÕES DE GÊNERO NA “CIDADE DO PETRÓLEO”	
2.1 PATRIARCADO E GÊNERO	68
2.2 MASCULINIDADES E FEMINILIDADES NA TERRA DO PETRÓLEO	77
2.3 A INSERÇÃO DA INDÚSTRIA PETROLÍFERA E A CONSTRUÇÃO DO “SER HOMEM PETROLEIRO”	86
2.4 TRABALHADORES DO PETRÓLEO: TRAÇANDO PERFIS	94
2.5 O PETROLEIRO ENTRA EM CENA: “NÃO QUER PAGAR NÃO! DEIXA AÍ QUE PETROLEIRO COMPRA”	102
3 CASAS DE “MULHERIO”: OS AMBIENTES DO PRAZER NA “TERRA DO PETRÓLEO”	
3.1 PROSTITUIÇÃO E SEXUALIDADE	118
3.2 AS PROSTITUTAS EM CANDEIAS	128
3.3 CASAS DE “MULHERIO”: BURACO DOCE E BOATE DE FIRMINO	130
3.4 CASAS DE “MULHERIO”: A FAMOSA PRAÇA COM OS BREGAS/BOATES DO 24	146
3.4.1 ORIGENS E MIGRAÇÕES DE MULHERES	147
3.4.2 PRINCIPAIS ESPAÇOS: SOCIABILIDADES E FUNCIONAMENTO	156
3.4.3 OS PETROLEIROS E AS “DAMAS” DO PETRÓLEO: CASOS E HISTÓRIAS	176
3.4.4 MASCULINIDADES PETROLEIRAS E REPRESSÃO POLICIAL NOS AMBIENTES DE PRAZER	182

3.4.5 A DECADÊNCIA E O FIM DA FAMOSA PRAÇA DO 24	185
CONSIDERAÇÕES FINAIS	190
REFERÊNCIAS E FONTES	197
ANEXOS	206

INTRODUÇÃO

A pesquisa historiográfica apresentada iniciou-se em 2006, durante a graduação em História, cursada na Universidade Católica do Salvador (Ucsal), entre 2004 a 2008. Ao entrar no curso de História, cogitava-se pesquisar sobre Candeias¹ e tornar algum recorte dessa historicidade o objeto de algumas pesquisas. A escolha aconteceu no 6º semestre, através de investigações despretensiosas, no intuito de conhecer a gênese histórica da cidade, especialmente no investigar das mudanças que se deu com a descoberta do primeiro poço comercial de petróleo do Brasil no solo candeense e as transformações a partir desse evento. Mas, a pesquisa seguiu outros caminhos, desembocando em interesse distinto ao inicial.

A escolha pelo recorte da pesquisa ocorreu especialmente ao descobrir o significado do nome atípico da Rua José Xavier. Da infância a juventude, havia diversas indagações sobre o porquê da rua em que morava ser popularmente conhecida por Buraco Doce. Não compreendia o motivo desse nome, já que a Rua era oficialmente conhecida por José Xavier. Contudo, sempre que conversava com moradores antigos da cidade, e estes perguntavam onde residia, quando informava o nome da localidade, sempre exclamavam: “Ah! Você mora no Buraco Doce!”.

As descobertas de outros significados atrelados ao nome Buraco Doce surgiram quando foi colhido o depoimento do petroleiro aposentado Everaldo Saba, que revelou o significado do “codinome” ao relatar que, na década de 1960, havia nessa Rua um conjunto de prostíbulos com essa denominação, bem próximo ao poço de petróleo. Entrevistando também os/as vizinhos/as mais antigos/as, descobri que no terreno em que está edificada minha casa havia uma avenida de quartos que integrava um dos prostíbulos do Buraco Doce. A partir dessas informações surgiram novas perguntas sobre a cidade e essas mulheres: Quais os reflexos que o petróleo havia trazido para Candeias, além das mudanças econômicas? Quem eram essas mulheres? Elas pertenciam à localidade ou eram oriundas de outras cidades? Indagações que foram suscitadas a partir do contato com a fonte oral. Diante disso, surgiu a

¹Atualmente, Candeias compreende a Região Metropolitana de Salvador, também conhecida como Grande Salvador (e pelo acrônimo RMS, que foi instituída pela Lei Complementar Federal, número 14, de 8 de junho de 1973). A RMS Compreende os municípios de Camaçari, Candeias, Dias d'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz. Disponível em: http://www.observatoriodasmetrosoles.ufrrj.br/como_anda/como_anda_RM_salvador.pdf. Acessado em 23 de abril de 2014.

certeza da temática histórica abordada, as memórias que permeavam o mundo do petróleo e da prostituição, incluindo a conhecida Rua Buraco Doce².

Após a escolha do objeto, foi realizada a coleta das fontes e a leitura do material bibliográfico, resultando na apresentação da monografia (em julho de 2008): As “damas” do petróleo: prostituição e códigos de gêneros durante a modernização de Candeias (1949-1964). Nessa pesquisa introdutória e parcial, descreveu-se como se desenrolaram as vivências no mundo da prostituição entre as décadas de 1950/60, na cidade de Candeias (BA), período em que a localidade passou por profundas mudanças políticas e socioeconômicas a partir da implantação da Refinaria Landulpho Alves/Mataripe em suas imediações, que resultou em transformações também nos costumes e valores da população local. Investigou-se, especificamente, os efeitos provocados pela introdução de novos atores sociais. Esses migrantes foram atraídos para Candeias pela notícia da riqueza gerada pelo “ouro negro”, no caso, os trabalhadores da Petrobrás, vulgarmente denominados “petroleiro”, bem como as prostitutas que passaram a habitar no referido espaço devido ao fluxo de dinheiro e de homens provenientes das atividades petrolíferas. Surgiram bares e casas de prostituição bem como novos espaços de sociabilidade na sociedade religiosa, que era transformada pela indústria petrolífera.

Contudo, perceberam-se algumas lacunas quando finalizada as narrativas da monografia. Dentre as omissões, identificou-se aquelas inscritas nas limitações teóricas, sobretudo, nas discussões de gênero, sexualidade, classe e raça. Esses marcadores sociais necessitavam de novos olhares, perspectivas abrangentes, enfoques interdisciplinares, que indicassem as multiplicidades dos discursos, subjetividades, relações de poder, hierarquias, tensões, trajetórias de vidas, transições e permanências. Enfim, buscou-se uma análise histórica que abrangesse e ressignificasse a complexidade das relações, conexões, sistema de poder e suas múltiplas variantes.

Além disso, por ter discutido a prostituição feminina dentro da perspectiva histórica, e utilizado como fonte principal a oral, outra ausência incomodava, principalmente os hiatos das vozes/falas femininas entre os/as depoentes localizados/as. A história oral representava a possibilidade de dar voz àquela que sempre foi silenciada, algo que não foi alcançado. Faltou, na escrita da monografia, fontes que pronunciasse a prostituição a partir da perspectiva feminina. Os escassos documentos que citavam a presença de mulheres nos espaços estudados eram representações do masculino.

²No decorrer das investigações surgiram os nomes de outros ambientes prostitucionais apresentados nessa pesquisa.

Os primeiros depoentes localizados entre os anos de 2007 a 2008 foram homens, cujo perfil foi composto por antigos moradores e alguns petroleiros aposentados. Estes, em algum momento de suas trajetórias, frequentaram as Boates/Bregas e estabeleceram contato com as meretrizes, descrevendo, por meio de suas memórias, os ambientes e as mulheres. Inicialmente, foram entrevistados Everaldo Sabá, Clóvis Vasconcelos de Souza e Manoel Ferreira. No coletar das fontes orais, um petroleiro aposentado indicava outro colega de trabalho que ainda estava “vivo” e “lúcido”. E as poucas mulheres localizadas colocaram-se como expectadoras, não descreviam as teias das relações. Desejavam-se aquelas que assumissem a prática do meretrício e os cotidianos vivenciados por elas na sociedade patriarcal.

Esse desejo de evidenciar e mostrar as meretrizes historicamente também surgiu devido à inexistência ou mínima citação sobre as mulheres que viveram da prostituição nas pesquisas históricas sobre Candeias e a Refinaria Landulpho Alves/Mataripe. Mas, muito se falava, descrevia, sobre os homens petroleiros, evidenciando o androcentrismo e o patriarcado na historiografia. Uma grande ocultação na história local que precisava ser corrigida.

De acordo com a historiografia contemporânea, a invisibilidade das mulheres na história das sociedades vem sendo reparada recentemente. Michele Perrot, pesquisadora francesa que contribuiu para a inserção dos estudos históricos sobre as mulheres na Europa, tornando-as sujeitos históricos, afirma que “[...] uma história sem as mulheres parece impossível” (PERROT 2007, p.14)³. Nessa perspectiva, compreendem-se que qualquer história, sejam sobre culturas, sociedades, batalhas, cidades, industrialização, revoluções, migrações, dentre outras, não ocorreu pelas lutas, transformações e trabalhos de um único sexo, o masculino. As mulheres sempre estiveram presentes em todos os grandes acontecimentos históricos, atuando e transformando a realidade. Entretanto, nos documentos produzidos e nos relatos desses acontecimentos, elas não apareceram/aparecem, sendo, na maior parte dos estudos historiográficos, invisibilizadas e ocultadas, como se não existissem, falassem ou questionassem seu papel secundário na história e na sociedade. O que, em parte, explica as dificuldades de serem encontradas fontes documentais que revele o feminino em Candeias.

A produção historiográfica positivista privilegiou, durante muito tempo, os grandes acontecimentos, as guerras, os marcos históricos estatais, os reis e os homens, os eventos dos espaços públicos. O campo de atuação de maior parte das mulheres, o privado, era

³Para compreender essa discussão sobre a invisibilidade das mulheres na história, Vide: PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

desprovido de importância, e, a atuação das mulheres nos espaços públicos, especialmente as das classes populares, não significou que a cultura masculina aceitasse a sua movimentação fora dos limites permitidos (NICHOLSON, 1992, p.151). Esta quebra de paradigmas da história masculinizada foi provocada com a indagação do que era ciência e história através das lutas feministas e das mudanças provocadas com a Nova História ⁴, especialmente com a História Social ⁵, na década de 1970, em que se multiplicou e pluralizou-se o conceito do que é sujeito histórico. As mulheres passaram a ser inseridas e novas vozes foram levantadas com a possibilidade de um novo fazer historiográfico.

A história dos excluídos, dos “vistos de baixo”, permitiu investigação não só da mãe, trabalhadora, operária, camponesa, mas também do antônimo da mulher descrita como ideal – a prostituta. Analisar esta última é problematizar o ideal da mulher, pois, elas contrariavam as normas e papéis sexuais e sociais destinados. Seja pela própria forma de resistência e sobrevivência, muitas meretrizes rejeitaram o casamento, circularam nos espaços considerados públicos e impróprios para as mulheres e venderam o corpo em troca de dinheiro para sobreviver (DEL PRIORE, 1998, p. 220).

⁴Foi a partir da década de 1920 através do pioneirismo dos franceses March Bloch e Lucien Febvre que emergiu com o grupo dos Annales a quebra de antigos paradigmas na utilização dos métodos, fontes e nas formas de se fazer e escrever a história. Diferentemente da historiografia vigente do período, a positivista, esta nova corrente direcionou seus interesses de estudo para a história dos seres vivos, os seres concretos, que atuam e emergem no cotidiano, incluindo os sujeitos que faziam parte da história vista de baixo (SOHIET, R; PEDRO, J.M, 2007, p.284). À medida que a tradição historiográfica dos Annales propunha ampliar o leque de fontes e observar a presença de pessoas comuns contribuiu para que posteriormente as mulheres fossem incorporadas à historiografia. No caminhar destas transformações durante as décadas de 1960, a historiografia cresceu relativizando qual era a importância dos métodos ou dos conceitos teóricos rígidos e pela multiplicidade de sujeitos e de fontes históricas. A partir dos anos 70, a Nova História se mostrará mais receptiva quanto à presença da dimensão sexuada no interior da evolução histórica-temporal, ainda que espontaneamente não demonstre interesse (PERROT, 1995, p.15). Estes revisionismos epistemológicos do que é ciência, atrelados a Nova História (terceira geração dos Annales) confere novos rumos para direcionar as novas abordagens historiográficas (PERROT, 1995, p.20). Seu sucesso atrelou-se aos avanços provocados pelas suas ramificações e concentrações de estudos, compartimentados em diversas linhas de pesquisa como: História Cultural, História Social, História Econômica, História das Mentalidades e História das Mulheres. O avanço da Nova História foi à ampliação considerável dos objetos e estratégias de pesquisas e a reivindicação do individual, do subjetivo, do simbólico com dimensões necessárias e legítimas da análise histórica (CARDOSO, 1997, p.22).

⁵Aqui apontamos o vulto assumido pela História Social, na qual se engajaram as correntes revisionistas marxistas, cuja preocupação incide sobre as identidades coletivas de uma ampla variedade de grupos sociais que até então eram excluídos do interesse da história: operários, camponeses, escravos, pessoas comuns, oportuniza agregar o estudo dos excluídos da história. Com isso, pluralizam-se os objetos de investigação histórica e nesse bojo as mulheres são alçadas a condição de objetos e sujeitos da história, na qual se inclui as prostitutas (SOHIET, R; PEDRO, J.M, 2007, p.285). A historiografia brasileira também sofreu influências destes processos. As mulheres passaram a ser visibilizadas na história brasileira dentro de um contexto de necessidade de dar voz aos grupos excluídos. Pesquisadores (as) influenciados (as) pela emergência da Nova História e pela abertura de novas possibilidades de contemplar as mulheres como objetos históricos produziram vários trabalhos sobre o feminino no Brasil. Um dos primeiros trabalhos foi o de Maria Odila da Silva Leite, intitulado de Quotidiano e Poder em São Paulo do século XIX, e neste a categoria “mulheres” estava incluída. Outros (as) historiadores (as) também começaram a escrever artigos, dissertações de mestrado, teses de doutorado e livros contemplando e visibilizando as mulheres (SOHIET, R; PEDRO, J.M, 2007, p. 282).

Assim como outros aspectos da História da Mulher, a prostituição foi negligenciada enquanto tema por estar associada às mulheres supostamente mais desvalorizadas da sociedade. Por que visibilizar as mulheres marginalizadas? Se estudar as mulheres “do lar”, as operárias, camponesas, religiosas se confirmou como um desafio devido à falta de suas falas, de seus vestígios e fontes. Compreender as práticas desviantes, simbolizadas pela sexualidade comercializada foi mais difícil devido ao controle dos corpos e da sexualidade pela Igreja e pelo Estado (RAGO, 1998, p. 27). No entanto, na historiografia brasileira destacam-se estudos acerca destas personagens, entre eles podemos citar Margareth Rago (1989), Magali Engel (1989) e Luiz Carlos Soares (1992).

No contexto da historiografia baiana para a compreensão dos códigos de conduta, controle e fiscalização da prostituição, tomamos como referências metodológicas e teóricas para esta investigação as dissertações de Maria Carolina Silva Martins da Silva (2009) e Ricardo dos Santos Batista (2010), que relataram os percalços em constituir as memórias das desclassificadas em pesquisas locais, prescrevendo indiretamente caminhos a serem seguidos. Referenciais que, por certo, contribuíram na problematização do cotidiano e das relações sociais da cidade de Candeias, encaminhando a concebê-las como sujeitos de estudo nesta trajetória acadêmica.

Além de torna-se imprescindível falar sobre as mulheres marginalizadas de Candeias e suas relações/conexões com os trabalhadores do petróleo, outras razões possibilitaram a escolha do tema. Principalmente as vivências subjetivas nessa cidade, que desde a infância a fase adulta constituiu relações de sentimento e pertencimento. Ademais, os contatos com os estudos feministas possibilitaram novos desejos e relações entre pesquisadora/objeto. Desta sorte, não era só falar sobre Candeias, migrantes, relações de poder, homens e mulheres, petroleiros e prostitutas, era também falar sobre a rua em que cresci, vivi/vivo e de pessoas que estavam inseridas neste cotidiano. O passado das pessoas próximas excitava-me para encontrar as narrativas ocultadas e desvendar a história do “contra pêlo”. Sentia-me pertencente da própria história em que desejava destrinchar.

Nesse sentido, percorrendo o campo dos estudos feministas, Sandra Harding (2003), através do *satandpoint*⁶, argumenta que não existe neutralidade do/a pesquisador/a ao trabalhar com o seu objeto, já que, a própria escolha deste, é produto do seu posicionamento político. Os pesquisadores são motivados por diferentes fatores a escolherem os seus temas de pesquisa, em que, muitas vezes, suas subjetividades políticas e ideológicas estão

⁶Ao estabelecer o *standpoint* como um lugar de fala temporalmente e espacialmente situado.

entranhadas/entrelaçadas ao que estudam. Que também pode ser explicado pelos processos de conhecer o mundo em que se, o que distingue as teorias do conhecimento das teorias feministas, em que essa última vem propondo essas novas formas de aproximação e análise (SILVA, 2009, p. 22). Nas pesquisas feministas, os instrumentos metodológicos são direcionados para revelar as facetas significativas do fazer das mulheres, para que se fale sobre mulheres, a partir das próprias mulheres, e não o contrário. O que muda é a busca, além do interesse da pesquisadora em dizer o não dito da experiência dos sujeitos sociais e históricos.

Portanto, as propostas de Harding (2003) baseiam-se em dois referenciais: o ponto de vista das mulheres, que transforma os estudos feministas, e sua política, considerada como fundamental e cientificamente preferível para as interpretações e explicações da natureza e da vida social feminina. Tais observações também direcionam para a discussão sobre a imparcialidade nas pesquisas científicas. Nessa perspectiva, as (os) pesquisadoras (es), as fontes analisadas, as metodologias empregadas e a escrita dos resultados, não são, de fato, neutras. Aquelas (es) que a produziram também interferiram nos discursos e informações colocadas. Desta forma, ao utilizar determinada fonte documental, na qual também incluímos a oral, já que faz parte desta pesquisa, cabe a mim, historiadora feminista, perceber os processos que a deformam, forja, induzem, omitem os fatos, acontecimentos e indivíduos.

Partindo destes novos olhares, atravessados por novas problemáticas teóricas, metodológicas e históricas, entremeadas em debates interdisciplinares, calcado nos estudos feministas sobre gênero e patriarcado, apresenta-se essa pesquisa, que resultou na dissertação de mestrado **“Ouro Negro”: Gênero, Trabalho e Prostituição em Candeias/Ba (1960-1985)**. Aqui, buscou-se apreender as representações de gênero e as conexões entre o mundo do trabalho petrolífero e da prostituição entre 1960/1985, na cidade Candeias/BA, período em que a localidade passou por mudanças socioeconômicas, urbanas e políticas com a instalação da primeira indústria de petróleo do Brasil em suas imediações, e que novos atores sociais migraram para a região, prostitutas e trabalhadores, constituindo novas formas de pensar/representar masculinidades e feminilidades e espaços de prazer, poder e mobilidade social.

A escolha pela delimitação temporal, em 1960, ocorreu por considerar que grande parte das fontes orais e documentais trabalhadas delimitou-se a este período, assim como a década em que iniciou o processo de urbanização em Candeias, por passar a ter um corpo político presente. Também neste período, novembro de 1960, ocorreu à campanha promovida pela Sindipetro/Refino, com o lema OU EQUIPARA, OU AQUI PÁRA, reivindicando a

equiparação dos salários dos trabalhadores de Mataripe aos empregados da Refinaria de Cubatão, em São Paulo. Os salários foram ajustados em mais de 100%, e, de acordo com os depoentes, muitos petroleiros de Candeias aproveitaram para comprar terrenos, construir casas, mostraram-se “diferenciados” em relação aos demais trabalhadores da localidade. As fontes evidenciaram que as masculinidades petroleiras foram mais latentes a partir deste episódio. O recorte temporal é finalizado no ano de 1985, pois, nos meados desta década, as casas de prostituição de Candeias, principalmente as que constituíam a Praça do 24, de acordo com as fontes orais, começaram a entrar em decadência, a serem extintas.

Para a composição e organização da historicidade, esta dissertação foi dividida em três capítulos, que se somam, complementam-se e dão vida aos sujeitos apresentados. No primeiro – **Situando e demarcando os espaços** – discute-se a formação e as principais transformações ocorridas em Candeias, como centro de romaria a cidade petroleira. Traça-se, inicialmente, um panorama da região a começar por suas origens, desde o momento que foi colonizada no século XVI com a doação das sesmarias, ao momento que a monocultura da cana-de-açúcar impulsionou os engenhos que circunscreveram o território, como uma das principais atividades econômicas do período colonial que perdurou até o século XVIII. O capítulo discute as principais transformações que impulsionaram e desenvolveram Candeias, informando o período e acontecimentos na estrutura social, no momento em que teve início na localidade, devido ao episódio milagroso⁷, a devoção religiosa à Nossa Senhora das Candeias, povoando ruas próximas a fonte milagrosa, tornando o povoado polo de atração religiosa.

Outro acontecimento, que mudou o cotidiano de Candeias, analisado no primeiro momento, ocorreu com a descoberta do primeiro poço comercial de petróleo, no seu subsolo, em 1941, assim como a implantação da primeira Refinaria de Petróleo do Brasil nas suas imediações, que proporcionou mudanças que marcaram a história do lugar, devido ao desenvolvimento econômico, urbano e social da região gerado pela chegada de trabalhadores migrantes de diferentes regiões da Bahia e do Brasil que foram atraídos pela oportunidade de trabalho na indústria petrolífera. Candeias era distrito de Salvador, e nas ruas do então povoado religioso, novos tipos humanos passaram a juntarem-se aos antigos: palheiros, aguadeiros, feirantes e trabalhadores da usina, em especial, um novo sujeito – o “petroleiro” e suas masculinidades hegemônicas. Para compreender a gênese de Candeias nesse percurso inicial e a descoberta do petróleo na região foram primordiais diversas bibliografias e fontes, principalmente os estudos de Valter Fraga Filho (2000), Anderson Gomes Epifania (2008),

⁷O episódio milagroso será descrito com mais detalhes no primeiro capítulo.

Jair Cardoso dos Santos (2008), Thales de Azevedo (1960) e Alberto Feire de Carvalho Olivieri (1977).

A descrição da história da cidade, assim como seus processos transitórios movimentados pela economia e/ou religiosidade foi situada por considerar que a cidade é um corpo vivo, que respira, pulsa, movimenta-se. De acordo com Guattari (1986, p. 323) o território é sinônimo de apropriação, de subjetivação, conjunto de representações e projetos nos quais resulta em uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos e cognitivos. Entender a cidade na sua constituição, formação e apropriação do território, possibilita, também, compreender os sujeitos que dela fizeram parte em seus movimentos, transformações, continuidades, permanências e faz-nos entender como os indivíduos pensavam, viviam, relacionavam-se, expressavam-se em suas vidas cotidianas.

A partir dessas experiências, de mudanças nos costumes e valores de Candeias, provocados pelo “progresso” industrial, inserindo na localidade um “novo tipo humano”, surgiu o objeto de análise do segundo capítulo denominado: **Trabalho para homens: Patriarcado e relações de gênero na “terra do petróleo”**. Nessas análises iniciais localizamos que a indústria petrolífera, assim como em Candeias, os centros de decisão, produção e as estruturas de poder eram de dominação masculina, evidenciando que a indústria que se instalou, assim como sua localidade, era patriarcal.

Nessa perspectiva, consideramos importante explicar o que era o patriarcado, como ele funciona e se perpetua ao longo da história e das sociedades através dos discursos, representações e mecanismos de controle, excluindo as mulheres. Para problematizar o patriarcado em linhas teóricas apropriou-se dos mais diferenciados/as estudiosos/as como Miguel Almeida do Vale (1995), Sócrates Nolasco (1995), Iole Macedo Vanin (2002), Elizete Passos (1999), Ana Alice Alcântara Costa (1998), Heleieth Saffioti (2009), Kate Millet (1975), Carole Pateman (1993), Drude Dahlerup (1987) e Pierre Bourdieu (2009). As abordagens dos/as pesquisadores/as tornaram-se substanciais para refletir sobre o domínio masculino em Candeias e na indústria petrolífera, contribuindo na interpretação dos discursos localizados nas fontes, que legitimavam os “poderes” que naturalizam espaços diferenciados e desiguais para homens e mulheres.

Compreender a localidade de Candeias e como se davam as relações de gênero em seus limites foi o segundo ponto de discussão do capítulo. Era preciso problematizar o espaço antes, durante e após a instalação da indústria petrolífera. Dessa forma, valendo-se das perspectivas feministas interdisciplinares, recortadas nos estudos sobre patriarcado e relações

de gênero, abordamos as feminilidades e masculinidades locais por meio dos processos crimes, depoimentos orais, jornais e fontes bibliográficas. Percebeu-se que as representações de gênero passaram por processos de transições e modificações, sendo ressignificadas principalmente pelas mudanças de ordem econômica que refletiu na cultura local, com a introdução do petróleo.

A mudança socioeconômica e cultural, ocorrida por meio a inserção do petroleiro, a partir da industrialização, modernização e fluxo de dinheiro em Candeias possibilitou entender como se constituiu e estabeleceram-se as novas masculinidades. Era necessário compreender quem era este trabalhador, através de um perfil que indicasse origens, classe social, escolaridade, raça, dentre outras características. Partindo de um possível perfil, apresentamos os caminhos que levaram o petroleiro a ser visto como “o homem rico” da localidade, mesmo que em sua carteira de trabalho estivesse à função trabalhador braçal⁸. Também foi ponto de análise como o imaginário social dos trabalhadores foi constituído, em suas novas formas de simbolizar o seu lugar social, através de seus comportamentos, práticas, atitudes e referenciais, que forjaram o tecido onde as relações entre prostitutas e petroleiros aconteceram. Para essa mudança do imaginário e das representações sociais nos valem das interpretações de múltiplos discursos orais e documentais que formalizaram e criaram a imagem do “ser homem petroleiro”

O petroleiro não foi colocado como único, absoluto, em Candeias. Muito menos as masculinidades por eles representadas como universais, fixas e imutáveis. Não existe uma identidade masculina comum a todas as sociedades (CONNEL, 2013, p. 253). Os sujeitos estudados encontram-se dentro de uma perspectiva histórica local, delimitada, em que as configurações sociais foram circunscritas por fatores históricos e econômicos específicos, nesse caso, o dinheiro proporcionado pelo “ouro negro”, em que emergiu o “petroleiro”, assim como suas representações de gênero. Existem características básicas, nas quais, de acordo com a religião, classe, raça/etnia, idade, formação escolar, os homens pautam as suas práticas (VANIN, 2001, p.190-191). Aqui, os homens moldaram práticas específicas a uma classe, que, de acordo Thompson (2001, p.277) é uma categoria história, definida pela característica do lugar, pessoas, comportamentos, que aproxima os indivíduos enquanto grupo com consciência de pertencimento ao mesmo processo produtivo. O trabalho, que estrutura a classe, também é um marcador das masculinidades. Então, a partir do final de década de 1940,

⁸“trabalhador braçal” eram aqueles que não tinham função específica, especialmente os que foram contratados pela Petrobrás sem qualificação.

a estrutura patriarcal e as características das masculinidades hegemônicas passaram a estar especificada na petroleira.

Por demarcarem um “lugar social” e serem representados como “trabalhadores diferenciados”, “homens ricos”, que “mandavam”, procurou-se decifrar a história do passado por meio da análise das representações. Sandra Pesavento (2005, p.42) argumenta que, por meio da análise das representações, ferramenta analítica utilizada pela História Cultural, pode-se compreender como se constitui os discursos e ações pelas quais os indivíduos se expressam e agem na sociedade. Nesse sentido, o grupo social que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o lugar, tem o controle da vida social.

Segundo as fontes analisadas, foram os trabalhadores do petróleo, que dominaram a vida social e econômica de Candeias no período focado, atraindo as prostitutas que mantinham relações afetivo-sexuais com esses clientes. Analisar a história do mundo do trabalho petroleiro e da prostituição compreendendo somente um dos sujeitos envolvidos é manter sempre a versão e privilegiar a atuação de um sujeito só. Faz-se necessário compreender as realidades em que ambos os sujeitos estavam localizados, evidenciando as construções sociais de caráter relacional, que retrate a dominação masculina cristalizada no patriarcado e as lutas de poder determinadas pelas convenções de gênero. Para encontrar as questões de gênero na História, são necessárias outras explicações, mais textualizada, e a apreensão dos significados do que está implícito e explícito (SILVA, 2009, p. 19). Portanto, para compreender as conexões do trabalho petroleiro e da prostituição em Candeias observaram-se as dinâmicas de poder tanto dos petroleiros, quanto das prostitutas.

A partir da descrição da dominação masculina em Candeias, e dos possíveis perfis e representações do “homem rico petroleiro” é que trouxemos a cena no terceiro, e último capítulo, as prostitutas, intitulado: **Casas de “mulherio”: Os ambientes do prazer na “terra do petróleo**. Utilizando-se da interdisciplinaridade, propiciada pelos estudos feministas de gênero e sexualidade, descreveu-se a prostituição feminina enquanto prática histórica e social. Alguns dos múltiplos controles que recaíram sobre a sexualidade feminina, através dos discursos religiosos e científicos proferidos pela Igreja, pelos juristas e “cientistas sexuais”, sobretudo no século XIX, e as diversas formas que classificaram as prostitutas como desviantes, imorais, doentes, o “cancro social”, são algumas das abordagens iniciais do último capítulo. Para fundamentar os discursos de controle da sexualidade feminina valeram-se das interpretações de: Marilena Chauí (1984), Mary Del Priore (2011), Magali Engel (1989), Michel Foucault (2010), Margareth Rago (1989), Luiz Carlos Soares (1992) e Jeffrey Weeks (2010), que delinearão os discursos apresentados nesta narrativa.

As indicações sobre os diferentes significados e representações sobre a prostituição na história e nas sociedades, que de sagrada passou a ser considerada profana e imoral com o surgimento do cristianismo, forneceu alguns indícios para perceber a fluidez e historicidade nas variantes interpretações sobre a sexualidade e a função do sexo. De acordo com Foucault (2010a, p. 24), a sexualidade é uma construção histórica e as formas de manifestação dos prazeres, desejos, incitações se modificam dependendo da temporalidade, lugar, sociedade e Estado por sofrerem influências de controle ou incitação. Desta sorte, estudar aspectos da prostituição em Candeias é, também, possibilitar problematizações acerca de aspectos das sexualidades que foram e vão se constituindo nas práticas e representações daquela comunidade e que, devo destacar, ainda não foram objeto de estudos.

A prostituição a qual discutimos iniciou-se na Idade Média num local específico para o seu funcionamento, nos primeiros bordéis, vocábulo cuja etimologia do francês antigo é encontrada sob a forma de *borde*, *bordiau*, *bordelet*, sugerindo a ideia de casas pequenas (BENEVIDES, 2006, p. 97). O *Brega* ou *Boite*⁹ (Boate) nome encontrado na região, dado às casas de prostituição de Candeias, corresponderam aos meretrícios estudados, que eram pequenas casas, que agrupadas na mesma rua, e muito próximas umas das outras, se circunscreveram numa geografia do prazer.

Os ambientes são: o Buraco Doce, casas agrupadas em uma mesma rua em que as mulheres faziam o comércio sexual; o Brega de Firmino, pequeno ambiente prostitucional que, assim como o Buraco Doce, localizava-se no Malembá; e os Bregas da famosa Praça do 24, maior e mais famoso espaço do comércio sexual, em que coexistiam diversas casas próximas umas das outras, nas quais funcionavam os Bregas¹⁰ ou as Boates, com donos (as) ou quartos alugados onde as mulheres vendiam o seu corpo¹¹.

O Brega do 24 e o Buraco Doce diferenciam-se dos demais espaços do amor venal por não corresponderem a um único espaço, mas, a diversas casas situadas geograficamente, em que os nomes apresentados denominavam os espaços e não as casas em si e, por ambos se situarem propositalmente, ou não, próximos a poços de extração de petróleo.

Além de situar geograficamente e descrever a composição destes ambientes na

⁹ Segundo Antônio Paterson, os nomes das casas de prostituição, em alguns casos, eram escritos incorretamente. E ao invés de aparecer na fachada das casas o nome Boate, aparecia Boite. Informação que também foi levantada em outras fontes, como nos Relatórios da CONDER e no livro de memórias de Mabel Veloso. Nesta dissertação utilizaremos o nome Boate/Bregas quando nos referirmos às casas de prostituição.

¹⁰ Brega, no modo simples de falar, com origem nordestina, significa "lupanar", "prostíbulo". Também tem a acepção de "deselegante", "cafona" ou "foleiro", em uma clara referência ao estilo de seus freqüentadores.

¹¹ Apareceu nesta pesquisa, outro ambiente de prostituição chamado de o Coqueiral, bar e centro de prazer que situava-se no novo bairro que surgia em Candeias, o Sarandi. Contudo, devido ao tempo para a escrita desta dissertação não contemplamos nesta pesquisa, o que pretendemos fazer em artigo próximo.

discussão final, buscou-se evidências sobre a história de vida e o cotidiano das mulheres no sentido de decifrar os possíveis laços de sociabilidade que ligavam as prostitutas aos petroleiros, suas trajetórias pessoais, os jogos de poder, as vivências amorosas, as tensões, hierarquias e a dinâmica social e econômica dos meretrícios. Almejou-se, ainda, verificar em qual posição de poder encontravam-se os trabalhadores, principalmente através das falas das antigas prostitutas, donos, e frequentadores destes espaços e como foram traçadas as “teias” que se interligavam e estabeleciam as vivências e dinâmicas do mundo prostitucional em Candeias. A descrição dos respectivos ambientes foi concluída com os motivos que levaram a decadência e extinção, que delimita temporalmente o nosso trabalho.

Para composição deste relato histórico as fontes orais foram primordiais para alcançar as vivências e as representações destes sujeitos e depreender como a memória popular classificou o petroleiro como o novo homem “rico”. As representações presentes nos depoimentos permitiram decifrar as formas que se comportaram na cidade, vistos como símbolos de prestígio, a partir do enfoque dos ambientes de sua concentração: feiras, bares e, principalmente, nas Boates/Bregas nos quais os petroleiros exibiam-se.

As meretrizes que enriquecem as páginas desta dissertação foram localizadas anos após as primeiras pesquisas. Conforme relatado anteriormente, foi extremamente difícil encontrar fontes escritas, iconográficas e orais que revelasse o feminino marginalizado. A busca pelas mulheres intensificou-se em 2013, após a qualificação desta dissertação, em que após algumas tentativas frustradas de conseguir contatos, chegou-se a intermediários que levaram aos encontros. A primeira localizada foi Sueli, indicada pelo petroleiro aposentado José Magalhães. Quando entrevistada descreveu a sua chegada a Candeias, ambientação nos espaços prostitucionais e relações com outras meretrizes e clientes. Outras fontes orais foram possibilitadas através do contato vizinho José Aguielo, que havia construído recentemente uma garagem para sua empresa de ônibus na localidade denominada Maria Quitéria¹². Região que no passado, correspondia à antiga Praça do 24. Em um domingo ensolarado, por seu intermédio, foi localizado “Seu” Reginaldo, mais conhecido por “Seu Regi”, e neste mesmo dia apareceram outros sujeitos, José Catarino, que havia sido proprietário da Boate Sonho da Noite. Por sorte, o “Seu Regi” foi no passado garçom da Boate Grande Hotel e por dificuldades e, também, resistência do mesmo, não apareceu como fonte.

Através desses contatos surgiram os nomes e os endereços de Júlia, Gilda e Vera, que

¹²As fontes escritas e orais consultadas não explicaram as origens do nome Maria Quitéria para a região que funcionou a Praça do 24. Antigos moradores relataram que a região foi asfaltada, teve as ruas demarcadas e passou saneamento urbano durante a gestão da prefeita Antônia Magalhães (1996 – 2000)

são algumas das mulheres que, assim como Sueli, compõem esta narrativa histórica e assumiram-se em suas falas como frequentadoras/trabalhadoras dos meretrícios. Dentre as entrevistadas, Sueli foi à única, que solicitou que seu nome verdadeiro não fosse revelado e a própria sugeriu que a denominasse de Sueli. E foi com este nome que esta dissertação foi nomeada, personificando-a.

Maria Odila Leite da Silva Dias, umas das historiadoras percussoras em estudos sobre relações de gênero no Brasil, problematiza a ausência da presença feminina nas fontes históricas ao indicar que, as informações sobre as mulheres, sobretudo marginalizadas, se escondem e “[...] aparecem ralas e fragmentadas nas entrelinhas dos documentos, onde pairam fora do corpus central do conteúdo explícito. É necessário reunir dados muito dispersos e de esmiuçar o implícito” (DIAS, 1995, p.13-14). As dificuldades de localizar as vozes das mulheres, interpretá-las e historicizá-las apresentavam-se como um verdadeiro desafio. Encontrar e narrar às histórias da prostituição em Candeias no período auge das atividades petrolíferas por meio de suas subjetividades tornou-se político, o que de fato, após insistências, foi realizado.

Deve-se destacar que, no tocante as prostitutas, devido às características de negação e discriminação com a qual se trata as mulheres tidas como “marginalizadas”, mas, que hoje se encontram em outra condição social, de “senhoras”, os nomes dessas mulheres foram mudados, atribuindo-lhes nomes fictícios. Até mesmo entre aquelas que não se denominaram como prostitutas, e que permitiram que seus nomes fossem revelados. Também se omitiu seus sobrenomes, na tentativa de não serem identificadas quando esta dissertação cair em domínio público. A justificativa para a decisão, de ocultar suas identidades, dar-se por perceber que algumas das antigas prostitutas se recusaram a falar no assunto, não admitindo nos seus depoimentos que realizaram tal atividade. Aquelas que situaram o Buraco Doce colocaram-se sempre na defensiva, informando que os meretrícios ficavam distantes de suas residências, que não haviam frequentado os espaços. Enfim, as depoentes se colocaram apenas como expectadoras, que viram, interagiram e prestaram seus serviços para outras mulheres, á exemplo de Olga que vendia água as meretrizes do Buraco Doce.

Quanto a isto, Thomsom (1997, p. 57) adverte a respeito da utilização da história oral como fonte histórica e a cautela que o/a historiador/a deve ter ao reconstruir o passado através de memórias, pois, muitos procuram ocultar o seu passado, ou compor um passado com o qual possam viver. Como a prostituição é marginalizada, considerada um comportamento divergente que fere a moral e a família, e muitas dessas prostitutas “reingressaram na sociedade”, o falar sobre o seu passado as identificaria como divergentes sociais, o que elas

gostariam de ser, ou são, no presente.

No total foram 21 (vinte e uma) fontes orais que constituíram esta pesquisa, 10 (dez) homens e 11 (onze) mulheres, que através de suas memórias, histórias, trajetórias de vida compuseram estas narrativas. Desde a graduação até a pesquisa do mestrado ampliou-se os lugares de falas dos mais diferentes sujeitos, na qual, entre os homens, foi-se encontro de ex-prefeitos, trabalhadores do petróleo de diferentes cargos, entre motoristas, tratoristas e operadores, até sindicalistas, donos de boates e também moradores e comerciantes de Candeias. As mulheres são na totalidade pertencentes às classes populares e são antigas moradoras, em que suas múltiplas atividades de mãe e trabalhadora (feirantes, lavadeiras, aguadeiras, prostitutas, arrumadeiras, cozinheiras) são descritas ao longo destas páginas.

Fica claro que, na construção deste texto, que a História oral se apresentou como metodologia indispensável, ao permitir encontrar a tessitura dos significados e códigos utilizados por estes sujeitos, possibilitando construir uma narrativa a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram de um determinado período, mediante suas referências positivadas e também seu imaginário (THOMPSON,1992. p. 19). As fontes orais são importantes, pois valoriza o indivíduo e suas experiências e a construção de suas identidades, dando voz as suas lutas cotidianas, encobertas e esquecidas. Através da oralidade é possível analisar informações que, cruzadas com outras fontes, enriquecem o trabalho da pesquisa, complementando as historicidades apreendidas (SILVA, 2009, p.21).

Além dos depoimentos orais, o leque de fontes diversificou-se na perspectiva de observar, através de diversos ângulos e perspectivas interdisciplinares, os fenômenos por meio de variados segmentos e instituições. Dessa forma, a multiplicidade de fontes utilizadas permitiu ampliar as discussões inicialmente propostas e alcançar objetivos além do desejado inicialmente neste trabalho. Entre os *corpus* documental foram importantíssimos os livretos dos memorialistas Péricles Vasconcelos de Souza, Eunápio Costa e Jair Cardoso dos Santos. Trabalhos que indicaram alguns dos caminhos para compreender a sociedade candeense em discussão, o mundo do trabalho petroleiro, assim como as masculinidades e feminilidades presentes.

Conjuntamente com os livros de memorialistas, três processos crimes localizados no Arquivo Público da Bahia foram analisados para a compreensão das práticas cotidianas. Entre os processos, encontramos também envolvendo os trabalhadores do petróleo, em que representações do “ser trabalhador” de Mataripe foram reveladas.

As fontes iconográficas enriqueceram a pesquisa por permitir visualizar quem eram estes trabalhadores, a partir da raça/classe, seu cotidiano, práticas e as formas em que o

trabalho “pesado” do petróleo era realizado. Nestas imagens as movimentações, ruelas, feiras, bares e avenidas de Candeias no período estudado nos dão a dimensão de como as atividades petrolíferas nas imediações modificaram as formas de pensar, sentir e agir do lugar, assim como a paisagem urbana.

Consultou-se também revistas, jornais locais e de Mataripe, Atas da Câmara de Vereadores de Candeias, Relatórios da Conder e da Petrobras, documentos da Prefeitura Municipal de Candeias, entre outras fontes bibliográficas. A fim de cotejá-las e expressar, as variadas representações, daquilo que pode ter acontecido.

1 SITUANDO E DEMARCANDO OS ESPAÇOS

1.1 CANDEIAS: DE ENGENHOS DE CANA-DE-AÇÚCAR A CENTRO DE PEREGRINAÇÃO RELIGIOSA

Em Candeias aqui viemos
 Uma promessa pagar
 A vós rainha do céu
 A vós rainha do mar
 De longe somos chegados
 Transportados [por] terra e mar
 Somente para vossos pés
 Postados hoje beijar¹³.

Durante séculos a cultura da cana-de-açúcar caracterizou a economia e a sociedade do recôncavo baiano. Muitos engenhos de produção do “ouro branco”¹⁴ contribuíram para a formação de pequenos vilarejos e aglomerações urbanas, povoando áreas até então inabitadas (NETO, 2003, p. 142). A história da formação de Candeias e de sua área urbana e populacional está intimamente vinculada aos diversos engenhos que funcionaram nas terras que compreendem o seu território, principalmente nas Freguesias de Nossa Senhora da Encarnação do Passé e Nossa Senhora da Piedade de Matoim¹⁵.

A Freguesia de Nossa Senhora da Encarnação do Passé se originou entre os anos de 1563 e 1566, quando os padres jesuítas da Companhia de Jesus receberam uma sesmaria, onde se multiplicaram os canaviais com seus respectivos engenhos, a exemplo do Engenho Pitanga que foi constituído nessa freguesia quase no mesmo período, assim como outros no século XVII: Jacarenga, Restinga, Querente, Petinga, Engenho Velho de Água e Mamão, dentre outros (OTT, 1996, p. 32). De acordo com Schwartz (1986):

As terras nas proximidades de Salvador, as paróquias de Paripe, Pirajá e Cotegipe e Matoim assistiram ao primeiro florescimento da economia açucareira na década de 1560. Alguns dos engenhos nessa sub-região haviam sido instalados em sesmarias distribuídas por Tomé de Souza; à medida que os índios hostis foram sendo expulsos, os canaviais começaram a expandir-se. O Engenho Freguesia, em Matoim, é um bom exemplo de propriedade

¹³ Cantiga popular entoada pelos romeiros em culto a Nossa Senhora das Candeias (EPIFANIA, 2008, p. 46).

¹⁴ Devido ao seu grande valor comercial durante os primeiros séculos da colonização no Brasil, assim era chamado o açúcar.

¹⁵ Atualmente, Candeias compreende a Região Metropolitana de Salvador, também conhecida como Grande Salvador e pelo acrônimo RMS que foi instituída pela Lei Complementar Federal número 14, de 8 de junho de 1973. A RMS Compreende os municípios de Camaçari, Candeias, Dias d'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz.

Fonte: http://www.observatoriodasmegropoles.ufrj.br/como_anda/como_anda_RM_salvador.pdf. Acessado em 16 de junho de 2008.

desse tipo, estabelecida no século XVI e continuando a operar por toda a era colonial (SCHWARTZ, 1986, p. 89).

Segundo Santos (2008, p. 45), tudo começou ainda nas primeiras décadas do período colonial, quando em 1531, sob o comando de Martim Afonso de Souza, a Coroa portuguesa instalou o sistema de Capitânicas Hereditárias para povoar e explorar a colônia portuguesa.¹⁶ Conseqüentemente, no final do século XVI e início do século XVII, os territórios de Candeias começaram a serem formados, apresentando os primeiros sinais de mudanças e transições. Área antes ocupada pelos povos indígenas tupinambás, foi inicialmente colonizada por jesuítas, em meados do século XVI, e foram eles os proprietários das terras da Freguesia de Nossa Senhora da Encarnação do Passé, onde se desenvolveram importantes engenhos para a história e formação do povoado de Candeias: o Engenho Pitanga e outros na localidade de Passé (OTT, 2008, p. 42)¹⁷. Entre os anos de 1563 e 1566, os jesuítas receberam uma sesmaria que deu origem ao Engenho Pitanga. Em 1641, com a invasão holandesa ao Brasil, o engenho foi destruído parcialmente, algo similar ao que ocorreu com outros 15 engenhos do Recôncavo, sendo reconstruído posteriormente pelo seu proprietário Dom Felipe de Almeida. Desde 1630, já registrado em mapas antigos, o Engenho da Pitanga aparece com o nome de Nossa Senhora das Candeias, fazendo referência à capela que havia sido construída no local.

A construção da capela ocorreu a partir da história de um milagre nos fins do século XVII. Não dispomos de dados precisos, mas a tradição religiosa e a oralidade local contam que uma criança, cega de nascimento, dizia aos seus pais que constantemente tinha a visão de uma mulher convidando-lhe a segui-la. Por insistência da menina, os pais saíram do alto sertão (Piauí) acompanhando-lhe os passos. No percurso da viagem, movidos pelo cansaço, descansaram a beira de uma fonte e adormeceram. Naquela mesma noite, em sonho, a menina cega recebeu uma ordem de Nossa Senhora para banhar os olhos naquela fonte. Assim a menina fez, recuperando a visão. As narrativas sobre este acontecimento religioso apontam que essa fonte se encontrava nas terras do Engenho Pitanga. A notícia da estranha aparição e

¹⁶As Capitânicas Hereditárias correspondem à divisão do território do Brasil Colônia em grandes extensões de terras, determinadas por Martim Afonso de Souza, por ordem do Rei Dom João III, as quais objetivavam facilitar a ocupação, a defesa e a exploração do território por parte dos migrantes de Portugal. Esses quinhões de terras foram entregues aos capitães-donatários, os quais, por sua vez, formaram um grupo bastante diversificado, tendo como elemento comum para a sua escolha a existência de ligações de proximidade com a Monarquia Portuguesa (ABREU, 1963).

¹⁷A mão de obra que compunha esses engenhos era escrava. Encontramos referências sobre sua presença nos engenhos que formaram Candeias, principalmente o Engenho Freguesia. Os censos realizados em 1811 indicam a existência de 82 pessoas trabalhando como cativas, sendo 13 crioulos, 28 pardos, 4 mulatos, 1 minas, 16 da costa, 7 gezes, 3 nagôs e 3 angolas. Foram esses escravos de descendência africana que irão compuseram a sociedade candeense nas décadas seguintes ao pós-abolição (SANTOS 2008, p. 20-21).

do milagre chegou até os padres jesuítas que eram seus proprietários, construindo o Santuário em homenagem a Virgem. A partir daí, a notícia se espalhou para outras localidades e a fonte milagrosa passou a atrair centenas de pessoas de várias localidades que se tornaram devotos a Santa, voltando ao local em busca de milagres (EPIFANIA, 2008; NETO, 2003; SANTOS, 1989).

No ano de 1643, o engenho de Pitanga foi vendido ao Colégio dos Jesuítas de Salvador, onde no local da antiga ermida foi erguido o Santuário de Nossa Senhora da Candelária, assumindo importância local, superando o próprio engenho, pois passou a ser comum a existência de romaria em homenagem a Nossa Senhora das Candeias, dinamizando o povoado com a movimentação de fiéis a partir do comércio religioso realizado nas proximidades da Igreja (EPIFANIA, 2008, p. 2).

Figura 03 - Foto da imagem de Nossa Senhora das Candeias e ao fundo a vista panorâmica da cidade nos meados da década de 1980.



Fonte: A Tarde, 29/09/1984.

Com a expulsão dos jesuítas do Brasil, em 1760, as terras pertencentes ao Engenho de Pitanga foram leiloadas e arrematadas pelo coronel Jerônimo Queiroz, florescendo, a partir

desse episódio, um lugarejo com poucas casas que se acomodavam em torno da igreja, que passou a ser chamado de Nossa Senhora das Candeias, consequência da devoção em torno daquela capela e da peregrinação que faziam naquele local (NETO, 2003, p. 142). Segundo dados do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano da Prefeitura Municipal de Candeias – PRODUR:

Nas terras do Coronel Jerônimo Queiroz, floresceu o lugarejo próximo ao Rio São Paulo que passou a chamar-se Nossa Senhora das Candeias, nome da padroeira da pequena capela existente no local. Em 1881, segundo relato de José A. do Amaral, a capela era pobre, as cerimônias religiosas celebradas na sacristia e a maioria das casas do povoado coberta por palhas (PRODUR, 2006, p. 9).

Figura 04 - Foto da Igreja de Nossa Senhora das Candeias, local de peregrinação e comércio religioso onde foram construídas as primeiras habitações de Candeias.



PHOTO 18

Fonte: OLIVIERI(1977)

Desde o episódio milagroso, atraídos pelo culto à Santa, centenas de devotos partiam de diversas regiões da Bahia e do Brasil. Chegar à localidade não era uma tarefa muito fácil e o transporte até então era feito somente em barcos ou saveiros, e aqueles que vinham das

várias regiões que compõem o que denomina-se de sertão faziam centenas de léguas a cavalo ou a pé, enquanto outros se utilizavam de carros de bois. Apesar das dificuldades, as romarias passaram a ser constantes e numerosas. Nos períodos de festejos à santa padroeira, era movimentado o comércio local com a venda de imagens, santinhos e objetos de devoção. A visita dos romeiros, maiores a cada ano, também provocaram o surgimento de pontos de venda de refeições, de aluguel de casas de banho e de pensões para pouso (NETO, 2003, p. 143).

O local, considerado sagrado, passou a ser denominado de Candeias, florescendo como polo de referência religiosa e não mais como produtora do “ouro branco”. No final do século XIX e nos primeiros anos do século XX, as terras do engenho Pitanga foram perdendo sua importância econômica e passaram a cultivar somente a cana para as usinas que se instalavam no Recôncavo (SANTOS, 2008, p. 46). A cultura e a fabricação do açúcar através das moendas manuais dos engenhos deram seus sinais de esgotamento. De acordo com Santos (2008, p. 72), a Lei Áurea contribuiu para esse colapso, pois, sem o trabalho escravo, os engenhos que estavam em crise acabaram por falir. Nesse contexto, o Engenho da Freguesia moeu sua última safra de cana em 1898, já contando com uma mão de obra livre, e, assim como os demais que não faliram por completo, passaram de produtores de açúcar à condição de fazendas fornecedoras de cana às usinas que se desenvolviam em outras localidades¹⁸. Assim, os proprietários dos engenhos de Candeias passaram a plantar cana e vendê-la às usinas de Maracangalha (Cinco Rios), Aratu e Santo Antônio, bem como para a Usina São Paulo e a Usina Pitanga que seguiram na Vila de Nossa Senhora das Candeias (SANTOS, 2008, p. 73).

As Usinas, a exemplo da prestação de serviços aos romeiros, tornaram-se fonte empregadora dos habitantes de Candeias, visto que as atividades de culto à Nossa Senhora das Candeias ocorriam com mais intensidade entre os meses de janeiro e fevereiro. Nos demais meses do ano, a romaria enfraquecia, levando aqueles que sobreviviam dessa atividade a recorrerem às usinas e a outros meios de sustento.

No início do século XX, devido a essa nova atividade econômica, com o objetivo principal de escoar a produção das Usinas São Paulo e Pitanga, foi construída a linha ferroviária ligando a vila à capital (PRODUR, 2006, p. 09). A construção da Estrada de Ferro,

¹⁸Tal decadência não aconteceu somente nos engenhos circunscritos na localidade de Candeias, mas em toda a região do Recôncavo Baiano, que perdeu progressivamente sua importância econômica e política, terminando quase por se isolar dos processos que desde então marcavam a vida nacional (BRANDÃO, 1998, p. 34). Perdendo a sua função econômica, muitos engenhos faliram e se transformaram em grandes domínios agrícolas (OLIVIERI, 1977, p. 10).

nos fins do século XIX, possibilitou novas mudanças ao ligar Candeias a outros centros, facilitando o fluxo de pessoas e de mercadorias da região para a capital baiana e cidades do interior, contribuindo também para o aumento da crescente peregrinação, pois ocasionou aumento no número de romarias (EPIFANIA, 2008, p. 02).

Os trens, além dos romeiros, traziam banqueiros de jogos de azar, jogadores de rodas de vinte e um, barraqueiros, mascates, negociantes de miudezas, entre outros. Sobre as romarias e a peregrinação religiosa que aconteciam no pacato vilarejo de Candeias, Péricles Vasconcelos de Souza (SOUZA, [s. d.], p. 14)¹⁹, que viveu na localidade, destacou:

Chegavam romeiros de todo o Recôncavo e sertão. Percorriam léguas no lombo do animal e a pé, estes em maior quantidade, pois não existiam estradas, nem carros, a não ser o carro de boi que servia de condução, inclusive para conduzir noivos e convidados para casamentos. A caravana de Maragogipe era a que mais despertava atenção, diante da quantidade de cavaleiros e o garbo que montavam com botas e arreios reluzentes. Do sertão, a começar por Feira de Santana, todo dia chegavam caravanas: - Vinham de Pedrão, Ouriçangas, Santa Barbara, Cansanção, Mundo Novo, Vila Nova da Rainha, etc. Tinham que beber a água da fonte milagrosa para curar as doenças, banhar os olhos para curar e evitar a cegueira, passar o barro milagroso pelo corpo, para sarar as feridas. Pagavam promessas, depositando na Sacristia, cabeça de cera, perna, pés, mãos, braços, depois de darem três voltas ao redor da Igreja cantando em devoção: “Em romaria viemos, uma promessa pagar, a vós excelsa princesa, a vós estrela do mar”

Nesse período, o núcleo inicial do arraial era formado pela Rua Direita (hoje Rua Sete de Setembro) e pelos Largos da Feira (atual Praça Dr. Francisco Gualberto Dantas Fontes) e Largo da Igreja. Ao lado da estação ferroviária, os largos da Igreja e da Feira eram os locais de maior movimentação de pessoas, principalmente romeiros (SANTOS, 2008, p. 93). Constituíam-se de pequena localidade, com população ínfima e pobre, em que, como parte significativa da sociedade distante dos grandes centros durante a Primeira República no Brasil²⁰, predominava a política dos coronéis, através da disputa de poder dos grandes

¹⁹Não encontramos o ano de publicação do livreto *Lembranças e coisas da minha terra*, de Péricles Vasconcelos de Souza.

²⁰O período que vai de 1889 a 1930 é conhecido na História do Brasil como Primeira República ou República Velha. Esse novo regime político se mostrou como resultado de profundas transformações que se vinham operando no país principalmente na segunda metade do século XIX. A decadência das oligarquias tradicionais, a abolição da escravidão, o contínuo progresso da imigração, a industrialização e a urbanização favoreceram a subversão e a ruína da Monarquia Absolutista Brasileira. Interessados em monopolizar o aparelho do Estado, o núcleo progressista das classes rurais, associados à classe média emergente e aos militares do Exército, abraçaram a proposta de mudança e renovação. É justamente por isso que, ao longo desses conturbados anos, rupturas e alianças serão a grande marca – a exemplo da Política do Café com Leite, da Política dos Governadores e do fortalecimento da prática do Coronelismo. A figura do “Coronel” merece destaque. Personalidade de realce nos anos iniciais da República, principalmente nos rincões afastados do meio urbano, o “Coronel” era o latifundiário, o detentor do poder político e econômico. A partir do recurso do uso da força, do emprego do Voto de Cabresto, da manipulação do Cural Eleitoral e de outras práticas condenáveis aos olhos do

proprietários de terras da localidade: os moradores do Largo da Igreja eram liderados pelo Coronel José Ferreira, aliado do coronel Horácio Pinto, ambos ligados a Juracy Magalhães, e conhecidos como o povo da política de cima.

Os moradores do Largo da Feira, na sua maioria, eram comerciantes liderados pelo Coronel Antônio Martins dos Santos, ligados à família Luís Viana e a Adriano Gordilho, sendo conhecidos como o povo da política de baixo. Até o final da década de 1950, a feira era realizada aos sábados, embaixo de um barracão de zinco, passando a constituir-se em um fator de integração, pois os chefes políticos locais e dos povoados próximos consideravam o dia da feira um momento propício para celebrar contatos e reuniões (PRODUR, 2006, p. 13).

Entre as ruas, feiras e romarias da incipiente Candeias circulavam homens e mulheres vivenciando o cotidiano, crescendo e constituindo as suas famílias. Entretanto, no que se refere às primeiras décadas do século XX, são poucos os indícios encontrados que revelam em detalhes a vida privada da sociedade candeense, as relações vivenciadas no meio familiar e, principalmente, sobre a presença e atuação das mulheres nos espaços públicos e privados. Entende-se que, nos períodos anteriores as décadas de 1930, pelo caráter religioso local, as mulheres, mesmo aquelas que pertenciam às classes populares e que necessitavam transitar pelos espaços públicos, fosse para trabalhar e garantir o sustento do lar ou para socializarem com seus pares, eram vigiadas pelo poder patriarcal, o qual tentava controlar seus corpos e lugares de atuação²¹.

Com a primeira divisão administrativa do Brasil, a partir de 1933, o pequeno povoado de Candeias aparece como distrito do Município de Salvador. Durante as primeiras décadas do século XX, a sua concentração dava-se principalmente nas proximidades da Igreja de Nossa Senhora das Candeias, nas terras do antigo engenho Pitanga (EPIFANIA, 2008, p. 49). Até então não passava de algumas poucas ruas pavimentadas de pedras irregulares que convergiam para a Rua da Igreja Matriz. Não havia água encanada, os moradores se banhavam em fontes e a água para consumo humano era comprada dos aguadeiros, homens e mulheres²², que percorriam o povoado conduzindo burros carregados de barris. A iluminação elétrica era fornecida por gerador movido a querosene, que fornecia energia apenas entre 18 e 22 horas (FRAGA FILHO, 2000, p. 93).

sistema democrático, esse agente histórico conseguiu exercer grande peso e promover significativas mudanças nos espaços e localidades onde se estabeleceu. (COSTA, 2007, p. 387-492).

²¹Muitas mulheres das camadas populares ultrapassaram os limites dos espaços sociais permitidos. Todavia, os ambientes de reprodução eram alimentados por mecanismos patriarcais. A presença das mulheres em Candeias, seus espaços de atuação, bem como as representações das feminilidades e masculinidades presentes nessa sociedade serão objetos de discussão do segundo capítulo.

²²Essa atividade também era realizada por mulheres, como veremos no terceiro capítulo.

Na condição de distrito da capital, não possuía independência no plano político e econômico (OLIVIERI, 1977, p. 11). Sobre o cotidiano do arraial e as mudanças no campo urbano ocorridas nessa época, temos a seguinte narração:

Lá para os fins do ano de mil novecentos e trinta e sete, Candeias recebe um motor para a iluminação elétrica, fios, postes que foram colocados no centro das ruas, algumas com calçamento regular, outras, calçadas com pedras brutas. A luz a princípio, era das dezoito as vinte e duas horas. Depois da experiência, estenderam mais a rede e a maioria das casas fizeram ligações, o motor não suportando a carga, o recurso dos encarregados foi dividir a iluminação em duas etapas. Uma parte do arraial recebia luz das dezoito às vinte horas e a outra parte mais tarde. Nos dias de festas, estendiam o horário. No período da segunda Guerra Mundial, quase que ficava totalmente às escuras, por falta de combustível. (SOUZA, [s. d.], p. 51).

Nesse período, os primeiros sinais da modernidade chegam à localidade, anunciando as mudanças que marcariam o cenário do vilarejo nas décadas seguintes, em que a religiosidade não seria mais o principal polo de atração de pessoas a Candeias. O cotidiano desse pequeno povoado também foi registrado nas impressões que a professora Dalila Batista dos Santos teve ao desembarcar pela primeira vez em Candeias em 1936²³. Através da biografia dessa ilustre professora²⁴ podemos compreender a feição do povoado sob a óptica da nova moradora:

Desceram do vagão do trem e tomaram a Rua da Estação, passaram pelo Largo da Feira, principal zona de comércio do povoado, tomando em seguida a Rua Direita, chegando assim ao Hotel Centro-Oeste, no Largo da Igreja, onde deveriam almoçar. A tudo a professora observava atentamente; nada lhe escapou às vistas: a topografia irregular do povoado, a maneira simples de seus habitantes, a sujeira, a presença dos aguadeiros... nada lhe passava despercebido (SANTOS, 1989, p. 19).

Como as usinas de açúcar deixaram de ser a atividade econômica predominante no Recôncavo, no início do século XX, necessitou-se de novas atividades econômicas que aquecessem a economia e a sociedade local e que retirasse a localidade do marasmo e da imobilidade. Uma vez que as atividades econômicas resumiam-se ao trabalho nas Usinas que funcionavam nas proximidades, atividades agrícolas e ao comércio proporcionado pelas

²³Outras interpretações sobre a vida da professora Dalila serão discutidas no segundo capítulo desta pesquisa, com a finalidade de analisar as representações das feminilidades e masculinidades na sociedade candeense.

²⁴A professora Dalila chegou a Candeias nos meados da década de 1930 e tornou-se uma das primeiras educadoras do arraial. No início da década de 1940, tornou-se professora das Escolas Reunidas de Candeias. Em 1946 criou, ao lado do esposo Álvaro Martins dos Santos, o Instituto de Preparo Datilográfico de Candeias. Em 1951, foi admitida como professora dos petroleiros pelo CNP. Em 1956, foi nomeada fiscal das escolas normais de Salvador. Em 1960, formou-se em Pedagogia. Em 1965, criou o Educandário Santa Lúcia. Dedicou-se durante décadas a educação dos candeenses e, mesmo após o seu falecimento, em 2001, continua sendo homenageada como figura ilustre de Candeias. (SANTOS, 2008, p. 107).

romarias. A vida nessa sociedade era pacata, em que as pessoas estavam inseridas no espaço de um pequeno arraial, movidas também por atividades religiosas. Tudo era muito simples em Candeias e sem grandes movimentações ou acontecimentos.

Na década de 1940, a paisagem e o cotidiano da vila de Candeias começaram a se modificar quando se cogitou a presença do petróleo em seu subsolo:

Nesta época chegava à primeira expedição para a exploração de petróleo. Era o progresso que, inesperadamente surgia, trazendo trabalho, riqueza, recursos financeiros, intranquilidade, brigas, crimes, acidentes graves e tudo mais que voa com as asas do progresso (SOUZA, [s. d.], p. 51).

A descoberta e a exploração do “ouro negro”²⁵, assim como a notícia em tempos pretéritos de um milagre no século XVII, através do culto a Nossa Senhora das Candeias, trouxeram efeitos que mais uma vez mudaram a história do lugar (NETO, 2003, p.143). O pequeno centro religioso foi se transformando em um local profano, sendo “contaminado” pelo “progresso”, com a presença de pessoas, máquinas e atividades estranhas ao lugar. De fato, as mudanças foram bruscas não só naquela região em que “[...] a exploração de petróleo no Estado da Bahia foi uma atividade econômica que, por sua natureza e seu vulto, necessariamente repercutiu em toda vida baiana” (AZEVEDO, 1998, p. 187).

1.2 CANDEIAS: CIDADE PETROLEIRA

Desde a Revolução Industrial, qualquer país que desejasse empreender um processo de mecanização da produção necessitava de combustíveis para movimentar suas máquinas e indústrias e transportar mercadorias. As sucessivas mudanças ocorridas na produção industrial fizeram com que o petróleo substituísse o carvão, tornando-o o combustível mais importante para as indústrias modernas (IVO, 2008, p. 19). Do Império à República, o governo brasileiro já cogitava por em prática o seu projeto de industrialização através da exploração desse combustível:

Desde o governo de D.Pedro II, na fase pré-histórica do petróleo no Brasil, que particulares alentavam o sonho da descoberta do ouro negro. Em 1864 o imperador baixou o decreto nº 3352-A, concedendo ao inglês Thomas Denny Sargent permissão para extrair turfa, petróleo e outros minerais no sul da Bahia. No início da República, em 1892, Eugênio Camargo perfurou um poço de 48 metros, atingindo uma areia argilosa com cheiro de petróleo. Em 1907, as pesquisas passam a contar com o Serviço Minerológico do Brasil, intensificando as sondagens nos Estados de Alagoas, Amazonas, Bahia, São

²⁵Devido ao seu valor comercial, essa matéria-prima foi chamada de “ouro negro”.

Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O governo cooperava com os pesquisadores particulares, subvencionando-os, cedendo-lhes sondas e dando-lhes apoio técnico. Nesses anos de reconhecimento geológicos e de seleção de áreas, a descoberta do tão sonhado petróleo ficou apenas no sonho e na desilusão, alimentando pessimismos que tributavam esterilidade as terras brasileiras para a produção de petróleo (SANTOS, 2008, p. 120).

Mesmo com a descrença da sua possível existência, a partir da segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, foram criadas expectativas de encontrar petróleo em terras brasileiras. Em 1917 foi criado um departamento específico para a pesquisa de petróleo, o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, chefiado pelo norte-americano Orville Derby, que também não logrou êxito (IVO, 2008, p. 19).

Com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder através da Revolução de 1930²⁶, medidas enérgicas foram tomadas em prol da industrialização do Brasil. Esse governante entendia a necessidade de iniciar o projeto industrial no país, que o levasse a produtor e exportador de produtos e matérias-primas. Também percebia que o desenvolvimento do capitalismo, assim como a dinamização do trabalho, requeria que o Brasil saísse da condição de agrário para industrial.

Vargas revigorou o debate industrialista e representou uma mudança de orientação dos poderes públicos em relação à questão das reservas minerais brasileiras. A linha política centralizadora do novo governante transferiu essa discussão do terreno estadual para o plano nacional, trazendo para si o poder de autorizar a pesquisa e exploração dos recursos minerais no país. Através da política desenvolvimentista, de reestruturação dos órgãos governamentais, foi criado em 1934 o Departamento Nacional de Produção Mineral, em substituição ao Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil (IVO, 2008, p. 19-20).

A ausência de respostas satisfatórias do governo relacionadas ao assunto, associada à ampliação do interesse de setores da sociedade civil sobre o tema, fez com que particulares e técnicos do governo travassem intensos debates sobre a existência ou não de petróleo em terras brasileiras. Até esse período, nada de concreto havia sido encontrado e era uma interrogação a presença ou não do “ouro negro” no subsolo do país, o que implicava em desinteresse do governo brasileiro em custear as pesquisas em busca de jazidas petrolíferas.

²⁶A Revolução de 1930 determinou o fim da Primeira República no Brasil (1889-1930). Essa foi a saída encontrada pelas classes sociais dominantes para superar a estagnação do sistema oligárquico. As contradições vigentes na metodologia agrário-mercantil se chocaram com as condições produtivas e comerciais do sistema capitalista industrial emergente no país. Arelado a isso, ainda persistia no cenário global os efeitos da Crise de 1929. Levantes militares, conspirações políticas permanentes, repetidas greves de operários, insatisfação das camadas médias, ameaças de alguns Estados de separação da federação, enfim, este era o cenário nacional que precedeu e subsidiou a Revolução (TAVARES, 2001, 378-398).

Nesse contexto, foram fundadas algumas companhias de particulares, a exemplo da Companhia Nacional de Petróleo – CNP, por Edson de Carvalho e a Companhia Petróleos do Brasil – CPB, de Monteiro Lobato, que concentrou suas atenções na busca do óleo no interior paulista (IVO, 2008, p. 20-21). Ambos passaram a pesquisar com recursos próprios a possibilidade de existência de petróleo, com a perspectiva de retirar o Brasil da dependência de combustíveis de outros países, impulsionando a sua tardia industrialização.

No Estado da Bahia, a busca por jazidas petrolíferas foi retomada na década de 1930, inicialmente com a ação do topógrafo Manoel Inácio Cordeiro e do engenheiro civil Oscar Cordeiro. Esses pesquisadores foram os responsáveis por confirmarem a presença do tão sonhado petróleo, em 1939, na região do bairro do Lobato, localizado no subúrbio da capital baiana (EPIFANIA, 2008, p. 52). O interesse e as dúvidas sobre a possibilidade de haver petróleo na localidade foram iniciados após terem conhecimento das constantes brigas entre dois vizinhos que se acusavam de colocar óleo em seus poços artesanais de água potável (OLIVIERI, 1977, p. 17). Tal fato chegou ao conhecimento do engenheiro baiano Manoel Ignácio de Bastos, no final de 1932, que também ficou sabendo que muitos moradores da região utilizavam-se de uma espécie de óleo, retirado do próprio quintal, para ascender seus candeeiros. Bastos comunicou o fato ao Ministério da Agricultura, mas não obteve sucesso. Chegou a ser desqualificado e, ao mesmo tempo, acusado de ter jogado óleo nos mencionados poços artesanais.

Bastos continuou insistindo frente ao governo brasileiro pela realização de um estudo geológico mais específico e solicitou ajuda de Oscar Cordeiro, o presidente da Bolsa de Mercadoria da Bahia nessa difícil empreitada de convencimento do governo brasileiro. Cordeiro, para justificar suas convicções sobre a presença de petróleo em terras baianas, chegou até a enviar uma amostra do petróleo do Lobato ao Laboratório Central da Produção Mineral, mas, também, assim como Manoel Ignácio de Bastos, não conseguiu apoio governamental, pois, o ministério da Agricultura acatava um levantamento feito em 1932, demonstrativo de que a geologia do local era imprópria para a ocorrência de petróleo (SMITH, 1978, p. 39).

O descrédito sobre a possibilidade de petróleo em solos baianos somente ruiu em 1936, quando Glycon Paiva, Irnarck Carvalho do Amaral e Silvio Froes fizeram um levantamento geológico do Recôncavo baiano concluindo que havia possibilidades de haver petróleo na localidade (SMITH, 1978, p. 47).

Ao mesmo tempo em que esses debates estavam sendo realizados, o governo brasileiro criou em 1938 o Conselho Nacional de Petróleo – CNP, órgão subordinado ao Ministério de

Minas e Energia, responsável por gerir e fiscalizar o monopólio estatal do petróleo. Essa entidade governamental determinava que qualquer jazida de petróleo encontrada em solo brasileiro passaria a pertencer ao patrimônio nacional. Até então nenhum poço de petróleo de valor comercial havia sido encontrado no Brasil (COSTA, 1990, p. 40).

Depois de longa insistência de Oscar Cordeiro e Manoel Bastos, o CNP enviou equipes de técnicos ao Lobato, que fez a perfuração do solo, conseguindo trazer a superfície o “ouro negro” em janeiro de 1939 (IVO, 2008, p. 21-22). Finalmente a existência de petróleo foi confirmada no Brasil, inserindo o país em um novo processo industrial. O poço foi considerado antieconômico, mas produziu o suficiente para desmentir as afirmações de técnicos americanos e brasileiros, de que no recôncavo baiano não havia nenhuma possibilidade de ter petróleo. As pesquisas continuaram rumo a novas descobertas, como a do grande poço nas terras de Candeias, em 1941, que foi o primeiro poço comercial de petróleo do Brasil, abrindo caminho para a construção da primeira Refinaria de Petróleo em suas imediações, a Refinaria de Mataripe e, posteriormente, a criação da Petrobrás (COSTA, 1990, p. 38-39). Segundo Milton Matos, “[...] se Lobato se constituiu numa esperança, Candeias se transformou na mais esplêndida realidade” (MATOS, 1976, p. 45).

Com a década de 1940, após encontrarem o “ouro negro” em seu subsolo, o povoado de Candeias sentiu os primeiros impactos que a extração dessa matéria-prima traria, nos anos posteriores, para a região. O antigo engenho de cana-de-açúcar e, até então, centro de peregrinação religiosa, nunca mais seria o mesmo lugar. Como é possível verificar nas imagens iconográficas que registraram tanto a chegada de máquinas que possibilitou a extração do precioso mineral, como dos sujeitos que foram responsáveis por operar a sonda que perfurou o poço em Lobato. O deslocamento da referida ferramenta e sua chegada à Rua da Igreja foi uma cena com ares de profecia, anunciando que a vida do arraial seria totalmente modificada. O registro da chegada da carreata, com o guincho da sonda nº 04 *Oilweell*, movida a diesel, sendo puxado por um trator com a ajuda de várias juntas de bois, constitui o conteúdo da imagem a seguir (SANTOS, 2008, p. 111).

Figura 05 - Foto da década de 1940 onde podemos ver juntas de bois puxando uma sonda de perfuração de petróleo.



Fonte: Imagem Jornal Petrobrás, Abril de 1989

O memorialista Souza presenciou parte desse grande acontecimento, a reação dos moradores locais ao início da perfuração do poço C-01:

Em junho de 1941, dia de São Pedro, jorrou o ouro negro no campo de João Dias. Foi um dia de grande alegria quando Jonas, Freitas, Sergipe, Astor, Edgard Grande, Tarzan e outros, subiram a Ladeira da Estação lambuzados de petróleo até os olhos. Neste sentido, não vou me alongar e nada descrever, por já estar escrito para o mundo, com suor, vida, sangue e coragem dos que trabalhavam na gloriosa missão de ir buscar nas entranhas da terra, e nas profundezas do mar, o sangue negro que alimenta a paz, fomenta a guerra, responsável pelo que é destino das nações (SOUZA, [s. d.], p. 52).

Os trabalhos de perfuração do primeiro poço, chamado de C-01, iniciou-se em 2 de abril de 1941 e, em 31 de dezembro de 1941, o poço já produzia 75 barris de petróleo por dia. Depois do primeiro poço, centenas de outros foram abertos em Candeias e nas proximidades (SANTOS, 2008, p. 121-123). No final de 1941, já haviam constatado que o campo do Lobato não tinha caráter comercial, tendo sido localizados três outros poços no Recôncavo Baiano: Aratu, Candeias e Itaparica (IVO, 2008, p. 23).

Figura 06 – Foto do primeiro poço de petróleo do Brasil, encontrado na região de Candeias, chamado de poço C-01.



Fonte: SANTOS (2008).

Novos poços de extração foram descobertos em 1945, intensificando a exploração e acentuando a busca por petróleo, em uma área até então dominada por canaviais. Segundo relatório apresentado pelo geólogo Avelino Ignácio de Oliveira, em dezembro de 1946 já existiam mais 93 poços no Estado da Bahia, sendo que Candeias aparecia como a principal produtora de petróleo do Brasil, com um total de 3.590 barris por dia, dos quais 4.200 produzidos em todo o Recôncavo (IVO, 2008, p. 23). Então, fundamentados em estudos produzidos por técnicos com experiência em refinação de petróleo, apreendido em estágio e treinamento feitos em outros países, o governo teve motivos suficientes para autorizar o CNP, em 1947, a construir a primeira Refinaria de Petróleo do Brasil, cujos trabalhos são iniciados em 1949 (FRAGA FILHO, 2000, p. 52).

As propriedades rurais de Candeias, Pitinga e Passé passaram a ser alvo de cobiça do CNP, geradora de desentendimentos entre os proprietários e o órgão estatal (SANTOS, 2008, p. 121)²⁷. E, tornou-se comum ver no pequeno povoado de Candeias os funcionários da CNP

²⁷As propriedades rurais passaram a ser alvo da cobiça do órgão estatal para a aquisição das terras que continham o rico minério ou que cortavam as propriedades que tinham. Outra problemática que ocasionou desentendimentos foi a cooptação da mão de obra dessas propriedades rurais pelo CNP. Esse fato ocorreu pelas melhores condições salariais e garantias trabalhistas oferecidas aos trabalhadores pela empresa que regulava o

com seus equipamentos, perfurando os primeiros poços de extração, com equipes de geofísicos estudando a estrutura dos terrenos e identificando topografias que poderiam conter jazidas de petróleo (OLIVIERI, 1977, p. 19). Esses trabalhadores ²⁸ passaram a alterar a paisagem urbana, a dinâmica social e cotidiana local, além de impactarem as relações econômicas e religiosas, onde predominavam, quase que exclusivamente, romeiros, agricultores, moradores, pequenos comerciantes e fazendeiros.

1.3 A PRIMEIRA REFINARIA DE PETRÓLEO DO BRASIL: MATARIPE

Após o fim do Estado Novo (1937-1945) ²⁹, sob o governo de Eurico Gaspar Dutra, foi criada a primeira refinaria de grande porte do Brasil para transformar em combustíveis o “ouro negro” encontrado no recôncavo baiano. Através do Decreto nº 9.881, de 10 de outubro de 1946, a empresa Refinaria Nacional de Petróleo S.A foi instituída. Sua principal missão foi instalar a Refinaria de Mataripe³⁰. Em novembro de 1947, o CNP e a empresa estadunidense M. W. Kellogg assinaram contrato para a construção de uma refinaria com capacidade inicial de processamento de 2.500 barris por dia, a mesma produção comprovada nos campos do Recôncavo (IVO, 2008, p. 26). O projeto iniciado em janeiro de 1947 entrou em operação em 17 de outubro de 1950, em um prazo considerado excelente, por ter sido a pioneira e só dispor de verbas orçamentárias com muito esforço (BARRETO, 2001, p. 24-25).

petróleo. A possibilidade de mudança do status quo dos trabalhadores resultou na escassez de mão de obra para as atividades desenvolvidas nas propriedades rurais (AZEVEDO, 1960; SANTOS, 2008).

²⁸O perfil desses trabalhadores será abordado no segundo capítulo deste trabalho.

²⁹O Estado Novo vigorou no Brasil entre os anos de 1937 a 1945. Através de um Golpe de Estado, Getúlio Vargas conseguiu prolongar o seu domínio político à frente do governo. Regime de caráter ditatorial, nacional, unitário e antidemocrático, o Estado Novo contou com um amplo apoio dos chefes das divisões militares. A vitória do Golpe de Estado só se mostrou possível no cenário político nacional em virtude da fraqueza das instituições democráticas representativas do país. Ou seja, a divisão e dispersão existente nas forças democráticas brasileiras contribuíram para fortalecer os anseios Varguistas, de forma a sedimentar as articulações necessárias para que o golpe ganhasse corpo e visse à tona enquanto realidade histórica. Ao longo desse período, o Congresso Nacional foi fechado, foi imposta uma nova constituição, sindicatos foram controlados, partidos políticos foram extintos, etc (TAVARES, 2001, p. 420-427).

³⁰Com a criação da Petrobras, em 1953, a refinaria foi incorporada ao patrimônio da companhia, passando a chamar-se Refinaria Landulpho Alves-Mataripe, em homenagem ao engenheiro e político baiano que muito lutou pela causa do petróleo no país. Como interventor do Estado Novo na Bahia, Landulfo Alves pleiteava, desde 1938, a construção de uma refinaria em território baiano, o que só foi autorizado pelo governo federal em 1946. Nesta dissertação denominaremos a refinaria por Mataripe, em virtude de ser o nome mais utilizado entre os trabalhadores e moradores das localidades. Mas, a nível nacional, é conhecida por Refinaria Landulpho Alves – RLAM (FRAGA FILHO, 2000).

Figura 07: Foto panorâmica da estrada construída para ligar Candeias a Refinaria de Mataripe.



Fonte: OLIVIERI (1977)

O local escolhido para abrigar a refinaria ficava as margens da Baía de Todos os Santos e pertence ao município de São Francisco do Conde, a 56 km de Salvador e apenas 4 km de Candeias³¹. Apesar das vias existentes para implantação de uma Refinaria daquele porte, foi criada uma infraestrutura estranha àquela região, pois não havia estradas que ligassem o local escolhido a outros centros. As construções de estradas que ligaram Candeias aos campos de extração ocorreram em 1947, permitindo o uso dos recursos da rede ferroviária que ligava Candeias a Salvador, onde se realizava o embarque de materiais e equipamentos para os poços (COSTA, 1990, p. 68).

O material utilizado para a construção da refinaria era transportado por saveiros, balsas e até mesmo pelos trens de Candeias, pois, até 1957, a estrada que ligava Candeias a Mataripe ainda não era asfaltada, fato este que dificultava a locomoção de trabalhadores e o transporte de equipamentos pesados (EPIFANIA, 2008, p. 53). Em julho de 1949, ficou concluída a terraplanagem do terreno, quando foram iniciados os serviços de construção propriamente ditos da primeira Refinaria de Petróleo do Brasil (COSTA, 1990, p. 71).

³¹A compra do terreno para a construção da primeira Refinaria de petróleo do Brasil ocorreu em 27 de agosto de 1948. O terreno pertencia ao Sr. Horácio de Sá Barreto, influente fazendeiro da região. Nas proximidades da antiga Fazenda Barreto funcionava a Usina São Paulo que empregava muitos moradores de Candeias. Os fatores que implicaram na escolha do terreno foram por este se situar próximo aos campos produtores de petróleo, por ali existir vias de transporte, tanto terrestres como marítima, e ter abundância de água doce nas proximidades (COSTA, 1990, p. 64).

Figura 08: Imagem dos equipamentos para a construção da refinaria sendo transportados pelos saveiros, que chegavam através da Baía de Todos os Santos. Ao fundo da foto podemos ver os tanques de petróleo.



Fonte: O Observador Econômico e Financeiro – A Refinaria de Mataripe, outubro de 1951.

Nos períodos de construção da Refinaria e de exploração petrolífera necessitou-se de uma mão de obra especializada e emergencial, escassa nessas localidades. Vale salientar que significativa parte dos trabalhadores sobrevivia de atividades agrícolas. Ocorreu recrutamento de trabalhadores de diversas regiões da Bahia, do Brasil e, até mesmo, de outros países. A necessidade de uma grande quantidade de trabalhadores potencializou uma migração significativa de homens em busca de contratação na nova indústria de petróleo. Grande parte da população masculina de Candeias e de suas redondezas desempenhou um importante papel. Antônio Paterson, que acompanhou e presenciou essas primeiras contratações, através de depoimento, revelou que:

O movimento iniciado com o emprego da mão de obra em Candeias, inclusive na época, não era da Petrobrás, era do Conselho Nacional de Petróleo e ela não exigia muito, a qualificação era elementar, não tinha curso médio e nem superior, então, analfabetos e semianalfabetos foram trabalhar na Refinaria (ANTÔNIO PATERSON, 14/02/2008).

Costa (1990) registrou a memória de João Antônio, o qual, através de relato, descreveu o momento em que decidiu integrar o quadro funcional da refinaria. A fala desse petroleiro traz indícios do quanto a descoberta de petróleo e sua exploração modificou o cotidiano de Candeias. Ele soube do processo de contratação na feira. Por certo, essa era a novidade que circulava nas rodas de conversa, entremeadas pelas barracas que vendiam os mais variados

produtos. Ao tomarem conhecimento, os sujeitos sociais, de alguma forma, pensavam sobre as implicações que esse acontecimento poderia proporcionar para o curso de suas vidas. Esse foi o caso de João Antônio, dentre muitos, que começou a trabalhar na refinaria em 09 de abril de 1949:

No começo daquele mês, ele estava fazendo compras na feira de Candeias, quando soube que estavam começando a construir uma Refinaria “ali adiante” e que estavam precisando de muitos pedreiros, carpinteiros e armadores. Ali mesmo decidiu que na semana seguinte iria se “fichar” (COSTA, 1990, p. 189).

A proximidade desses campos e do local em que foi instalada a empresa petrolífera permitiu a contratação de muitos candeenses, os quais, por sua vez, compuseram o quadro de funcionários da Petrobrás nos primeiros anos de suas atividades. Durante a construção da Refinaria de Mataripe, ao lado dos candeenses e de baianos de outras regiões do Estado, estavam também sergipanos, paulistas, gaúchos, cariocas, cearenses que tiveram que vencer a tudo, enfrentando matas fechadas, mosquitos, desconforto e a saudade de seus entes queridos, dedicando-se quase que exclusivamente a obra (COSTA, 1990, p. 75).

De acordo com Azevedo (1960, p. 08), nos primeiros anos de montagem e exploração, trabalhavam pesado no campo de Candeias mais de 300 homens. Contudo, consideramos esses dados imprecisos. Segundo o Relatório do Conselho Nacional de Petróleo de 1950, os trabalhos de construção da Refinaria atingiram o maior número de funcionários entre os meses de fevereiro e junho de 1950, quando chegaram a trabalhar cerca de 1.400 pessoas, listando entre os empregados: engenheiros, técnicos, mestres, especialistas e os chamados trabalhadores braçais³², que realizavam os serviços mais pesados, como carregamento/transporte de equipamentos, perfuração de poços e abertura de estradas³³. Em 31 de dezembro de 1950, devido às dispensas e admissões, o saldo era de 1.575 trabalhadores, que continuavam a executar suas atividades de montagem e refino na indústria petrolífera³⁴. Com essas informações, podemos ter a dimensão da quantidade de trabalhadores na localidade ainda em 1950, no período de construção da Refinaria de Mataripe e de extração do “ouro negro” nos campos de produção existentes.

³²Em algumas carteiras de trabalho analisadas foram encontradas a denominação “trabalhador braçal” para aqueles que não tinham função específica, especialmente os que foram contratados pela Petrobrás sem qualificação.

³³Relatório do Conselho Nacional do Petróleo, 1950, p. 71.

³⁴Relatório da Petrobrás. 1950, p. 211.

Figura 09 – Imagem de Homens trabalhando nos tanques de armazenamento na Refinaria.



Fonte: Uma Luz na Noite do Brasil (FRAGA FILHO, 2000).

Devido à precariedade das estradas, para aqueles que trabalhavam em Mataripe e moravam em Salvador, era quase impossível manter o movimento pendular de ir ao trabalho e voltar para a capital todos os dias. Então, para se fixar em uma região próxima ao local de trabalho a expectativa de alguns trabalhadores era alugar ou adquirir casas no arraial de Candeias, não restavam muitas opções, pois, morar em Mataripe, no início da década de 1950, era enclausurar-se (FRAGA FILHO, 2000, p. 102).

Os operários mais graduados, encanadores, eletricitas e soldadores se aventuravam em alugar casas e viver nas pensões de Candeias. O transporte para a Refinaria ocorria na boleia de caçambas e caminhões (BARRETO, 2001, p. 28). Em virtude da precariedade desse tipo de transporte, era comum os carros atolarem na lama, obrigando-os a seguirem a pé até seus postos de trabalho (COSTA, 1990, p. 112). O deslocamento de Candeias para a Refinaria e os campos de extração fez parte, por um curto período, do cotidiano de Clóvis Vasconcelos de Souza, que trabalhou entre 1951 e 1953, tendo descrito essa dinâmica da seguinte maneira:

Na caçamba, tomando chuva. Não tinha ônibus não, era de caçamba. Vinha pegar a turma aqui na praça e quando ia descendo para pegar a estrada ia parando e levando. E o povo subia na caçamba. O meu tempo mesmo foi todo de caçamba. Em 1951 ainda era caçamba (CLOVIS VASCONCELOS, 02/08/2007).

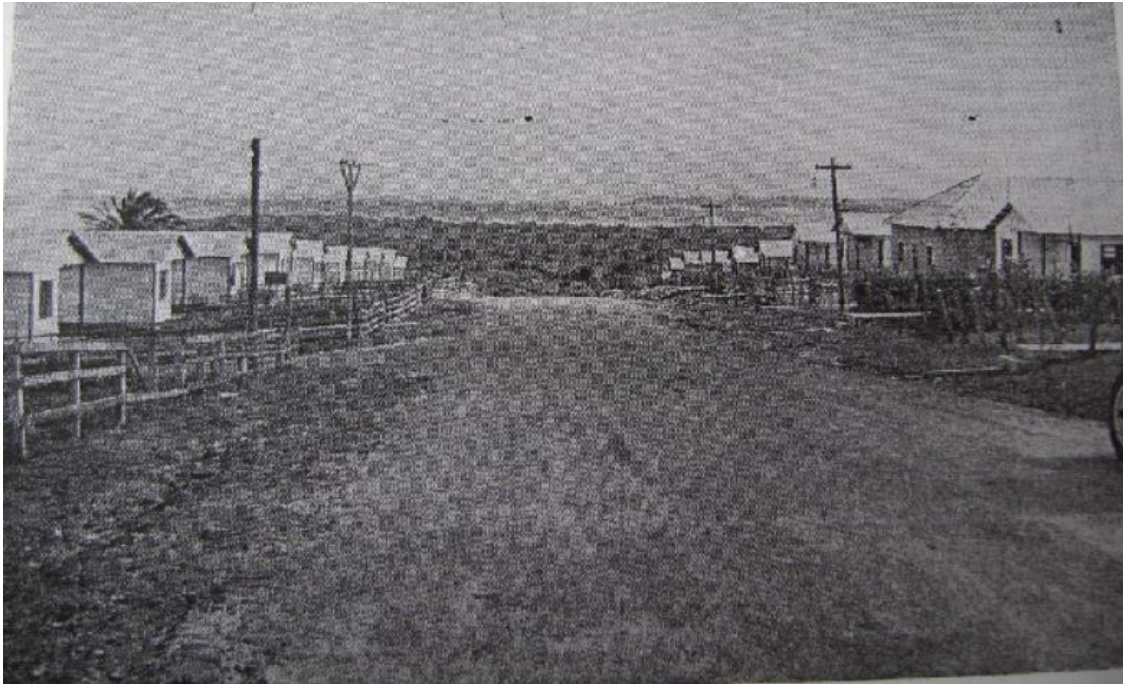
No projeto de construção da Refinaria havia normas para a implantação de um conjunto residencial, com toda a infraestrutura necessária para fixação dos funcionários junto à obra, pois era de interesse da empresa mantê-los nas proximidades para qualquer eventualidade (COSTA, 1990, p. 51). Também era necessário compensar as dificuldades de locomoção dos trabalhadores que viviam em outras cidades. Os que moravam em Salvador tinham que fazer uma viagem de trem até Candeias e embarcar nos caminhões “pau-de-arara”, ou nas caçambas, como descreveu Clovis, até a Refinaria. Quando o trem quebrava, ou em clima frio a travessia levava horas, tornava-se necessária a permanência de dias, e até mesmo semanas, em Mataripe (OLIVEIRA JÚNIOR, 1996, p. 49).

Dessa forma, foram construídas vilas residenciais para esses trabalhadores. Inicialmente, foram construídas 12 casas para o pessoal de nível técnico, que foram entregues em março de 1950. Tempos depois, mais 50 casas pré-fabricadas em madeiras foram designadas ao pessoal de nível médio, de funções mais especializadas e necessárias à continuidade operacional da Refinaria. De acordo com Oliveira Júnior:

Em função do tipo de estrutura industrial da Refinaria assim como do disciplinamento da força de trabalho, a empresa construiu a Vila Residencial para técnicos, chefes e engenheiros, sendo casas individuais para os casados e moradias coletivas (as “repúblicas”) para os solteiros; os mais altos funcionários, em casas de alvenarias, e os operários técnicos, em casas pré-fabricadas de madeira (OLIVEIRA JÚNIOR, 1996, p. 49).

Quando todo o conjunto ficou totalmente concluído, muitos funcionários que moravam em Candeias passaram a residir nesses alojamentos e campos. Conseqüentemente, toda uma infraestrutura foi montada na Vila Mataripe com: armazéns de gêneros alimentícios, estação de tratamento de água, posto médico, alojamentos, farmácia, açougue, cinema, padaria e clubes sociais (COSTA, 1990, p. 133-134).

Figura 10 – Imagem da Vila Mataripe, construída pela Petrobras para os trabalhadores.



Fonte: O Observador Econômico e Financeiro, outubro de 1951.

Além da Vila Mataripe, foram construídos também “barracões” para os operários que não exerciam funções essenciais. Eram alojamentos improvisados e sem nenhum conforto para aqueles que ficavam temporariamente exercendo atividades. Ou, também, para os que precisavam pernoitar no serviço por uma ou duas noites. Os empregados do interior, bem como os menos graduados, alguns moravam em Candeias, uns nos alojamentos e outros passaram a morar na Vila Niterói.

Diferente da Vila Mataripe, que possuía casas e ruas organizadas, a Vila Niterói foi habitada e construída pelos próprios trabalhadores que desejavam fixar a residência próxima ao local de trabalho. Sem planejamento, essa vila foi constituída de casas miseráveis, improvisadas, muitas de “sopapo” (estrutura de varas, enchidas com barro aplicado de mão), sem nenhuma infraestrutura e tornou-se uma grande vila de trabalhadores (COSTA, 1990, p. 136).

Essas vilas tornaram-se espaços demarcadores de posições, tensões e hierarquias sociais entre os trabalhadores do petróleo. As dessemelhanças entre as habitações da Vila Mataripe e da Vila Niterói evidenciaram os diferentes tratamentos e privilégios demarcados a partir da função que ocupavam. Essas diferenciações dos funcionários mais graduados e menos graduados³⁵ permearam as suas concepções de classe, raça/etnia, regionalidade e

³⁵Esta pesquisa não aprofunda as hierarquias determinadas pela classe/raça entre os petroleiros. Possibilita-se tal análise em futura discussão histórica.

masculinidades que estes possuíam e que, dentre outros fatores, orientaram as suas práticas cotidianas.

Figura 11 – Imagem da Refinaria de Mataripe na década de 1950.



Fonte: Uma Luz na Noite do Brasil (FRAGA FILHO, 2000).

Com a implantação da força de trabalho próxima a obra e todos os esforços para garantir o sucesso dessa empreitada, a refinaria ficou pronta em 17 de setembro de 1950, quando os maçaricos e as caldeiras de refino começaram a funcionar. Da Igreja de Candeias, através da vegetação, viam-se os poços de petróleo e, mais além, próxima a estes, as luzes da majestosa Refinaria de Mataripe, com suas altas torres e chaminés furando o céu, confirmando e refinando aquilo que muitos desacreditavam: havia o lucrativo “ouro negro” por aquelas terras (COSTA, 1990, p. 84).

1.4 AS MUDANÇAS SOCIOECONÔMICAS E POLÍTICAS EM CANDEIAS (1960-1985)

Como sinalizamos anteriormente, a descoberta de petróleo em Candeias e, posteriormente, a fundação da Refinaria de Mataripe na sua proximidade, modificou profundamente a feição do pequeno povoado. Até o final da década de 1940 e início de 1950, o que hoje conhecemos como cidade de Candeias era subúrbio de Salvador, possuindo um pequeno núcleo populacional. Em 1949, esse quadro começou a se modificar com a construção da Refinaria de Petróleo nas suas imediações, principalmente com a inserção

desses trabalhadores na localidade, modificando a paisagem e os valores cotidianos. Até então, eram superficiais as mudanças que a extração de petróleo havia inserido, isso considerando os poços que se encontravam em operação desde 1941:

Nas terras da antiga Fazenda Barreto, ergueu-se as unidades de refino, com torres, bombas, retortas e tanques; estradas passaram a ser trafegadas por caminhões conduzindo gente, e máquinas rasgaram antigas propriedades, abrindo caminhos entre os extintos canaviais. Tornou-se comum na paisagem de Candeias as juntas de bois puxando sondas e materiais diversos para a instalação da Refinaria (FRAGA FILHO, 2000, p. 90).

O cenário apresentado por Fraga Filho pode ser visualizado na iconografia apresentada. Foi, portanto, a partir da descoberta do petróleo que a dinâmica socioeconômica e cultural transformou-se. Candeias, vizinha de Mataripe e da Vila de São Francisco do Conde, cresceu exponencialmente, tornando-se residência do novo operariado e base de operação de numerosas firmas subcontratadas da Petrobrás, sendo impulsionada pelo “progresso” trazido pela construção e montagem da indústria petrolífera (AZEVEDO, 1998, p. 42). Constituiu-se como uma espécie de cidade dormitório para muitos trabalhadores da Refinaria e dos campos de exploração:

Vieram muitos operários para residir, as casas que ficavam fechadas para serem alugadas aos romeiros, foram ocupadas pelos trabalhadores, afinal, foi o ponto de partida para a emancipação econômica de Candeias. Pegava-se carona nos caminhões do CNP, porque era comum em todos os invernos, ficar-se sem trem, uma vez que de Água Comprida a Passagem dos Teixeira, a estrada de ferro desmoronava-se com as fortes chuvas e os trens ficavam paralisados. A estrada de rodagem de barro, às vezes também, não oferecia condições, mas eram por poucos dias, pois a própria empresa tinha equipe de trabalho para estes casos (SOUZA: [s. d.], p. 51).

Esses trabalhadores migrantes, oriundos de localidades estranhas a Candeias, bem como os funcionários que já trabalhavam na Refinaria desde a época do CNP, passaram a movimentar o comércio local logo nos primeiros anos de atividades petrolíferas. Desta sorte, construíram-se estradas e pavimentaram-se ruas, facilitando o tráfego de veículos e pessoas. Acentuou-se também a circulação de embarcações nacionais e estrangeiras no porto de Madre de Deus, bem como de ônibus e trens nas demais localidades. A chegada da nova população superpovoou antigos bairros da cidade, estabelecendo-se novas formas de convivência urbana, de lazer e de valores (FRAGA FILHO, 2000, p. 90).

Figura 12 - Imagem da década de 60, ilustrando o movimento comercial e urbano nas proximidades do Largo da Feira com o desenvolvimento de casas comerciais e bancos.



PHOTO 32

Fonte: OLIVIERI (1977).

Foram urbanizadas as localidades próximas à indústria petroleira a partir da construção de casas e de novos estabelecimentos comerciais, que visavam atender aos trabalhadores que passaram a se concentrar por ali, aumentando o número de bares, sorveterias, farmácias e lojas de miudezas. Surgiram também casas de artigos elétricos e móveis, anunciando um processo intensivo de urbanização com todo seu fenômeno sociocultural (AZEVEDO, 1998, p. 203). A procura por casas em Candeias aumentou e, com isso, o custo dos aluguéis subiu de forma vertiginosa.

A maioria da população que residia em Candeias na década de 1950 morava no Bairro Central, local de desenvolvimento das primeiras habitações na região, principalmente no período do povoamento gerado pelas romarias com o culto a Nossa Senhora das Candeias. A chegada de trabalhadores migrantes e o significativo crescimento populacional refletiram-se em um desenvolvimento urbano, acelerado e espontâneo, que se traduziu pela criação de novos bairros e o povoamento de antigos. Assim, surgiram e se desenvolveram bairros como Malembá, Areia, Santo Antônio, Sarandi e Nova Brasília, que eram antigas fazendas que foram loteadas para a nova população trabalhadora migrante que chegava. Por falta de uma estrutura urbana, essas novas habitações foram construídas sem nenhum planejamento urbano

prévio, o que tornou impossível, por esses tempos, a passagem de carros em algumas vias e ruas. (OLIVIERI, 1977, p. 77-78).

Figura 13 – Imagem da Rua Dois de Fevereiro, antiga Rua da Estação. Foi umas das primeiras regiões habitadas em Candeias e ficava próxima a estação ferroviária e da principal via de acesso a Mataripe. Nesta imagem percebemos a movimentação de veículos, assim como de estabelecimentos comerciais. Ao fundo da imagem podemos ver as casas no morro do Malembá, construções sem planejamento urbano nestes tempos.



Fonte: OLIVIERI (1977).

A fala de Manoel Ferreira, petroleiro aposentado e antigo morador, é um exemplo de como esses momentos permearam a memória daqueles que vivenciaram:

Candeias era pequena, era pequena. Quando eu vim de Madre de Deus com a família... Essa casa eu fiz há pouco tempo, tem uns 30 anos que eu fiz esta casinha aqui... Quando eu cheguei aqui eu fui morar em casa de aluguel, para lhe dizer melhor não tinha nem gente... Foi também o que acontece, esse número de gente que veio trabalhar na Refinaria nenhum era de Candeias. Olhe! Vamos dizer assim, se pusesse 2.000 operários de Candeias e 10.000 era de outros estados. Aqui trabalhava gente da Paraíba, Pernambuco, de Maceió, de São Paulo e vinha muita gente trabalhar, chegava aí e já vinha tudo fichado, chegava hoje, amanhã, tava fichado, trabalhando (MANOEL FERREIRA, 01/08/2007).

O aumento do contingente populacional e a expressiva dinâmica econômica, resultante das atividades petrolíferas, favoreceu muito a localidade de Candeias, tendo conquistado a condição de cidade em 14 de agosto de 1958 (FRAGA FILHO, 2000, p. 90), oito anos após a

construção da Refinaria, devido às receitas arrecadadas derivadas dessa atividade. Segundo Azevedo (1998, p. 200), o aumento populacional na cidade alterou o número de eleitores, que passaram a exigir melhorias na infraestrutura urbana do povoado, influenciando, conseqüentemente, nos valores, concepções e lealdades partidárias de Candeias.

Para compreender o aumento populacional, com a migração de pessoas atraídas pelo “ouro negro”, recorremos a estudos e dados que pudessem apresentar esse processo transitório. Sobre o número de habitantes para o período analisado, percebemos a existência de alguns dados incompatíveis revelados por certos pesquisadores. Segundo Olivieri (1977, p. 58), na década 1940, residiam no povoado de Candeias algo em torno de 9.976 habitantes. Aumentando esse número, na década de 1950, para 11.548 habitantes, a partir do advento das atividades petrolíferas, chegando a 18.484 habitantes, em 1960, e 34.195 habitantes na década de 1970.

O artigo “Mudanças na dinâmica demográfica de Salvador e sua Região Metropolitana na segunda metade do século XX”, publicado na Revista Bahia e Dados (CARVALHO, 2000, p. 37), contradiz essas informações, apresentando dados diferentes para as décadas de 1940 e 1950. Esse estudo indica que a população de Candeias, na década de 1940, era de 363 habitantes, aumentando na década 1950 para 7.196 habitantes, estando em 1960 com um percentual de 18.484 moradores, na década de 1970 com 34.195 habitantes. Consideramos imprecisos os dados populacionais sobre a década de 1940 mencionados por ambos os estudos, por não constarem nos documentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE e nos relatórios da Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador-CONDER. Acreditamos que esses dados merecem investigação por não percebermos a população desse período tão pequeno, com 363 habitantes, em que não se incluiu os moradores dos distritos pertencentes a Candeias, ou mesmo ter mais de 9.000 habitantes como os dados apresentados por Olivieri (1977).

De acordo com dados apresentados pela CONDER³⁶, antes do surgimento da Petrobras em suas proximidades, a população de Candeias apresentava-se pequena e de crescimento pouco significativo, o que se atribuiu ao fraco dinamismo interno apresentado por sua economia. Em 1950/60, a taxa populacional cresceu consideravelmente, chegando a 4,8%. Os dados dessa instituição também revelaram que em 1970 o maior número de migrantes presentes em Candeias provinha do Estado da Bahia, cerca de 91%, e os 9% restantes de

³⁶Os dados apresentados pelos relatórios da CONDER são confirmados pelos dados do Censo IBGE de 2000. Optamos por trabalhar com os dados da CONDER por apresentarem os dados estatísticos sobre o crescimento populacional com explicações sobre a dinâmica social e as mudanças econômicas que aconteceram na localidade com a presença destes novos trabalhadores.

outros Estados do país, sendo mais representativos os que vinham do Nordeste, principalmente dos Estados de Sergipe, Alagoas e Pernambuco³⁷. Os dados apresentados confirmam a migração de trabalhadores para Candeias, atraídos principalmente pela oportunidade de emprego na indústria petrolífera e das firmas subcontratadas da Petrobras.

Figura 14 – Imagem indicando o povoamento e a construção desordenada das casas na antiga Fazenda Santo Antônio, atual bairro do Santo Antônio.



Fonte: OLIVIERI (1977)

Decorrente da presença desses novos agentes, na década de 1950, já eram perceptíveis às mudanças acontecidas em Candeias:

De simples centro religioso, o povoado rapidamente se transformou na “capital do petróleo”. Impressionado com as bruscas transformações que vinham ocorrendo na localidade no curso dos anos 50, conta um antigo morador. “Firmas e firmas mais fichando trabalhadores que chegavam dos estados, do interior e de outros países. Dinheiro em abundância parecendo que todo mundo era rico” (FRAGA FILHO, 2000, p. 28).

³⁷Relatório Preliminar do Município de Candeias. CONDER. 1977. p. 41-42.

No final de década de 1950 e início de 1960, Candeias começou a urbanizar-se e desenvolver-se economicamente devido a presença do corpo político atuante³⁸. O movimento comercial acentuou-se na região e a feira fora transferida para a Rua 13 de maio e Rua 21 de abril, buscando atender a nova população, com a presença, principalmente, dos operários da Refinaria de Mataripe. Nessa rua, o primeiro prefeito, que assumiu a gestão da cidade de Candeias em 7 de abril de 1959, construiu o prédio que abrigou durante décadas a prefeitura, o Fórum e a Câmara de Vereadores do município. O antigo Largo da Feira foi transformado na praça central da cidade, chamada de Praça Dr. Francisco Gualberto Dantas Fontes.

Figura 15 – Imagem da Feira de Candeias, que deixou de ser realizada embaixo do barracão de zinco e passou a ser realizada na Rua 13 de maio, expandindo-se até a Rua 21 de abril, após a emancipação política de Candeias. Nesta imagem também podemos ver do lado direito o prédio da prefeitura e câmara de vereadores, construído durante a gestão do primeiro prefeito da cidade.



Fonte: OLIVIERI (1977).

Nessa feira, que se realizava aos sábados, se vendia um pouco de tudo, a exemplo de alimentos, roupas, utensílios para o lar, animais, bebidas, etc. Havia forte presença feminina ocupando esses espaços, fossem como compradoras ou vendedoras de diversos produtos, através das pecúrias movimentadas. O relato de Francisco Gualberto informou que o mercadejo não era só de utensílios, mas também do próprio corpo. Em depoimento, sinalizou

³⁸Candeias foi desmembrada de Salvador e emancipada, conforme mencionado, em 14 de agosto de 1958. Até então, a organização política e administrativa ficava sobre o domínio da capital. O primeiro prefeito eleito pelo voto popular foi o Dr. Francisco Gualberto Dantas Fontes, médico da Petrobrás, que a pedido do governador Luís Viana Filho, assumiu a prefeitura em abril de 1959. O primeiro prefeito iniciou o processo de organização política-administrativa da Cidade, além de iniciar a modernização urbana e instalação de órgãos municipais e secretarias, até então inexistentes na localidade (SANTOS, 2008, p. 148).

que era comum durante a sua gestão, entre 1959-1963, mulheres morarem nas barracas e se prostituírem nesses espaços de grande circulação de pessoas e dinheiro³⁹. O médico não demonstra saudade do período em que foi prefeito, indicando que foi trabalhoso lidar com tantas adversidades em meio à nova cidade que crescia. Sobre os transtornos administrativos na feira, que fugia ao normatizado, relatou: “Naquele mercado que eu fiz a transferência assassinaram uma pessoa no açougue, havia prostituição...Você não pode imaginar... Havia prostitutas nas barracas da feira. Numa certa ocasião quiseram até me subornar com um box, um absurdo”⁴⁰.

Mario Lima, sindicalista e ex-deputado federal, também confirmou, com ar de inconveniência a presença de prostitutas na feira de Candeias. Ao narrar as mudanças ocorridas com a transferência da feira, para as ruas 13 de maio e 21 de abril, durante a gestão do médico Francisco Gualberto Dantas Fontes, registrou que:

Candeias só tinha aquele cantinho ali, aquela parte não era calçada, a feira era ali. Ali era a barraca onde havia até prostituição. (...) Ali.. ficava ali na praça.. aquela barraquinha. É, era um lugar... largado. Ele fez aquela praça modernizou. E tirou a feira dali pro mercado (MARIO LIMA, 19/05/2008).

As informações apresentadas por Gualberto e Mario Lima apontaram para outros espaços ocupados pelas mulheres na sociedade candeense. Com a presença das atividades petrolíferas, ampliou-se a circulação de dinheiro e abriu possibilidades das mulheres garantirem seus “ganhos” através do comércio tanto do corpo quanto de diversos artefatos.

A presença de mulheres prostitutas em outros espaços sociais de Candeias também foi indicada por Péricles Vasconcelos de Souza, entretanto, este as apresentou em momentos de lazer e não de trabalho. Ao narrar sobre as disputas dos blocos durante a lavagem da Igreja Matriz, Vasconcelos revela a presença do Bloco das Quengas. Ele informa que o: “[...] bloco das Quengas que, por sua condição social, elas mesmas procuravam distância, mas, nem por isso, deixavam de ser aplaudidas e receber o mesmo tratamento. A roupa era de papel crepom, fantasia barata, porém, a disputa era trincada [...]” (Souza, [s.d.], p. 12)⁴¹.

³⁹Durante a pesquisa surgiu a informação que ocorria prostituição na feira de Candeias, contudo, parece que foi uma atividade esporádica por não ser apontada pelas demais fontes pesquisadas. Com a instalação da indústria petrolífera, os espaços destinados à prostituição surgiram em locais específicos e estes ambientes, assim como as mulheres prostitutas, serão objetos de análise do terceiro capítulo.

⁴⁰Francisco Gualberto Dantas Fontes, 23/05/2008.

⁴¹Somente no livreto de memórias de Péricles apareceram informações sobre a existência do Bloco das Quengas. Nas demais fontes consultadas nenhuma referência sobre a existência deste bloco de prostitutas foi apontada, o que impossibilita trazer mais informações.

Até 1950, a maior parte da clientela nas feiras de Candeias era de trabalhadores das Usinas, mas, a partir desse mesmo ano, os compradores vinham da Refinaria de Mataripe. Nos dias de pagamento o comércio abria mais cedo e fechava mais tarde para atender aos trabalhadores (FRAGA FILHO, 2000, p. 113). O jornal *Tribuna de Candeias* revela, sob o olhar de um “visitante”, a Candeias do período:

Porém chegada à noite a sua decepção é ilimitada ante a mínima fração elétrica débil e trêmula, horas aqui, horas ali, parecendo longínquos fantasmas de antigos lampiões [...]. Dirigi-se um homem a “Gruta dos Milagres” e aquele frescor o incita a tomar um banho, e como não o possa realizar num lugar sagrado terá de satisfazer o seu necessário desejo com um banho de “cuia” numa das inúmeras fontes encontradas nas encostas das ladeiras. Não há banheiro público [...]. Quanto a água encanada é promessa muito custosa que ainda não se pode cumprir [...]. O peregrino acha-se então em frente a um esquisito abrigo coberto de zinco, pensa poder ali descansar. No entanto seu interior é tétrico e asqueroso [...]. Sua revolta aumenta quando souber que aquele antro é a feira. E “o barracão” onde se vendem e se tomam os alimentos cozidos e por comer, é onde dormem os feirantes inescrupulosos e os vigias de suas mercadorias; os vagabundos, os mendigos e alguns romeiros... [...]. Procure um miquitório a resposta será: miquitório é mato [...]. E não se espante! Porém a maioria das casas também não usam este serviço, o despejo é sempre feito entre as bananeiras ou simplesmente no sitio ao lado ou ao fundo onde horas mais tarde, este mesmo recanto, servirá de parque para as suas crianças!... Louvado Saneamento!... (TRIBUNA DE CANDEIAS, SETEMBRO DE 1956).

O jornal denúncia, através da reportagem *Focalizando Candeias*, a situação em que se encontrava o distrito da capital, inexistindo: energia elétrica, água encanada, saneamento básico, escolas, banheiros públicos, asfaltamento e um local destinado à feira. Motivados pelo descaso e a inexistência de um corpo administrativo no distrito por parte da capital, a população passou a exigir a emancipação política de Candeias. O texto do jornal já anunciava o interesse dos moradores pela “independência” do distrito:

Há anos passados os nossos avós diziam: “ora, isso é freguesia de Passe”... tudo passa “... Atualmente senhores (fora de toda pilhéria) isso é município de Salvador, é subúrbio da capital e mesmo sem nada possuir cheira a cidade!... pois assim o chamam “Cidade de Candeias”, certamente por zombaria, mas o apelido está pegando (...). Que esta transformação não demore (...). Lembre-se ainda os nossos representantes públicos que Candeias é a sala de espera ou simplesmente o “hall” do parque petrolífero e, como hoje em dia a aparência muito influe, qual será a impressão desta gente de todo o mundo que o visita? (TRIBUNA DE CANDEIAS, SETEMBRO DE 1956).

Até o ano de 1958 Candeias pertenceu a Salvador, mas, como podemos observar através do discurso do jornal *Tribuna de Candeias*, já era “considerada” cidade. O processo

de emancipação política, conferindo ao arraial a importância de cidade, ocorreu, principalmente, devido ao aumento populacional e econômico na região a partir do advento das atividades petrolíferas.

Segundo Epifania (2008, p. 56), as principais transformações estruturais que exigiram mudanças foram: o aumento da população assalariada, o crescimento do núcleo urbano para áreas mais afastadas do centro religioso e a criação de infraestrutura para facilitar os transportes de trabalhadores e equipamentos para a Refinaria, bem como o surgimento de uma classe média que possibilitou a criação de um movimento de emancipação de Candeias. A nova população passou a questionar a falta de infraestrutura e a exigir melhorias na localidade que passaram a habitar.

Figura 16 – Imagem de mulheres vendendo e comprando na feira de Candeias. Rua 13 de maio e ao fundo vista do morro do bairro Malembá.



Fonte: OLIVIERI (1977).

Quem eram esses trabalhadores que povoaram os bairros e passaram a residir em Candeias com a descoberta do petróleo? Quais mudanças de ordem econômica e social que a presença desses empregados masculinos trouxe para o até então centro de peregrinação religiosa? Azevedo (1998, p. 199) argumenta que, com a inserção dos trabalhadores migrantes da indústria petrolífera nessas regiões, formou-se uma nova classe urbana constituída de burocratas, técnicos e operários qualificados, com capacidade aquisitiva às vezes mais alta do

que a escassa classe média local, secularmente constituída de comerciantes, funcionários públicos e uns poucos profissionais liberais e médios fazendeiros. Entendemos que, nesse quadro traçado pelo sociólogo Thales de Azevedo (1960), também podemos inserir os operários menos graduados, sem qualificação específica, também chamada de “trabalhadores braçais”, os quais, juntamente com os graduados e técnicos, compuseram inicialmente a nova sociedade candeense.

Figura 17 - Imagem de trabalhadores do petróleo nos primeiros anos desta atividade. A foto revela que o único equipamento de segurança usado por estes homens eram os capacetes de alumínio, que também serviam como pratos para colocar as refeições e para receber os pagamentos.



Fonte: Acervo de Alex Souza Ivo (2008).

Esses trabalhadores, conforme nos citam as diversas fontes historiográficas SANTOS, 2008) e (AZEVEDO, 1960), construíram bens em um curto espaço de tempo, possibilitando uma expressiva circulação monetária, sendo facilmente identificáveis no município, principalmente por conta do macacão e capacete de alumínio e, não ficando de fora, a sua condição salarial e empregatícia. Diante desse quadro, as transformações de ordem econômica produzidas por esses homens, fizeram deles, no imaginário da sociedade

candeense, pessoas privilegiadas, pois moravam nas melhores ruas e bairros, principalmente nos bairros Centro, Pitanga e Nova Brasília, colocavam seus filhos em escolas particulares, frequentavam clínicas particulares e tinham acesso a bens de consumo como carros, geladeiras e televisores (SANTOS, 2008, p.131).

Dessa forma, surgiram na região discursos e atitudes que representavam os trabalhadores do petróleo como “homens ricos”, inserindo aqueles que recebiam um salário mínimo ou mais nesta indústria. Com a industrialização do Brasil dando os seus primeiros passos, a partir do final da década de 1950 e início da década de 1960, ser “petroleiro” significou status em Candeias. Tal fato ocorreu, sobretudo, devido ao salário desses trabalhadores ser acima da média local. Os direitos assegurados aos trabalhadores, ainda no período do CNP, eram uma raridade na época. Era privilégio possuir carteira assinada, refeitório, posto médico e odontológico, moradia, cantina e outros benefícios, o que colocava os petroleiros em vantagem se comparado às condições de trabalhadores de outras localidades (OLIVEIRA JÚNIOR, 1996, p.42). Também devemos considerar que naquele período, na transição da década de 1940/50/60, as leis trabalhistas não vigoravam uniformemente no Brasil e, ter carteira assinada, com garantias trabalhistas assistidas, significava um diferencial.

As mudanças de cunho econômico, social e cultural passaram a ser perceptíveis e o contingente de pessoas com dinheiro em mãos trouxe consigo mais negócios e oportunidades de crescimento econômico no âmbito comercial, desfazendo as amarras da economia agrícola tradicional. Muitos desses homens conseguiram ascender economicamente, e essa ascensão expressou-se na forma com que se vestiam, nos eletrodomésticos que possuíam e na forma que construía as suas casas (FRAGA FILHO, 2000, p. 108). Surgia uma nova “classe média” em Candeias, composta de homens brancos, pardos e pretos, a maioria sem escolaridade, advindos de atividades rurais.

O crescente processo iniciado com o advento das atividades petrolíferas não alterou somente a economia e a paisagem urbana da região, mas, também, possibilitou novas configurações territoriais e mudanças nas formas de pensar e se constituir as masculinidades e feminilidades locais. Afinal, circulavam por Candeias novos atores sociais.

Junto com a construção de uma nova estrutura urbana, novos espaços de modernidade e sociabilidade foram constituídos para atender esses empregados e suas famílias. Era necessário modernizar os espaços e instituir ambientes destinados para encontros e lazer dessa mão de obra, em que surgiram diversos clubes onde aconteciam eventos sociais e apresentações artísticas e musicais: o Ideal Esporte Clube, o Brasil Esporte Clube e o Clube Bola Verde. Os dois primeiros clubes ficavam no centro de Candeias e o último no bairro da

Nova Brasília. O Bola Verde foi um espaço construído pelos trabalhadores do Petróleo e se localizava também no bairro em que maior parte dos moradores eram funcionários da Petrobrás, o Nova Brasília.

Outros espaços destinados ao lazer encontravam-se nas vilas internas da refinaria, Mataripe e Niterói, como: cinema, que apresentava shows de calouros quando não estava passando alguma sessão fílmica; Concha Acústica, espaço em que ocorreu diversas apresentações de artistas conhecidos como Nelson Gonçalves, Vicente Celestino, Trio Irakitan, Gregório Bairrios, Bievenido Granda; o futebol, opção de lazer exclusivamente masculina para a época, em que times eram formados pelos trabalhadores da refinaria.

Figura 18 – Imagem da equipe de futebol dos trabalhadores de Mataripe.



Fonte: Acervo de Alex Souza Ivo (2008).

Os bares que se alastravam pelas ruelas de Candeias e entre os caminhos para a refinaria se constituíram em outro espaço visto como ambiente masculino e eram frequentados pelos moradores locais e os trabalhadores do petróleo, que se destinavam a encontros, lazer, discussão e também para o prazer:

Outra alternativa de lazer era uma ida a Madre de Deus ou Candeias, fazer uma farrinha, tomar cerveja ou “uns quentes” e, principalmente arranjar uma mulher para “afogar o ganso”. Geralmente a rapaziada solteira andava “seca”, devido ao longo período “sem ver mulher” (COSTA, 1990, p.139-140).

Essa significativa leva de uma população exclusivamente masculina que inseriu-se nas localidades petrolíferas, modificou a composição da população tradicional, a distribuição espacial e hierarquização decorrentes de novos modelos de vida e, segundo Azevedo (1960, p.25), alterou o *sex ratio*⁴², isto é, a proporção entre o número de pessoas do sexo feminino e das do sexo masculino, sempre baixando o número de mulheres pela chegada de novos trabalhadores nas cidades que sofreram com essas mudanças, na qual incluímos Candeias.

Esse operariado, em sua maioria, solteiro ou desacompanhado de esposas, contrastava com o pequeno índice de mulheres em idade adulta que existia na localidade. Uma das consequências desse fenômeno foram apontadas nos depoimentos, relatórios e livros de memorialistas, dentre outras fontes, que foi o desencadear de problemas morais e de conflitos e choques de valores calcados nas representações de gênero e sexualidade que esses sujeitos e a comunidade tinham como norteadores de suas práticas cotidianas.

Através do depoimento de um petroleiro aposentado podemos compreender como se constituíram algumas das relações sócio sexuais ante uma menor população feminina na região de Candeias: “Fazia-se medo sair com sua esposa na rua. Aqui só tinha uma mulher solteira que era chamada de bicheira, porque ela vendia bichos. Só tinha homem aqui, tudo operário”⁴³. A desproporção entre o número de homens e mulheres, a partir de 1949, principalmente devido à chegada constante de novos trabalhadores, também é confirmada em outro depoimento. Os problemas de convívio moral e sexual eram comuns:

Tinha muito homem e poucas mulheres, porque cresceu um número imenso de trabalhador de construção, montagem e aí não tinha naquela época. Os homens andava parecendo bicho, se encontrasse uma mulher em meio de caminho ou em qualquer lugar. Ave Maria! Era igual a animal, igual a cachorro (risos). Era, é mesmo! E aí tinha poucas mulheres mesmo, mas depois foi crescendo (JOSÉ MAGALHÃES, 28/01/2013).

⁴²Segundo Azevedo (1960, p. 6-7) o *sex ratio* ocorreu com a desproporção de pessoas do sexo masculino e do sexo feminino com a chegada de trabalhadores nas regiões afetadas pelas atividades petrolíferas. Ocorreu uma “perturbação” no equilíbrio relativo dos sexos nas populações da região uma vez que o número de trabalhadores é aproximadamente igual a 25 ou até 50% total da população total dos núcleos com os quais vizinham ou se relacionam.

⁴³Everaldo Fonseca Saba, 30/07/2007.

Percebe-se através das falas dos petroleiros aposentados Everaldo Saba e José Magalhães que as mulheres de Candeias eram constantemente assediadas moral e sexualmente pelos homens migrantes. Contudo, os comportamentos abusivos, pela mínima presença feminina local, em que trabalhadores “andavam parecendo bicho”, “igual a cachorro”, associados a animais, foi justificado devido à lógica patriarcal de valorizar a sexualidade masculina e ressaltar que os desejos sexuais que a constituíam eram incontroláveis.

Nesse sentido, diante da considerável massa de trabalhadores solteiros e desacompanhados de suas esposas, e considerando uma localidade com poucas mulheres, ocorreu um crescimento expressivo de prostitutas, para atender a essa população migrante masculina com dinheiro em mãos⁴⁴. Destarte, o comércio do prazer encontrou terreno propício para o aumento das mais variadas atividades, em uma região que se modernizava com o desenvolvimento das atividades petrolíferas. Encontramos a seguinte citação no relatório produzido por Thales de Azevedo, em 1960, que confirma a presença de mulheres diante dos vultos econômicos proporcionados pelo “ouro negro”:

Exemplo de problema originado pela presença de uma massa considerável de homens desacompanhado de esposas ou “companheiras” com sistema de valores típicos da cultura brasileira, é o seguinte fato: O número de prostitutas de uma cidade aqui mencionada dobra mensalmente durante uns dez a partir dos últimos dias de cada mês, quando se faz o pagamento dos empregados da Petrobras, graça a entrada de umas 60 daquelas mulheres provenientes de duas cidades maiores (AZEVEDO, 1960, p. 6).

Costa (1990, p.141) também nos informa sobre a parca presença feminina com o aumento considerável desses trabalhadores e, conseqüentemente, o aumento de mulheres prostitutas na localidade, sempre nos dias de pagamento ou posteriores:

Estava entre umas das poucas opções para os homens: enfrentar uma fila considerável, tanto nos dias de pagamento e também e imediatamente subsequente, para ter a opção de desfrutar meia hora de prazeres com uma meretriz que havia no bairro do Malembá. Às vezes entrava na fila as oito horas e as vinte e três horas o cidadão ainda estava “abafado”. [...] Algum tempo depois começou a vir uma outra rameira de Salvador, “prestar serviços” em Candeias, nos períodos de pique, diminuindo a fila do Malembá. Essa atendia no bairro do Triângulo, “coincidentemente” sempre depois do pagamento [...] (COSTA, 1990, p. 141).

⁴⁴O surgimento da prostituição em Candeias, quem eram as prostitutas e o envolvimento das prostitutas com trabalhadores do petróleo será abordado no terceiro capítulo.

Assim, muitas mulheres de “vida livre” migraram para a localidade em busca do dinheiro que circulava na região, movimentado por esses trabalhadores e, novos ambientes foram constituídos, especificamente os destinados aos “pecados capitais”. As notícias da procura por mulheres e circulação de dinheiro em Candeias logo se espalhou e muitas prostitutas começaram a chegar de cidades vizinhas, principalmente de Salvador, para atender esse potencial comprador dos serviços sexuais. Fixaram-se, quase todas, nas margens da precária rodovia BA-522 que ligava Candeias a refinaria. Mabel Veloso (2000) descreve esse momento ao indicar:

Um dia, o petróleo também se espalhou por perto. Surgiu a Refinaria de Mataripe e a cidade de Candeias deixou de ser a cidade dos romeiros para ser a cidade dos petroleiros. Muita gente chegando. Os pecados capitais chegaram com a riqueza do petróleo.

Desta sorte, com a construção da Refinaria nas suas proximidades, a pequena Candeias inseriu-se nos “ares do progresso” com as mudanças de ordem econômica, urbana, social, política e cultural e passou a conhecer novos valores, criando novos canais de sociabilidades e mobilidades. Nas ruas do então povoado, novos tipos humanos se juntaram aos antigos, ao lado do palheiro, do aguadeiro, do feirante e do trabalhador da usina, passou a coexistir um novo sujeito social, os trabalhadores do petróleo, representados e sendo denominados de “petroleiros” (FRAGA FILHO, 2000, p. 90). E, juntamente com esses homens, chegaram as mulheres “marginalizadas”, as prostitutas, consideradas um “mal social”, na tentativa de sobreviver com o dinheiro desse “novo rico”, através do comércio erótico. O “progresso” e a “modernidade”, enfim, instalava-se na sociedade religiosa e novas configurações sociais, sobretudo de gênero e sexualidade, passaram a ser demarcadas e delineadas entre os velhos e novos moradores locais.

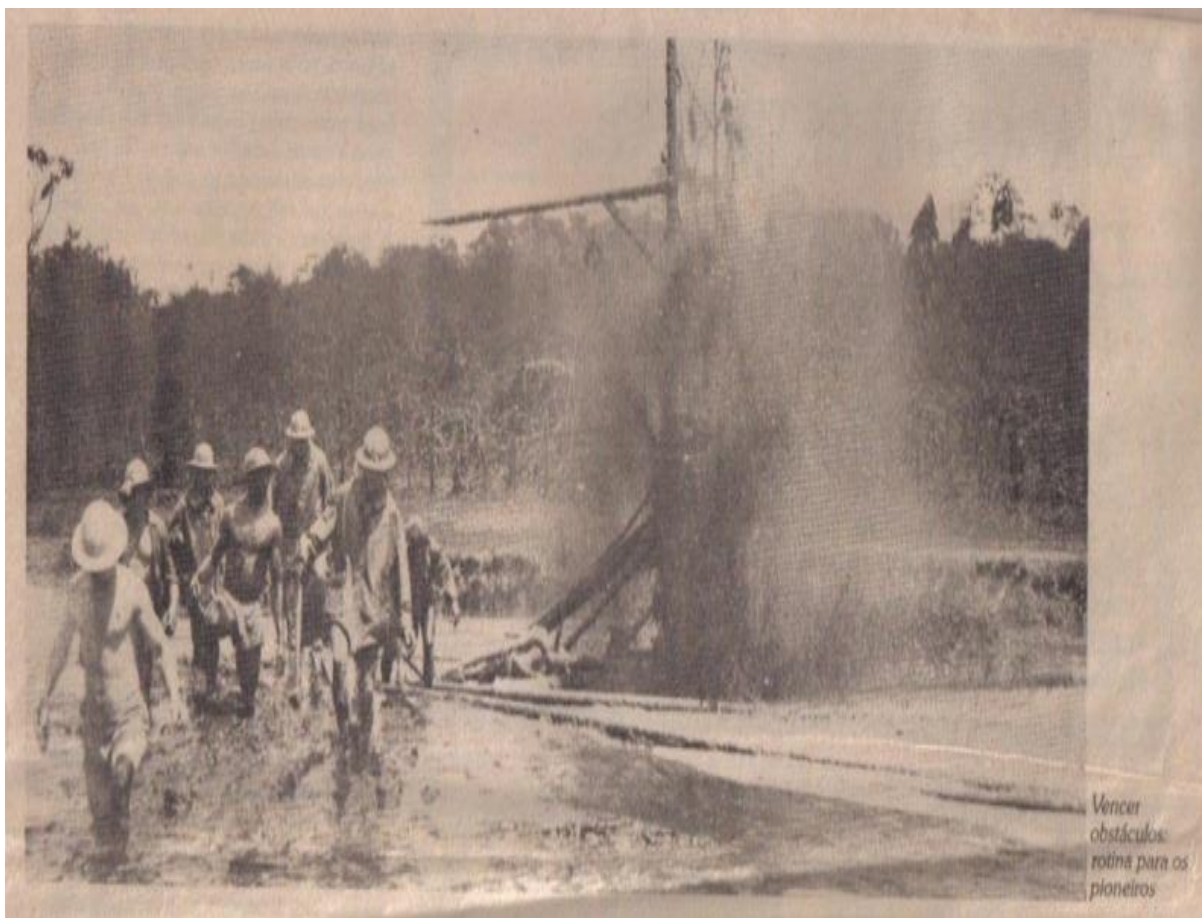
Com a finalidade de compreender essa sociedade e o mundo do trabalho no período estudado, antes e depois da chegada da indústria petrolífera, assim como as transformações de ordem econômica, cultural, social e no imaginário da sociedade candeense, o próximo capítulo apresenta, a partir das perspectivas feministas e dos estudos sobre patriarcado e relações de gênero, as variações das tessituras das masculinidades e feminilidades locais. Abordamos os lugares e comportamentos destinados aos homens e mulheres, bem como as transformações do imaginário social dos trabalhadores do petróleo e suas novas formas de simbolizar o seu lugar social, através de seus comportamentos, práticas, atitudes e referenciais, que forjaram o tecido onde as relações entre prostitutas e petroleiros aconteciam.

2 TRABALHO PARA “HOMENS”: PATRIARCADO E RELAÇÕES DE GÊNERO NA “CIDADE DO PETRÓLEO”

Você quer mole?
Vá para a lama do petróleo!
(SANTOS, 2008, p.119)

2.1 PATRIARCADO E GÊNERO

Figura 19 - Imagem mostrando o momento em que um poço de petróleo é perfurado durante os primeiros anos das atividades petrolíferas. Devido às dificuldades encontradas por estes trabalhadores na empreitada a legenda da foto, no canto direito, traz como mensagem: **“Vencer obstáculos: rotina para os pioneiros”**.



Fonte: Jornal Petrobrás, Abril de 1989.

Realizar algumas atividades desconhecidas e inéditas, como perfurar poços de petróleo e construir a primeira Refinaria de Petróleo do Brasil em um local inabitável e sem a mínima infraestrutura, foi um feito até mesmo questionado pelas autoridades e estudiosos brasileiros⁴⁵. Várias indagações foram levantadas com descrédito, para com aqueles que estavam na empreitada, em que chegou a acreditar, devido às dificuldades físicas, financeiras

⁴⁵Wilson Roberto Mattos realiza esta discussão no livro “Uma luz na noite do Brasil: Refinaria Landulpho Alves 50 anos de história” e aponta Isaia Alves e Tosta Filho como os “estudiosos” que não acreditavam que os baianos conseguiriam erguer a primeira indústria de petróleo do Brasil (MATTOS, 2000).

e escassez de trabalho humano que este projeto industrial não vingaria. Adentrar na mata fechada, vencer mosquitos, animais peçonhentos, escavar buracos, aventurar-se no desconhecido, esta tarefa somente seria alcançada por pessoas corajosas. Nesta perspectiva, *vencer obstáculos* como ilustrado na figura 17, caracterizou-se como tarefa heroica para muitos estudiosos e, somente foi alavancada devido ao predomínio de pessoas com atributos e características exigidas pelas peculiaridades e adversidades locais. Neste caso, um sujeito específico, o masculino.

Conforme exposto, os primeiros anos das atividades petrolíferas, desde o seu início com o CNP, teve como predomínio a mão de obra masculina, evidenciando que, os homens dominaram neste contexto histórico econômico específico, através de sua força física e trabalho intelectual. Com a instalação da indústria petrolífera nas imediações e inserção de trabalhadores migrantes com culturas, comportamento e costumes diferenciados, formaram-se novos sujeitos em que se evidenciaram outras formas de pensar/sentir/vivenciar masculinidades e feminilidades, assim como a produção de espaços destinados aos homens e às mulheres. Surgiram então os questionamentos acerca das personagens femininas: Por que as mulheres estavam fora da indústria petrolífera? Quais eram os espaços destinados a elas naquela sociedade?

Como na indústria de petróleo que nascia na região, as atividades econômicas, políticas e sociais na região que cresceu e modernizou-se com o petróleo, Candeias, até o momento que se finalizou esta pesquisa, esteve sobre o domínio masculino. Ao longo de suas origens como engenho de cana-de-açúcar e constituição enquanto município, percebeu-se esta sociedade com características patriarcais cristalizadas, advindas da própria estrutura histórica do paternalismo⁴⁶, enraizada durante séculos na sociedade brasileira. E produzir análises deste cotidiano requer uma discussão interdisciplinar que permita uma

⁴⁶Paternalismo, ou mais precisamente, dominação paternalista, descreve a relação de um grupo dominante, considerado superior, com um grupo subordinado, considerado inferior, na qual a dominação é mitigada por obrigações mútuas e direitos recíprocos. O paternalismo é um mecanismo de relação de poder representado tanto através do Estado sobre os indivíduos, ou pelo patriarca, o homem, sobre a família (mulheres e filhos). Em suas origens históricas, o conceito vem das relações familiares como desenvolvidas sob o patriarcado, em que o pai detém poder absoluto sobre todos os membros de sua casa. Em troca, ele os devia a obrigação de apoio econômico e proteção. Tal como aplicado para as relações familiares deve ser notado que as responsabilidades e obrigações não são igualmente distribuídas entre aqueles a serem protegidos: a subordinação das crianças homens à dominação do pai é temporária; dura até que eles mesmos se tornem cabeças das casas. A subordinação das crianças mulheres e esposas eram vitalícias, por toda a vida, salvo as exceções daquelas que conseguiram autonomia econômica e política sobre suas vidas e corpos. Filhas poderiam escapar disso somente caso se colocassem como esposas dentro da dominação/proteção de outro homem. A base do “paternalismo” é um contrato não escrito de troca: apoio econômico e proteção dada pelo homem pela subordinação em todos os aspectos, serviço sexual e serviço doméstico não remunerado. Este sistema de poder foi aplicado em muitas sociedades e provocou desigualdades econômicas, sociais e políticas, principalmente entre as mulheres, e foi tornado como necessário e protetor, aos olhos da sociedade, legitimando as restrições à liberdade dos indivíduos.

leitura coerente da complexidade que compõe o cenário onde os sujeitos aqui trazidos à cena estavam inseridos.

Neste sentido, as Ciências Humanas, a partir do diálogo interdisciplinar, permite reflexões sobre como foram/são produzidas e perpetuadas às assimetrias entre homens e mulheres, fazendo com que cada um se identifique com um lugar social e padrão de comportamento considerado adequado. Tais análises explicam que, tomando por base as características biológicas, os indivíduos aderem a significados culturais, conceitos e crenças preconcebidas que servem, desde cedo, para delimitar o que uns e outros são, o que podem fazer, como devem se comportar, enfim, definir identidades que moldam as suas formas enquanto sujeitos masculinos e femininos (PASSOS, 1999, p, 91). A discussão sobre patriarcado é fundamental para compreender como as hierarquias que colocaram as mulheres e os sujeitos identificados com o feminino sempre a um *status* inferior e, encargos considerados de segunda ordem se perpetuaram ao longo da história em diferentes sociedades e tempos históricos, e como os homens legitimaram este poder atribuído a eles.

Segundo Costa (1998, p.28) Kate Millett foi a primeira teórica feminista que buscou, através dos conceitos de dominação masculina desenvolvido por Max Weber, explicações para a subordinação feminina e percebeu a relação entre os homens e mulheres como uma relação política que se baseia na crença de uma supremacia biológica do homem sobre a mulher. Para Kate Millett (1975, p.32), o patriarcado é a forma mais elemental de poder na sociedade, por ser sustentado pela política sexual. A política, para esta feminista, é um conjunto de relações e compromissos estruturados de acordo com o poder, em virtude do qual um grupo de pessoas tem controle sobre outro grupo, neste sentido, o controle dos homens sobre as mulheres. O patriarcado e seus mecanismos de poder revelam que a categoria sexual é impregnada de política. Estudos de diversas teóricas feministas, algumas apontadas neste trabalho, revelaram através da história que, desde as sociedades “*consideradas*” “*sem Estado e acumulação privada de capital*”, até as sociedades mais industrializadas, o patriarcado mostrou-se de diferentes formas.

Carole Parteman (1993, p. 38-39) argumenta que o termo patriarcado renasceu no movimento feminista de segunda onda, durante a década de 1960. Ocorreram várias discussões entre as feministas sobre o significado do patriarcado e de que forma este sistema

O Brasil teve como domínio de governo político e bases das estruturas sociais o paternalismo, principalmente no período colonial e monárquico, assim como também foram as relações sociais de produção e reprodução.
Fonte: <https://materialfeminista.milharal.org/conceitos/>. Acessado em 13 de julho de 2014.

de poder masculino ocorreu e se manifestou na sociedade, na política e na religião. Segundo Pateman (1993):

Algumas argumentaram que os problemas do conceito eram tão grandes que ele deveria ser abandonado. Seguir tal caminho representaria, na minha maneira de entender, a perda, pela teoria feminista, do único conceito que se refere especificamente à sujeição da mulher, e que singulariza a forma de direito político que todos os homens exerceram pelo fato de serem homens (PATEMAN, 1993, p.39).

De acordo com Dahlerup (1987), originalmente, o conceito de patriarcado foi utilizado para denominar uma sociedade regida por homens através do poder do pai (homem) como a cabeça da casa, exercendo hierarquia sobre sua mulher, filhos, trabalhadores e serviçais. Sinaliza o patriarcado como a exclusão das mulheres de certas atividades econômicas, políticas e sociais onde os seus papéis de esposas e mães estão associadas com menos poderes e prerrogativas que os papéis dos homens. Segundo esta autora, o patriarcado (poder dos homens sobre as mulheres) variou nas sociedades e não devemos tornar a subordinação das mulheres como algo natural e permanente (DAHLERUP, 1987, p.111).

Entre as teóricas brasileiras que se utilizam do patriarcado para discutir a dominação masculina, construções e cristalização das diferenças políticas, econômicas, culturais, e de poder entre os sexos destaca-se Heleieth Saffioti. Essa pesquisadora argumenta em diversos textos ⁴⁷ a necessidade de historicizar o conceito de patriarcado por entender que o patriarcado está imbricado em amplos e complexos sistemas de dominação que se estabelece através do pacto masculino, em que os homens asseguram para si mesmos e para seus dependentes os meios necessários de garantia da produção e reprodução da vida econômica e social (SAFFIOTI, 2009, p. 22).

Percebemos que todas as definições de patriarcado de diferentes teóricas feministas buscaram incitar seu enfoque no poder dos homens como seres políticos, que mantêm a autoridade e dominação sobre as mulheres (DAHLERUP, 1987, p.113). Contudo, poderíamos conceber um conceito único de patriarcado? Muitas feministas, a exemplo de Heleieth Saffioti, Kate (1975) e Carole Pateman (1993), indicaram que o patriarcado ocorreu em todas as sociedades, mesmo variando as formas de poder, temporalidade histórica e lugar, mas,

⁴⁷Saffioti, Heleieth I. B. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. Série Estudos e Ensaios – Ciências Sociais/FLACSO Brasil, jun. 2009. Saffioti, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: Costa, A. O.; Bruschini, C. (Org.). Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

discutem, se um conceito universal do patriarcado poderia cobrir todas as formas de opressão vivenciadas pelas mulheres (DAHLERUP, 1987, p.114).

Devido à variedade de conceitos, Dahlrup (1987, p.115) evidencia que a “definição universal” de patriarcado não supõe que todas as sociedades sejam e tenham sido patriarcais, mas, que este conceito poderia atender as sociedades em que existiu dominação masculina. Segundo esta autora “um conceito universal indica que nas outras e, em nossas investigações estamos tentando compreender alguns dos pontos comuns em todas as sociedades”. (DAHLRUP, 1987, p.115). Um conceito fixo não invalidaria as variações do patriarcado nas sociedades, mas, poderia indicar mecanismos para compreender como as estruturas patriarcais trabalharam reciprocamente e estabeleceram a dominação masculina através das instituições que controlam as sociedades por meio do Estado, família, religião, política e economia⁴⁸.

Para Saffioti (2009), os estudos feministas não podem desconsiderar o patriarcado, nem deslegitimá-lo em suas análises, por ser a estrutura de poder central. Esta pesquisadora denomina as estruturas de poder que determina lugares, comportamentos, corpos, inserções/exclusões entre os sexos no sentido de colocar as mulheres em espaço secundário de sistema patriarcal de gênero. O patriarcado seria os sistemas de dominação. O gênero os discursos que constroem socialmente os corpos e as subjetividades desiguais, definindo hierarquias, assimetrias, lugares femininos e masculinos.

Compreendemos que, através do estudo das relações de gênero, percebe-se a organização concreta e simbólica da vida social e as conexões de poder entre os sexos: o seu estudo é um meio de decodificar e de compreender as relações complexas entre as diversas formas de interação humana (TORRÃO FILHO, 2005, p. 136). Neste sentido, o interesse da história é apropriar-se do gênero para entender a importância, os significados e atuação das relações e representações do gênero, masculinidades e feminilidades no passado (o que é ser homem e ser mulher), suas mudanças e permanências dentro dos processos históricos e suas influências nestes mesmos processos (PINSKY, 2009, p. 162).

As masculinidades formam-se através de construções sociais permanentemente revisitadas, em desvalorização de tudo aquilo que não se identifique com ela. Resultado de um construto histórico-social, desde pequenos os meninos são incitados nos espaços sociais a desvalorizar tudo que seja tido como “feminino” e a constituírem características físicas e atitudinais que os valorizem enquanto “homens”. A separação entre o que é considerado “de

⁴⁸As “feministas radicais” definiram o patriarcado como um sistema sexual de poder, com a organização sexual masculina que se perpetua através do matrimônio, da família e da divisão sexual do trabalho e este sistema sexual de poder está mais fundamentado na biologia que na história (COSTA, 1998, p. 28).

menino” e “de menina” corrobora com a desvalorização do que é visto como feminino e, de acordo com Passos (1999, p.111):

A identidade de [gênero] (grifos nossos) masculina define-se pela negação: não ser mulher, não ser dócil, não ser submisso, não ser impotente. Esses modelos são ensinados em tenra idade e cobrados pelo social, de modo que as pessoas tendem a acatá-lo e reproduzi-los não só no aspecto concreto, que se exterioriza através do corpo, dos gestos, do vestuário, das companhias, como principalmente nos sentimentos e nas emoções. O macho precisa ser frio, determinado, insensível, fechado, duro: enquanto a fêmea dócil, carinhosa, acomodada, sensível, dependente. Romper com estes modelos faz com que tantos homens quanto mulheres sintam-se pouco a vontade e distantes de sua suposta natureza, e expostos a ridicularização (PASSOS, 1999, p. 11).

Os indivíduos não nascem com os artefatos e as performances que legitimam o que é masculino ou feminino. Portanto, masculinidades e feminilidades são construções e produções sociais históricas que se constituem nos corpos ao longo das vivências e experiências. Tais construções e diferenças são forjadas, naturalizando espaços, lugares e identidades.

Para Bourdieu (2009, p.17) a divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como natural, normal ao ponto de ser inevitável. Esta separação se inscreve em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e ação. Tanto os homens como as mulheres são socializados segundo este princípio estrutural e, à medida que atuam conforme as expectativas de seus respectivos papéis sexuais, acabam consolidando essa desigualdade. Isso quer dizer que os homens também estão subjugados a uma série de expectativas de gênero, tais como o uso da força, o papel de provedores do lar, a imposição de atividade e imposição sexual constante e a recriminação de qualquer demonstração de emoção e afetividade.

Conforme podemos observar, através dos estudos históricos embasados na perspectiva feminista de demarcação do patriarcado, as identidades sociais de gênero, raça, geração, religiosidade, nacionalidade, classe, entre outros marcadores sociais são formadas, de acordo com Louro (2010, p.12), no âmbito da cultura e da história, através de valores morais e culturais inscritos em nossos corpos ao longo de nossa existência. Desta forma, as inscrições de gênero, o que somos enquanto homens e mulheres são/é construído a partir de atributos que são adjudicados ao indivíduo sendo caracterizados, portanto, pelos comportamentos, atitudes, gostos, sentimentos, pensamentos, ações etc., apropriadas a cada gênero. Ou seja, as masculinidades e feminilidades são forjadas nas experiências, nas vivências que o indivíduo

possui na família, na escola, na igreja, no trabalho, nos grupos dos quais faz parte, enfim, no cotidiano (VANIN, 2002, p.148).

O gênero é o elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças entre os sexos, sendo o primeiro modo de dar significado às relações de poder. Assim, entender e discutir o conceito de gênero, de acordo com Joan Scott (1990), é compreender como se “estruturam a percepção e organização concreta e simbólica de toda a vida social”, estando, portanto “[...] expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam forma típica de uma oposição binária, que afirma categórica e sem equívocos o sentido do masculino e do feminino” (SCOTT, 1990, 14). O gênero é constituinte de identidades pessoais e sociais e não cria grupos sociais, mas, sim categorias pelas quais os sujeitos são lidos e tem seus espaços e lugares demarcados (VALE DE ALMEIDA, 1995, p. 129). De acordo com Passos (1999):

Os atributos invariáveis ganham sentido e sentidos a depender da interpretação que se faz do mundo, do sistema de significação adotado, assim como dos interesses em jogo. A sociedade estabelece meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Ao serem categorizados e apossando-se de tal identificação a tendência do indivíduos é de se verem conforme o espelho social os reflete; pois a subjetividade, o mundo interno do sujeito é constituído de signos, de imagens, de metáforas, de emblemas, de símbolos, de mitos e de alegorias (PASSOS, 1999).

Nas sociedades patriarcais, os homens constroem a sua identidade acreditando que possuem domínio intangível sobre o corpo e a vida das mulheres. Para serem considerados homens os requisitos conferidos não se encontram somente no corpo biológico, mas, nas atitudes e comportamentos esperados em que sua virilidade necessita de afirmação quando contestada pelas mulheres e por outros homens. A masculinidade tem que ser conquistada e ser homem implica num trabalho, num esforço que não parece ser exigido às mulheres⁴⁹.

No Brasil, território colonizado durante mais de três séculos pelos portugueses e com fortes características religiosas e patriarcais, as delimitações e espaços para homens e mulheres foram estabelecidos desde o momento em que se caracterizou enquanto colônia portuguesa. Conforme observou Del Priore (2009, p.23), as mulheres passaram pelo processo de adestramento acionado por dois musculosos instrumentos de ação: o primeiro através do discurso sobre padrões e ideias de comportamentos, importados da Metrópole, que teve nos memorialistas, pregadores e confessores os seus mais eloquentes porta-vozes, disseminado

⁴⁹No decorrer deste capítulo veremos como se estabeleceram e se constituíram as masculinidades petroleiras.

pela população portuguesa na colônia e fortalecido, sobretudo pelo discurso religioso católico-cristão.

O segundo instrumento utilizado para domesticação das mulheres foi o discurso médico, ou “físico”, sobre o funcionamento do corpo feminino. Esse discurso justificava o discurso religioso, na medida em que assegurava cientificamente que a função natural das mulheres era a procriação. Da Colônia a República estes discursos e instrumentos de poder sobre os corpos e as vidas das mulheres foram fortalecidos e cristalizados na sociedade brasileira, da qual a comunidade candeense é parte. Desta sorte, discursos sobre masculinidades e feminilidades também foram reproduzidas pelos homens e mulheres candeenses, durante o período estudado. O sistema do binarismo, conforme estabeleceram os “sistemas de poder” patriarcais, aparecem com frequência no corpus documental construído durante a nossa pesquisa.

A historiografia baiana apresenta outras análises em espaços geográficos e contextos sócio-históricos diferentes, que reforçam os modelos de convenções de gênero apresentados. Em *Lues Venera e as Roseiras Decaídas: biopoder, convenções de gênero e sexualidade em Jacobina-BA (1930-1960)*⁵⁰, o historiador Ricardo Batista apontou algumas das tentativas dos dispositivos sociais de controlar os corpos e as vidas mulheres em Jacobina⁵¹, instituindo os espaços, comportamentos, trajetórias, que estas deveriam obedecer. Neste estudo, o autor faz uma análise dos discursos moralistas vigentes e de como as mulheres jacobinenses encontraram brechas para escapar, burlar e reinterpretar as normas morais instituídas, inserindo neste grupo as prostitutas.

Também encontramos outro estudo sobre discursos moralistas, que recaiam, principalmente, sobre os corpos e comportamentos femininos na cidade de Feira de Santana⁵²

⁵⁰Para compreender a discussão histórica apresentada pelo historiador Ricardo Batista sugere-se a leitura da dissertação de mestrado: Batista, Ricardo dos Santos. *Lues Venerea e as Roseiras Decaídas: biopoder e convenções de gênero e sexualidade em Jacobina-BA (1930-1960)*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

⁵¹Jacobina surgiu em janeiro de 1722 devido à exploração de ouro, encontrada por aquelas terras ainda no período colonial. A notícia de exploração de minérios resultou na migração de numerosos contingentes humanos em busca destas riquezas. Com o crescimento populacional iniciou-se também a criação de gado e de culturas agrícolas essenciais. O município localiza-se no Norte Baiano, na microrregião do Piemonte da Chapada Diamantina (Circuito Chapada Norte), entre serras, desfiladeiros, e é caracterizada pela caatinga, vegetação típica da região. Faz limites com diversos municípios, no qual destacamos alguns como: Mirangaba, Várzea Nova, Várzea do Poço, Miguel Calmon, Serrolândia, Quixabeira, Capim Grosso e Orolândia. Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=291750&search=jacobina>. Acessado em 03 de julho de 2014.

⁵²As origens históricas da cidade de Feira de Santana, também conhecida como princesa do sertão, remota dos meados do século XVIII, quando os donos da Fazenda Sant'Anna dos Olhos D'Água, Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandão, construíram uma Capela dedicada a Nossa Senhora Sant'Anna. Esta, por sua localização privilegiada, passou a ser ponto de referência para aqueles que trafegavam naquela região. No final do século, o desenvolvimento do comércio, em particular de gado, deu origem a uma feira, que acabou por se transformar em

- BA, a chamada princesa do sertão baiano, segunda maior cidade em população e economia na Bahia, perdendo apenas para a capital em relevância. Na dissertação de mestrado intitulada - Nas veredas do discurso moralista: a honra das mulheres em Feira de Santana, Bahia (1960-1979)⁵³ Maria Carolina Martins da Silva discute as leituras e as divulgações sobre os códigos da “boa moral” a partir das perspectivas dos jornais, discursos jurídicos, políticos e policiais e, como estas normas sociais institucionalizadas inferiam nos comportamentos femininos, que recriavam e reinterpretavam as normatizações “a sua forma” no momento de modernização da cidade. Maria Carolina, assim como Ricardo Batista, também analisou a presença de meretrizes nesta sociedade e suas fugas dos preceitos impositivos.

Ao apresentar ambas as realidades (feirense e jacobinense) percebemos que são análogas às práticas candeenses. A normatização e regulamentação dos lugares femininos perpassaram desde as mulheres que pertenciam a estratos sociais mais elevados, desde as das camadas populares. A sociedade candeense se constituiu inicialmente através da religiosidade, advindo do culto a Nossa Senhora das Candeias, sendo moldada com fortes resquícios tradicionais, pautados através do discurso católico cristão⁵⁴. E estes discursos legitimaram lugares secundários as mulheres, em que os homens são apontados como o “cabeça”, “chefe” da casa, “aqueles que mandam”, “os provedores”, autorizados a ocupar espaços públicos, políticos e de poder. A religiosidade e toda a moral católica cristã foram pilares que formaram a cultura e os comportamentos locais, especialmente os espaços que cada um devia e tinha direito a ocupar.

um centro de negócios. Com o grande número de feirantes, o povoado foi forçado a progredir e moderniza-se. Em 1832, foram criados o município e a vila. As tentativas dos poderes governamentais instituídos de modernização a esta cidade entre as décadas de 1960-1970 são discutidas na dissertação de mestrado defendida por Maria Carolina Martins. O município de Feira de Santana está localizado na zona de planície entre o Recôncavo baiano e na circunscrição dos semiáridos do nordeste baiano. É vizinha de diversos municípios, em que destacamos: São Gonçalo dos Campos, Coração de Maria, Conceição do Jacuípe, Santa Bárbara, Santo Amaro da Purificação.
<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=291080&search=bahiafeira-de-santana|infograficos:-histórico> Acessado em 03 de julho de 2014.

⁵³SILVA, Maria Carolina Silva Martins Silva. Nas Veredas dos Discursos Moralistas: A Honra das Mulheres em Feira de Santana, Bahia (1960-1979). Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, 164 p. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11739/1/Dissertacao%20Maria%20Carolinaseg.pdf> Acessado em 03 de julho de 2014.

⁵⁴As origens e composição do espaço e sociedade candeense, assim como a transitoriedade de sociedade religiosa para industrial, foram discutidos no primeiro capítulo deste trabalho.

2.2 MASCULINIDADES E FEMINILIDADES NA TERRA DO PETRÓLEO

Ainda quando Candeias era um arraial pertencente a Salvador, no início do século XX, encontrou-se a acusação contra Manuel Maria⁵⁵, que feriu com golpes de facão sua amásia Thamasia Maria de Jesus, em sua residência no Engenho Pitanga, no dia 03 de maio de 1909. Segundo as testemunhas apresentadas e arroladas no processo: Gabriel Pereira, Manoel João e Julio Nery (que deu voz de prisão ao acusado), todos residentes e trabalhadores da roça no Engenho Pitanga, ouviram, às cinco horas da manhã, gritos de socorro vindo da residência da vítima e encontraram o acusado com um facão em mãos dizendo: “matar todos que apparece-se” e “hoje mato tudo”.

Ao dar seu depoimento, o acusado Manuel Maria, solteiro, vinte e sete anos, roceiro, analfabeto, residente do Engenho Pitanga a pouco mais de um mês, defendeu-se ao indicar que:

Tendo sambado e bebido por toda a noite alguma cachaça chegou em sua residencia as cinco horas da manha um pouco embriagado encontrara Maria Thamasia lhe insultando a ponto de a ferir com o facão e ser prêso sem saber qual motivo, não tendo rizas com ella pois sempre acompanha-lhe para todo lugar e não sabe [...] neste erro o ferindo que só attribui a excesso da bebida.

Seguindo nas entrelinhas do processo no sentido de encontrar resquícios da mentalidade e comportamento da época, evidenciou-se que Thamasia Maria, questionou o fato do seu amásio chegar a casa embriagado, ocasionando a briga que resultou no ataque do acusado à vítima. Mas, para o acusado, o ataque com o facão à vítima é legítimo, pois este teve seu direito de homem “beber e chegar tarde” infringido pela sua amásia, quando a mesma indagou sobre seu comportamento. O mesmo estava exercendo o seu papel masculino ao estar na rua, espaço público, embriagando-se, e a mulher, no seu lugar considerado secundário, não deveria questioná-lo ou irritá-lo. Em suma, as ausências e violências masculinas estavam assentidas. A bebida para o acusado, de acordo com o processo analisado, aparece como o principal fator motivador e justificador para o crime. Então, o mesmo invoca que foi preso sem saber o motivo, indicando que a violência cometida contra a mulher foi naturalizada pelo acusado, pois, é um fato que pode e deve ser praticado em sua condição de “macho” na relação. Na mentalidade patriarcal, ele tem o domínio sobre o corpo daquela mulher e o

⁵⁵Os processos crimes apresentados como corpus documental deste capítulo foram encontrados no Arquivo Público do Estado da Bahia – APEB.

direito de violentá-la fisicamente e psicologicamente. Entretanto, Thamasia Maria subverteu este pensamento e sofreu consequências graves.

Outro processo analisado mostrou como os homens de Candeias se relacionavam com outros homens e resolviam as suas divergências. Através da solicitação de Habeas Corpus ao Tribunal de Justiça da Bahia para Dário Gonçalves da Costa, em 13 de dezembro de 1966, pelo advogado Aristides de Sousa Oliveira, devido ao crime de homicídio de João Francisco dos Santos, identificamos alguns resquícios de masculinidades através dos “poderes” entre homens. O pedido foi negado em 19 de janeiro de 1967 e o juiz de direito se utilizou da seguinte alegação:

Em resposta ao ofício solicitando informações sôbre um hebeas- corpus requerido em favor do paciente DÁRIO GONÇALVES DA COSTA, levo conhecimento de V.Exa. que no dia 6-9-1966, na localidade de Cova do Defunto, desta Comarca, o mencionado paciente condusiu uma espigarda para ir a caça, quando encontrou JOÃO FRANCISCO DOS SANTOS, que tentara arrebatá-lhe a referida arma, entrando em luta, de que resultou a quebra da arma. Para vingar-se, o acusado DÁRIO foi à sua casa e de lá voltou munido de corda e cacete que a vítima tomou e correu, indo ter à porta da residência de Aberlado Barbosa, onde o acusado que o perseguia foi alcança-lo. Retomando o cacete e desferindo-lhes os golpes descritos no exame do laudo cadavérico. Em consequência de tais golpes, faleceu a vítima, sem o menor socorro, embora o acusado declare que até a 3 horas da manhã ouviu os gemidos da vítima agonizante. Foi causa da morte de JOÃO FRANCISCO, hemorragia intercraniana, fratura no frontal. causadas por instrumentos contundentes. [...] A prisão preventiva, compulsória no caso, foi decretada, face a representação da autoridade policial [...].

A temporalidade que ocorreu o fato apresentado é mais recente neste processo crime, inserindo-se no recorte temporal deste trabalho, contudo, com os sinais de agressividades características esperadas em homens, que tem a sua “honra” ferida ou questionada, está presente em ambos os documentos, independente da época ou lugar em que ocorreu a situação.

Percebe-se na descrição dos fatos que a vítima João Francisco tentou roubar a arma do acusado no momento em que Dário Gonçalves da Costa iria caçar (atributo masculino), o que resultou em luta corporal entre os dois pela posse da arma na quebra da arma-de-fogo e, deixando o acusado furioso pela perda do seu “bem material”. Como vingança, Dário atacou João com cacetadas, descarregando sua fúria e raiva pela tentativa de roubo de sua arma em um momento de “lazer”. O relato do processo também revela que a vítima ficou agonizando por mais de três horas e não teve nenhum tipo de socorro pelo acusado, sendo que os relatos

indicam que o acusado ouviu a vítima gemer e, mesmo assim, nada fez para ajudá-lo, ignorando a situação.

Os atributos de masculinidade que encontramos neste processo referem-se à demonstração de violência, agressividade, uso da força física e manuseio de armas. Há necessidade de recuperação da honra pela tentativa de roubo e quebra do objeto, em que o acusado mostrou-se forte, valente, intimidador, ágil, frio e cruel, atributos do “verdadeiro macho”. E para legitimar o seu lugar e *status quo* como uma forma de “lavar a honra”, o acusado assassina a vítima com sinais de extrema violência, frieza e brutalidade. Estas ações indicaram que o homem necessita dar provas que é um “macho” e, principalmente, responder as provocações de outros homens, para não ser considerado “frouxo”, ridicularizado e ter sua masculinidade ameaçada.

A masculinidade, como argumenta Badinter (1992, p.4), é constantemente testada e avaliada, e os casos registrados nos processos mencionados revelam isto. Assim, a manutenção do status de homem, em uma dada sociedade, requer constante vigilância do sujeito em relação aos seus comportamentos, bem como corresponder ao que é esperado dele por meio dos testes e avaliações a que é submetido ao longo da vida. Desde a infância, os meninos são ensinados e estimulados a agir com virilidade, agressividade e determinação e incitados a responder provocações de outros homens e a dominar, mostrar superioridade em relação às mulheres, negando tudo aquilo que é considerado feminino (NOLASCO, 1995, p.18). Se os homens eram testados e avaliados, as mulheres eram vigiadas, no sentido de garantir que seguiriam o script que lhes era imposto.

Na tentativa de indicar os espaços na sociedade candeense, destinados às mulheres, e evidenciar que na localidade o patriarcado também mantinha a sua posição, foi-se ao encontro dos indícios que permitissem compreender os comportamentos, práticas, atitudes e discursos, objetivando delinear as convenções de gênero locais. A fala de Ruth Vasconcelos de Souza⁵⁶ possibilitou compreender a sociedade analisada. Esta, ao ser questionada sobre a história, sociedade e a política candeense no período estudado demarcou o seu lugar de gênero: “Assim eu não sei não minha filha, por que sou muito de sair, vivia trabalhando, cuidando da minha vida, não dava para eu me meter em política, não tinha marido, não tinha ninguém”⁵⁷.

Ou seja, a mesma argumenta que não sabia, não tinha conhecimento sobre o que lhe perguntava, pois estava no campo privado e não tinha “tempo” ou até mesmo liberdade para

⁵⁶Pércles Vasconcelos de Souza, memorialista que escreveu Lembranças e coisas da minha terra, livreto de memórias usado como fonte nesta pesquisa, é irmão de Ruth e Clovis, fontes orais destas pesquisas. Estes são filhos do professor Dásio José de Souza, uns dos primeiros educadores de Candeias.

⁵⁷Ruth Vasconcelos de Souza, 09/02/2007.

adentrar em assuntos que não estivessem circunscritos aos espaços permitidos as mulheres em Candeias. Além do mais, Ruth “não tinha marido, não tinha ninguém” e, os cuidados para não transitar em lugares proibidos e ter comportamentos tidos como impróprios para as mulheres eram redobrados devido a sua condição de solteirice. Esta não transitava nos espaços que não eram conferidos ao seu sexo. De acordo com Silva (2009, p.80), os discursos moralistas que são perpassados pelas instituições são traduzidos de diferentes formas pelas mulheres a partir do seu lugar de classe e raça/etnia. Para as mulheres das camadas populares, se autovigiar em algumas ações, como passar longe das casas de prostituição ou sair desacompanhadas era necessário. Estas situações eram reprováveis e consideradas uma intransigência cultural, pois atos simples desta natureza poderiam comprometer suas reputações. Por meio de outras fontes orais, também foram identificadas outras legitimações dos discursos patriarcais através das representações sobre casamento, o namoro e as normas de conduta estabelecidas na sociedade candeense, como veremos nas falas das entrevistadas nas próximas discussões.

Nos livretos bibliográficos⁵⁸ também se percebeu a atuação das mulheres nos espaços tidos como “femininos”, no pensamento patriarcal – a educação e cuidados com o lar. Por meio de uma história individual, de uma mulher referenciada na sociedade candeense, a professora Dalila Baptista dos Santos, que tinha um lugar social privilegiado frente às outras mulheres⁵⁹, buscou-se extrair alguns traços das feminilidades que permeavam aquela sociedade.

A análise de sua história de vida indicou que Dalila abdicou do seu posto na Escola Nossa Senhora dos Perdões, em Salvador, para lecionar no arraial de Candeias, logo após a morte de seu pai. Em seu relato biográfico, esta afirmou que: “*Com seus irmãos e pais mortos não havia mais motivos para a mesma continuar na capital*” (SANTOS, 1989, p. 19). A professora chegou ao arraial de Candeias em 11 de agosto de 1936, acompanhada de sua prima e tutora Elvira Teixeira dos Santos e, de Maria Conceição Pinto, esposa do coronel “da política de cima” Horácio Pinto e, também, dono da Usina Maracangalha.

“Vivi”, como era carinhosamente chamada sua tutora, havia ajudado a criar Dalila e, após a morte de toda a sua família, ficou responsável por ela, pois, para a sociedade da época,

⁵⁸Para compor estas narrativas nos apropriamos de diversos livretos bibliográficos como fontes históricas. Para compreender as feminilidades candeense através da figura da professora Dalila utilizamos o livreto A vida conta uma história- Biografia da professora Dalila Baptista dos Santos (SANTOS, 1989).

⁵⁹A professora Dalila foi uma mulher diferenciada na sociedade candeense por sua família ter destaque social, possuir escolaridade, além de transitar em espaços em que circulavam políticos e proprietários de terras. Segundo a historiadora Adriana Dantas Reis, em seu livro Cora: lições do comportamento feminino na Bahia no século XIX, as mulheres de elite eram aquelas referidas como “damas”, “senhoras de bom tom”, de boa sociedade, polidas, de boas maneiras, civilizadas, “sexo frágil”, “belo sexo”, o que enfatiza novos critérios de distinção social, que Dalila possuía.

não era correto que uma jovem órfã e solteira vivesse sozinha, desacompanhada de um responsável, pois poderia resultar em má reputação e perda de sua honra frente aos homens que a cortejasse. Assim, as duas alugaram uma casa na Rua do Birreiro, atual 15 de novembro, no centro de Candeias e, nas horas em que Dalila não estava lecionando, costumavam fazer piqueniques na Fazenda Malembá.

Em 21 de junho de 1939, Dalila casou-se com Álvaro dos Santos Martins, filho do coronel da “política de baixo”, Antônio Martins dos Santos, grande comerciante da localidade, adversário político do homem que a acolheu na localidade, o Sr. Horácio Pinto. Sabendo das aspirações profissionais e sociais de Dalila, antes do casamento, o seu futuro sogro fez questão de lembrar a sua pretensa nora, o seu lugar social e de gênero, conforme nos mostra o professor Santos (1989, p. 28):

Certa vez o coronel Antônio Martins mandou que Álvaro chamasse Dalila à sua casa. Aproximava-se o dia em que a moça se tornaria sua nora e precisava conversar sério com ela. Quando Dalila chegou à casa do futuro sogro este dissera-lhe que com o casamento a sua vida iria mudar muito, que ela teria muito trabalho pela frente junto ao esposo para construir algum patrimônio e que Álvaro talvez não pudesse proporcionar-lhe o conforto que estava acostumada a ter. Disse-lhe ainda que a mulher casada tinha por obrigação ser submissa ao esposo. Depois de ouvi-lo atentamente Dalila reafirmou o seu propósito de casar-se com Álvaro, e mais, disse-lhe que jamais pretendia parar de trabalhar para não viver tudo dependente do marido (SANTOS, 1989, p. 28).

Nota-se na fala do coronel Antônio Martins traços da mentalidade patriarcal sobre a posição que as mulheres ocupavam naquela sociedade, a de subserviência aos maridos. Mesmo sabendo que Dalila viera de família abastada, que possuía escolaridade, profissão e se sustentava, o seu lugar enquanto mulher estava demarcado. Entretanto, observa-se que a professora escutou respeitosamente a fala do seu futuro sogro, mas, arguiu que continuaria trabalhando mesmo após o matrimônio, o que certamente fez.

Figura 20 – Imagem da professora Dalila Baptista dos Santos.



Fonte: Jornal Folha do Recôncavo, Edição Especial de 14 de agosto de 1989.

Outras mulheres escolarizadas também aparecem como professoras nas fontes pesquisadas e, todas as listadas batizam as escolas municipais em Candeias na contemporaneidade, por terem sido pioneiras. Trazemos os nomes das professoras Alzira Ferreira Ribeiro, Beatriz Áurea da Silva, Edith Dias dos Santos e Juliélita Magalhaes, que fizeram parte, junto com a professora Dalila, das Escolas Reunidas de Candeias, a partir do início da década de 1940. Contudo, mesmo trabalhando, estas mulheres encontravam-se em espaço de permissão dos homens, na profissão de educar e ensinar, funções naturalizadas como eminentemente femininas.

Além de educadoras, as mulheres desempenhavam outras funções e atividades em Candeias. As não escolarizadas e de classes mais populares desempenhavam funções como: cozinheiras, lavadeiras, aguadeiras, quituteiras e feirantes. Era habitual mulheres administrarem quitandas, que geralmente constituíam-se de comércio na própria residência, usualmente em algum espaço da casa com saída para a rua como a sala, corredor ou quarto da frente. Nas quitandas vendiam temperos, hortaliças, frutas, verduras e doces. Alberto Heráclito também discute as apropriações comerciais em seu livro - *Quem pariu e bateu, que balance! Mundos femininos, maternidade e pobreza em Salvador, 1890-1940* – ao destacar a pluralidade das atividades profissionais e femininas em Salvador e cita o comércio de rua como umas das principais fontes de sustento das mulheres populares. Muitas mulheres eram

locatárias e proprietárias de boxes nos mercados e feiras, em que grande parte compunha-se de mães solteiras, separadas, divorciadas ou viúvas (FERREIRA FILHO, 2003, p. 46-47). Conforme apontado, as mulheres populares candeenses também atuavam e trabalhavam na feira da localidade, através do mercadejo de diversos produtos.

Na intenção de compreender esta transitoriedade das mulheres nos espaços públicos, buscaram-se as representações de gênero a partir das falas de populares de Candeias. Inicialmente apresentamos o olhar de uma feirante que vendia “fato”⁶⁰, a partir da década de 1970, no mercado de Candeias. Em seu relato, Dora contou que se inseriu no comércio por enviuvar jovem, tendo que criar sozinha todos os filhos. Além de vender, ela também fazia todo o trabalho pesado de preparação dos intestinos dos bois, pois ajudava a “matar e retalhar o boi”, atividade praticada por mulheres, mas, circunscrita mais ao universo masculino, pela brutalidade da ação. Ela possuía uma pequena barraca de madeira improvisada na feira de Candeias, em que comercializava expondo as peças do animal ao ar livre, disputando espaços, negócios e clientes com os demais feirantes para sustentar a prole:

Oi não era mia fia é... Trabalhava por que tinha que trabalhar mesmo, se não trabalhasse, tanto filhos... tinha oito filho pra criar tudo. Depois meu marido morreu eu fiquei... eles ficaram, só ficou um rapaz e uma moça, o resto era tudo pequeno. A gente foi trabalhar, trabalhar pra... trabalhar pra criar eles, depois casou tudo. Sofri como o quê minha fia! Sofri! É por isso que” tô” assim dessa forma hoje sem poder trabalhar sem nada, por que eu sofri trabalhando. Saiu 6hs do dia e chegava 17hs da tarde (DORA, 16/01/2013).

Durante o depoimento desta mulher, natural de São Felipe, que saiu de Itaberaba junto com o marido para tentar a sorte em Candeias, no início da década de 1970, a palavra trabalho aparece por diversas vezes em sua fala. Esta se representou com trabalhadora, guerreira, indicando que, mesmo estando no espaço público e sem a presença de um homem, era digna de respeito por cumprir suas funções de mãe e dona-de-casa. Também fez questão de frisar em suas falas que após a morte do marido não se relacionou com nenhum outro homem, respeitando a memória do pai dos filhos, pois casamento, para uma mulher de respeito, deveria ser, “somente um”, de acordo com Dora.

Laura também constituiu a diversidade das fontes analisadas. Moradora das proximidades da localidade da Praça do 24, território famoso por comportar as mulheres desviantes, as prostitutas, circunscreveu-se entre as mulheres de classes populares, dos ambientes marginalizados no período estudado.

⁶⁰Vísceras dos bois que são vendidos em feira livre

Lavadeira de Mataripe durante a década de 1960, a mesma descreveu seu pensamento sobre o “ideal” feminino: “Uma mulher de família era se considerar. Ter seu marido, você não acha que não é, não?! Eu acho que é considerar o marido e tudo bem, né?”⁶¹. Durante o seu depoimento, indicou que morava na localidade da “perdição”, mas, não se prostituía, sinalizando que correspondia aos atributos e comportamentos exigidos a uma “mulher de bem”. Para esta, ter um marido significava ser uma mulher de respeito, devendo ser seu papel considerá-lo, segui-lo.

Na fala de ambas as mulheres, Laura e Dora, apresentou-se a estrutura de dominação patriarcal desta sociedade, principalmente através da indicação de “respeitabilidade” através da presença de um marido, que deveria ser o chefe da família, o provedor do lar. Quanto à função feminina seria de respeitar o seu marido, conforme apontou Dora, ao argumentar que se manteve solteira, após enviuvar. As que não eram casadas, que não tinham marido em idade adulta, poderiam ser consideradas “perdidas”. E não ser associada a mulheres perdidas foi o que estas buscaram instituir em suas falas. Das mulheres, a estrutura patriarcal assumia total controle sobre a sua sexualidade. A defesa da honra feminina era a justificava apropriada para impedir o exercício da sexualidade feminina antes de se casarem e, depois, deviam restringi-la ao âmbito do casamento (SOIHET, 1997, p. 363). No caso das separadas e viúvas um novo contrato sexual deveria acontecer sobre o controle da sociedade, o que não era bem visto quando quem contraía novo matrimônio era a mulher.

Procurando também decifrar com se regiam os comportamentos determinados a partir do gênero na sociedade candeense, perguntou-se a feirante Dora se as mulheres deste período se comportavam de forma “adequada” nos valores e padrões estabelecidos: “Comporta! Devia... Tinha muitas que não... se... importavam, mas, tinha muitas que se “suportavam”, né? Eu mesmo... oxente...! Trabalhei como o quê! Me suportei bem graças a Deus”⁶².

As palavras “suportavam” e “me suportei” significa que Dora manteve a sua honra ao controlar sua sexualidade. Já a palavra não se “importavam” indica que algumas mulheres fugiam do “padrão” e que não seguiam o comportamento esperado de recato, fragilidade, passividade, delicadeza e submissão. Esta senhora também demarca que “Trabalhou como o quê!”, levantando argumentos que para as mulheres que, por alguma fatalidade como morte, ou infortúnio como abandono, inexistia a presença do marido, o trabalho aparece como um refúgio e justificativa para legitimar suas práticas fora do lar.

⁶¹Laura, 23/01/2013.

⁶²Dora, 16/01/2013.

Então, as suas práticas estavam autorizadas pela sociedade e não poderiam ser vistas como se estivessem fora do padrão normatizador da vida, corpos e da sexualidade das mulheres da sociedade candeense. Estes padrões de comportamentos e valores extrapolam a década de 1970 e duas décadas após o cenário descrito por Dora e Laura, os resquícios destas normas e valores, bem como a exigência de que as mulheres a eles tinham aderência, permanecem.

Por exemplo, na década de 1990, a sexualidade feminina foi objeto de discussão e de controle em Candeias. No jornal Folha do Recôncavo, do ano de 1992, temporalidade que ultrapassa a esta pesquisa – mas que é importante para demonstrar à permanência de determinados valores -, encontramos no caderno Norma Social uma reportagem com o seguinte título: As Solteiras Mãe-Menina. O texto segue na íntegra:

Os costumes mudaram. Hoje, a nossa juventude é fruto de uma sub-literatura projetada pela televisão, que advoga uma mudança de comportamento integral, sem um planejamento prévio, proporcionando não apenas a alienação do jovem, mas, fazendo com que, praticamente, desapareça o respeito que deve existir entre duas gerações. E o nosso jovem – seja homem ou mulher – pedagogicamente mal preparado nos bancos escolares, passou a confundir as coisas, entre as quais, erotismo e pornografia é o resultado desde desconhecimento é o aumento cada vez maior da “mãe-criança”, garotas na faixa etária entre 13 e 16 anos, totalmente sem formação doméstica, social e cultural, engravidando a “três por dois” por falta de uma educação básica sobre sexo, principalmente sobre o ato de assexuar (FOLHA DO RECONCAVO, AGOSTO DE 1992).

Nesta reportagem, de forte apelo moral, percebe-se que, mesmo no início de década de 1990, momento em que este texto foi escrito, a sexualidade feminina como objeto de fiscalização e controle. A televisão aparece como uma incentivadora da sexualidade juvenil, que renega as regras morais das gerações anteriores e afrouxa a disciplinarização dos corpos e da sexualidade. Diante disso, adverte-se que os costumes haviam mudado e que os valores corrompidos estavam resultando em mães-meninas. Neste sentido, as meninas deveriam ser vigiadas, principalmente as adolescentes. Nenhum direcionamento sobre repressão sexual ao masculino é evidenciado, o que revela a predominância no corpo social da estrutura patriarcal⁶³.

⁶³Na vida política em Candeias encontramos a presença feminina somente no ano de 1988, quando Antônia Magalhães da Cruz se tornou a primeira mulher a ocupar umas das cadeiras da Câmara de Vereadores. Os postos políticos e de poder, com a emancipação de Candeias em 1958, esteve por décadas sobre o domínio masculino, elegendo Maria Angélica Juvenal Maia no ano de 1992, a primeira mulher a torna-se prefeita da cidade. Consideramos que pelos valores patriarcais vigentes nesta sociedade os espaços públicos como Igrejas e Feiras eram os possibilitados as mulheres, pois eram associados ao universo dito feminino (SANTOS, 2008).

2.3 A INSERÇÃO DA INDÚSTRIA PETROLÍFERA E A CONSTRUÇÃO DO SER “HOMEM PETROLEIRO”

O livro intitulado *O Trabalho dos Petroleiros – Perigoso, Complexo, Contínuo e Coletivo* apresentou a indústria de petróleo no Brasil como um complexo que compreende várias etapas: a exploração, a perfuração, a produção e refino, o transporte e a armazenagem e a distribuição. Dedicar-se a algumas destas atividades requer atenção e dedicação (FERREIRA; IGUTI, 1996, p.11). Exigem-se várias habilidades daqueles que se aventuram nesta empreitada e não é “qualquer” trabalhador que satisfaz as exigências da “complexidade” do serviço.

Nos primeiros anos da indústria petrolífera eram várias as adversidades naturais e dificuldades para encontrar pessoas qualificadas para lidarem com a “complexidade” desta atividade. Aqueles homens que vieram para trabalhar no desconhecido, em uma região inóspita, sem energia elétrica ou água encanada, com acomodações improvisadas e cercada de animais peçonhentos resultantes da margem virgem e fechadas, foram testados para confirmarem se eram mesmo capazes de conduzir esse trabalho.

Figura 21 – Imagem de trabalhadores pegando água para beber no capacete em uma fonte. A imagem revela que nos primeiros anos da atividade petrolífera os trabalhadores não usavam os equipamentos de segurança, fardamentos e não havia infraestrutura na localidade.



Fonte: Acervo de Alex Souza Ivo (2008).

Para encararem a “dureza” do serviço precisavam ter “força” e “coragem” e, de acordo com o tratorista aposentado da Petrobrás Manuel Ferreira, nos primeiros anos desta atividade, muitos homens recusaram o trabalho por ser considerado “bruto” demais:

Olha eu encontrei uma situação diferente, foi a educação do serviço, porque a gente quando tava lá...porque o petróleo foi um serviço bruto, as vezes só..eu não sei nem porque eu fiquei lá tanto tempo.Noite e dia, noite e dia, a pessoa tinha que trabalhar ali, anoitecia e amanhecia e ali trabalhando sem ter outra alternativa e ficar ali..e também muitos operários eles dispensaram, aqueles “mulherãos” que não agüentavam eles mandavam para o escritório e lá dispensava e eu fiquei lá, ainda fiquei um ano em Madre de Deus (MANOEL FERREIRA, 01/08/2007)

Na fala de Manoel, a “educação do serviço”, o trabalho pesado “braçal”, função exercida principalmente pelos homens da localidade, devido à falta de escolaridade e “conhecimento” do serviço, era a maior dificuldade encontrada por todos. Em sua descrição, faz questão de enfatizar como um ato heroico daqueles que conseguiram seguir no trabalho e classificou como “mulherão” os que desistiam ou não “aguentavam” o serviço. Esta fala simbólica “mulherão” foi à forma de ofender e indicar fraqueza dos “desistentes”, pois na visão do entrevistado os que abdicavam a função devido à rudeza do serviço não eram “verdadeiros homens”. Cosoante Passos (1999, p.111), a identidade masculina é definida pela negação do não ser mulher com seus atributos definidos como: dócil, frágil, submisso, fraco. Desta forma, a fala de Manoel aponta para a “dureza” do trabalho, que somente poderia ser enfrentada pelos verdadeiros “machos”, por “heróis”:

O pessoal daqui dava prioridade a trabalhar na leste, ninguém queria trabalhar em petróleo não. Dizia, você quer trabalhar no petróleo, o outro dizia – Deus me livre! Eles não queria por aquele era um trabalho...por para trabalhar no petróleo tinha que ter coragem, porque tinha dia que você tomava um banho de óleo, o óleo derramava encima da pessoa, não se guentava não. E dizia: - que nada eu vou trabalhar num serviço desse! (MANOEL FERREIRA, 01/08/2007).

Opiniões indicando a inabilidade dos homens da terra para a complexidade dos serviços realizados também foram apresentadas neste período. Muitos recusavam a oferta de emprego oferecida pelo CNP, cujo presidente, Horta Barbosa, indicava àqueles que aceitavam o trabalho pesado que aprendessem ao máximo com os técnicos estrangeiros. Os trabalhadores baianos eram vistos com descrédito e como incapazes de concluir um feito daquela magnitude pelo governo e estudiosos do período. IVO (2008, p. 50) informou que os trabalhadores locais foram apontados como ignorantes, atrasados e inábeis para o serviço,

devido a toda uma construção sociológica que vigorava que o trabalhador nacional era historicamente visto como fraco, doente e incapaz de identificar o trabalho como meio de acesso à cidadania e à dignidade.

Wilson Mattos (2000) apresentou algumas informações que confirmam esta análise, ao trazer duas falas que se pronunciaram no período a respeito da força trabalhadora. A primeira é a do educador baiano Isaias Alves, ao afirmar, em 1949, que os operários não conheciam as suas “verdadeiras aptidões”, não dispunham de “especialização” e que, entram no ramo e logo se desgostam de sua função e tornam-se de pouca eficiência. A segunda, Inácio Tosta Filho, a que apresentou a sociedade baiana como estática, sem características de iniciativa, organização, eficiência de orientação. Para Tosta Filho, de acordo com a descrição apresentada por Mattos, a sociedade baiana levaria muito tempo para modificar-se e elevar-se a condição de “[...] intensa atividade de coordenação social, de transformação psicológica e, de doutrinação cultural”.

Vistos como desacreditados, estes trabalhadores romperam com os discursos discriminatórios do período e realizaram uma façanha na história da industrialização do Brasil, ao colaborarem com a construção da Refinaria de Mataripe. De acordo com Mattos:

A implantação da mais moderna refinaria de petróleo do Brasil, com toda a complexidade técnica e operacional que a envolveu, contou com a inestimável participação de trabalhadores baianos. Muitos entre eles eram nascidos na própria região do Recôncavo e dedicados as atividades agrícolas, mas a possibilidade de um emprego melhor e a consciência de um tipo de empreendimento que estava sendo desenvolvido tornaram esses trabalhadores predispostos a um aprendizado rápido e eficiente (MATTOS, 2000, p.76).

Seguindo fala semelhante à de Mattos (2000) encontrou-se a edição de jornal comemorativo homenageando os “homens precursores do projeto industrial”. O jornal *A Tarde*, de 18 de agosto de 1951, traz a reportagem *Os Homens de Candeias*, enfatizando a importância de falar e homenagear os “homens do petróleo” que laboraram nos campos de produção da Bahia, especialmente em Candeias. As imagens e as falas de toda a reportagem do jornal fornecem detalhes da vida pessoal e do cotidiano destes trabalhadores na empresa de petróleo e, é perceptível, a necessidade de indicar os desejados traços de coragem, valentia, astúcia, inteligência, força e ousadia que estes homens percussores/pioneiros tiveram ao se aventurarem na gênese da industrialização do Brasil. E ressalta sobre a insuficiência de textos que retratam o cotidiano e a vida destes trabalhadores: “Sobre o petroleiro brasileiro, naturalmente o da Bahia, bem ou mal se tem falado. Mas, e sobre os seus homens – operários

de diversas especialidades, técnicos e engenheiros – o que é que já se disse? Parece-nos que nada” (JORNAL A TARDE, 18/08/1951).

Figura 22 – Imagem de engenheiro e operário conversando no ambiente de trabalho.



Fonte: A Tarde, 08/08/1951.

Buscando representar cordialidade entre os empregados, aparecem na imagem da figura 21, dois funcionários de graus distintos de função e escolaridade em diálogo, o engenheiro e o chefe de produção Lagrange Teles de Sousa e o operário João Batista Ballieri, que é sinalizado como “tool pusher”⁶⁴. Ao engenheiro é exaltado por estar há mais de 10 anos com sua família nos campos de produção de Candeias e pertencer à geração da “velha guarda”. Sobre o operário que é natural de São Paulo e, aportou na empresa petrolífera na função de aprendiz, é descrito que já se encontrava no posto de técnico, mais alto para sua função, “[...] recebendo mais de 4.200 cruzeiros, e com caza para si e sua família”. Percebe-se a necessidade de reforçar as relações mantidas entre a empresa estatal e seus funcionários, e de enaltecer a figura do petroleiro e seus ganhos salariais.

⁶⁴ Pessoa responsável pela perfuração e que faz o “trabalho pesado acontecer”.

Nessa reportagem também são descritas, com grande entusiasmo, as histórias pessoais e vivências trabalhistas de outros trabalhadores: quatro engenheiros do petróleo de nacionalidades, localidades e funções diferentes, mas, que são caracterizados como “homens de Candeias”, por naquela região encontraram-se os campos de produção em que trabalhavam. Iremos descrever as palavras do jornal na íntegra a fim de analisar as representações da reportagem sobre os engenheiros:

Como se verifica. Candeias muito exige de sua gente, mas em troca, lhe dedica os cuidados que são possíveis. E não era para menos, o eng. Pedro Moura, representante do CNP em nosso Estado, tendo sido o localizador do campo, olha-o como a um filho querido” (A TARDE, 08/08/1951).

O BAHIANO NEYLOR – Fumando o seu cigarro, numa pausa rápida. Neylor Mendes Gomes pausa para o nosso objetivo. Tem 28 anos, é bahiano autêntico, e nasceu na capital. Formou-se em engenharia na turma de 1950, pela nossa Politécnica. Ele está aprendendo depressa. São suas estas palavras: - O futuro do Brasil está no petróleo. E o meu, também.



SIMON, O GAUCHO – Este rapaz somente ainda não encontrou uma coisa: chimarrão. Seu nome é Simon Stein, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Idade, 25 anos. Formado em Química Industrial, no ano passado pela escola de engenharia em seu estado natal. Está lutando, com outros companheiros, nos campos de petróleo da Bahia.

DOM PEPITO, O PERUANO – Em Candeias, dos 342 técnicos e operários, somente um é estrangeiro. Trata-se de Luiz Alberto Garcia Chavez, engenheiro peruano, de 25 anos. Uma figura simpática de filósofo. Os seus companheiros o tratam abreviadamente, por Dom Pepito. Chavez formou-se em 1949 pela Escola Nacional de Engenheiros, em Lima, em eng. De Petróleo. Com uma bolsa de estudos veio para o Brasil, o ano passado, ficou em Candeias e gostou. Hoje ele é funcionário do CNP, e está terminando o seu estágio. Dom Pepito é muito estimado por todos e faz questão de somente se expressar em português e passar por bahiano.



DOM PEPITO, O PERUANO – Em Candeias, dos 342 técnicos e operários, somente um é estrangeiro. Trata-se de Luiz Alberto Garcia Chavez, engenheiro peruano, de 25 anos. Uma figura simpática de filósofo. Os seus companheiros o tratam abreviadamente, por Dom Pepito. Chavez formou-se em 1949 pela Escola Nacional de Engenheiros, em Lima, em eng. de petróleo. Com uma bolsa de estudos veio para o Brasil, o ano passado, ficou em Candeias e gostou. Hoje ele é funcionário do CNP e está terminando o seu estágio. Dom Pepito é muito estimado por todos e faz questão de somente se expressar em português e passar por bahiano.



O PARAENSE BORBOREMA – Manoel Augusto Martins Borborema é paraense, de 26 anos. Formou-se em Belém, engenheiro, em 1948. A família, de vez em quando, envia-lhe assai, tucupi e outras coisas terminadas em i. Borborema é outro que também está fazendo o estágio. Da atual turma, será o segundo para a viagem a América do Norte. Antes, porém – isso ele ainda não sabe – será promovido.

O PARAENSE BORBOREMA – Manoel Augusto Martins Borborema é paraense, de 26 anos. Formou-se em Belém, engenheiro, em 1948. A família, de vez em quando, envia-lhe assai, tucupi e outras coisas terminadas em i. Borborema é outro que também está fazendo o estágio. Da atual turma, será o segundo para a viagem a América do Norte. Antes, porém – isso ele ainda não sabe – será promovido.



SOTHER, DAS ALAGOAS – O rapaz tem cara de alemão, sem nome de alemão. Mas não é alemão, o que é então? Alagoano, no duro. Trata-se de Zadyr Sother, de Maceió, 90 quilos, 25 anos caminhando para 26. Formou-se em engenheiro no Rio, em 48 e já está em Candeias há dois anos. O seu estagio já está acabando e, agora, começou a treinar com maior intensidade, pois será um dos próximos técnicos do CNP.

A reportagem supervaloriza os engenheiros estranhos a Candeias e traz em tom alegre, as origens, perspectivas e o trabalho realizado por estes empregados. No texto, também se encontra falas referentes aos outros trabalhadores, mas, sem detalhes. O desejo foi somente de apontar que os homens do petróleo (que não eram engenheiros) foram, neste período, uma “espécie” de heróis, inclusive os torristas, os sondadores, os auxiliares de serviço. Todos eles tinham que também ser duros, rijos e hábeis, para aguentar o ritmo que a função exige:

São estes homens, cujos nomes não aparecem nos jornais, os verdadeiros heróis da luta pela localização e extração do “ouro negro” das profundezas da terra bahiana. Com esta reportagem, procurando apresentar a vida, em linhas gerais, de um punhado de brasileiros que manipula a nossa grande riqueza, estamos querendo, em derradeira análise, homenagear esses bravos, pois que eles bem o merecem (JORNAL A TARDE, 08/08/1951).

Sabe-se que esta reportagem não revelou, de fato, sobre *Os homens de Candeias*, já que os moradores locais que pertenciam ao quadro de empregados da refinaria, em sua grande maioria, não eram escolarizados, muito menos engenheiros. Onde estavam os trabalhadores braçais e os tantos outros que compunham as outras funções? Percebe-se que o discurso nacionalista do jornal foi direcionado aos trabalhadores de uma função específica, que gozavam de notoriedade diferenciada, pertenciam a outros estratos sociais, demarcados pela classe/raça⁶⁵, enquanto os outros empregados não gozaram da mesma importância.

Mesmo com esta assimetria envolvendo classe e raça, ao se reportar com especificidade aos engenheiros, o discurso produzido pelo jornal A Tarde, assim como as

⁶⁵Este trabalho não aprofunda discussões sobre as hierarquias sociais envolvendo classe/raça dos petroleiros, permitindo que estas discussões sejam desenvolvidas em estudos vindouros.

fontes orais e iconográficas⁶⁶, permite evidenciar representações que moldaram e foram característicos ao especulado e anunciado do “ser homem petroleiro” ao indicar coragem, força, valentia, astúcia e como “verdadeiros desbravadores”, valorizando as suas capacidades e especialidade por fazer parte do quadro de trabalhadores desta indústria.

Para Oliveira Júnior (1996, p.42) era importante demonstrar que estes trabalhadores estavam construindo a empresa onde trabalhavam e este empreendimento contava com ampla repercussão social, pela presença de presidentes, governadores e outras autoridades e cobertura jornalística. Arelada aos interesses políticos e holofotes jornalísticos ocorria uma campanha de opinião pública que simbolizava a importância econômica e social desta atividade. Os discursos produzidos neste momento, mais tarde foram utilizados pelos próprios trabalhadores enquanto estratégia de ascensão social e lutas sindicalistas.

Através das análises das fontes iconográficas, também podemos compreender como o trabalho e as diversas representações sobre este trabalhador construíram e moldaram a identidade masculina petroleira, em que a “heroicização” deste trabalhador passou a ser constituída ao representarem o trabalho “pesado” e “complexo” desenvolvido por estes funcionários.

Figura 23 - Imagem mostrando os trabalhadores braçais do petróleo ainda nos primeiros anos de indústria. As atividades realizadas por estes trabalhadores eram consideradas mais pesadas, que exigiam coragem e força física.



Fonte: Livro Uma Luz na Noite do Brasil (2000).

⁶⁶Em depoimentos orais e fontes iconográficas, no decorrer deste capítulo, podemos encontrar as representações do ser homem petroleiro.

Quem eram estes trabalhadores do petróleo que ascendiam economicamente, cujas representações eram definidas e moldadas? Qual a origem, escolaridade, raça e classe destes homens vistos como pioneiros? No sentido de problematizar estas questões definiremos brevemente o perfil deste trabalhador.

2.4 TRABALHADORES DO PETRÓLEO – TRAÇANDO PERFIS

Em sua dissertação de mestrado intitulada *Uma História em Verde, Amarelo e Negro: Classe Operária, Trabalho e Sindicalismo na Indústria de Petróleo*, Alex de Souza Ivo apresentou as trajetórias dos petroleiros baianos nos primeiros anos da indústria petrolífera, iniciando a sua pesquisa em 1949, ano da construção da Refinaria de Mataripe, finalizando em 1964, “momento emblemático”, segundo este pesquisador, devido ao reconhecimento dos sindicatos na sociedade local e nacional. Ao estudar as relações de trabalho e as tensões sociais nela existentes, Ivo também analisou as intervenções sindicais, traçando o perfil dos trabalhadores que estavam inseridos nesta rede de hierarquias e movimentações sindicais.

Devido às dificuldades de ter acesso às documentações oficiais, principalmente quando se trata de uma empresa de economia mista como a Petrobrás, para descrever um possível perfil do petroleiro, Ivo utilizou-se da documentação dos filiados ao Sindicato⁶⁷. Contudo, por se tratar de uma amostragem, os dados apresentados não abrangem todos os trabalhadores, limitando-se apenas aos empregados associados aos sindicatos. Para compreender quem eram estes trabalhadores, aproveitaremos as respectivas informações levantados por este pesquisador, para indicar alguns dados comparativos sobre: o número de trabalhadores, os locais de trabalho, a distribuição das atividades por sexo, origem, escolaridade e raça/etnia. Entretanto, estes dados não podem ser lidos como precisos devido à variação de trabalhadores e por esta análise ter sido realizada através dos documentos dos Sindicatos Refino/Extração, como já mencionamos. Destaca-se que muitos empregados não estavam sindicalizados neste órgão, mas, em sindicatos específicos de sua profissão, todavia, a mencionada dissertação apresenta uma dimensão e variação do perfil destes trabalhadores.

Assim, de acordo com Ivo, trabalhavam mais de treze mil e trezentos homens na Petrobrás da Bahia, sendo que mais de três mil e duzentos estavam somente na refinaria de Mataripe e mais de nove mil na Região de Produção da Bahia. Estes trabalhadores se constituíam basicamente por homens e menos de 2% eram mulheres. Num total de 2.626

⁶⁷Sindipetro Refino e Sindipetro Extração.

trabalhadores do Refino apenas 55 eram mulheres e de 6.424 dos campos de extração, apenas 119 eram do sexo feminino (IVO, 2008, p. 57).

As fichas de sindicalizados utilizadas para a obtenção dos dados são de 1964, então se comparadas aos primeiros anos da indústria petrolífera, principalmente na década de 1950, pode-se concluir que a presença feminina era bem menor. Trabalhar com o petróleo nos primeiros anos, como já mencionado, era lidar com o desconhecido, com matas fechadas, animais peçonhentos, instalações insalubres e a “robustez” e “coragem” não eram atributos naturalizados como femininos. Nas primeiras duas décadas da instalação desta indústria na Bahia a tecnologia estava dando os primeiros passos, e boa parte do trabalho que na atualidade é realizado por máquinas, por estes tempos, eram feitos braçalmente. Assim, na perspectiva da estrutura patriarcal da sociedade e da indústria petrolífera, adentrar em matas fechadas, permanecer dias, semanas e/ou meses distante do convívio familiar não era “trabalho para mulher”.

As mulheres que aparecem nos dados indicados estavam exercendo as funções de Auxiliar Administrativo, Auxiliar de Escritório, Auxiliar de Enfermagem, Cozinheira, Datilógrafa, Lavadeira e Servente. Nas áreas de produção e manutenção não foi encontrada nenhuma filiação feminina. Ou seja, as informações apontam que a mínima presença de mulheres estava circunscrita a atividades vistas como “femininas” ou relacionados ao “mundo feminino”. Passos (1999, p. 94) argumenta que a separação “trabalho para homens” e “trabalho para mulheres” ocorre devido ao discurso enraizado nas principais instituições sociais de que as mulheres são biologicamente mais frágeis, menos inteligentes, e por isso, são destinadas a ocupações de menor valor econômico e social. Conseqüentemente, temos um grande número de secretarias, datilógrafas, digitadoras, funções desempenhadas quase sempre de forma invisível, enquanto os homens ficam com os cargos de chefia e profissões nas áreas da ciência e tecnologia.

As fontes pesquisadas, principalmente as orais e impressas, revelaram que os próprios trabalhadores garantiam através de seus comportamentos e discursos que somente “verdadeiros homens” estivessem presentes nesta atividade. Trabalhadores de “sexualidade duvidosa”, neste caso os homossexuais, ou comportamentos vistos como femininos, não eram vistos como “macho completo”. Evidências que levam a justificar porque consideramos a Petrobras como indústria patriarcal. Homens com orientação homossexual, indicados como “falsa bandeira”, não eram aceitos nesta empresa. Justificava-se a discriminação com o discurso da manutenção da “ordem” e “organização” do ambiente de trabalho: “Todos os trabalhadores eram homens, “falsa bandeira” não trabalhava naquela época não. Hoje tudo

que é raça ruim trabalha lá”⁶⁸. De acordo com Vale de Almeida (1995, p.69 e p.91), para ser considerado “normal” deveria ser heterossexual e umas das características centrais da masculinidade hegemônica, para além da “inferioridade” das mulheres, é a homofobia.

Para o petroleiro aposentado que narrou este comportamento a escolha do trabalhador “macho” era mais rigorosa em “seu período” e, atualmente, esta “seleção” não ocorre, possibilitando que “raças ruins” trabalhem na empresa nacionalista. Nesta lógica, a “raça ruim”, para Everaldo Saba, seriam os homossexuais, que para ele eram/são inferiores, de *status* e moral duvidosa, que não mereciam compor esta força de trabalho. No período em que o mesmo era funcionário era proibido, por não fazerem parte da normatividade heterossexual, definidora da masculinidade hegemônica regional⁶⁹, a qual estes homens, através dos seus discursos e práticas procuravam alcançar.

Figura 24 – Trabalhadores nos jipes da Petrobrás.



Fonte: Acervo de Alex Souza Ivo (2008).

Além de trazer informações sobre o número de trabalhadores e a composição sexual, Ivo nos apresenta algumas informações sobre as localidades de nascimento destes

⁶⁸Everaldo Saba, 30/07/07.

⁶⁹Segundo Almeida do Vale (1995) as masculinidades hegemônicas são aquelas que possuem uma variedade particular de masculinidade que subordina outras variedades. As masculinidades petroleiras ressaltavam-se em relações a de outros grupos de trabalhadores, conforme apresentamos no decorrer desta capítulo.

empregados. Conforme ressaltamos no primeiro capítulo desta dissertação, através de dados apresentados do IBGE, a região de Candeias sofreu com uma crescente migração de homens oriundos de cidades vizinhas e até mesmo de outros estados e países. Em seu trabalho Ivo indicou que mais de 90% dos trabalhadores, tanto os que trabalhavam com refino, quanto os que atuavam na extração, eram baianos. Entretanto, o mesmo também aponta que mais de 80% destes trabalhadores eram oriundos das cidades vizinhas a indústria petrolífera e de Salvador. Portanto, era uma mão de obra estranha a localidade, principalmente para Candeias, local que significativa parte destes trabalhadores escolheu para viver nas duas primeiras décadas desta atividade.

Consoante ao mostrado, as dificuldades de conseguir mão de obra especializada provocou a contratação de muitos trabalhadores locais sem qualquer escolaridade ou capacitação. Ivo analisou o nível de instrução dos associados do Sindipetro/Refino e indicou que no total de mais de mil e setecentos empregados, mais de 60% dos trabalhadores sindicalizados a este órgão possuía o nível primário, um pouco mais de 20% tinha o nível secundário e pouco mais de 2% o nível superior. Entre analfabetos e alfabetizados, perfaziam mais de 5%.

Costa (1990, p. 31-32) também revelou entre os seus “causos” um acontecimento que poderíamos significar como “desastroso” entre um dos empregados sem escolaridade, o qual intitulou de *Mão de obra grátis*: Nesse, é narrada a história de Vital dos Santos, noivo de Júlia, empregada de Antonio Antonelli, uns dos homens “importantes” da Petrobrás. Com a chegada do seu casamento, a empregada de Antonelli pediu ao patrão que ajudasse seu noivo, fixando na Refinaria, já que o mesmo estava de aviso prévio dos serviços de ampliação. O patrão atendeu ao pedido da moça e fichou o seu futuro marido. Estando tudo acertado foi instruído que o novo funcionário “indicado” aparecesse na seção de pessoal para regularizar a situação, inclusive dando algumas assinaturas:

A partir da “contratação” o recém casado Vital sempre era visto no “relógio no ponto”, onde entrava com os demais colegas de turno e ia trabalhar. Como bom empregado, nunca faltava, nem chegava atrasado. Contudo, após empregado esperava-se que a situação financeira do novo empregado fosse melhorar, o que de fato não aconteceu. Vital que normalmente não se vestia “bem”, era de se esperar que a partir do primeiro pagamento, tomasse um “banho de loja”, e se tornasse mais apresentável. Mas tal não aconteceu. Pelo contrário. Os colegas começaram a perceber que o novo companheiro passou a andar mais maltrapilho do que de costume, inclusive barbudo e cabeludo, destoando os demais trabalhadores. Seu capacete mal cabia na cabeça, de tão cabeludo que estava. Júlia, passados alguns meses desde que seu marido começou com o novo emprego, não aguentando mais a situação difícil que estava passando, se queixou com seu padrinho Antonelli. Este, por mais que

tentasse, não conseguiu entender nada. Afinal, Vital parecia ser um bom rapaz. Resolveu investigar. Além do mais, Julia era uma empregada muito boa e merecia que se fizesse alguma coisa. Vital, todo atrapalhado, explicou que não estava recebendo dinheiro. Que nunca tinha recebido um “tostão”, apesar de seus quase nove meses de trabalho. Antonelli, que já não estava entendendo patavina, ficou perplexo. Apurando melhor a coisa, ficou sabendo que o acanhado rapaz, com vergonha de sua situação de analfabeto, nunca compareceu a seção de pessoal, não estando pois registrado como empregado (COSTA, 1990,p. 31-31).

Este “causo” mostra uma possível dimensão sobre o perfil destes trabalhadores, muitos com pouco contato com um mundo que estivesse fora do “rural” e, sem escolaridade, ou até mesmo, desenvoltura para conversar com seus superiores. Diversos empregados semelhantes a “Vital” trabalharam nesta empresa, quando a mesma selecionava pelo teor da força física e não através do grau de instrução. Santos (2008, p.132) argumentou que a falta de conhecimento de muitos empregados era tamanha que, quando a Petrobrás precisou de instrumentistas, apareceu muita gente portando instrumentos como violão, oferecendo-se para ocupar as vagas.

Além de a maioria possuir baixa escolaridade, Ivo (2008) revelou que a maior parte destes trabalhadores era de cor/raça preta⁷⁰, característica também identificada pelas fotografias dos trabalhadores do período e, pela origem da população local, a maior parte de afrodescendente. Valendo-se das fotografias presentes nas fichas de associados, este pesquisador mapeou, através do olhar sobre o quê considera “pessoas de cor” e indicou tais informações. Através da amostra de dois mil e cento e um associados que possuíam fotos nas fichas de cadastro da Sindipetro/Refino, destacou que seiscentos e quarenta e seis eram brancos, quinhentos e oitenta e quatro eram pardos e novecentos e cinquenta eram pretos. Conclui-se neste estudo que mais de 70% dos trabalhadores do petróleo estavam entre pretos e pardos (mestiços).

Nas fontes icnográficas, principalmente aquelas que retratam o processo de construção da refinaria de Mataripe, os trabalhadores que aparecem nas fotos são quase todos pretos. O que leva também a considerar que, a maior parte dos empregados que possuíam baixa escolaridade, era composto por homens pretos, conforme também ressaltou Ivo. Estes empregados, sem escolaridade e funções específicas eram identificados em suas carteiras de trabalho como “trabalhadores braçais”. Estes “empregados de cor” inseriram-se no que Thales de Azevedo (1960) chamou de “nova classe média urbana”.

⁷⁰De acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) as classificações de cor/raça são: branca, preta, amarela, parda e indígena. Utilizaremos as classificações oficiais para apresentarmos a cor/raça dos sujeitos apresentados nesta pesquisa histórica.

Segundo a pesquisadora Paula Cristina da Silva, no livro – Negros à luz dos fornos; Representação do trabalho e da cor entre metalúrgicos baianos - o processo de industrialização que ocorreu na Bahia entre as décadas de 1950/1970 significou novas condições de mobilidade social para os pretos e alterações das condições de classe, contudo a ascensão social não significou alteração nas desigualdades raciais.

Para os pretos e pardos petroleiros, de acordo com os dados apontados, havia cargos e trabalhos específicos na indústria petrolífera, em que a grande maioria era “fichada” como “trabalhador braçal”. Silva (1997, p.26) defende em seus estudos que os “homens de cor” foram inseridos de formas desiguais no mundo do trabalho fabril baiano. Houve nesta inserção ao trabalho profissões majoritariamente de pretos e brancos, ou “domínios de brancos” e “domínios de pretos”. Assim, de acordo com Silva (1997, p. 23):

No interior destes “domínios” e “especializações”, os negros (pretos) concentraram-se nas ocupações braçais e no nível mais baixo da hierarquia funcional os negros ou não brancos estão sub incluídos em todas as dimensões da sociedade brasileira, ocupando posições pior remuneradas, de menor prestígio e praticamente ausentes de esfera poder institucional.

Figura 25 - Foto de José Magalhães na carteira de trabalho, datada de 14/12/1954, quando este entrou na Refinaria de Mataripe. Petroleiro aposentado é uns das fontes orais que compõe pesquisa. Iniciou-se na empresa petrolífera na função de trabalhador braçal e depois assumiu o cargo de motorista.



Fontes figuras 25 e 26: Acervo de José Magalhães dos Santos.

Figura 26 - Foto da carteira de trabalho do Senhor Magalhães no qual indica NATUREZA DO CARGO: TRABALHADOR BRAÇAL.

CONTRATO DE TRABALHO

Nome do estabelecimento, empresa ou indústria: *Petrolíó*
Brasilino S/A - Petróleo

Cidade: *São Francisco do Sul*

Estado: *Bahia*

Município: *Matangá*

Capacidade do estabelecimento: *Refinaria de Petróleo*

Natureza do cargo: *Trabalhador Braçal*

Data de admissão: *30 de Maio* de 1954

Registro nº: *0446* de Fichas

Salário mensal (inscrito): *1.500,00* (uma mil
 trezentos e cinquenta cruzeiros
 novos)

PETROBRAS

REFINARIA DE MATANGÁ

Data de validade: *04 de Novembro* de 1970

Deixa

SEIPE DIVISÃO DE PESSOAL

Foi este o perfil dos trabalhadores do petróleo que constituíram as primeiras décadas desta atividade e que tiveram a possibilidade de inserir-se em novas hierarquias de classe proporcionados pela empresa/emprego - homens negros, mestiços, baianos, nascidos no Recôncavo Baiano (IVO, 2008, p. 72). E eles ao serem inseridos na paisagem de Candeias, modificaram as formas de pensar/agir/sentir da população, principalmente devido aos vultos econômicos trazidos com a indústria petrolífera através da dinamização do comércio local.

Após erguerem o projeto industrial que foi visto como “impossível” pelas características dos empregados que assumiram a empreitada, por terem recebido salários e possuído vantagens trabalhistas acima da média local e, também pelos salários pagos a estes

trabalhadores, discursos nacionalistas foram proferidos, exaltando a importância do trabalhador do petróleo, principalmente dos considerados “pioneiros”. Tanto a empresa estatal como a sociedade, principalmente a candeense, passou a valorizar e referenciar positivamente o “petroleiro”.

Figura 27 – Petrolinho *



Fonte: Revista de Mataripe (1963) e Alex Souza Ivo (2008)

* Petrolinho foi um dos principais símbolos dos petroleiros baianos, sendo usado em diversas campanhas dos sindicatos. Este personagem, homem de cor, nascido de uma gota petróleo e vestido com o macacão e o capacete da Petrobrás foi criado em 1963 pela artista plástica Sônia Castro.

Buscando respeitabilidade, alguns trabalhadores do petróleo inseridos na paisagem candeense⁷¹ delimitaram um novo lugar social na sociedade, que se definiu através de uma

⁷¹As análises de representações sobre masculinidades petroleiras deste trabalho são direcionadas àquelas ocorridas em Candeias, entre as décadas de 1960/1980. Não intencionamos universalizar tais ações e restringi-las a todos os empregados da Refinaria de Mataripe e suas bases de operação e extração.

série de “comportamentos, práticas, atitudes e discursos” vistos como masculinos e “superiores” em relação aos outros homens, com que passou a caracterizar e evidenciar o seu lugar de gênero e classe. Passou a ser a rotineiro revelar nas feiras, bares, ruas, nas casas, a diferenciação dos trabalhadores através de comportamentos, práticas e aquisição de bens que pudessem indicar perante a sociedade que possuíam dinheiro e poder em Candeias.

Neste sentido, as masculinidades são construídas não só pelas relações de poder dadas ao masculino, mas, pelas variações deste “poder” ao se analisar o lugar social, o trabalho, a classe, a raça e a geração que se ocupa. A masculinidade hegemônica está atrelada ao trabalhador do petróleo, que subordinou outras masculinidades, consideradas subalternas por estarem fora do poder simbólico que o *status quo* do ser homem petroleiro oportunizava. É o que se verifica a seguir.

2.5 O PETROLEIRO ENTRA EM CENA: NÃO QUER PAGAR NÃO? DEIXA AÍ QUE “PETROLEIRO” COMPRA!

Ser “*petroleiro*” nas primeiras décadas das atividades da indústria do petróleo significou para os moradores da pequena Candeias “ser alguém” que não era roceiro, comerciante ou trabalhador das indústrias menores. Para alguns moradores antigos de Candeias, este passou a ser a figura predominante depois da década de 1950. No início, não havia farda, mas não era difícil distinguir o trabalhador da área de refino e dos campos de petróleo pelos trajés sujos de óleo, andando quase sempre em grupos. Depois da criação da Petrobras, em 1954, esses trabalhadores passaram a ser identificados pelo macacão azul e pelo capacete de alumínio (FRAGA FILHO, 2000, p 94). O petroleiro foi descrito pelo depoente que vivenciou este acontecimento como: “Era como um excepcional, cortejado. As mulheres, as meninas de Candeias, queriam casar com os petroleiros que ganhavam bem, tinham posição”. O depoente complementa a exaltação deste trabalhador ao indicar que era: “uma pessoa que se destacava na sociedade, convidado para os bailes, para as festas, para os aniversários, era assim, uma pessoa de destaque”⁷².

Estes operários foram vistos e também se representaram como homens ricos da localidade, devido ao seu salário ser superior ao dos trabalhadores locais. Diversas estratégias e mudanças de comportamento de alguns antigos roceiros, que passaram a ser denominados como petroleiros, para demarcar o seu lugar social, foram sinalizadas para indicar que

⁷² Antonio Paterson, 14/02/2008.

pertenciam à Petrobrás.

Algumas destas modificações são evidenciadas como manifestações de masculinidades mediatizadas e proporcionadas pelo dinheiro. Novas formas de representações sobre si e sobre o mundo passaram a serem reinterpretadas entre alguns destes funcionários. De acordo com Pesavento (2005, p.14) em seus estudos sobre representações sociais, os membros de um mesmo grupo/classe elaboram um sistema de ideias-imagens de representação coletiva mediante o qual eles se inserem e atribuem uma identidade, estabelecem suas divisões, legitimam seu poder e concebem modelos para a conduta dos seus membros. Através da explanação de Antônio Paterson, compreendem-se os jogos de símbolos e significados que passaram a serem construídos a partir do “dinheiro”, resultante do salário pago para estes trabalhadores:

Me lembro que a primeira vez que recebi um salário da Refinaria. Eu lembro de ter comprado com meu primeiro dinheiro, eu comprei um colchão de mola Divinos da Probrel, de molas mesmo, foi uma loucura (risos), me senti um rei com aquele colchão que eu comprei. Eu recebi tanto dinheiro no meu primeiro pagamento, na boca do guichê lá, na Refinaria mesmo, que vinha de Salvador num jipe, numa estrada miserável e às vezes levava dois ou três dias para chegar na Refinaria, o dinheiro, que atolava na estrada. Quando a gente recebia não tinha banco, não tinha nada, era na boca do caixa. Eu botei o dinheiro todo dentro do capacete e sair correndo e fui contar a distancia porque eu nunca tinha visto tanto dinheiro, o meu primeiro salário foi assim (ANTÔNIO PATERSON, 14/02/2008).

Algumas das formas como as relações sociais e sexuais passaram a ser definidas pelo dinheiro entre os trabalhadores foram descritas no livro do memorialista Eunápio Costa - No rio dos papagaios: histórias, casos e causos Mataripenses. Fonte bibliográfica explorada nesta pesquisa por evidenciar, através das narrações do autor, vários “causos atípicos” envolvendo os trabalhadores do petróleo e suas gastanças, momentos exibicionistas, relações extraconjugais, brigas, desavenças e hierarquias, no sentido de indicar o “homem” que “mandava” na região, a masculinidade que dominava.

Para entendermos estas transformações simbólicas determinadas pelo dinheiro, vamos tomar inicialmente o “engraçado” caso do colega Petronilho que, ao fazer parte do quadro da indústria petrolífera, melhorou muito e repentinamente, não dando tempo para que ele se preparasse para saber usar os recursos financeiros que tinha. Petronilho, segundo Eunápio (1990, p.22), desejava desfrutar do “conforto do ar condicionado e quis levá-lo para sua casa”, instalando um aparelho na sala em pleno verão. Contudo, em nada melhorou a temperatura do seu lar. O mesmo aguardou o próximo pagamento e mandou instalar outro aparelho, sendo aconselhado a manter as portas e janelas fechadas para ter resultado, mas, também em nada

adiantou. Eunápio, no desembaraçar da história, também conta que Petronilho queixou-se na loja do “não resfriamento da sua residência” que, justificou que sua casa era muito grande e necessitava de mais um aparelho.

Com o intuito de “sentir aquela temperatura gostosa que conhecera, no escritório do seu chefe”, este trabalhador aguardou receber o décimo terceiro salário para comprar mais um “objeto de luxo e desejo”. De acordo com o memorialista, “apesar de muito endinheirado”, seu personagem estava sentindo o peso no bolso daquelas despesas e, mesmo após tantos aparelhos de ar condicionado comprados, a “temperatura” ainda não se “igualava a sala do chefe”, quando após novas reclamações na loja constatou-se que sua casa era de “telha vã”, o que impossibilitava que o ar refrigerado não se dissipasse pelas frestas da telha.

Verifica-se neste relato “engraçado” e “embaraçoso” para Petronilho, que comprar algum produto novo na região, a que poucos poderiam ter acesso, passou a ser especialidade desta classe, que para evidenciar a o novo lugar social, acabava comprando aparelhos vistos como “de rico” para o período, sem conhecimento algum sobre como funcionavam e até mesmo para que serviam, ou se atenderiam e se adequariam as residências e as suas reais necessidades. Eunápio mostra outro caso “curioso” sobre as compras “mal sucedidas”:

No tempo da AEPE (Associação de Empregados da Petrobrás), o pessoal comprava de tudo, na cantina, independente do que estava precisando em casa. Não raro o seguinte diálogo: - Pra que diabo serve este troço que cê tá levando aí companheiro?- Sei lá! Em casa a gente vê isso. Foi naquela ocasião que uns daqueles colegas despercebidos, pegou um pacote de “algodão doce” e os levou para casa. Na hora da merenda, chamou a garotada e distribuiu aquela novidade. Quando os meninos levaram o algodão doce a boca, tiveram uma grande surpresa de não achar doce algum. Além disso aquele material não dissolvia. Analisando melhor, lendo o que tinha na embalagem, alguém descobriu, para espanto e decepção geral, que aquilo não era nada mais, nada menos que...absorvente feminino (COSTA, 1990, p. 24).

São inúmeros os “causos” e histórias descritos no livro de memórias de Eunápio Costa envolvendo dinheiro, exhibições, empregados do petróleo e as inutilidades dos produtos que eram comprados pela falta de conhecimento. Contudo, um aparelho de utilidade foi adquirido, mas, o seu comprador acreditou que para “gelar” necessitaria comprar “por fora” o gelo:

Nos anos 50, para a grande maioria dos empregados de Mataripe, possuir uma geladeira em casa era uma coisa raríssima. Muitas donas de casa sequer sonhavam com tamanho luxo [...]. Aproveitando as facilidades proporcionadas pela AEPE, nosso ex-colega de tal, do SEARM, adquiriu uma geladeira. Dois dias depois a família daquele colega, recebia em sua casa, em Madre de Deus, aquela peça rara. Realmente uma grande novidade. Muitos vizinhos foram visitar e conhecer a geladeira. “Pena que não pudesse

usar logo, para mostrar aos amigos”, pensava Paulo que, apesar da grande ansiedade, teria que esperar até o dia seguinte, quando voltaria a Associação para comprar...O GELO (COSTA,1990, p. 26).

Parafreseando a música de Gerônimo, para compreender a ascensão social desta nova classe social: *“Naquele tempo só quem tinha geladeira era petroleiro”*⁷³. Então, já quem tinha dinheiro eram estes trabalhadores, todos desejavam tornar-se um deles. De acordo com Santos (SANTOS, 2008, p. 133), tornar-se petroleiro passou a ser o desejo dos jovens e das famílias candeenses entre as décadas de 1950/60/70 e, os pais esperavam ansiosamente que os filhos completassem a maioridade, para que estes pudessem logo ingressar no quadro de funcionários da Petrobrás e, não foram os poucos os casos de jovens de 17 anos que tiveram os seus documentos falsificados para possibilitar o quanto antes o seu ingresso na empresa. A prática de aumentar idade não era somente feita pelos pais que desejavam ter seus filhos como petroleiros, mas, também pela própria empresa, quando era de sua conveniência. Manoel Ferreira⁷⁴ relatou que entrou no CNP em 1942 e aumentaram a sua idade. Ele argumentou que somente aos 20 anos “se afirmou” na Petrobras, e que depois, um superior “consertou os seus tempos e sua aposentadoria ficou acima do salário”.

Chartier (1988, p.17) evidencia que “[...] as representações do mundo social construídas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam e estabelecem poder”. Os indivíduos manifestam a partir de uma serie de comportamentos, práticas e representações como irão impor seu poder e sobressaírem sobre os outros grupos sociais, tidos como desvalorizados. Além dos exemplos apresentados, de evidenciar o poder de consumo através da compra de eletrodomésticos, também trazemos os comportamentos que os petroleiros passaram a ter na feira de Candeias, ambiente de grande circulação de pessoas. Não havia mercadoria considerada cara para os trabalhadores do petróleo. Eles passaram a comprar os produtos com valores acima ao solicitado pelo vendedor e também costumavam dar gorjetas. Estas atitudes resultaram na inflação de produtos em certas feiras pequenas do interior, principalmente em Candeias e, passou a ser comum ouvir dos feirantes de quem se queixasse dos preços altos de suas mercadorias: - “Num qué dex’aí, qui petrolêro compra” (COSTA, 1990, p. 203). De acordo com depoimentos de petroleiros aposentados e moradores de Candeias esta prática tornou-se comum e, conforme as seguintes falas:

⁷³Trecho de uma música cantada pelo cantor baiano Gerônimo, referenciando a “riqueza” destes trabalhadores.

⁷⁴Manuel Ferreira, 01/08/2007.

Tinha que se achavam superiores porque tinham muito dinheiro. No comércio as pessoas falavam: - Ta achando caro, o petroleiro compra, não pechinchava, então inflacionou e trouxe esse mal para Candeias, né? Na feira tinha assim, né? Perguntavam quanto era a galinha, respondiam é 5 mil reis, não ta caro, faça 3 mil. O vendedor dizia: - então ta bom, pode deixar aí que o Petroleiro compra, eles pagavam mesmo o que pediam . Eu por exemplo, quando adquirir uma estabilidade na Petrobras, não tinha essas motos não, eram lambretas de vespas, eu comprei a primeira lambreta que teve em Candeias, depois o meu amigo comprou outra e ficamos os dois, a gente era parceiros e eu corria essa vizinhança toda aqui, para Mata de São João a gente ia, para Catu, para estas festas que tinham aí, que era um status, né? Depois que apareceu os carrinhos, foram comprando os carrinhos e uma outra época foi se desenvolvendo, né? E também começamos a comprar terrenos, casas melhores, propriedades e aí foi desenvolvendo mais Candeias com a urbanização (ANTÔNIO PATERSON, 14/02/2008).

Tinha petroleiro que ganhava 43 mil reis, outros 60 mil reis por dia e daí corria àquela fama do petróleo. Dia de pagamento era um movimento danado e era bom que eles gastavam por aqui mesmo e foi crescendo alguns negócios. Dia de pagamento se você chegasse a um bar desses não podia entrar, parecia uma festa, petroleiro pagando cerveja para todo mundo e vivia com aquela união com o povo da terra (CLOVIS VASCONCELOS, 02/08/2007).

Costa (1990, p. 203) também confirmou em seus relatos esta história do aumento dos preços dos produtos em Candeias e o famoso jargão que começou a circular na localidade: Não quer pagar, não?! Deixa aí que petroleiro compra! E justificou que tal comportamento pode ter sido ocasionado devido à composição social destes primeiros empregados, originários dos sertões nordestinos, que se sentiram verdadeiros “marajás”, recebendo mensalmente um salário mínimo ou um pouco mais que isso, com regularidade:

É fácil de se imaginar, pois, como se sentiam alguns dos primeiros empregados em Mataripe, homens analfabetos, sem nenhum preparo, quase selvagens, vivendo, pouco antes da caça, pesca e alguns poucos produtos agrícolas, de repente recebendo um desses salários...ou pouco mais, morando em vilarejo, num casebre de “sopapo”, sem a mínima infra-estrutura onde macarrão e biscoito seriam considerados novidades de luxo, onde a água encanada, a luz elétrica e o gás de cozinha estavam na fase do “ouvi dizer”...não é difícil imaginar, repito, como se sentiram aquelas pobres criaturas com um mísero salário no bolso. É daquela época que se contam os casos mais afrontantes, numa demonstração de esnobismo, em que alguns chegaram até a amarrar algumas cédulas, umas as outras, com barbante e em seguida dependurar na janela, como se fosse cortina; outro tirava uma dúzia de notas novinhas do bolso, enquanto aguardava a sua cerveja e forrava a mesa do boteco, ao tempo em que esboçava aquele sorriso de satisfação, de desafio para os demais (COSTA, 1990, p.203).

Estes trabalhadores foram considerados e se consideraram “homem rico” e

modificaram os seus comportamentos na localidade, e indicaram: “[...] estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser percebido constitutivo de sua identidade” (CHARTIER, 2002, p.73). Por classe, consideremos neste trabalho as abordagens apresentadas por Thompson (2001, p.277) como uma categoria histórica e fluida, não somente como uma categoria produtiva, mas que, se delineia segundo o modo como homens e mulheres vivem suas relações de produção e segundo a experiência de suas situações determinadas, no interior do “conjunto de suas relações sociais”, principalmente no âmbito cultural. Os comportamentos classistas que extrapolaram o âmbito da produção através de simbologias culturais são percebidos na descrição da “classe média” trazida pelo petroleiro aposentado:

Por que passamos para a classe média né? Nós somos a classe média. Quando se pagou uns salários que estavam atrasados muita gente ficou com muito dinheiro. Teve alguns que aproveitaram e compraram terrenos, casas, construíram sabe. Mais teve outros que se exibiram, chegavam numa capoeira de galinha e compravam as galinhas todas e bebia para mostrar que tinha dinheiro. Mais tinha muito analfabeto que ganhava bem. Eu tinha uma revolta comigo porque tinha uns funcionários que ganhavam bem, e eu não saía dali, levei quatro anos trabalhando. Mais daí eu pensei que este aí (ganhando mais) é mais velho do que eu, e tinha o direito de receber mais do que eu mesmo. Então a política deles era esta, você entra com um salário e depois você vai recebendo Trênio, aumentando o nível de acordo com o tempo de serviço (EVERALDO SABA, 30/07/2007).

O trabalhador da indústria de petróleo passou a se representar como “*homem diferente*” através também de novas exigências no comércio local. José Magalhães revelou em seu depoimento um fato diríamos que, “jocoso”, sobre o comportamento deste “*novo rico*”, ao relatar que “Teve uma casa (loja) que o cara foi comprar um sapato, aí a mulher pegou um sapato caro. Aí ele disse: Ah! Não! Que nada! Eu quero sapato para petroleiro!”⁷⁵. No Almanaque de Memórias dos Trabalhadores da Petrobras encontramos evidências que indicam como estes homens representavam/demarcavam nas redondezas:

A Petrobrás entrou em áreas como Alagoinhas, Mata de São João, São Sebastião do Passe, Candeias (grifos meus) e modificou completamente a cultura da época. Havia até uma lenda lá, aliás, eu acho que até aconteceu de alguma forma. Mais dizia que um petroleiro teria feito uma festa na casa dele, com as cortinas decoradas com notas de papel-moeda. Por que se sentiu tão rico com o salário que ganhava que achou por bem da uma festa de dinheiro⁷⁶.

⁷⁵José Magalhães, 28/01/2013.

⁷⁶Almanaque Memória dos Trabalhadores Petrobrás. Organizado pelo Museu da Pessoa. – Rio de Janeiro: Petrobrás; São Paulo: Museu da Pessoa, 2003. p.117.

De acordo com José Magalhães estas práticas tornaram-se mais comuns após a greve de 1960, quando houve um aumento considerável nos salários destes empregados. Os salários dos trabalhadores da Refinaria de Mataripe e dos campos de extração de petróleo foram ajustados em novembro de 1960 quando o Sindipetro/Refino realizou uma greve com o lema: OU EQUIPARA, OU AQUI PÁRA, reivindicando a equiparação dos salários aos empregados da Refinaria de Cubatão de São Paulo.

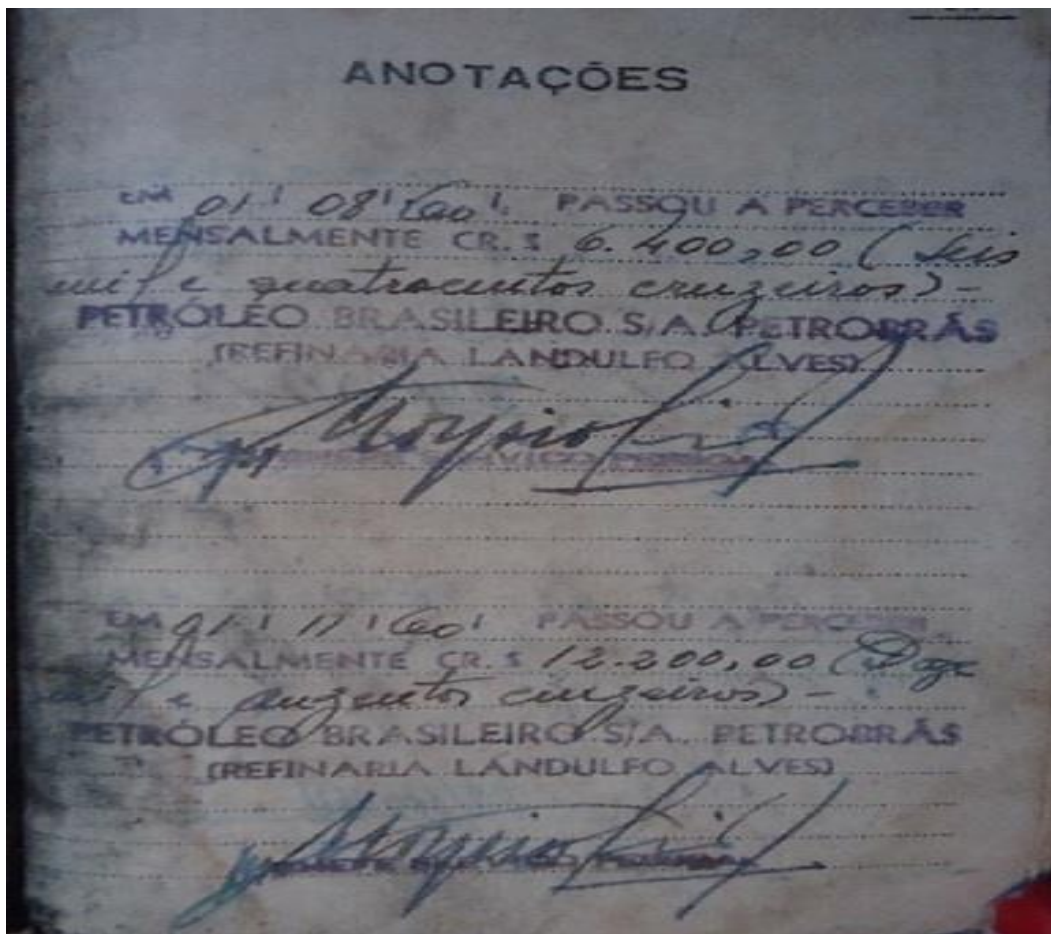
Segundo COSTA (1990, p. 245), os funcionários da Refinaria de Cubatão exerciam as mesmas funções, corriam os mesmos riscos e ganhavam cinquenta por cento a mais que os trabalhadores de Mataripe. Foi acordado nesta greve um aumento de oitenta por cento dos salários. Este fato foi significativo para estes trabalhadores que viram os seus vencimentos quase dobrarem no pagamento seguinte, aumentando, segundo o Magalhães, o seu prestígio e “poder”:

Quando o petroleiro recebia o pagamento, misericórdia! Teve uma época aí que os petroleiros bagunçavam que quando chegou nos anos mais ou menos em 1962, 1963 por aí, teve um aumento porque a Refinaria aqui de Mataripe pagava menos que a refinaria de São Paulo – a Cubatão, aí teve uma greve da Petrobrás, o petroleiro colocaram o nome: “Ou Equipara, ou aqui pára”. Ou equiparava o salário, ou então aqui parava, então foi uma greve retada. E nessa época que fez a greve eu me lembro que eu ganhava 6.000.000 eu passei a ganhar 12.000.00, ainda era no Cruzeiro né, deu 100% de aumento. Petroleiro bagunçava, teve petroleiro aí que aquele papel de 5.000.00, teve um que fez cortina de dinheiro, fez uma festa na casa dele e pegou um bocado de papel de 5.000.00 e colou e fez uma cortina de dinheiro com papel de 5.000. Teve outro que cheio de cachaça pegou a amarrou um bocado de dinheiro num cordão e amarrou aqui atrás e cheio de cachaça saiu puxando pelo meio da rua, e, quando o povo olhava ele dizia: - Antigamente andava atrás dele e hoje ele anda atrás de mim. Foi tanta besteira que petroleiro fazia (JOSÉ MAGALHÃES, 22/01/2008).

A carteira de trabalho de José Magalhães mostra este aumento. Em 01 de janeiro de 1960, o salário deste empregado era de seis mil e cem cruzeiros, passando a exercer a função de copeiro. Em agosto deste mesmo ano houve outro aumento salarial, passando a receber seis mil e quatrocentos cruzeiros. Após a greve, este trabalhador passou a receber doze mil e duzentos cruzeiros, em que ocorreu aumento de quase 100% do seu salário.

Figura 28 e 29 - Fotos da carteira de trabalho de José Magalhães indicando os aumentos salariais na Petrobrás durante a década de 1960. Observem a primeira mudança salarial de 01/01/1960 e a última 01/11/1960. Aumento salarial de mais de 100%.





Fonte: Acervo de José Magalhães

O primeiro presidente do Sindicato dos Químicos e Petroleiros contestou a versão de que um trabalhador da Petrobras fez uma cortina de dinheiro em sua casa. Afirmou que era amigo pessoal do “exibicionista” e explicou o fato:

[...] naquele tempo, não tinha caixa eletrônico, não tinha cartão de crédito, o petroleiro recebia o dinheiro, no caixa da refinaria, num pedaço de papel, a gente entrava na fila, e recebia o salário em espécie. Um colega recebeu, botou no poço e voltou pra Candeias aí tomou chuva e molhou, quando ele chegou em casa, pegou as notinhas e amarrou no...nos cordões e pendurou pra secar. Alguém chegou lá e entendeu que aquilo era uma cortina, ele tirou o salário do fim do mês uma quantidade boa de cédulas né, naquele tempo não tinha cédulas de 100 reais, eram muitas cédulas. E como molhou o dinheiro já estragado, ele com medo de rasgar, pegou a cordinha e amarrou assim e pendurou pra secar, aí alguém chegou na casa dele e entendeu que aquilo, é.. havia um outro caso que ficava vaidoso, ele ganhava um salário insignificante, passou a ganhar mais, passou a poder comprar melhores roupas, a comer melhor, ser humano né. [...] Essa da cortina, eu sei por que esse rapaz era meu amigo e ele me contou (MÁRIO LIMA, 19/05/2008).

Segundo Sócrates Nolasco (1993, p. 50-51), o trabalho define a primeira marca da

masculinidade, na medida em que, no plano social, viabiliza a saída da própria família e confere aos homens um status de independência que se limita a âmbito financeiro. Desde cedo, os meninos são criados assimilando a ideia de que, com o trabalho, serão reconhecidos como homens. Para os homens, o trabalho tem uma dimensão cartográfica, pois define a linha divisória entre a vida pública e privada, e, ao mesmo tempo, tem uma dupla função para suas vidas. A primeira é ser o eixo por meio do que se estruturará seu modo de agir e pensar. A segunda função é inscrever sua subjetividade no campo da disciplina, do método e da violência, remetendo-se a um cotidiano repetitivo.

Novas estratégias de afirmação da masculinidade petroleira e de seu poder também foram encontradas em processos crimes através de representações simbólicas que caracterizam o masculino através de brigas e confusões. Analisando os processos crimes e as solicitações de habeas corpus, um caso bastante “inusitado” e “atípico” foi encontrado, em que três irmãos, todos trabalhadores da Petrobrás foram presos por, segundo a versão das autoridades policiais, contida nos autos do processo crime, dois destes invadirem, juntamente com outras pessoas, a delegacia para soltarem o terceiro irmão que estava encarcerado. O caso revela que o policial conhecido pelo vulgo de “Mundinho Mamão” possuía rixas pessoais e políticas e, aproveitou-se da ocasião para se utilizar da sua “autoridade” para prender e afrontar os trabalhadores.

Através dos Habeas-Corpus, de nove de outubro de 1963, podemos compreender melhor este caso e entender as “masculinidades” por trás das prisões e acusações. De acordo com os dados apresentados no processo, em 15 de setembro de 1963, Antônio Gonçalves Conceição foi preso e espancado no posto policial de Candeias, cuja chefia estava sob custódia de “Mundinho Mamão”, indivíduo com péssimos antecedentes e reputação, explorador de lenocínio “[...] com que servia aos apetites bestiais dos seus comparsas e dos seus chefes fato de notoriedade mais que escandalosa em Candeias”. Os irmãos de Antônio, Arlindo e Francisco, ao saberem da prisão, correram até o posto policial na tentativa de “soltar” o irmão preso, o que “conseguiram com certa relutância das autoridades policiais”. Contudo, conforme relata o processo, dias depois de ocorrido o incidente, os irmãos Arlindo, Antônio e Francisco foram convocados para comparecerem àquela circunscrição policial às 20 horas de “um dia anunciado”, e como não comparecerem, foram presos através de um mandado de prisão preventiva por Mundinho Mamão.

O advogado de defesa faz questão de frisar em sua solicitação de Habeas-Corpus que os seus clientes não compareceram à convocação por esta desrespeitar as garantias constitucionais e também as intimações não foram endereçadas aos empregadores dos

intimados, visto que eles eram funcionários da Petrobras e deveriam ter sido requisitados aos seus chefes para que suas faltas fossem abonadas no trabalho. O advogado declarou a prisão ilegal sob a justificativa de que não houve evasão ou fuga na prisão de Antônio, mas, este foi solto pela própria autoridade que lhe restituiu o direito de “*ir e vir livremente*” e que, o mesmo tinha residência fixa em Candeias e era um funcionário da Petrobrás. O defensor utilizou-se da seguinte argumentação e defesa:

Basta uma simples vista dos documentos que acompanham a presente para se verificar que os pacientes ali não se enquadram. Têm profissão definida, conseqüentemente não são vadios, não são de identidades desconhecidas, pelo contrário, são, até, bastante conhecidos de todos em Candeias e também das autoridades locais, do Delegado de Policia, de Mundinho Mamão, do prefeito, de quem são adversários políticos, que aproveitou o ensejo para uma desforra.

Percebe-se que em nenhum momento do processo aparece a justificativa para a primeira prisão de Antônio, entretanto, o delegado de Candeias Oswaldo de Almeida Sampaio justifica a prisão sobre a alegação que nos autos não consta a menor referência quanto à residência ou profissão dos pacientes e que estes foram intimados três vezes e não comparecera à delegacia, motivo que para a autoridade policial justificou a prisão dos “acusados”. Os irmãos petroleiros tiveram o pedido de Habeas-Corpus deferido através do pagamento de fiança, em quinze de outubro de 1963, após solicitação do Desembargador de Justiça do Estado da Bahia. Todavia, consideramos importante relatar que, mesmo com as contradições deste processo e a presunção que o policial e o delegado simularam uma situação adversa para prejudicar os irmãos petroleiros, verificamos que a empresa de Petróleo colaborou e interviu no processo, ao enviar declaração de empregabilidade à defesa.

O delegado também enviou, com a relevância que adquiriu a “história”, um ofício para a Petrobrás, comunicando a prisão preventiva dos funcionários, indicando que reconhecia que os “acusados” faziam parte do quadro de trabalhadores daquela “importante empresa”. E o fato de estes serem trabalhadores do petróleo provocou “impacto” na argumentação declarada pela defesa, o que leva a deduzir que acelerou a soltura dos mesmos, pois, eram considerados trabalhadores “valorosos”, “distinguidos”. Neste caso, o local de trabalho definia a “valia” deste homem na sociedade, assim como também influenciava como se moldava a sua masculinidade.

A ocorrência de rivalidades, rixas e brigas num local em que a mão de obra era quase que exclusivamente masculina, em que o poder e a afirmação da masculinidade também era simbolizada pela força física, era frequente entre os trabalhadores do “ouro negro”. Não

responder a uma provocação ou briga poderia significar ser considerado “fracote”, “mulherzinha”, “menos homem que os demais”, o que estes trabalhadores não ensejavam demarcar. Caso esta provocação partisse de algum homem, na tentativa de seduzir a sua “mulher”, o “ser homem” era ameaçado e a situação poderia ser resolvida na “bala”. José Magalhães narrou em suas falas um acontecimento quando tinha pouco mais de 20 anos em que ele presenciou, de forma muito “desconfortável”, um cortejo feito a sua noiva e descreveu como resolveu a situação:

A gente saiu daqui de noite, pra ir pra São Francisco pra ir na casa de minha esposa. Naquela época ela era a minha noiva. Oxe! Lá vai eu, a minha noiva, minha cunhada e mais uma vizinha que era esposa de um peão pra de junto da casa da minha sogra. Oxe! Aí o peão veio montado em uma lambreta, aí veio encostando... e procurando piada com as meninas e eu sozinho com três “mulé”. Aí eu disse assim: “valei-me Nossa Senhora o que é que esse cara está procurando?”. Mas eu estava com 30 (arma), eu não andava de mão pura nem..., de jeito nenhum! Aí eu fiquei mais pra trás, deixei ele se encostar, ele aí foi se engraçando... oferecendo carona as meninas: Quer uma “caroninha” não? Não sei o quê. Eu digo: Veja só meu Deus do céu? Aí quando eu ia deixar as meninas adiantar, fiquei com uma distância como daqui, pra outras casa aqui na frente. Aí arrastei o 30 assim, ponte pro lado do pneu da motoca da lambreta dele, aí lasquei – lhe brasa. Aí quando ele viu o “papoco”, ele aí balançou..., se atrapalhou..., quase caiu. Eu aí queimei um pra cima, aí a minha mulher disse: você é doido? Eu digo: doido? Ele num tá procurando cheiro mole. Ele aí desbandou na estrada de São Francisco, saiu foi doido, eu casquei foi chumbo (JOSÉ MAGALHÃES, 28/01/2013).

Em algumas falas de José Magalhães identificamos que o mesmo narrava com prazer as suas experiências. Ele contou, sem nenhum pudor ou ressalva, os diversos envolvimento com mulheres e até mesmo as desavenças com outros homens, sempre objetivando demarcar a sua masculinidade e os espaços e comportamentos a ele legitimado pelo fato de “ser homem”.

As desavenças entre trabalhadores do petróleo, principalmente entre os de cargos menos especializados, não foi típico somente da Refinaria de Mataripe. Relatos do Almanaque de Memória dos Trabalhadores da Petrobrás revelaram informações sobre as brigas, desavenças e também o uso de armas entre os empregados da REPAR (Refinaria do Paraná):

Tinha o nosso Capitão Vitor, que era do Exército, reformado, chefe de segurança da Repar. Vieram trabalhar aqui com nossos irmãos nordestinos. Pessoas simples, que faziam o serviço pesado e que, de vez em quando, enchiam a cara de cachaça – era a forma de desabafar a tristeza, a saudade da família. Mas eles se indispunham um com o outro e brigavam. Aí chamavam o Capitão Vitor. Ele reunia todos e dizia: “Vocês estão fora das terras de

vocês e, em vez de se unirem para contar história das terras de vocês, tão querendo matar uns aos outros! Fica todo mundo aí com a mão para cima!” Quando via, era peixeira, machadinha, garrucha. O Capitão tinha uma sala com uma parede lotada de machadinha, garrucha, foice, estilete...⁷⁷.

Figura 30- Petroleiros socializando em um bar.



Fonte: Foto de 1961, arquivo de Antônio Carlos da Silva. Esta foto também faz parte do acervo de Souza Ivo (2008)

As praças, bares, as ruas, eram vistos como locais por essência masculinos, sendo pontos de encontro. Eram ambientes em que os homens reuniam-se em grupos para conversar, beber, jogar e falar sobre o trabalho, futebol e mulheres. Cioso ressaltou Clóvis Vasconcelos, as noites de sábado, eram o dia dos “homens” irem aos bares, ou aos ambientes de prazer. Em seu grupo de amigos estavam um dentista, um comerciante e um petroleiro e eles informavam para suas companheiras que: Ia a Feira de Santana ou para outro canto. Na época a minha turma era a da alta, não era gente à toa não!⁷⁸.

Ambientes de afirmação da sexualidade, os bares, também eram espaços de brigas e disputas, principalmente nas boates onde se concentrava o comércio do prazer – os ambientes

⁷⁷Depoimento de Joaquim Paes Barreto de Andrade, de Salvador (BA) para o Almanaque de Memórias dos Trabalhadores da Petrobrás, p. 29.

⁷⁸Depoimento de Clovis, 02/08/2007.

prostitucionais⁷⁹. Passos (1999, p.113) apontou que umas das estratégias de afirmação e elaboração da masculinidade são mostrar-se em espaços públicos, envolvendo-se em bebidas, cigarros, jogos de azar e gastando tempo de convivência entre si, falando sobre as conquistas amorosas e as vitórias profissionais. A identidade masculina assenta-se, neste sentido, em dois pilares: no sexo e no trabalho.

E, devido aos trabalhadores do petróleo estar entremeados nestes ambientes, se agrupavam nestes espaços “bebida e mulher”, dois elementos que, juntos geravam muita confusão entre os homens, por serem símbolos da virilidade nos principais estudos sobre masculinidades. As discórdias aconteciam porque os homens investiam dinheiro na compra de bebidas para uma prostituta e no final da noite ela relaciona-se com outro rapaz. A respeito de brigas em uma das boates em que se estabelecia o comércio sexual em Candeias um depoente relatou uma confusão vivenciada por ele e seu primo, que também era funcionário da Petrobrás, na mesma função de motorista:

[...] Uma vez mesmo teve uma briga com um.. com o meu primo. Teve uma briga com ele, porque tavam bebendo e aí ele cheio de cachaça.. aí ele disse: “Ói” macho, o primeiro que botar a cara aí eu quebro no pau! Aí o... irmão de enfermeiro, o irmão de, como é que chama [...]. Como é que chama ele? Aquele doutor, aquele escuro, que era médico, tinha um consultório na dois de fevereiro?.. Marinho, irmão de Dr. Marinho. Lembra de Dr. Marinho? Então o irmão dele tava lá, aí teve uma briga, meu primo com ele, aí ele deu uma cacetada no... irmão de Dr. Marinho, deu uma paulada, quase mata o homem aí em baixo. Aí ele teve um risco, correu, se escondeu lá em Mataripe na casa de... Morotó... era chefe de transporte. O meu primo era motorista de lá da refinaria, aí deu uma cacetada no cara, aí o cara saiu despontando o irmão... de Dr. Marinho. Quase mata o homem! (JOSÉ MAGALHÃES, 22/01/2013).

Por meio destas falas, percebe-se que estas práticas culturais exaltavam masculinidades, indicando a presença, demarcação e autoafirmação. Antônio Paterson nos revelou a seguinte situação: “[...] eu vi petroleiro acender cigarro com uma cédula de dinheiro num meretrício que tinha aqui, que eu frequentei também, jogar dinheiro para cima para as prostitutas pegar o dinheiro⁸⁰”.

Através destas atitudes e comportamentos explicitados nestas representações, percebemos exemplos da seguinte afirmação, as: “formas como o mundo de significados, crenças passou a ser ‘constituído’, e contribuiu para demarcar a existência deste grupo” (CHARTIER, 1988, 23). Entre os trabalhadores do petróleo era comum as idas aos “bregas” e

⁷⁹As casas de prostituição e as relações dos trabalhadores dos petróleo com as prostitutas será o objeto de análise do terceiro capítulo desta dissertação.

⁸⁰Antônio Paterson, 14/02/2008.

“boates” em Candeias, principalmente após uma semana exaustiva de trabalho. Nestas casas comungavam-se a massiva presença masculina e todos os códigos determinadores das masculinidades. Era necessário indicar que era viril e “potente”, tanto na frequência nos territórios prostitucionais e suas exibições de “poder” e “dinheiro” para atrair as prostitutas, como nos diversos “causos” e relatos de envolvimento com mais de uma mulher entre os solteiros e casados.

Partindo dessa perspectiva, narramos, a partir de Eunápio Costa (1990, p. 91-92), mais um caso sobre as conquistas amorosas de um trabalhador atrapalhado, o caso de “Oduvaldo Mário, operador de uma das nossas unidades de processo, que era um companheiro daquele tipo gozador da vida, sempre alegre, brincalhão e...mulherengo”. Volta e meia este operador aprontava ao sair para “suas farras” com “uma nova conquista”. Contudo, ao voltar de uma noite em que saiu “com seu bonito carrão em que foi aquela curtição em seu automóvel” ao chegar a casa com aquela cara de cansado, pois, para sua esposa estava trabalhando de turno, cometeu na descrição de Eunápio Costa uma verdadeira gafe:

Lá pras 8h15min, chega ao seu lar com a cara de santo, cansado, o que era na verdade, pois ele passou a noite dando “duro”[...], franzindo a testa para provocar o sentimento de pena em sua companheira. Esta o recebe sorridente, carinhosa e com a mordomia que um bom marido como ele merecia. Depois de tomar o suco de frutas que sua santa esposa ofereceu, ele foi se barbear, antes do banho. Despiu-se, ficando apenas de cueca.[...] Nisso vai chegando a esposa, para saber se seu santo homem estava precisando de alguma coisa. Mas, ao invés de entrar no banheiro que estava com a porta aberta, ela parou subitamente, como que eletrizada, boca aberta sem conseguir pronunciar uma palavra, bastante pálida...deixou um caneca que levava na mão e a única coisa que ela conseguiu foi apontar para a cueca, ou melhor, para a calcinha que Oduvaldo estava usando: na pressa de se vestir, ele trocou sua cueca pela inconfundível CALCINHA de sua parceira (COSTA, 1990, p.91-92).

A necessidade de garantir e evidenciar a masculinidade através da demonstração de exercício da sexualidade ocasionava diversas situações de assédio às mulheres que viviam e trabalhavam na localidade. As professoras e as empregadas domésticas aparecem nestes “causos”, como alvo de “ataque”, não só dos funcionários de menor escalão, mas, também dos engenheiros (COSTA, 1990, p.94-97). Além de assediarem as poucas mulheres “solteiras” que haviam por “aquelas bandas”, também passou a ser muito comum irem aos ambientes de prazer que ali se instalaram exibirem-se em conquistas sexuais e demonstração de “riqueza”.

Devido a estas atitudes, o trabalhador do petróleo era definido em Candeias, nas três

primeiras décadas da descoberta do “ouro negro” como beberão, mulherengo, esbanjador e frequentador de bregas e, não eram poucos os casos de pensões judiciais impetradas contra petroleiros por mulheres que geraram filhos através de relacionamentos extraconjugais.

Em busca dos “migrantes do “ouro negro”, mulheres das mais diferentes regiões, de acordo como relatamos no capítulo anterior, foram atraídas para “ganharem a vida” através do trabalho sexual em Candeias por quê:

Era rica né, por causa do petróleo, e todo mundo só falava de petroleiro, petroleiro, mas... depois caiu. No tempo que eu cheguei aqui, eu morei em um lugar ali que me trouxeram de Feira né (Feira de Santana), num mulherio. Numa casa escondida, reservada, que eu era de menor. E as meninas não sabe disso não, viu. Eu era de menor, quando chegava a fiscalização a gente se escondia. A dona da casa colocava a gente para se esconder pra não pagar multa (SUELI, 01/02/2013).

Vários centros de prostituição instalaram-se em Candeias com as chamadas “casas de mulherio”. Os vultos econômicos proporcionados pelo “ouro negro” transformaram a paisagem local e também inseriram novas dinâmicas através do comércio do prazer, com base nos novos códigos de sexualidade mediada pelo dinheiro. A partir de interlocuções feministas sobre a sexualidade e seus mecanismos de controle e poder, indicaremos no próximo capítulo: quem eram estas mulheres, também “migrantes do petróleo”, que romperam as normas sociosexuais; as suas origens; os laços de solidariedade e suas resistências e permanências na sociedade que transitava entre polo religioso a industrial; as relações que as meretrizes mantinham com os trabalhadores do petróleo; os “exibicionismos” dos petroleiros nestes ambientes; as representações destes homens sobre as prostitutas, assim como o funcionamento destas casas e o declínio das atividades prostitucionais advindas da indústria petrolífera.

3 CASAS DE “MULHERIO”⁸¹: OS AMBIENTES DE PRAZER NA “TERRA DO PETRÓLEO”

Chamar a prostituta de “mulher da vida” é uma expressão reveladora. Muitas mulheres não gostam, mais eu acho perfeito. A “vida” é o espaço em que se pode viver o desejo, a “fantasia”. Nesse espaço a prostituta faz seu trabalho profissional, cotidiano, anônimo. Atua na vida (...).

(LEITE – Eu, Mulher da Vida).

3.1 PROSTITUIÇÃO E SEXUALIDADE

A prostituição é definida como atividades sexuais com caráter comercial e consistem em práticas consensuais que compreendem um relacionamento íntimo, no qual, maior parte das vezes caracteriza-se por envolvimento físico erótico, em que inexiste qualquer afeto entre quem vende o seu corpo para o sexo, a prostituta, e aquele que compra, o cliente⁸² (MACEDO; AMARAL, 2005, p. 154-155).

A prática de comercializar o corpo e alugá-lo com o objetivo de proporcionar prazer a *outrem* é considerada umas das “profissões” mais antigas do mundo, contudo, costuma ser repleta de significados e interpretações que transitaram durante muito tempo entre o campo religioso, moral social e científico, sempre como atividade de degradação.

A prostituição, para algumas sociedades antigas, a exemplo dos esquimós e das tribos árabes, constituía-se numa forma de cortesia utilizada para acolher estrangeiros com alegria, carinho e respeito. Em alguns casos, o anfitrião cedia até mulheres da casa. Essa era chamada de prostituição hospitaleira. Havia também a prostituição sagrada e religiosa que era utilizada como forma de culto à fertilidade. Nesta, as mulheres se prostituíam por um período antes do casamento, ou por toda a vida (BENEVIDES, 2006, p.95).

Desde a origem das primeiras sociedades, da antiguidade ao mundo contemporâneo, diversas mulheres utilizaram-se do corpo, do sexo, da sensualidade e do desejo como objetos de sedução, como garantia de sustento e sobrevivência e, também prazer. A perseguição milenar e a condenação da prostituição como atividade degradante nasceu conjuntamente com o controle do corpo e da sexualidade, através do Cristianismo. A nova religião do mundo

⁸¹A expressão “mulherio” foi enfatizada e percebida na fala de maior parte dos depoentes, em que estes (as) referiam-se a casas de “mulheres da vida”, prostitutas.

⁸²Neste trabalho a prostituição discutida é somente a feminina. Não encontramos nas fontes analisadas qualquer referência à prostituição praticada por homens.

mediterrâneo escreveu sua doutrina através da fiscalização e contenção do sexo, atingindo profundamente as prostitutas. Em seus escritos, pregava a renúncia do prazer sexual, a castidade, a monogamia, a heterossexualidade compulsória e a submissão sexual da mulher pelo homem (BENEVIDES, 2006, p. 97).

O parceiro legítimo só era possível através do casamento monogâmico com pessoas de sexos opostos, neste caso, homens e mulheres, e as práticas sexuais só poderiam acontecer no interior desta conjugalidade, com finalidade exclusivamente para a procriação. Aqueles que praticassem o ato sexual que não fosse para gerar filhos eram considerados indignos da salvação, pois contrariavam as normas cristãs. A virgindade e a castidade permanente também foram fortemente incentivadas, principalmente com as mulheres (FOUCAULT, 2010b, p.22). A filósofa Marilena Chauí (1984) explicou este pensamento em seu livro *Repressão Sexual* ao argumentar:

A vinculação do sexo com a morte e, conseqüentemente, do sexo com a procriação, faz com que na religião cristã a sexualidade se restringisse a função reprodutora. Embora o sexo esteja essencialmente ligado ao pecado, todas as atividades sexuais que não tenham finalidade procriadora são consideradas ainda mais pecaminosas, colocadas sob a categoria de concupiscência e da luxúria e como pecados mortais (CHAUÍ, 1984, p.85).

Desta sorte, as práticas sexuais realizadas fora do casamento e sem objetivo de procriar foram consideradas pecaminosas, circunscrevendo o sexo que não se enquadrasse nestes “padrões”, dentro do campo da ilicitude, imoralidade e ilegalidade social e religiosa. A agenda era uma só: civilizar a sociedade ocidental, educando nos princípios cristãos, mantendo a sexualidade dentro dos limites considerados sadios e permitidos (DEL PRIORE, 2011, p. 48). As sexualidades envolvendo pessoas do mesmo sexo ou com vínculo comercial foram as mais perseguidas.

Os relatos bíblicos são documentos que revelam como foi construída esta representatividade sobre a sexualidade. Tomando a Bíblia como *livro sagrado*, suas passagens foram interpretadas e seguidas pelos “fiéis”, que consideraram, através das leituras, que praticar sexo fora dos pressupostos estabelecidos pela religião cristã significava “distanciar-se de Deus”. Não se aceitava o ato sexual, mas, tolerava-se como um “pecado permitido”, desde que adequado às normas estabelecidas, para a perpetuação da espécie. O próprio relato bíblico da criação do mundo através do mito do pecado original, cometidos por Adão e Eva, que ao comerem o fruto proibido sentirem desejos corpóreos, a vontade do sexo, já indicavam o porquê da restrição sexual nesta religião (CHAUÍ, 1984, p.83).

O pecado original, na perspectiva cristã, introduzido por Eva, é separar-se de Deus ao conhecer a carência, a falta, o desejo, descobrindo através do sexo que possui um corpo que pulsa, sente atração, desejo, dá prazer e é finito. Através do sexo, os homens descobrem que possuem um corpo que deseja, necessita de outrem para sobreviver. Separar-se de Deus, nesta perspectiva, é descobrir os efeitos de não possuir atributos divinos: eternidade, infinitude, incorporeidade, autossuficiência e plenitude. Através do sexo, perpetuamos a espécie humana e geramos seres finitos. A finitude, o fim, é a prova do distanciamento de Deus.

Portanto, quanto menos pecados sexuais os humanos cometerem, mais próximos eles estarão de Deus (CHAUÍ, 1984, p.84,85). Utilizando-se deste argumento, a religião Cristã modificou a forma como a sexualidade era praticada nas sociedades antigas, impondo normas, regras, condutas e colocando o sexo, as práticas e os desejos como um pecado. A confissão foi um dos mecanismos utilizados, principalmente na Idade Média, para saber e identificar o que as pessoas faziam na sua intimidade, em seus quartos, tudo deveria ser dito no confessional, até mesmo os desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo (FOUCAULT, 2010a, p.25).

Nesta lógica, o sexo deveria estar limitado ao quarto dos casados e as relações praticadas estavam circunscritas a regras que deveriam ser seguidas: “Normas regiam as práticas dos casados. Até para ter relações sexuais, as pessoas não se despiam. As mulheres levantavam as saias ou as camisas e os homens, abaixavam as calças e ceroulas” (DEL PRIORE, 2011, p. 42). O corpo tornou-se objeto de controle e mostrá-lo, acariciá-lo e incitar os órgãos sexuais passou a ser proibido. Deveria esconder o sexo durante o ato sexual e exercer a sexualidade dentro de diversos mecanismos de controle e normas.

Em seu livro, *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil* – a historiadora Mary Del Priore analisa as vivências da sexualidade, ao descrever que a prática sexual considerada “sadia” era aquela em que o homem deitava sobre o corpo da mulher e copulava através do sexo vaginal sem mostrar nenhum prazer ou gozo pela relação, pois, o próprio ato já era o pecado da carne e mostrar prazer por praticá-lo aumentava a ilicitude e o “delito da carne”. A relação deveria ser mantida dentro dos padrões e proibiam-se práticas consideradas “contra natureza” ou “fora do vaso natural”. A prática do sexo anal, além de ser condenada por não procriar era também considerada anormal, pois animalizava a mulher, comparando-a a feras em um ato que deveria ser sagrado (DEL PRIORE, 2011, p.42-48). Assim, perseguiam-se atos que excitassem e que estivessem fora da “posição certa”:

Era proibido evitar filhos, gozando fora do “vaso”. Era obrigatório usar o “vaso natural” e não o traseiro. Era proibido a mulher colocar-se por cima do

homem, contrariando as leis da natureza. Afinal, só os homens comandavam. Ou colocar-se de costas, comparando-se as feras e animalizando um ato que deveria ser considerado sagrado. Certas posições, vistas como “sujas e feias”, constituíam pecado venial, fazendo com que “os que usam de tal mereçam grande repreensão, por serem piores do que brutos animais, que no tal guardam seu modo natural”, dizia a Igreja (DEL PRIORE, 2011, p. 43).

As práticas sexuais passaram a ser controladas e a homossexualidade perseguida. A prostituição também foi condenada no discurso religioso, por não objetivar a procriação e também por a prática sexual ter a função de prazer, satisfação, distanciando os “*pecadores*” de Deus. Desta forma, aqueles que fugissem destes padrões eram considerados pecadores, desviantes, imorais, estigmatizados e fiscalizados e, as prostitutas eram a doença social que necessitava ser adequada, mas, não eliminada.

Durante a transição da Idade Média para a Idade Moderna, novos territórios passaram a ser invadidos pelos colonizadores europeus e, neste contexto, formou-se a sociedade brasileira. Aportou por estas terras o colonizador português, que trouxe consigo seu projeto de exploração e povoamento e, toda a carga moral-sexual cristã, com seus doutrinamentos e fiscalizações sobre a sexualidade. A sociedade patriarcal cristã colonial portuguesa doutrinou e reproduziu os códigos e regras de comportamento da sociedade brasileira que nascia.

A restrição sexual, desde os primórdios, mostrou-se evidente, as mulheres e a sua sexualidade seriam os principais alvos deste controle e restrição. Havia discursos cristãos que difundiam as normas de condutas fundadas em valores como castidade, pureza e decência. Esta mentalidade portuguesa colonizadora combatia relações fora do casamento, que eram chamados de “tratos ilícitos”, que estigmatizavam as mulheres chamadas “solteiras de vida dissoluta”, “contumazes pecadoras” e das “mal procedidas”. A virgindade das “moças solteiras de família” deveria ser defendida e a sexualidade da sociedade fiscalizada e controlada (DEL PRIORE, 2009, p.93). Existiam barreiras invisíveis, mas bem demarcadas, que separam as mulheres a partir do exercício da sexualidade. Neste sentido, as esposas não podiam ser confundidas com amantes voluptuosas e desenvergonhadas no momento do ato sexual. Essas deveriam conter-se, reproduzir as convenções sexuais e de gênero permitidas. A sexualidade feminina necessitava ser controlada, sobretudo pelo homem.

De outro lado, veicula-se e aceitava-se que os homens possuíam impulsos sexuais incontroláveis, os jovens solteiros precisavam resolver suas frustrações sexuais e os homens mal casados deveriam satisfazer seus desejos naturais. Afinal, o homem poderia exercer livremente a sua sexualidade, entretanto, as “moças honestas”, não. Essas sociedades patriarcais criaram a necessidade de mulheres que oferecessem gozo sexual aos homens,

evidenciando o controle das práticas sexuais submissas e neste contexto evidencia-se a prostituta (CHAUÍ, 1984, p.78).

A prostituta tornou-se necessária, pois poderia realizar as fantasias eróticas dos homens e manter a integridade moral da sexualidade do casal. As mulheres ocupavam-se da casa e iam a Igreja; os homens bebiam, fumavam charutos e se divertiam com as prostitutas. O adultério masculino tornou-se tolerado, nessa lógica, para o bom funcionamento do sistema (DEL PRIORE, 2011, p.83). O então considerado “submundo” da sexualidade deveria ser exercido fora do lar, na rua, onde os “desvios” poderiam existir. De formas separadas, eles não caberiam no mesmo teto, nem na mesma rua. A “perversão” só era possível, portanto, no mundo da prostituição, cabendo ao lar, respeito (MAZZIERO, 1998, p. 10).

Com a crescente perseguição as prostitutas na Europa com a Inquisição e, também por deportação para o povoamento da colônia vieram para a *terra brasilis* muitas mulheres que não eram “bem vistas”, mas, toleradas para o bom funcionamento do casamento e da sociedade, da “ordem”. Era necessário manter a integridade moral das moças solteiras (virgindade) até o casamento, tão valorizado nas mulheres, e os homens, com seus desejos considerados “instintos naturais” controlados.

Desta forma, a prostituição da Colônia à República não foi combatida, e muito menos perseguida pelo governo. Esta se inscreveu na economia patriarcal, dentro dos códigos da moralidade ocidental cristã, em que as mulheres que escolhessem ou fossem levadas a esta prática eram jogadas no limbo daquilo que se considera por mais sujo, podre e descartável. A atividade era tolerada, mas, através de todo um discurso que a pecamizava e excluía as mulheres prostitutas dos espaços sociais e dos códigos que seriam considerados como correto, sagrado e digno.

A prostituta aparecia neste contexto como desclassificada social, denominação muito utilizada no Brasil colonial para designar todo o universo de atividades que se situavam fora da estrutura básica da produção colonial – pessoas exerciam atividades que não eram definidas ou visibilizadas como trabalho – chamados de vadios (as), que viviam da vadiagem. Os (as) considerados (as) “vadios (as)” eram fortemente reprimidos pelo governo, entretanto, para a prostituição a repressão oscilava de acordo com o interesse dos governantes.

O controle dos desclassificados se caracterizava pela ambiguidade da ação dos poderes estabelecidos que, ora concebendo como ônus, ora concebendo como utilidade, oscilava entre a repressão em serviços complementares, mas, contudo, essenciais. Magali Engel (1989) em seu livro *Meretrizes e Doutores: Saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro* trouxe exemplos do tratamento dado às prostitutas pelos poderes públicos em 1771:

Dom Luiz Antônio de Souza recomendava ao Capitão – Mor José de Almeida Leme que prendesse as mulheres “fadistas” de Sorocaba e as enviassem para o Iguatemi, região onde poderiam “casar e viver como Deus manda”. A ordem era que todas fossem presas, desde que não fossem velhas ou doentes e incapazes de poder casar e aumentar a terra que fossem remetidas. Com esta ação, pela lógica patriarcal colonial, estas mulheres seriam transformadas em elementos úteis para o povoamento de regiões desertas (ENGEL, 1989, p.21).

Desde escravas a libertas, livres – brasileiras e imigrantes – as prostitutas compunham um conjunto, cujo perfil econômico social e cultural era bastante diversificado, compreendendo desde o chamado baixo meretrício até a chamada prostituição de luxo. Entre as diversas ruas, avenidas e centros das capitais e cidades brasileiras da colônia e república permeavam casas e centros de prostituição, que nos estudos analisados aparecem como profissão de mulheres em degradação, podridão, sujeira.

No século XVIII, o comportamento sexual estava, principalmente, no centro das preocupações ocidentais da religião e da filosofia moral. Criminalizar o sexo, controlar e estabelecer normas e condutas, através da confissão, inicialmente foi uma prática da Igreja Cristã. Contudo, fatores históricos, políticos, econômicos e sociais contribuíram para que os “discursos” sobre a sexualidade saíssem do campo religioso, permitindo que os olhos da medicina e do Estado se voltassem para a sexualidade, ganhando novos significados, através de uma nova Repressão Sexual. Surgia a necessidade de regular o sexo por meio de mecanismos úteis e não somente pelo rigor de uma proibição baseado na religião, tornando-a preocupação generalizada dos especialistas, médicos, psiquiatras, juristas de profissionais e reformadores da moral. Era necessário estabelecer formas de controle e poder ao definir onde, de que forma e com quem os indivíduos poderiam exercer sua sexualidade a partir da ciência. Inseriu-se, neste contexto, a “*ciência sexual*”, uma série de pesquisas que resultaram numa multiplicidade de discursos sobre a sexualidade, definindo e demarcando os espaços de exercício sobre a sexualidade ancorada não mais na religião, mas, na “ciência”, na razão.

Com o intuito de regular os padrões únicos de sexualidade e controlar todas as práticas sexuais para estabelecer a moral e expulsar dos limites do “seio social” todos aqueles “anormais”, o Estado se ancorou através destes múltiplos discursos médicos e jurídicos produzidos pela “Ciência Sexual”. A intenção era que: “Através da economia política da população formasse-se toda uma teia de observações sobre o sexo” (WEEKS, p.50, 2010). Aqueles (as) que não se adequavam a este padrão da relação heterossexual e procriadora eram

rechaçados (as) a uma “espécie sexual”, uma “doença”, “anomalia sexual”. Estes indivíduos deveriam ser confiscados e regulados pelo Estado para o bem da sociedade.

A repressão sexual foi o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade. Surgiu a análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e o econômico. Apareceram também, com esta *Ciência Sexual*, campanhas sistemáticas que, a margem dos meios tradicionais- exortações morais e religiosas, medidas fiscais – tentaram fazer do comportamento sexual dos casais e de todos os indivíduos uma conduta econômica e política deliberada, um padrão único para gerarem corpos saudáveis (FOUCAULT, 2010a, p.32-33): “Entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, toda uma teia de discursos, de saberes, de análises e injunções o investiram” (FOUCAULT, 2010a, p.33).

A ciência sobre a sexualidade, obtida através da prática da confissão com o domínio da religiosidade, funcionou no século XIX como verdade específica e inquestionável – e deve ser entendida pelo ponto de vista de uma história do discurso, que se inscreveu em um regime dotado de saber-poder-prazer (Foucault, 2010a, p.78). Através destes discursos médicos, “[...] multiplicaram-se as condenações judiciais das perversões menores, anexou-se a irregularidade sexual a doença mental; da infância a velhice foi definida uma norma de desenvolvimento sexual” (FOUCAULT, 2010a, p.52). O sexo dos casados passou a ser tipificado através destes discursos médicos e romper com as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam condenação. As chamadas “sexualidades periféricas” foram totalmente reprimidas através da difusão destes discursos. A homossexualidade, o incesto, o onanismo, lesbianidade, a prostituição são colocadas, assim como no doutrinamento patriarcal cristão, no rol das “sexualidades desviantes”.

O poder regulador ganhou impulso pelo seu próprio exercício no controle da sexualidade. O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os relatórios familiares contribuíram para revelar todas as sexualidades errantes e improdutivas (FOUCAULT, 2010a, p. 52-53). O controle destas sexualidades que estavam fora do padrão normal, na perspectiva de Foucault, constituiu um correlato de procedimentos precisos de poder. A família, o Estado e a Igreja se transformaram em dispositivos para a adequação da sexualidade sadia. No período demarcado como “vitoriano”, a sexualidade das mulheres foi bastante regulada para assegurar a “pureza” e manutenção da “família saudável”, pois eram as mulheres que geravam os filhos, que procriavam, e estes “filhos” deveriam ter uma boa educação e saúde, sendo que a função da mulher era basicamente a procriação e dos cuidados com os filhos.

Evidencia-se que, entre discursos religiosos a científicos, categorias universais, atribuídas às mulheres, pautaram durante séculos códigos de conduta e comportamento, em que se definiu o tipo ideal de mulher dentro do esperado para o seu gênero - submissa, frágil, recatada e obediente, cabendo-lhe o papel de desempenhar, com honradez, sua função de mãe e boa esposa (SOHIET, 1997, 367). A imagem da mãe-esposa-dona de casa, submissa e controlada pelo poder patriarcal, como principal e mais importante função da mulher correspondeu ao pregado pelas Igrejas Cristãs, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa (MALUF, 1998, 374).

A prostituição passou a configurar um espaço visível, espetacularizado e quantificável, de interesse de várias esferas do mundo científico, político e religioso, à medida que se tornava uma profissão reconhecida com a expansão do mercado capitalista. Este mundo se inscreveu numa economia em que predominaram as relações de troca, com todo um sistema de codificações morais, que valorizou a união sexual monogâmica, a família nuclear, a virgindade, a fidelidade feminina, destinando um lugar específico às sexualidades insubmissas (RAGO, 1989, p. 23).

As mulheres prostitutas eram a verdadeira contradição da mulher ideal, tanto nos discursos religiosos como nos discursos médicos, baseados na cientificidade e na “racionalidade”. Se o sexo era um assunto de Estado e seu controle e regulação eram necessários, o que fazer com aquelas que sobreviviam da prática do ato sexual? Baseado nestes discursos sobre a sexualidade “desviante”, o olhar ocidental referente à prostituição, enquanto prática social e tema acadêmico, durante muito tempo foi saturado de representações extremamente moralistas, que associaram as prostitutas a imagens de sujeira e podridão e ao que constitui uma dimensão rejeitável da sociedade (RAGO, 1989, p.23).

Muitos estudiosos procuraram explicar os motivos que levavam as mulheres à prática do meretrício por elas não se ajustarem a estes ideais e padrões normativos da ordem estabelecida. A meretriz inseriu-se no âmbito da alteridade, antítese da imagem ideal da mulher/mãe/casada, por desvincula-se ao modelo idealizado de pureza, castidade, virgindade, submissão, obediência, rompendo com os controles impostos, tornando-se uma identidade que surge da “oposição” ao que deve ser seguido. Estas mulheres que não se adequavam a este padrão normativo de sexualidade e as chamadas “sexualidades periféricas” passaram a ser analisadas e tipificadas através dos discursos médicos que surgiram neste período. De 1860 até 1890, a prostituição, as doenças venéreas, a imoralidade pública e os vícios privados estavam no centro do debate: muitas pessoas viam na decadência moral um símbolo da decadência social (WEEKS, 2010, p.53).

A prostituição foi inserida pelos discursos médicos no espaço da sexualidade doente, daquilo que estava longe de ser o padrão normal da sexualidade considerada sadia. A concepção da prostituta foi construída, fundamentalmente, através da oposição ao papel de esposa/mãe. O instinto sexual não controlado geraria a perversão e/ou depravação, comprometendo não só a capacidade orgânica, mas também a capacidade moral da mulher para conceber e gerar filhos (ENGEL, 1989, p.83). As prostitutas eram um grande mal social, porém necessárias.

Diversas obras (ENGEL, 1989); (RAGO, 1989) e (SOARES, 1992) nos indicam como estes discursos médicos “europeus” chegaram ao Brasil e quais foram os mecanismos de controle, de poder, de regulação, utilizados pelo Estado com políticas de regulação e higienização das cidades, com a intenção de tirar dos grandes centros urbanos a “chaga social”, as prostitutas. A intenção dos médicos e sanitaristas era controlar, regular e tirar dos olhos da sociedade as prostitutas que transitavam nos grandes centros, elas deveriam ser confiscadas e exercerem sua atividade em um lugar que não perturbasse a boa ordem, a moral.

Soares (1992, p.16) revela que os médicos da cidade do Rio de Janeiro se basearam, principalmente, nos trabalhos dos higienistas franceses da primeira metade do século XIX que discutiam a prostituição parisiense. Através dos estudos destes relatórios, os médicos cariocas procuravam explicar a prostituição enquanto um fenômeno ao mesmo tempo natural e social, e tentavam desenvolver um conhecimento para que fosse possível o controle do fato, que na impossibilidade de removê-lo, viram-se obrigados a tolerar. Enquanto fato natural, a prostituição foi vinculada à possibilidade de realização do instinto sexual masculino.

As medidas de controle e fiscalização que os médicos e juristas tomaram em relação à prostituição foram plenamente justificadas pelas teorias científicas vigentes do período, que se fundamentaram em estudos de Augusto Comte, Hebert Spencer, Richard von Krafft – Ebing e Cesar Lombroso. Os sanitaristas e médicos brasileiros se pautaram no pensamento destes sanitaristas europeus que atestavam a inferioridade física e mental da mulher, especialmente, a da prostituta (RAGO, 1989, p.165).

O processo de incorporação da prostituição ao campo do saber médico trazia implícita a necessidade de transformá-la em objeto de ação médica. Para que a temática fosse associada aos estudos da medicina a prostituição passou a ser vinculada como principal propulsora das doenças venéreas. Tal aspecto apresenta-se como um dado fundamental, não só para que o estudo da prostituição pudesse ser plenamente absorvido nos espaços de produção do conhecimento médico, mas também para que se legitimasse uma atuação saneadora do médico (ENGEL, 1980, p.64).

Então, influenciados pelos pensadores europeus, os pesquisadores brasileiros definiram a prostituta como “mulher anormal”, “delinquente nata”. Sua debilidade psíquica foi associada a uma constituição deficitária, explicada devido à comercialização do seu corpo. As teorias científicas sobre a condição feminina foram marcadamente biologizantes e culpabilizaram a mulher pela prostituição. A explicação da existência da prostituição recaiu, sobretudo, na debilidade psíquica da meretriz, decorrente de uma configuração orgânica e patológica (RAGO, 1989, p.165-166).

As mulheres prostitutas foram tipificadas e analisadas pela religião, médicos e juristas por representarem justamente o antônimo determinado da mulher-mãe-burguesa esperado pela sociedade patriarcal, como ideal da feminilidade, não incorporando a condição feminina padrão no sistema de valores de fidelidade sexual, renegando, portanto, o seu papel pré-destinado (LEITE, 2005, p.50). Entretanto, estudar as mulheres nas relações de gênero pressupõe a aceitação da existência plural dos sujeitos, a desnaturalização das identidades fixas, a desconstrução das feminilidades e a indicação das multiplicidades das mulheres, neste caso específico, a incorporação e discussão sobre a mulher-prostituta, que se utiliza da sexualidade como “profissão”, prática que assim como as mulheres, também é controlada pelos poderes dominantes.

Por isso, a prostituta simbolizou e simboliza, segundo Rago (1989, p.25), a alteridade mais radical e perigosa. Esta é identificada como uma roupa vestida ao avesso, e sem estudá-la, a imagem da mulher em nossa sociedade será sempre de um só lado (LEITE, 2005, p.18):

A prostituta foi recoberta com múltiplas imagens, que lhe atribuíram características de independência, liberdade e posse: figura de modernidade, passava a ser associada á extrema liberalização dos costumes nas sociedades civilizadas, a desconexão dos vínculos sociais tradicionais e á multiplicidade de novas práticas sexuais. Figura pública que podia comercializar o próprio corpo como desejava, dissociando o prazer e amor, aventurando-se através da livre troca pelo dinheiro. Poderosa, desprezava os conceitos morais; se apresentando como ameaça de subversão dos códigos de comportamento subversivo (RAGO, 1989, p. 37).

Para os estudos das relações de gênero, é impossível uma definição universal das mulheres, elas divergem em suas condições sociais, etnia, raça, crenças religiosas, enfim, na sua trajetória marcada por inúmeras diferenças (SOHIET, 1998, p.275).

Analisando as mulheres das camadas populares, Sohiet (1998) relaciona e problematiza as mulheres pobres da cidade de São Paulo, já indicando diferenças determinadas pelo gênero e, pela classe, evidenciando a multiplicidade e a complexidade das relações sociais. Nesta análise, os códigos de comportamento variavam entre as mulheres

pobres no início do século XX, evidenciando que estas não se adaptavam aos padrões normativos de feminilidades e lugares sociais que as elites tentavam impor. Em geral, as mulheres trabalhavam muito e não eram formalmente casadas. Brigavam na rua, muitas pronunciavam palavrões, fugindo, em grande parte, ao estereótipo atribuído ao considerado sexo frágil, que a burguesia tentava impor.

As mulheres das camadas mais elevadas da sociedade fomentavam aspirações de casamento formal como padrão, já aquelas dos segmentos mais baixos, fossem mestiças, pretas e mesmo brancas, viviam menos protegidas e sujeitas à exploração sexual, ao trabalharem para sobreviver (SOHIET, 1998, p. 275). As suas atividades desdobravam-se em sua maneira de pensar e de viver, contribuindo para que procedessem de forma menos inibida que as de outras classes sociais, o que se configurava através do linguajar “mais solto”, maior liberdade de locomoção e iniciativa nas decisões (SOHIET, 1997, p.368).

As prostitutas, tanto aquelas que serviam nas camadas mais elevadas quanto as que atuavam nos segmentos mais pobres, foram recobertas de múltiplas imagens, pela atribuição de características de liberdade, independência e poder, ou seja, as ações e práticas que as mulheres “honestas” não podiam exercer. Vistas como representações da modernidade, passaram a ser associadas à extrema liberalização dos costumes nas sociedades civilizadas, à desconexão com os vínculos sociais tradicionais (RAGO, 1989, p. 37).

3. 2 AS PROSTITUTAS EM CANDEIAS

No contexto, de expansão e urbanização de Candeias, a prostituição destinou-se a um comércio mais diversificado e de maior vulto, em ambientes especialmente reservados a este fim, em que se multiplicaram os espaços públicos de sociabilidades, criando novos canais de mobilidade social. Com o crescimento econômico na localidade, proporcionado pela indústria de petróleo, a crescente chegada de trabalhadores e, conseqüentemente, os “vultos” de dinheiro, este comércio expandiu-se com a migração de mulheres para exercerem a prostituição. As “indesejadas”, de “sexualidades periféricas” deslocavam-se para a localidade que se modernizava de diversas regiões da Bahia, Brasil e, até mesmo de outros países. De acordo com José Catarino, dono da casa Sonho da Noite ⁸³, que existia na região do Brega do 24:

[...] elas eram de vários lugares. Tinham de todo tipo... tinha de todo tipo,

⁸³ Esta era umas das casas de prostituição que fazia parte da Praça do 24 e era propriedade de José Catarino.

toda nação, não era só brasileira não, era de toda nação, japonesa, inglesa, tudo aqui. [...] Elas chegavam com as sacolinhas e perguntando... O dono da casa ia dando logo morada a ela e ela ia ficando nas casas [...] não tinha nenhuma daqui não, dificilmente aparecia uma daqui, só vinha de fora (JOSÉ CATARINO, 30/01/2013).

Mesmo consideradas “marginais” e “indesejáveis”, por viverem da sexualidade em uma sociedade que considerava que as mulheres respeitáveis eram aquelas que obedeciam aos papéis de gênero no trinômio esposa/mãe/dona-de-casa, e enquadravam-se nos ideais das feminilidades reclusas no campo privado do lar, as “mulheres pelo avesso” multiplicaram-se em Candeias, principalmente nos tempos frutíferos do “ouro negro”. Quando se aproximavam os períodos de pagamento da Refinaria, aumentava o número de meretrizes que não pertenciam à cidade:

Ah de fora, Candeias não! Vinha de fora, de Itabuna, Ilhéus, Conquista, Itapetinga, esses lugares de fora. Essas meninas muitas, desses lugares por aí, desses interiores todo, elas vinha, quando dava assim, que o pagamento saia dia 25... quando chegava (dia) 15(quinze) elas estavam chegando, quando era 30 (trinta) ,01(primeiro),02 (dois) ,03(três) elas levavam o dinheiro para suas famílias. Esse 24 aqui como chama, era muito falado no Brasil todo, e corria fama do dinheiro do petróleo (JÚLIA, 13/03/2013).

Foram inúmeros os prostíbulo que existiram em Candeias, muitos com características e nomes atípicos no período histórico analisado e, cada casa de “mulherio” abrigava aproximadamente 15 a 20 prostitutas⁸⁴. As mulheres foram atraídas porque “corria dinheiro com o petróleo” e, coincidentemente ou não, alguns ambientes de prazer situaram-se próximo a poços de extração de petróleo, justificando a atração: “Quando eu cheguei aqui minha filha já tinha esse negocio lá embaixo mais eu não sei, eu não sei nem dizer. Os petroleiros, dia de sábado, ninguém podia tá na rua. Quem tomava conta de Candeias eram eles, quanto mais agora”⁸⁵.

José Magalhães confirmou esta atração pelo “ouro negro” ao indicar sobre os espaços que compunham o Brega do 24:

Os espaço daqui na parte do mulherio, as mulheres, elas tinha o meio, porque tinha, aqui tinha. Quando começou o movimento do petróleo a pessoa passava aí embaixo de madrugada, meia noite, 1h da manhã, parecia um carnaval, gente bebendo pelo meio da rua, era... uma bagunceira miserável. Tinha vez que tinha briga, tinha confusão, mas era assim mesmo porque o movimento o pessoal... que trabalhava nas firma da refinaria, que o povo que vinha do Rio, de São Paulo de outros canto se alojava aí. Tinha o

⁸⁴ Informação obtida a partir de depoimentos orais realizados durante a pesquisa.

⁸⁵ Teresa, 14/04/2008.

alojamento deles, mas de noite eles corria, todo mundo corria aí pra baixo pro mulherio. Isso aí na época, assim de final de semana, assim dia de sábado e domingo aí embaixo parecia um carnaval, aí em baixo então... (JOSÉ MAGALHÃES, 28/01/2013).

A partir do surgimento dos ambientes, juntamente com as prostitutas e os clientes, na relação mercadoria/consumidor que as complexas conexões entre o mundo do trabalho petrolero e da prostituição passaram a constituir-se em um emaranhado de representações que serão exploradas a seguir.

3.3 CASAS DE MULHERIO: BURACO DOCE E BOATE DE FIRMINO.

O Brega denominado de *Buraco Doce* surgiu em Candeias entre o final da década de 1950 e início da década de 1960. Não conseguimos precisar a temporalidade deste ambiente e as fontes orais indicaram que se localizava em frente a um poço de extração de petróleo, conhecido como C-14, que encontrava-se em um grande campo, retirando petróleo durante todo o tempo, num bairro afastado do centro de Candeias, chamado Malembá. O petrolero aposentado Everaldo Saba, que trabalhou neste poço e conheceu este espaço descreveu a geografia prostitucional local:

Ficava numa bancada, mais o poço era um pouco mais a frente. Tinha uma casinha de roceiros, tinha uma três ou quatro casas que exploravam a bebida também, vendiam bebidas, uns barzinhos nestas casas. Elas aproveitavam as madeiras deixadas pela Petrobrás e colocaram nas casas delas (EVERALDO SABA, 30/07/2007).

O Buraco Doce se constituiu de várias casas simples, pobres, de barro, madeira e palhas, próximas umas das outras, numa mesma rua, que delimitou temporariamente uma zona prostitucional de baixo meretrício na década de 1960: “era uma casa de taipa, tinha vários quartos, sendo uma casa baixa. Na casa também havia dois tonéis onde elas tomavam banho, faziam as coisas delas”⁸⁶.

Além de casebres pobres, o Buraco Doce também se compunha de casas de avenida, indicando que não era composto de somente de uma casa, mas, de várias, situadas em espaço específico. A moradora Olga situou as casas “conhecidas” que funcionavam como meretrícios:

Morei na casa de Izidrio, ali era avenida de Izidrio. Na casa de O..., ali era

⁸⁶ Everaldo Saba, 30/07/2007.

um brega, também naquela avenida ali de Izidrio, tudo era brega, que eu tava e morava ali. Da casa de O..., para cá era tudo breguinha, em Izidrio, era na de bichinho também. Tinha de C..., A..., M... preta que mora...Ali tudo era. Izidrio alugava mais fazia vida né, cada qual no seu quarto botava quem queria. Nessas avenidas todas do Malembá aí, do Buraco Doce tudo eu botei água (OLGA, 09/04/2008).

O Buraco Doce era uma região situada geograficamente em que coexistiam diversos ambientes com homens e mulheres que brigavam muito, mas, que mantinham relações sexuais envolvendo dinheiro. Olga indicou a presença de várias casas, sempre relatando casos de brigas, o que também foi confirmado por Teresa, Beatriz e Heloisa ao informarem sobre os desentendimentos envolvendo as mulheres populares que ocorriam nas casas próximas umas das outras, também chamadas de casa de avenidas: “[...] tinha Z..., já morreu, T..., tá viva, mora aí embaixo. A outra que teve uma briga danada na porta lá de casa que foi pau, foi pedra, as duas irmãs, aquelas mais claras, tudo fazia vida aí”⁸⁷.

Na rua do quase inabitado bairro do Malembá, onde funcionava o prostíbulo também moravam algumas famílias, e estas parcas residências quase que se confundiam nos limites da vegetação local. Segundo Olga, que mora na localidade há mais de 50 anos e acompanhou este processo: “[...] era mata, mata, aqui tudo era mato. Aí a gente tinha até medo de entrar, nesse lado aí era tudo cipó trançado do mato que tinha”⁸⁸. Outra antiga moradora, Beatriz, também traz informações:

Essa rua aqui, era tudo mato, era aqueles mato, aquela capoeira, só tinha assim, só tinha aquele canto pra gente passar. Quando nós tinha dinheiro, nós comprava aquele barril d’água dos animal, dos aguadeiros [...] aqui era tudo mato, tudo mato, tudo mato, a gente tinha aqueles pé de madeira grande, ele derrubava, cortava, pra fazer aquela tora para poder fazer as casa. A gente arrancava aquelas raizinha por debaixo do chão que era para fazer as casas em cima, que aí era cada raiz por debaixo do chão que a gente rançava de lixadeira aí. Aqui era cada um mato medonho, aqui era medonho de.... Aqui quando era de noite, quando tinha só quatro a cinco casas, aqui fazia medo até sair do lado de fora. Aqui tinha cada rolo de cobras, uma cobrona... Eu tava parida, aí nessa casa aí da frente, um dia chegou uma cobra dessa grossura (demonstra o tamanho da cobra com as mãos) assim amarela, entrou pela casa, quando eu cheguei fechei a porta. Avemaria! Tu é doido! (BEATRIZ, 06/01/2013).

A localidade ainda não tinha iniciado o processo de urbanização e modernização que já acontecia no centro de Candeias neste período, e as ruas eram sem asfalto, em que eram feitas pequenas trilhas no meio da vegetação para os moradores passarem. Inexistiam estradas

⁸⁷ Olga, 09/04/2008.

⁸⁸ Idem,

que ligavam o Malembá, que hoje é o bairro mais alto de Candeias, ao Bairro Central e a principal presença “estrangeira” era dos petroleiros do C-14, que chegavam em jipes, devido a lama no local, para realizarem a manutenção do poço com frequência:

O poço, o poço de petróleo trabalhava dois, um chamava Pli... e outro Vil.... Quando o dia vinha um fiscal olhava como é que tava. Depois que acabou o poço de petróleo entulharam e conseguiram fazer as casas aqui agora, que agora é uma igreja Assembléia de Deus. Aí...aí onde tá a Assembleia de Deus. Ali em cima do tanque de petróleo e quando trabalhava de noite. Era uma zuada minha filha, ninguém conseguia dormir de noite, um fedor, aquele petróleo minha filha... [...] O poço...o poço de petróleo funcionava direto, as vezes entrava carro aí dentro, entrava carro direto nesse poço aí. Trabalhava dois homi, tinha é... tinha um tanquinho de petróleo, era... Eu morava aqui ó, eu morava aqui, nessa casa azul, nova aí, morava... (BEATRIZ, 06/01/2013).

Por aqueles tempos, entre os fins de 1950 e início de 1960, com o crescimento das atividades petrolíferas na região, terrenos começavam a serem arrendados para a construção de casas, povoando aos poucos a localidade. Estas terras, da atual Rua José Xavier, onde se localizou o Buraco Doce, pertencia a Laurentino Nolasco da Cruz, o qual vendeu essa mesma fazenda em 1927 para José Teodoro da Costa. Em 1950 a fazenda foi desapropriada pela Petrobrás, que encontrou petróleo na Rua José Xavier, rua principal do bairro. Algumas depoentes indicaram que partes destas terras também pertenceram ao Senhor Izídoro Lavrador da Silva, que também vendeu parte dos terrenos para a Petrobrás, quando se descobriu o petróleo naquelas terras, perfurando um poço na mesma Rua onde funcionava o Buraco Doce. Santos (2000, p.87) também faz referência à descoberta de petróleo e desapropriação das terras da Rua José Xavier pela Petrobras, quando o petróleo foi encontrado na localidade.

Neste período, maior parte das ruas candeenses não contava com água encanada e energia elétrica e, estas casas funcionavam na luz do candeeiro e a água consumida por estas mulheres era comprada dos (as) aguadeiros (as). Olga, era aguadeira⁸⁹ e prestava seus serviços às prostitutas que comercializavam seus corpos nesta zona pobre. Ela relatou que no entrar e sair destas casas vendendo água observou a dinâmica e funcionamento deste espaço, revelando que as mulheres atendiam aos clientes em esteiras, em colchões de capim ou no chão de quatinhos abafados, nas pequenas casas que se destinavam para esse fim.

Tratando do cotidiano, para atrair os clientes, diversas eram as táticas que as prostitutas do Buraco Doce utilizavam. Vestiam-se com roupas mais justas, delineando as partes do corpo. O petroleiro aposentado Everaldo Saba conta que algumas chamavam os

⁸⁹ Pegava água nas fontes e vendia nas casas. Quem realizava esta atividade era chamada de aguadeiro (a).

clientes e os fitavam com um olhar convidativo para adentrarem no recinto e desfrutarem de seus serviços sexuais. Nestes locais, também funcionavam pequenos botecos em que se vendiam bebidas, cigarros e petiscos para contribuir nos rendimentos das profissionais. De acordo com Olga e Everaldo Saba, elas também colocavam em bacias passarinhas e peixes fritos para vender, servindo como acompanhamento a pinga ou conhaque, que eram as bebidas mais consumidas pelos clientes. Também vendiam doces caseiros como cocadas.

As informantes Teresa e Olga recomendaram, durante esta pesquisa histórica, que Beatriz fosse ouvida na composição desta narrativa, por esta ser umas das moradoras mais antigas. E esta foi a única a negar, dentre as mulheres ouvidas, a existência e atuação do Buraco Doce. Essa negação talvez seja por esta não ter tido conhecimento sobre as atividades sexuais desenvolvidas naquele espaço, ou até mesmo, uma forma de esquecer e omitir o passado que não gostaria que fosse lembrado/revivido. Contudo, revelou sobre o funcionamento dos bares que se situavam no espaço das casas de mulheres:

Era...quando aqui... Se aqui tinha um rebanho de malandro, que bebia, ficava bebendo, jogando sinuca, jogando baralho pelas pitangas. Mas, o pessoal colocou o nome assim “buraco doce”, não morava mais ninguém dessa família aqui. A metade já foi embora, a outra metade já morreu (BEATRIZ, 06/01/2013).

Os frequentadores destas casas que compunham o Brega do Buraco Doce, segundo as entrevistadas, não se limitavam aos trabalhadores do “ouro negro”. Com a inexistência de opções de lazer, outros sujeitos, que sobreviviam de atividades menos privilegiadas também frequentavam os botequins com mulheres do Malembá. Eram homens pobres, trabalhadores urbanos e rurais, que nos fins de semana iam a estas casas e quartos em busca de diversão e prazer. Muitos mantinham envolvimento sócio afetivo com estas mulheres.

Não conseguimos perceber através dos relatos atuação da (o) cafetina (ão), aquela (e) que administra a casa, passando para a prostituta uma porcentagem do valor pago pelo cliente. Quando as casas são controladas por cafetinas, as prostitutas são tratadas como funcionárias que trabalham na empresa do prazer, sendo obrigadas a receber um elevado número de clientes (RAGO, 1989, p. 131). As do Buraco Doce podiam escolher livremente os seus clientes. Havia, portanto, liberdade de escolha, de horário e trabalho. Além disso, conseguiram manter-se sem vínculos de dependência, podendo sair da zona a qualquer momento, envolvendo-se em outra atividade laboral. Contrário ao que acontecia em outros prostíbulos que se espalharam por Candeias, a exemplo dos que se concentravam na Praça do 24.

Devido ao crescente aumento de ambientes de prazer e “concorrência”, as casas de meretrizes buscavam mecanismos comerciais para diferenciar-se das outras e atrair os clientes. O Buraco Doce, por situar-se em local afastado do centro de Candeias, aderiu a “diversidade” de práticas sexuais para atrair os clientes. Ouvimos este relato somente pelo olhar masculino, contudo, sabe-se que o lugar de gênero muitas vezes impossibilita as mulheres a falarem sobre a sexualidade e suas variantes. Até mesmo porque nenhuma das mulheres que narraram sobre a presença do Buraco Doce apresentaram-se como frequentadoras e “trabalhadoras” destes espaços, sempre se protegendo, ou por negar a presença do brega, ou por afirmarem constantemente que ficava distante de suas residências e que não frequentaram.

Essa negação ocorre, sobretudo, por muitas destas mulheres hoje encontraram-se nos chamados limites respeitáveis da sociedade e, por temerem ser consideradas e apontadas como mulheres que foram “da vida” no passado. Mesmo que tenham utilizado da prostituição como mecanismo de sobrevivência quando jovens, na contemporaneidade, essas mulheres são “senhoras da sociedade”, avós, bisavós. Com valores atribuídos e classificatórios ao feminino, que indicam “mulher de bem”, “respeitável” que perpassam, neste momento, tanto para o gênero, quanto para a geração.

O nome sugestivo e “atípico” deste prostíbulo, segundo Everaldo Saba, era referente às práticas sexuais ou fantasias eróticas dos clientes, no ato sexual. No vocabulário popular da época, a expressão “buraco” tem diferentes significados. O sentido aqui discutido, o “buraco” que era “doce”, era o prazer oferecido pela diversidade das práticas sexuais. Everaldo Saba também conta que o nome era “porque elas faziam o serviço completo e muitos eram atraídos para lá por isso”. E complementa: “E elas cobravam caro e se eu te falar uma coisa você não acreditar, muitas delas conseguiram homens que casaram com elas”⁹⁰.

Mulheres “faladas”, “perdidas”, que “brigavam”, não eram as mais indicadas para casar. Ainda mais, uma mulher que já havia vivenciado a sexualidade com outros homens. Na fala do Everaldo Saba, percebe-se o espanto quando este retruca que “muitas delas conseguem homens que casaram com elas”. Veremos que casamentos entre mulheres “da vida” e homens da região, na qual incluimos trabalhadores do petróleo, foi muito comum. Veremos a partir de outros exemplos reais as complexidades dos valores patriarcais pelo fato de diversos homens do corpo social candeense estabelecer matrimônio com estas mulheres “da vida” como uma forma de presenteá-la, dar verdadeiras “provas de amor”, premia-las e

⁹⁰ Everaldo Saba, 30/07/2007.

muitas meretrizes apropriaram-se desta possibilidade para inserir-se na sociedade que a renegava. Então, as mulheres que não se adequavam aos padrões vistos como “sadios” da sexualidade e comportamentos esperados para a “moça de família” casaram-se na Candeias do petróleo.

Outra depoente também confirma a diversidade de práticas sexuais e fantasias eróticas que eram oferecidas e consumadas no Buraco Doce e nos informa que: “Era porque era mulher, tinha mulher comedora de homem, de tanto doce, as mulher, o mulherio, aí botam o nome doce”⁹¹. O linguajar solto, despojado e vulgar usado pela depoente Olga, o termo “comedora” se refere à maior liberdade de práticas sexuais que as meretrizes ofereciam ao desfrute de prazeres, ao buscarem satisfazer sexualmente o seu cliente.

Rago (1989, p.91) argumenta que a prostituta se tornou no imaginário masculino, necessária para a liberação de fantasias, transfigurada na sexualidade pecaminosa, paga, porém mais violenta e excitante. Ela atua no espaço marginal, oferecendo aquilo que o freguês procura, sabendo ler seus desejos e preencher suas expectativas, apesar do comércio. As mulheres prostitutas praticavam com os homens a sexualidade que era proibida e impensável com a casada.

A prostituição comercializada a partir dos atos sexuais possibilitava que outras práticas consideradas anormais e desviantes fossem reveladas. O mundo do prazer permitia a fuga da sexualidade “sadia”, estabelecida pelo casamento marital, sem opções que permitissem trocas, sexo além do vaginal, variação nas posições sexuais. O desejo sexual e sua satisfação por meio de práticas que fugiam ao comum ofereciam outros prazeres, que por serem vistos como um pecado, nem todas as mulheres “honestas” e “casadas” permitiam-se. Fato que explica-se devido ao tabu que as mulheres tinham sobre a sexualidade e corpos e, também, pelo medo de serem comparadas a prostitutas.

As mulheres de casa deviam ser respeitadas e as de “fora” serviam para realizarem as fantasias sexuais vistas como imorais e impróprias. Não procuramos investigar como se desenrolavam as relações sexuais entre as meretrizes e os trabalhadores do petróleo, todavia, no desenrolar da conversa com José Magalhães, foi revelada a situação de troca de parceiros entre casais, que envolveu um engenheiro e uma mulher de outro prostíbulo da Praça do 24. Esta troca ocorria em um evento secreto e fechado, chamado Clube da Chave, realizado somente entre os petroleiros dos cargos mais especializados – os engenheiros. Neste sentido, José Magalhães revela que:

⁹¹ Olga, 09/04/2008.

O clube da chave aí era de engenheiro, era do negócio de gente que tem dinheiro e era a sociedade dos casado, não era de peão não. Clube da Chave em Mataripe existiu era os... engenheiro, eles tinha aquela festa, aquele negócio. Ele ia, as família, todo mundo “pá” festa né, aí quando terminava a festa, aí as mulheres ficava, todo mundo, as mulheres ia pros quarto. Eles já tava todo mundo já cheio. Aí pronto! Quando terminava ali, aí eles tinha a camareira que era a mulher que forrava lá o negócio, ajeitava o negócio da cama, e aí o cara ia, as chaves a mulher ... as chaves ficava no lugar chamado ...ele metia a mão, pegava a chave e abria. Então aquela chave que ele pegou, a mulher que tivesse lá era aquela que ele ia, fosse a de outro que fosse. E então tinha o engenheiro que ele era solteiro e levou uma loira pra lá, pra morar com ele. Era “Dr. Piloto”. Aí ele ficou um tempão com essa mulher, a mulher lá, ele ia pra lá, e pegava os engenheiro ficou lá com a loira dele e ele pegando as outras lá dos engenheiro, dos... que era casado, depois quando descobriram, aí botaram ele pra fora, ele saiu (JOSÉ MAGALHÃES, 28/01/2013).

O fato descrito por José Magalhães indicou que os engenheiros costumavam reunir-se para beberem e socializarem com amigos e esposas no Clube dos Engenheiros. Quando uma “farra” acabava, iniciava-se outra secreta e sexual. As mulheres ficavam nos quartos e os engenheiros pegavam aleatoriamente a chave de algum dos quartos. Independente da mulher que estivesse naquele quarto que uns dos engenheiros entrassem, mantinham-se relações sexuais. De com este petroleiro aposentado, clube era uma troca de casais fechada entre engenheiros, conjuntamente com suas esposas e ninguém de Mataripe sabia deste “acontecimento”, visto como “anormal”, “estranho”, “da sexualidade periférica”.

Entretanto, ele trouxe a história de um “conhecido” que rompeu com os “acordos” do Clube da Chave. O “Dr. Piloto” resolveu fazer parte do Clube da Chave desejando trocar a “mulher” com a de algum colega de função, e o fez. Ele era solteiro e resolveu levar uma moça muito bonita para a troca, contudo, ele levou uma das meninas da Praça do 24, que se prostituía na Boate Grande Hotel. Ao descobrirem que havia ingressado no grupo fechado uma mulher prostituta, e que ela fora levada por um dos engenheiros da refinaria, os outros integrantes do “clube” ficaram indignados. O resultado foi a demissão do “Dr.Piloto” por ter inserido em um ambiente de casados uma “mulher da vida”⁹².

Existem ambiguidades acerca do que se referenciam como “moral” e “normal” nas relações maritais neste relato. A fidelidade é um dos valores a ser seguido dentro do casamento e entra no campo da “moral”, mas, era quebrada neste clube. Constatou-se que “trocar” as esposas com outros “colegas de função” era permitido, entretanto, ingressar uma “mulher da vida” no “clube” era imperdoável. Ela, a “senhora” do “Dr.Piloto”, não era digna

⁹² José Magalhaes, 28/01/2013.

de estar ao lado de senhoras casadas, mesmo que elas “às vezes” também mantivessem relações sexuais com mais de um homem.

O significado dado ao nome do prostíbulo como Buraco Doce se insere dentre as práticas sexuais vistas como “anormais” e “desviantes”, no “serviço completo”, apontado por Everaldo Saba, encontrava-se o sexo oral e anal, vistos como perversões sexuais que “moça honesta” não poderia praticar. Contudo, percebemos, através da fala de Magalhães que narrou este “caso” envolvendo o “Dr.Piloto”, que na sociedade petroleira candeense, a sexualidade “desviante” era cotidiana. Os discursos de controle eram regulares, mas, as práticas insubmissas ocorriam no escapar das vigilâncias.

Outra possibilidade que explica o nome da zona de baixo meretrício como Buraco Doce, segundo as fontes orais, deu-se pelas constantes brigas e bate-bocas que ocorriam nestas casas, afirmando, neste sentido, que o ambiente era favorável ou “doce”, pólo de atração de brigas e confusões. As antigas moradoras Olga, Teresa, Heloisa e Beatriz declararam que era muito comum verem as mulheres em singulares sociabilidades, brigando e discutindo pelas ruas, alegando e caluniando furtos, fofocas e intrigas entre elas. Quando estas brigas ocorriam, uma meretriz gritava na janela: **“Aí A... gritava: - Oh o Buraco Doce!”**, legitimando o apelido colocado no lugar:

Lá era homem puro, agora ninguém sabe o que fazia, briga, era briga horrível lá. Era o pessoal de Mano, chamava Lagoa de Mano, ele morava por ali. Não sei da onde foi que eles chegaram, mais eram encrenqueiro, era uma porção de gente ruim, era mulher e botaram o nome Buraco Doce lá. Que a Lagoa de Mano era para lá [...] Era casa de homem, de mulher, que bebia, era cachaça. Ah! Minha filha eu não sei o que era aquilo. Era um pessoal que pegava o que era do zoto e que fazia bagunça, bagunça mesmo, lá era bagunça mesmo, aqui não, aqui não tinha isso. Aqui não tinha, quando a poliça passava, que via, eu conhecia os policial tudo que eu lavava aqui para os policial, aí quando ele chegava lá ele dizia: - a gente vai dar uma batida lá em cima. Eu falava: - pode corre que a poliça ta vindo para pegar vocês.. [...] (TERESA, 17/04/2008).

Devido às brigas e confusões neste ambiente que eram frequentes, e a própria marginalização do local, era comum se depararem com policiais rondando a região, realizando batidas nas casas, perseguindo as prostitutas ou procurando alguém envolvido com o crime entre os casebres e matas do Malembá. Bacelar (1982, p.12) aponta que, quando os indivíduos não se ajustam aos padrões normativos prescritos pela ordem institucional, apresentando desvio radical da ordem, passam a ser considerados como criminosos, delinquentes, ou outras denominações similares. A prostituição, considerada um comportamento divergente, tem sobre si um estigma, que recai como maior incidência,

discriminação e violência quando está calcado na prostituição da pobreza. A localidade apresentada, assim como as mulheres e seus frequentadores enquadram-se nesse perfil.

Quando ocorriam as batidas policiais na região, desfazia-se a linha invisível que separava as “mulheres da vida” daqueles que se encontravam fora do mundo da prostituição, distantes da atmosfera do comércio sexual, mas, que moravam na mesma Rua e, dividiam os mesmos espaços, aflorando os laços de solidariedade. Teresa, lavadeira que prestava seus serviços para a delegacia de Candeias, revela que quando ouvia comentários ou promessa de batidas policiais no Buraco Doce se dirigia ao ambiente para avisar as “vizinhas”:

Aí quando começava a briga lá em cima, a poliça, quando eu via que a poliça vinha, desses homens, dava muito tiro. Quando eu via que a poliça vinha eu ia avisar a eles, pra não vê matar. Aí quando começava a briga deles lá, aí A...(cita o nome) gritava: Olha o Buraco Doce! Quando a briga começava lá, ficava tudo bebo (TERESA, 17/04/2008).

A preocupação das mulheres que habitavam a região, mas, que não faziam parte do mundo prostitucional era de serem confundidas com as meretrizes que se prostituíam próximo às suas residências. No seu depoimento, Teresa defendeu que o Brega do Buraco Doce não se situava nos limites (arredores) de sua residência, ficava na mesma rua, mas não próximo à sua casa e complementou:

Mais não é aqui, pode ter certeza, fala que é aqui mais não é porque aqui só morava eu, B..., D... e B.... Aí já vai muito, como que diz, que a gente tava aqui mais lá pra cima já tinha gente. Tinha uma mulher chamada A..., tinha essa...esqueci o nome dela que morreu, que mora pra lá da casa de T...[...] Mas era dali pra cima. Aqui pra baixo não, era dali pra cima. Aqui pra baixo pode se chamar que não é mesmo. Buraco Doce aqui não! Quando falam eu brigo, viu?! Aí depois que chegou as pessoas aí brigava, né? Mais eu criei os meus filhos aqui, criei meus filhos aqui e ninguém tem o que dizer de meus filhos (TERESA, 17/04/2008).

Mesmo argumentando em suas falas que o apelido contemporâneo da rua, que vigora desde este período, não deveria ser Buraco Doce e que não faziam parte do mundo que envolvia a prostituição, essas mulheres forneceram, através de suas falas, ricas informações sobre como se desenrolavam as teias de relações sócio sexuais nestes espaços. Também, sempre indicavam a presença das outras mulheres “conhecidas” no bairro, que viviam nesse espaço e provocavam as brigas e algazaras. Teresa contou diversos episódios, dentre eles, uma batida policial ocorrida por sua solicitação devido a brigas ocorridas por um “amor não correspondido”, envolvendo uma pessoa conhecida dela, afirmando que os policiais a conheciam e sabiam que ela “não fazia parte”:

Ele teve aqui porque eu fui lá, prestei a queixa. Prestei queixa porque ele, foi aquela mulher que chama... Como é o nome dela? Aquela velha que morava lá para dentro, é L.... Diz ele, diz eu não sei que ela se apaixonou por esse menino chamado Su.. que é irmão de Urb... Aí parece que ele não quis, ela jogou água na cara dele, ele empurrou e ela pegou a poeira e trouxe. Espancou ele muito (Su..), junto com Alfredo Serra que era o prefeito. Aí eu cheguei e desci. Eu tinha um amigo meu que trabalhava lá e que chamava Diol.... Ele tinha um armazém aqui, ele gostava de mim, até já morreu. Aí eu cheguei lá e disse: “Diolino a conversa é essa, essa, essa...” e Diolino disse: “vumbora lá!”. Ele me levou lá no coronel, e ele disse pode ficar com a certeza que amanhã eu desço com a caravana. Chegou aqui, chegou aqui uns dois dias, ninguém queria dizer onde era minha casa. aí uma menina, ela trabalha na padaria, pois, não sei se ela se lembra ainda, tava meninazinha. Ela que veio trazer ele aqui, acho que é filha de Gra..... Ele disse é a senhora então umbora lá ela morava, também só chegava eu, menino e o pessoal que veio de lá.. ele. Mundinho Mamão era o delegado e Alfredo Serra.... Aí Mundinho Mamão correu, Alfredo Serra correu, todo mundo correu. Ele disse assim, que a certa da delegacia só era eu, eu e o menino [...] (TERESA, 17/04/2008).

Neste mesmo relato, Teresa evidenciou algo bem curioso ao indicar que enquanto estava na delegacia “resolvendo essa situação”, viu várias mulheres do Brega do 24 detidas. Ela narra que conversou com as mulheres do 24 e solicitou ao delegado que as soltasse, relatando também que estas meninas a reconheceram, algum tempo depois, na feira de Candeias e que a agradeceram por ter “ajudado”:

Aí tinha uma porção de mulher presa. Eu perguntei assim: vem cá porque é que vocês estão presas? - mulher disse: - ah! brigaram com a gente lá. Eu:- sabe por que foi?Tinha umas oito. Aí eu fui e disse doutor tem umas meninas aí, tudo bonitinha, mais tão tudo suja, sem tomar banho, sem nada, o que é que eu faço? Bem assim, dentro da delegacia. Ele disse assim pega a chave, quem não for que é crime pode mandar embora. Faça o que quiser aí, mesmo assim. (...) Aí ele disse ói eu vou ver quem tá lá fora. Você vai para um canto e elas para outro, viu? Para não descer tudo junto, e foram embora. Tem um dia que eu chego na praça, que eu tô fazendo feira chega todas aí quando me viu foi uma alegria e disse: - eu posso dar um abraço na senhora? Eu disse pode sim. Uma abraça, outra abraça, uma abraça, outra abraça. Eu não era de lá mais um bem eu fiz, eu fazia bem e até hoje, quem eu não puder ajudar eu não atrapalho (TERESA, 17/04/2008).

Nesse episódio, observa-se a solidariedade entre as mulheres e as linhas invisíveis que demarcavam os espaços para não ser reconhecida como “mulher da vida”. Na década de 1960/80, período em que funcionaram os meretrícios, manter-se dentro dos padrões respeitáveis para a sociedade representava o desejo de muitas mulheres, especialmente Teresa, que era pobre e mãe solteira, já discriminada pela sociedade. No período, descrito por Teresa, a mesma morava sozinha com duas filhas pequenas, em uma casa simples, nas proximidades

do Buraco Doce. Para sobreviver, lavava roupa de ganho para o delegado de Candeias e moradores das redondezas e sempre “lavava, passava e engomava” para se sustentar. Fonseca (1997, p. 534) aponta que mães solteiras provedoras de suas casas não eram “aceitas” pela sociedade vigente, pois, para a mulher ser “honesta” deveria ser casada, não havia alternativa. A vida de trabalho é algo bem demarcado na fala desta senhora, sempre positivando o seu trabalho e luta para criar os filhos⁹³.

As “injúrias” e “calúnias” por morar nessa rua, mas, ser “moça honesta” e “trabalhadeira, em meio às “faladas”, também ocorreu com Teresa. Era comum ela ser vista como “do meio” e isso ocorreu quando os policiais quiseram transferir as mulheres do Buraco Doce para a região em que coexistiam as casas que davam vida ao Brega do 24, e o nome de Teresa apareceu na lista de meretrizes:

Não foi não minha filha, assunto bem, eu vou te contar agora que me alembrei, eu tinha essa menina e outra. Eu lavava muitaaaaa roupa, amanhecia aqui 4h da manha eu atava passando roupa, numa casinha pequenininha, era deste tamanho a casa que tinha aqui (faz sinal com as mãos). Eu passando roupa, passava, lavava o dia e de noite eu passava. Passava as roupas, dobrava tudo e no dia de sexta-feira começava a entregar. Eu lavava para delegacia pros policial todo, pra todo. Era cada uma roupa feia, tudo arrumada de goma, de manga cumprida aqui ó, de elástico aqui é elástico aqui. Era chamada túnica a roupa deles, era bem brabo, era para ficar assim de goma, quem arrumava era eu. Daí um Lurde daqui de trás que morava com Leu, aí a poliça, disse que a poliça veio tirar as mulher daqui de cima pra lá pra baixo do brega, que fazia vida. Olha não foi ninguém quem mandou, eu tô te falando porque eu sabia, que veio Alô e Expedito com comissário de menor, eu nem sei se ele já morreu esse comissário de menor que teve aí, o juizado de menor. Aí ela (Lurde) colocou logo na cabeça o meu nome, ela e as filhas que fazia vida. Eu tinha duas filhas pequenas, trabalhava minha filha que eu nunca fui para a porta de um bar beber, nunca tive colega, nada, eu cuidei de meus filhos, nunca fui em uma festa aqui em lugar nenhum, botou meu nome. Dizendo que eu também fazia vida. Todo mundo me conhecia lá embaixo. Eles vinham aqui num Jipe velho pegava a roupa, eles me chamavam de D.Maria, todo mundo me considerava, eu tava novinha, todo mundo me considerava, eu não dava lugar. Eu trabalhava, chegava aqui, olhava assim... Quando foi nesse dia eles vem lá de cima e eu não tô sabendo de nada, com três ferro aí, três ferro no calvão(carvão), no calvão (carvão), eu ia passando, deixava outro. Daqui a pouco vem três e ela, aí quando eu vi Alô eu disse ó, fazendo aqui o quê? E as pongas (roupas) dele tudo ali com o cabelo de pau, espetando para poder panhar para levar, para eles vim buscar. Nesse mesmo dia eles levaram, na mesma hora as que tavam engomadas. Ele disse assim: - onde é a casa? E ela disse assim: - aqui. Aí ele disse: - Aqui? Ela disse: - sim. Eu disse: - O quê Alô? Ele deu uma broca no ouvido dela, foi bater foi ela cair. Foi minha filha, foi. Ele disse, sua nega descarada, essa daí eu boto a mão no fogo quente, levantou e

⁹³A feirante Dora, fonte oral apresentada no segundo capítulo desta dissertação, também enfatiza o trabalho como mecanismo de sobrevivência no sustento dos filhos, justificando, assim como Teresa, suas práticas. O olhar de gênero e classe dessas mulheres se cruza nessas narrativas, a partir dos seus relatos das lutas cotidianas.

chutou. Eu disse: - O que é isso Alô? O que é isso? O que é isso? Não faça isso não. Ele disse: - Aqui o seu nome ó. Era para levar você pro brega, que ela disse. (TERESA, 17/04/2008).

Teresa delimita nessa fala que estava trabalhando, engomando as roupas dos policiais quando alguns vieram buscar as mulheres do Buraco Doce para levar para a região do 24. Uma das mulheres colocou o nome dela na “lista” de “mulheres da vida” e a “autoridade”, o Senhor “Alô”, veio com a prostituta ver onde era a casa e quem era a mulher. Quando percebeu que era a Teresa, agrediu a caluniadora, pois esta sempre se mostrou nos níveis de respeitabilidade da sociedade e ele colocava “mão no fogo quente” por ela, pois trabalhava dignamente e todos a conheciam. Ela narrou que no momento da confusão olhou para a difamadora e disse: “Você já viu eu beber aqui? Você já viu eu fazendo vida aqui? Você já viu eu em porta de venda? Você já viu homem aqui a não ser esse daí pegar roupa, os rapazes pegando roupa? Você já viu? Você já viu eu pegada por aí?”. De acordo com Teresa, a meretriz ficou calada durante as suas indagações e os policiais percebendo o erro a agrediram fisicamente. A ofendida finalizou este relato ao indicar que: “Todo mundo gostava de mim, mas com respeito. Toda vida todo mundo me respeitou e eu respeitei todo mundo, eu gosto muito de respeito”⁹⁴.

O respeito, no olhar de Teresa, era a reprodução das convenções de gênero a ela destinado. Esta sabia dos seus limites e enfatizou que não vivia na rua, nas portas de bares, bebendo, com “qualquer um”, mesmo sendo jovem e mãe solteira. Ocorreu a necessidade de representar a feminilidade idealizada e os comportamentos almejados pela sociedade patriarcal para uma “mulher direita”.

Nas entrevistas e no decorrer da pesquisa, dados nos levaram ao encontro com Heloisa, uma mulher que de acordo com Olga e Teresa, frequentava o Buraco Doce e se prostituía naquele espaço. Na expectativa de riqueza de informações, marcamos uma entrevista com ela, mas, no decorrer do depoimento, percebendo a intencionalidade da entrevista, a mesma buscou deixar claro que não fazia parte do meretrício:

É porque tinha umas mulheres que brigavam muito, disse que tinha umas mulheres aqui que brigavam muito, neste tempo eu não morava aqui não, eu morava lá em cima, na Boa Vista. Mais diz que aqui tinha umas mulher que brigava muito, aí colocaram este nome Buraco Doce, mais eu não gosto que chame assim não. Eu gosto que chame Rua José Xavier, que aqui não tem mais mulher que briga, não tem mais ninguém, tudo aqui agora é família de decência. (HELOISA, 09/04/2008).

⁹⁴Teresa, 17/04/2008.

Para aquelas que fizeram parte do mundo prostitucional deste período, ou que viveram nas proximidades destas casas e que observavam a dinâmica desta atividade considerada “imoral”, não é fácil relatar ou reviver memórias que confirmem o seu passado. Leite (2005, p. 11) argumenta que as mulheres que exerceram a prostituição no passado se negam a falar pelo fato de terem que admitir sua participação em uma experiência “fora da lei”, estigmatizada como marginal pela sociedade, sendo que muitas delas hoje “reingressaram na sociedade”.

É perceptível nesta fala de Heloisa o desejo de negar/esquecer, re-fazer a trajetória pessoal, pelo apagar da memória experiências consideradas negativas pela depoente. A intenção das mulheres entrevistadas foi sempre indicar que estavam fora daquele espaço, ambiente que não seria adequado para uma mulher “digna”. Nesse sentido, para Beatriz, foi importante afirmar que a prostituição não existiu naquela região, mesmo narrando às brigas e confusões que, segundo Teresa, Olga e Heloisa configuravam o Buraco Doce: “Aqui tinha uma mulher que bebia muito, que brigava, mas não tem nada de mulher de prostitua aqui não, agora... agora mulher que bebia tinha, brigava... [...] Se teve foi lá pra baixo (24), por aqui não”⁹⁵.

Conforme podemos perceber, o Buraco Doce não configurou uma típica zona prostitucional do imaginário popular, onde se encontrava a figura da cafetina, salão tocando a música do momento, quartos luxuosos, várias mulheres, bebidas e homens com status social. Na região da Praça do 24 percebemos a presença de “casas melhores” e de fluxo intenso de pessoas. Foi uma zona de baixo meretrício popular composto de casas rústicas, de taipa, palha, muito pobre, onde algumas mulheres passaram a vender o seu corpo sobre esteiras para sobreviver, num período de intenso crescimento urbano-industrial em Candeias.

Os estudiosos sobre o tema condicionam os fatores econômicos, principalmente à miséria, como determinantes para a prostituição de mulheres, especificamente a praticada em áreas específicas, mais conhecidas como zonas (GASPAR, 1988, p.73). As mulheres do Buraco Doce podem ter visto na prostituição uma forma de sobrevivência, ou de complemento, para o seu sustento. Segundo Pereira (1967, p. 66), as mulheres precisavam ganhar para as suas necessidades e de seus dependentes, pois suas despesas ultrapassavam os salários habitualmente pagos às mulheres desprovidas de habilitações específicas. As meretrizes da zona eram geralmente mulheres pobres e sem qualquer nível de escolaridade.

⁹⁵Beatriz, 06/01/2013.

As mulheres que narraram às histórias dessa zona prostitucional eram/são das camadas populares e semianalfabetas.

Fonseca (1997, p. 534) ao estudar as mulheres pobres gaúchas, do início do século XX, apresentou informações que complementam essa argumentação, ao indicar que muitas meretrizes pobres eram casadas ou amasiadas e viviam em cortiços ao lado das “mulheres honestas” e operárias, não significando que a sua atividade “indecente” era aceita pelas vizinhas ou pelo marido, o que Bacelar (1982) também encontrou em Salvador. Muitas mulheres pobres usavam a prostituição como complemento para a manutenção do lar, devido aos baixos rendimentos do marido, que não arcava com todas as despesas da casa. Elas viam na prostituição uma alternativa de sobrevivência e não se prostituíam frequentemente, ocorrendo somente nos momentos de extrema dificuldade econômica, em situações específicas, caso quando não estivessem trabalhando em outra atividade considerada “honesta”.

As mulheres trabalhavam em diversas funções como lavadeiras, aguadeiras, passadeiras, empregadas domésticas, feirantes. Então, quando alguma dessas funções não proporcionava o mínimo para a sua sobrevivência e de seus filhos, recorriam à prostituição. Contudo, também se percebeu através dos relatos que muitas preferiam viver do comércio sexual, pois garantiam maior renda, que exercerem atividades que rentabilizavam o mínimo para a sobrevivência, exemplos que veremos quando adentrarmos nas vivências do Brega do 24.

Os depoimentos não se referem com exatidão sobre o desfecho do Buraco Doce e as depoentes Teresa e Heloisa argumentaram que, com o tempo, as mulheres foram saindo das casas, deixando de “fazer vida” e o movimento diminuiu, acarretando o fim da zona. Não são dados precisos, pois, não apresentam motivos fixos. Segundo Teresa: “Foram saindo, sumiu, sumiu, sumiu..., depois veio e comprou umas casas lá atrás. Porque os outros sumiu tudo, sumiu tudo e a metade já morreu”⁹⁶.

Outra possibilidade foi que com a baixa produtividade do poço de petróleo C-14 na localidade, a Refinaria Petrobrás decidiu paralisar a produção naquele campo, acarretando na diminuição de transeuntes no local, principalmente petroleiros, ocasionando a queda na clientela, e, conseqüentemente, o fim do estabelecimento. Quando Dora veio morar com seu marido e filhos na região, no ano de 1971, esse “comércio do amor” não existia mais. As

⁹⁶Teresa, 17/04/2008.

matas naturais das décadas de 1950/60 já desapareciam com o contraste das habitações que se erguiam, contudo, o “apelido” da rua ficou como “herança”.

Associado a isto, deve-se destacar que o Buraco Doce se localizou numa região de difícil acesso, longe do centro da pequena Candeias, aumentando as suas desvantagens em relação aos prostíbulos que havia mais próximos ao centro, levando a confirmar que estas casas deixaram de funcionar como ambientes de prostituição no início da década de 1960.

Nesse período, também pelos fins da década de 1950, havia outro prostíbulo no Malembá, além do Buraco Doce, que funcionou na Rua conhecida por Bela Vista, chamado de Boate de Firmino. José Magalhães revelou que o local ficou assim denominado por causa do dono, que se chamava Firmino. Havia, segundo o depoente, um bar e, nos fundos do estabelecimento, ficava uma avenida com pequenos quartos, que o dono alugava⁹⁷ para os clientes usufruírem dos serviços sexuais das prostitutas. Era também uma zona de baixo meretrício, mais coexistindo, neste caso, a figura de um cafetão.

Quando perguntada sobre este prostíbulo, respondeu Olga: “Eu nunca fui lá não, era uma festa, ainda tem casa lá. Fazia um forró da peste ali, lá na ladeira grande”⁹⁸. Teresa também confirmou a presença deste ambiente no Malembá. Ambas, Olga e Teresa, fizeram questão de enfatizar que nunca foram nesse ambiente e não poderiam dar mais informações:

Não sei filha, eu não sabia. Eu nunca fui, eu tinha medo de passar ali. Eu era difícil descer ali. Eu descia por aqui, descia e subia por aqui, por essa ladeirinha aqui. Eu não ia lá, eu comecei ir lá depois que terminou, porque Vado comprou, Licinha foi morar lá. Quando aquela casa caiu tava com muito tempo, agora que foi que caiu. Ouvia dizer que era boite de Firmino, mais eu nunca passei lá (TERESA, 17/04/2008).

Memorialistas da época indicaram a existência desse espaço, ao relatarem sobre a procura dos prostíbulos que funcionaram no Malembá, indicando que se fazia até fila nos dias posteriores ao pagamento dos trabalhadores do petróleo. Segundo Costa (1990, p, 141), começou o número de prostitutas a aumentar e estas, que o autor identifica como “rameiras”, vinham de Salvador “prestar serviços” em Candeias nos períodos de pique.

José Magalhães narrou um “causo” vivido por ele quando frequentava este espaço, que era “cheio de mulheres bonitas” e que ele, “enquanto homem macho”, não aguentava ver. Ele

⁹⁷A “chave do quarto” era o pagamento do aluguel pelo cliente. O preço variava, dependia do tempo e das praticas sexuais exigidas pelos clientes e acordadas pelas meretrizes. O dono do quarto passava uma porcentagem do valor pago para a prostituta.

⁹⁸Olga, 09/04/2008.

ficou “encantado” por muita loira bonita e gastou todo o dinheiro que estava guardando para comprar um carro com ela:

Eu acho que naquela época eu era doido mesmo. Teve, eu tive outro problema lá em Firmino, lá no Malembá, no alto do Malembá. Eu tive um problema com uma loira... bonita “retada”, a mulher era linda... uma mulher bonita, ela cantava, parecia uma artista. Aí teve uma vez que eu tive outra encrenca lá nesse Malembá, aí eu tava com essa loira, me lembro, até hoje me lembro o nome dela, Maria Teixeira Brumos, o nome da loira, mulher bonita “retada”. Olhe! Eu tava com dinheiro, eu ia compra um jipe novo. Tava com dinheiro no banco pra comprar um jipe novo. Aí eu sai de férias, aí vi essa mulher bebendo cerveja aí na..., foi nessa época mesmo de... Romeiro. Aí eu olhei assim, eu tava tomando uma cerveja aí ela tava sentada assim..., eu fiz assim (faz sinal com o dedo), pontei o copo pra ela, eu digo: Venha! Aí pronto, “êita” meu Deus do céu pra que eu fiz isso! A gente subiu lá pra onde ela estava lá pro Malembá. Rapaz eu gastei meu dinheiro todo! O dinheiro que eu estava no banco pra comprar o jipe, eu gastei o dinheiro todo. Chegava no banco e tirava, era R\$10.000 era R\$20.000 ela perguntava: Meu filho... você trabalha onde? Eu digo: eu não trabalho pra ninguém, trabalho pra mim mesmo. Aí chegava no banco tirava o dinheiro. Comprava 2 a 3 galinha e levava, porque naquela época, naquele tempo não tinha esse negócio de galinha assim como agora, gelada não. Era tudo... chegava ali na feira e comprava nas capoeira 2 a 3 galinhas, levava, mandava elas matar, aí a gente comia. Tinha Maria essa, e que tinha uma outra colega dela, só tinha as duas lá, a melhorzinha que tinha lá, era Maria e a índia... chamava... Railda. Aí quando foi, e ela, essa índia que era Railda, como é, essa loira namorava comigo e namorava com outro cara, chamava Faixa Branca que trabalhava em Mataripe (JOSÉ MAGALHÃES, 28/01/2013).

O espaço era frequentado pelos trabalhadores do petróleo, no qual englobamos os pertencentes à Refinaria de Mataripe e das firmas subcontratadas da Petrobrás. Algumas das mulheres que ficavam neste Brega não pertenciam ao ambiente, mas, frequentavam o espaço e movimentavam dinheiro, pois faziam o cliente beber e gastar na casa. Caso aparecesse alguém interessado na prostituta, poderia alugar uns dos quartos de Firmino ou ir para o quarto alugado pela meretriz em outro espaço. O “encantamento” de Magalhães pela meretriz o levou a ir diversas vezes para esse ambiente, em que a agradava e pagava as despesas da sua conquista. Entretanto, como prostituta, “Maria” não devia exclusividade ao seu cliente, o que estava em jogo era quem “pagava mais”, o que provocou confusão, e, sobretudo, desonrosa a Magalhães, pois este tinha como parâmetro para as suas práticas as representações de masculinidades⁹⁹ vigentes. Maria, na versão de Magalhães, era uma “loura muito bonita” que se relacionava com ele e outro empregado do “ouro negro” popularmente chamado de Faixa Branca. Porém, em um dado dia ela estava no quarto com ele e o seu “rival” chegou chamando-a, batendo na porta do quarto:

⁹⁹As representações das masculinidades petroleiras foram trabalhadas no segundo capítulo desta dissertação.

Aí quando eu tava lá mais ela, aí chegou o Faixa Branca batendo na porta, aí ela não levantou pra abrir? Aí quando a mulher levantou pra abrir a porta rapaz, eu disse: o quê mulher, o que você acha? Ela pensou que eu ia sair pra ela pegar o outro. Aí eu “rastei” o belo, ela nunca tinha me visto com uma arma de fogo. Aí eu meti a mão debaixo do travesseiro. Quando ela levantou pra abrir a porta eu disse: olha que tá aqui com você é homem, não é mulher igual a você não! Aí a outra aí gritou: é isso aí, quero ver é homem “retado”, quem tá não sai, quem chega não entra (JOSÉ MAGALHÃES, 28/01/2013).

Quando o “fato” aconteceu Maria não estava mais na Boate/Brega de Firmino, já havia alugado um quarto com outra meretriz, com quem dividia as despesas. José Magalhães descreveu que se sentiu traído com a situação, por ela não insinuar qualquer preferência por ele, já que “gastava todo seu dinheiro” e que logo depois deste ocorrido: “[...] terminei o mês, gastei o dinheiro todo e aí larguei, não quis mais”. O rapaz que “tentou” entrar no quarto também era funcionário de Mataripe, era operador de sonda de petróleo e ganhava três vezes mais que um ajudante (trabalhador braçal), função que Magalhães exercia no período. Por ela ter se levantado para atender “Faixa Branca”, a mesma demonstrou a sua preferência por quem tinha mais dinheiro, na visão do depoente¹⁰⁰.

Não encontramos informações que indicaram o desfecho sobre o Brega de Firmino. Mas, é certo que a prostituição na terra do “ouro negro” movimentou dinheiro, prazer, envolvimento amoroso, brigas, confusões, apelidou ruas e também contribuiu para o povoamento e urbanização das localidades em que funcionou o comércio do amor.

3.4 CASAS DE MULHERIO: A FAMOSA PRAÇA COM OS BREGAS/BOITES DO 24

Outro local de diversão, sociabilidade e prazer que surgiu em Candeias com o “progresso do petróleo” e que tocamos nesta narrativa é a mais citada entre os (as) depoentes, a famosa Praça do Brega do 24. Não conseguimos situar o marco cronológico de surgimento desse ambiente. Acreditamos que nos meados da década de 1950, surgiram as primeiras casas, que posteriormente, constituíram os espaços.

Nesta “praça” coexistiram diversos prostíbulos que se circunscreveram numa zona prostitucional de baixo e médio meretrício¹⁰¹, numa região delimitada geograficamente, mas

¹⁰⁰José Magalhaes, 28/01/2013.

¹⁰¹Consideramos médio meretrício os ambientes em que as casas têm melhor estrutura física, com salão e quartos reservados, em que oferecia bebida, comida e música em seus bares. As de baixo meretrício são os meretrícios que se constituem de casas pobres, sem infraestrutura, com quartos pequenos e abafados, muitas vezes sem portas e colchões. Nestas casas também foi costumeiro oferecer somente cerveja/pinga/cachaça aos clientes. Esta descrição é baseada nos depoimentos orais e se circunscreve as casas e espaços estudados nesta pesquisa.

próxima ao centro de Candeias, que se situava entre as vias que cortava a BA-522, estrada que ligava/liga Candeias à Refinaria e aos municípios de São Francisco do Conde e ao de Madre de Deus. Os meretrícios encontravam-se na beira das duas vias da estrada e eram visivelmente identificados por quem ali passava. Diariamente, centenas de trabalhadores da Refinaria de Mataripe eram “obrigados” a transitar por aquela via de acesso, assim como transeuntes que se deslocavam para as localidades próximas.

De acordo com o Relatório Preliminar da Conder, foi um local de significativa circulação de pessoas e carros, principalmente trabalhadores da Refinaria, propositalmente, um local que justificou seu aparecimento¹⁰². Essa zona ficou muito conhecida no Recôncavo baiano e até “famosa no Brasil inteiro”, de acordo com os depoentes e fontes impressas¹⁰³. Também se situava próxima a um poço de extração de petróleo, o C-24, que ocasionalmente denominou a região e era mais movimentada e conhecida que o Buraco Doce e, nas noites de intensa circulação de pessoas, parecia uma “festa de largo”, que, de acordo com Sueli as mulheres e homens se encontravam: “[...] tudo no meio da estrada se agarrando, se esfregando. Então os carros... as famílias que ia pra Madre de Deus, São Fransisco, Mataripe, tudo tinha que passar no meio dessas cenas toda”. A aproximação de corpos nos espaços públicos confrontava-se com as representações de moralidade da sociedade local, e a família deveria ser resguardada de presenciar cenas de “anormalidade”, segundo a fala da antiga frequentadora do espaço.

3.4.1 ORIGENS E MIGRAÇÕES DE MULHERES

A zona do Brega do 24 teve início, segundo Magalhães, com um evangélico conhecido por João Crente que alugava quartos de avenida para as empregadas domésticas, que trabalhavam nas casas de famílias dos funcionários da Refinaria de Mataripe. Estas empregadas não dormiam na casa do patrão. À noite, voltavam para suas casas e como forma de complementar o salário, traziam clientes para estes quartos¹⁰⁴. José Magalhães relatou que:

O 24 aí, o Brega começou assim, ali embaixo onde tem estes pés de Jaqueira aí embaixo. Tinha um crente, era dono da casa aí, e fez uma avenida de quartos e aí colocou umas “Donas” que trabalhavam como empregada na Refinaria, viviam empregada por aí, e aí as damas alugaram as avenidas, uma alugou um quarto, outra alugou outro, aí elas começou a trazer gente

¹⁰²Relatório Preliminar da Conder, 1976.p.,46.

¹⁰³Almanaque de Memórias dos trabalhadores da Petrobras.

¹⁰⁴Muitas mulheres pobres utilizam-se da prostituição como complemento, garantindo o seu sustento. Muitas não realizavam tal prática com frequência.

para aí, pegava um, pegava outro e trazia para aí. Então começou a vender cerveja, isso e aquilo, que não tinha nada, e começou assim. (JOSÉ MAGALHÃES, 22/01/2008).

Sobre o envolvimento sexual entre as empregadas domésticas que trabalhavam nas casas de família dos funcionários da Refinaria com os seus patrões, Costa, (1990, p.154), conta inúmeros “causos” que ocorreram, evidenciando em seu livro de memórias que era muito comum os petroleiros manterem relações extraconjugais com estas empregadas:

Vou chamar o nosso colega de Cruz. Bem, o colega também gostava de alisar a sua domestica e um dia foi flagrado pela esposa, no momento em que passava a mão no, quero dizer na...você entendeu, não? Pois é. A esposa viu aquilo e reagiu com a maior calma do mundo: - Vem cá benzinho, - chamou ela no quarto. Cruz se aproximou todo desconfiado, com um pouco de medo, e ela muito dócil, perguntou-lhe: - Você gosta disso, não é meu bem? – Perguntou ela batendo a mão batendo... naquilo, onde a pouco a mão dele deslizava na empregada; e continuou: - olhe, eu também tenho, venha... . (COSTA, 1990, p.154).

O memorialista também relata que alguns trabalhadores solteiros procuravam estas mulheres para terem relações sexuais, pagando-lhes ou agradando-as.

Quando José Catarino chegou a Candeias no início da década de 1970, o poço C-24 ainda funcionava, mas, não extraiu petróleo durante muito tempo e, então, “mataram o poço” que denominou a zona prostitucional. De acordo com Laura, que morava/mora nas proximidades do 24, e que acompanhou a dinâmica local, foram especialmente as “mulheres de fora” que instituíram este ambiente de prazer:

Aqui era tudo “casa de mulher”. Eu morava em retirada bem aqui atrás, onde tem uma bica aqui atrás, aqui mesmo nessa rua mais é cá atrás, eu morava cá atrás. Era casa de mulherio pura aqui. De fora, vinha tudo de fora. Tinha um Lazaro aqui, tinha uma boate ali, iam buscar as mulheres tudo de Salvador. Aquelas loiras me lembro, aquelas loiras do cabelão, aquelas brancona do cabelão vinha tudo pra casa dele, vinham tudo de longe, que ele não queria as mulheres daqui de Candeias não¹⁰⁵ (LAURA, 23/01/2013).

Após a instalação da refinaria e o crescimento da Petrobrás com a chegada de novos trabalhadores e de firmas subcontratadas, o poço C-24 rodeou-se de casas de prostituição entre o final da década de 1950 até os meados de 1980. O crescimento de bares e de prostitutas na região foi expressivo. Segundo Antônio Paterson, as mulheres vieram atraídas pelas “notícias de dinheiro, de poder” e que: “o Brega famoso mesmo veio com a Refinaria e

¹⁰⁵De acordo com a fala de Laura, as mulheres que compunham o 24 eram “brancas do cabelão”. Nas informações de Vera, Gilda, Paterson e Magalhães o espaço era frequentado por mulheres brancas e pretas. Não discutiremos neste trabalho a raça das meretrizes de Candeias, possibilitando que esta discussão se desenvolva em trabalhos próximos.

para cá vieram atraídas às mundanas que vieram de outras praças, de outros lugares, de outros municípios e vieram para cá”¹⁰⁶.

Dentre as mulheres que sociabilizaram e sobreviveram do comércio do prazer, todas as localizadas nesta pesquisa histórica, eram de espaços estranhos a Candeias. Gilda, natural do estado do Maranhão, foi atraída para Candeias no início da década de 1980 pelos boatos que circulavam em outras regiões como “terra para ganhar dinheiro” – a “terra do petróleo”. Visualmente bonita, com os olhos verdes e cabelos longos, atualmente com quase 60 anos, descreveu que já vivia da prostituição em seu estado e quando chegou à Bahia ela ficou um período na cidade de Serrinha, no interior do estado, até vir para Candeias: “Na verdade nós já estávamos em outra boate, em Serrinha, aí ela me convidou para vir pra cá, disse que aqui era bom, era organizado, que a gente vinha para uma casa organizada. Aí eu aceitei e vim”¹⁰⁷. Sendo convencida por uma amiga, acabou caindo nas graças de Lázaro, dono da Boate Escandinávia/Canecão, também conhecida como Boate de Lázaro e “fez vida” também na Boate de Zezinho. Esta primeira casa, em que Gilda “trabalhou” foi descrita como “[...] a casa mais organizada e com as moças mais “bonitas” do 24”. Ela narrou como chegou por “estas bandas” e descreveu a sua inserção no mundo da prostituição:

Eu vim para o Maranhão pra cá com uma amiga, amizade. Na verdade eu vim do Maranhão não foi com uma amiga, foi uma mulher dona de bordel que apareceu em num lugar que a gente ficava lá em São Luiz do Maranhão, numa praia que tem lá chamada Ponta da Areia. E aí que tinha muita mulher de prostituição, ia muito para praia mesmo, minha vida era tá na praia com colega do colégio também, ficava muito lá. E aí apareceu umas mulher dona de bordel, também eu ia para boate, mas, a boate era essa que era livre, não era boate que tinha casa de... que era igual aqui. [...] Aí eu vim para cá com uma que já conhecia, ela era até de Brasília essa menina. Ela era muito procurada essa mulher que ela era fininha isso (expressa com o dedo, mostrando que a “colega” era magra), as cadeirona bonita. Ela era muito paquerada, aí eu achava ela bonita, aí eu o vou com ela. Com ela eu vou me dar bem! Aí eu vim para cá (GILDA, 08/03/2013).

Outras mulheres que vivenciaram o 24 e que aparecem nesta narrativa apontam que foram convidadas por amigas, assim como Gilda. É comum no meio prostitucional saírem das casas com outras mulheres que estão com objetivos análogos aos seus. Migrando juntas elas sentiram-se mais confiantes e amparadas nas outras. Os motivos de escolha pelos espaços eram os boatos em que as mesmas escutavam entre as colegas que “está dando dinheiro” em determinada região. Nesse sentido, a região de Candeias se caracterizava como local de

¹⁰⁶Antonio Paterson, 14/02/2008.

¹⁰⁷Gilda, 08/03/2013.

prosperidade econômica e com atrativos para estas mulheres: dinheiro, homens e zonas de prostituição.

Duas décadas antes de Gilda ser atraída para Candeias, outras mulheres já chegavam por estas bandas, sem cogitarem ingressar na prostituição e viverem em algumas das várias casas que compunham o 24, entrando “na vida” por acaso, situação do momento. Sueli narrou que chegou a Candeias “fugida” de casa, na tentativa de “amasiar-se” com o irmão de uma “colega”. Contudo sua tentativa foi frustrada, e o relacionamento e a amizade não deram certo. Então, com 14 anos, Sueli passou a se prostituir para sobreviver, pois não queria voltar para a pobreza de sua família que residia na região de Feira de Santana, sertão da Bahia. Então, passou “um tempo” em uma casa de prostituição de “quartinhos alugados”, que Sueli disse não ter nome:

Todo mundo só falava de petroleiro, petroleiro, mas... depois caiu. No tempo que eu cheguei aqui, eu morei em um lugar ali que me trouxeram de Feira, né? (Feira de Santana) Num mulherio. Numa casa escondida, reservada, que eu era de menor. E as meninas não sabe disso não, viu? Eu era de menor, quando chegava a fiscalização a gente se escondia. A dona da casa colocava a gente para se esconder pra não pagar multa (SUELI, 01/02/2013).

Ela não chegou a Candeias com o mesmo propósito que Gilda, para trabalhar nas casas de prostituição. A mesma evidenciou que veio “iludida” e, quando chegou a cidade, o rapaz com quem estava “pegou a gostar de outra pessoa” e ela também se desentendeu com a colega, que era irmã de sua conquista. Quando fugiu de Feira de Santana, Sueli deixou dois filhos que já tinha com outro homem e informou que não quis ficar com as crianças, pois o pai dos filhos era agressivo com ela. Ele convenceu sua mãe a agredi-la fisicamente, a “dar uma surra nela”. Ela ficou angustiada com toda aquela situação de violência e acabou “tomando raiva dele”, justificando um dos motivos para fugir de Feira de Santana e migrar para Candeias.

As casas de prostituição eram fiscalizadas constantemente pela polícia para não abrigarem as meninas que fossem menores de idade, situação que provocou desavenças e dificuldades de locomoção da jovem meretriz. Sueli revelou que sofreu nessas casas, pois, as outras “moças” sentiam raiva e inveja e ocorriam brigas e desentendimentos:

A primeira que ciomou do marido me cortou toda meu rosto que eu fiquei, eu de menor, que a mulher me empurrou em cima do homem dela, né? Ela era apaixonada por esse homem a mulher ciomava da outra. Eu tava com a outra em pé conversando, ela me empurrou em cima do homem, a mulher. Hum, prestou não! Até hoje eu tenho marca no meu rosto, de unha no meu

rosto todo, desencarnou meu rosto todo. Depois eu fui para o NINA fazer corpo delito (SUELI, 01/02/2013).

Vera, assim como Sueli, também era menor de idade quando chegou a Candeias no final de década de 1960, atraída por uma “colega” para “brincar na micareta”, por mero acaso, e nem sabia sobre os Bregas da Praça do 24. Ainda assim, viu nesses espaços a possibilidade de sustentar-se e viver com mais liberdade. Já havia sido “amasiada” com um homem e tinha uma filha que estava sob a guarda do pai. Não desejava voltar para sua terra, então, resolveu ficar com a amiga na Boate de Leda e descreveu os motivos de sua migração:

Eu vim com uma colega minha porque eu... me perdi com um rapaz lá de Feira né, eu tava nova ainda, eu tava com 15 anos. Aí vivi com ele uns tempos, depois tive minha filha, engravidei, tive uma menina, hoje está com 46 anos. Só que não deu certo e a gente se separou e ele tomou a menina e vim para aqui. Uma colega me trouxe pra aqui. Eu nem sabia que era isso aqui..Aí ela falou: “bora pra Candeias”? Até em uma micareta que teve aqui aí ela: “bora pra Candeias, bora pra Candeias”? Aí eu vim, mas ela quando eu cheguei aqui ela... ela me trouxe pra aqui, né? Pra uma boate que tinha aqui de Leda, de uma mulher que chamava Leda. Aí eu fiquei nessa boate, mas, eu não me adaptei direito, né? Eu ficava... sei lá como... (VERA, 28/02/2013).

Outra depoente que compõe esta escrita é Júlia, que trabalhou como cozinheira e arrumadeira durante muitos anos no Brega/Boate das Três Jaqueiras, o ambiente que, de acordo com José Magalhães, foi uns dos primeiros, que posteriormente, com o surgimento de outros espaços, originou o ambiente do 24. Júlia revelou trajetória pessoal parecida com as de Sueli e Vera. Havia saído de um “amasiamento” que não tinha dado certo, pois seu companheiro batia nela. Ela também abandonou a casa, e os filhos do relacionamento ficou com o pai das crianças.

Após esse episódio Júlia relatou que foi trabalhar como empregada doméstica, função que realizava desde criança, e acabou sendo convidada por uma “colega” para trabalhar na casa de prostituição. Ela também era “estranha” a Candeias e indicou que não conhecia o ambiente prostitucional, mas, que a “dona do espaço” lhe garantiu que “ninguém mexeria com ela” e, com isso, ela não se prostituiu.

As falas de Sueli, Vera e Júlia apontam que “estavam perdidas”, não eram mais “moças virgens”, já tinham filhos e não eram casadas. Eram mulheres jovens, com filhos e sem marido, que não aceitaram a dominação masculina imposta. Não restavam muitas “opções” de trabalho e a prostituição, no caso de Sueli e Vera, não foi uma escolha, mas, a alternativa que as “circunstâncias” do momento impuseram para elas, e que decidiram

abraçar. Estar na “terra do petróleo” era a oportunidade de viverem suas vidas com mais liberdade, em que poderiam sustentar-se e viver a sexualidade tão controlada pela sociedade patriarcal na época.

Deduzimos que Sueli, Vera e Júlia não viram nos filhos impedimentos de deslocarem-se para outros espaços e redefinirem as suas vidas, ilustrando que a maternidade não correspondia circunstância de maior importância para aquele momento de suas vidas, escapando das feminilidades fixas, em que uns dos discursos são de que as mulheres valorizavam a maternidade e tem como objetivos determinantes serem mães. A personalidade “maternal” que a sociedade atribui às mulheres se limita aos atos de cuidado e servidão, frequentemente associados a um padrão submisso de comportamento, que essas mulheres contrariaram. A maternidade não foi uma escolha para elas, mas, uma condição. Suas subjetividades foram definidas por suas trajetórias, demarcadas pelo gênero, classe e raça, que desde criança necessitaram trabalhar para sobreviver, e nestes casos, os padrões da normatividade de mulher/casada/mãe/dona-de-casa não se enquadravam naquilo que realmente vivenciaram/vivenciavam em suas vidas cotidianas.

Diferentemente do que aconteceu no Buraco Doce, a figura do cafetão se fez presente no 24. Com o crescimento do comércio do amor venal, segundo os depoentes, apareceram outros sujeitos interessados em fazer parte do “novo negócio”, que se espalhava em Candeias. Eles foram descritos pelo Everaldo Saba como: “sabidos que buscavam estas mulheres, porque os homens que vieram queriam vê mulher e aqui não tinha”¹⁰⁸. Por esse período, com o surgimento das casas de prostituição, além das mulheres migrarem por iniciativa própria, iniciou-se o aliciamento e recrutamento, que resultou na vinda de mulheres de outros estados e cidades. Manoel Ferreira descreveu como ocorria:

Essas mulheres era um drama. Olhe! Eles nunca tinham visto uma mulher daquela bonita, que eram bonita. Assunte! Os homens vinham para aqui, saia uma turma daqui para ir a Sergipe, Pernambuco, Alagoas e Paraíba e traziam um caminhão, três carros de mulher. Ali era o ponto das mulheres que eles traziam, mutuava ali naquele ponto e ficava lá. Aí os homens conseguiram umas casinhas assim por aqui, de ter 5, 8, 10 mulher, aí o que se engraçava com alguém lá ia logo chegando e casando. (MANOEL FERREIRA, 01/08/2007).

Os “donos” destas casas de prostituição buscavam mulheres em outras localidades, estranhas a Candeias e contratavam as meretrizes, para as quais passavam uma porcentagem do dinheiro pago pelo cliente, ficando sempre com a maior parte. As prostitutas, na visão de

¹⁰⁸Everaldo Saba, 30/07/2007.

Paterson, eram exploradas. Ele denominou os cafetões de “barões”, relatando que eles: “tomavam o dinheiro dado “por fora” pelo cliente, cobravam o almoço, moradia, prendiam o dinheiro..., vivendo como escravas..., ganhando uma parte muito pequena, muito ínfima”. E o depoente complementou:

Tinha casos que a mulher ficava com as roupas presas, em posse deles, dos donos da boate, dono desses prostíbulo, para que elas não fugissem, não viajassem. Se quisesse uma roupa, um negócio tinha que tomar das mãos deles, tinha todo tipo de escravidão (ANTÔNIO PATERSON, 14/02/2008).

Apesar das afirmações indicando abusos, as mulheres que trabalharam nas casas pertencentes ao 24 não colocaram como “exploração” a relação entre os cafetões/cafetinas e as prostitutas. Perdura na sociedade que as relações no mundo da prostituição sempre envolvem exploração e violência contra as prostitutas. Contudo, segundo as depoentes, elas não se sentiram exploradas dentro dos ambientes. Os relatos de violência e exploração recaíram a acontecimentos que ocorreram fora dos limites da zona prostitucional.

A negociação para o comércio sexual era feita entre o cliente e o “dono” da casa na presença da meretriz. O pagamento era dado ao cafetão, que retirava o valor do quarto e passava a outra parte do dinheiro para a meretriz. Sueli, Gilda, Júlia, Vera e José Catarino, que foi dono/cafetão da Boate Sonho da Noite, descreveram que o “contrato” estabelecido entre o dono (a) da casa e as meretrizes era claro e quando perguntadas (os) se havia exploração algumas responderam:

Não era de exploração não. Elas vinham por que queriam, corria o boato do dinheiro do petróleo né, e elas vinha ganhar o dinheiro delas e iam se embora. Não tinha negócio... Elas não queriam menina de menor, na época elas não aceitavam de menor dentro de casa, ninguém queria menina de menor dentro de casa (JÚLIA, 13/03/2013).

Não, o que eu saiba não. Tinha que se virar né, quando pegava uma que não queria nada ele mandava embora, por que tinha que dar produção (SUELI, 01/02/2013).

Vera trouxe outras informações sobre a relação prostituta X cafetão:

Aqui não tinha esses negócios não, queria ir embora podia ir. Agora se tivesse devendo o dono da casa, por que às vezes o dono da casa dava comida e a gente tinha que pagar. Que ele também não era pai da gente, né? Mas quando a gente não tinha mesmo eles cansou de dar, cansavam de dar comida. Mas explorar... quer dizer eu também, a boate que eu morei aqui foi em Leda, Zezinho, só morei nessas duas, depois que eu sai eu aluguei quarto para mim, foi quando eu tive meus filhos também aí não pude mais ficar por lá (VERA, 28/02/2013).

Segundo Rago (1989, p.175), sendo a prostituta o principal produto a ser negociado, para obterem maiores lucros, os cafetões procuravam manter um alto grau de exploração sobre as meninas, controlando os seus gestos, ensinando-as como agradar e vestir-se para o cliente, seduzindo-os e os incitando a consumirem o máximo possível.

Havia um “contrato invisível” que era estabelecido entre os cafetões/cafetinas e as mulheres prostitutas, em que eles ofereciam alimentação e moradia a elas, mais uma parte do dinheiro do “programa”, quando mantinham relações sexuais com um “cliente” em dos quartos da Boate/Brega. O valor pago ao cafetão era o que chamavam “valor do quarto”. Catarino informou que as mulheres viviam nas casas, comiam, bebiam, realizavam todas as suas atividades diárias e que no final tudo era cobrado.

Gilda confirmou a relação prostituta X cafetão apontada pelo Catarino. Estabelecendo-se entre as Boates Escandinávia/Canecão e a Boate de Zezinho, Gilda relatou que na boate de Lázaro elas pagavam pela alimentação e tinham horários delimitados para sair e comprar roupas, pois deveriam estar cedo na casa para “fazerem salão”. E, caso algum cliente desejasse sair com algumas das meretrizes, deveria pagar um valor alto, “da noite toda”, mas, caso voltassem para a mesma casa: “se a gente voltasse para mesma casa tinha que pagar o quarto, fora o preço da nossa saída. E o nosso era nosso, o homem pagava o quanto a gente pedisse”¹⁰⁹.

De acordo com José Catarino as mulheres da Boate Escandinávia/Canecão eram as que ganhavam mais dinheiro em relação às outras casas devido a grande procura de clientes por estas mulheres. Entretanto, Lázaro, o dono, não era “tão boa pessoa”, e caso uma meretriz estivesse “devendo” algum valor, tinha que ficar obrigatoriamente na casa até pagar. Acontecia também de Lázaro não repassar valores que as prostitutas pediam para ele guardar:

Teve uma, eu vou te contar um caso de uma. Teve uma que ela me falou... uma morena bonita, toda hora ficava um atrás do outro aqui, atrás dela né. Aí ela deu um dinheiro a Lázaro pra guardar e Lázaro ocultou o dinheirinho dela, né? Ela me disse: “Olhe Catarino, eu vou juntar um dinheiro em sua mão agora, quando eu juntar o dinheiro que eu tô com vontade de juntar esse dinheiro, eu vou sair dessa vida e nunca mais”, e isso mesmo ela vez, se casou com um rapaz de posto de gasolina, hoje é professora, tem sua casa muito boa, tem sua família direita e tudo, eu já vi muitas... aqui (JOSÉ CATARINO, 30/01/2013).

Nessa história narrada pelo antigo cafetão, às mulheres costumavam guardar dinheiro para “sair da vida”, por não aceitarem estar submetidas ao poder do homem que

¹⁰⁹Gilda, 08/03/2013.

comercializava seu corpo. Muitas relações que eram estabelecidas não agradavam as mulheres que tinham que incitar o cliente a consumir o máximo na casa ou relacionar-se com homens que não as agradavam.

Entre os cafetões “famosos” da zona do 24 também apareceu a figura de Zezinho, que costumeiramente foi apontado como Zezinho gay, devido a sua orientação sexual. Nas falas de Júlia e Vera ele apareceu como “boa pessoa” e as meninas costumavam ir a sua casa de prostituição com frequência, pois ele as ajudava de diversas formas. Havia meretrizes que engravidavam e não tinham condições de sustentar a gravidez e Zezinho apadrinhava os filhos gerados no mundo prostitucional.

A memória local narrou os acontecimentos desse ambiente, positivando o espaço como ponto de encontros e de prazer. O terceiro prefeito eleito por voto popular de Candeias, Antônio Paterson, revela que, nos tempos de sua juventude, ainda quando empregado da Petrobrás, entre os anos de 1954/1960, era comum após um dia cansativo de trabalho, muitos irem ao “Brega”. Ele lembrou que:

Em Candeias não tinha vida social, era uma diversão, um prazer, uma noite. Chamávamos de Brega e íamos ao Brega, ficava lá envolvido com elas lá, e tinha dança, música e era apelidada de Boate, tinha um som, luzes coloridas e tinha um lugar que se chamava Pisca-Pisca, bem famosa porque ficava piscando para atrair os fregueses, né? E homens, rapazes de Candeias, principalmente os petroleiros iam para lá para ter relacionamento com as meretrizes, as prostitutas da época, bonitas, charmosas (ANTÔNIO PATERSON, 14/02/2008).

Para movimentar o comércio do prazer algumas prostitutas se deslocavam para a localidade somente nos finais de semana, que eram os dias de mais movimento, ou no final do mês, quando iniciava o período de pagamentos dos funcionários da Refinaria de Mataripe e das firmas (empresas) que se instalaram na localidade após o advento das atividades petrolíferas.

Nas décadas de 1960/1970, era comum nos espaços do “amor pago” o número de mulheres e de trabalhadores do petróleo aumentarem nos períodos de pagamento e nos finais de semana: “Passava a noite toda que era sábado e domingo, e iam embora no outro dia”¹¹⁰. Segundo Paterson era comum às meretrizes também virem aos finais de semana, pois muitas eram de Salvador e, em alguns casos, voltavam no mesmo dia após “terminar o trabalho dela”. Nessa época tinham muitas mulheres de “vida fácil”, segundo este cliente, moravam

¹¹⁰Sueli, 01/02/2013.

em Salvador e iam a Candeias de táxi, em que o veículo ficava “na porta do prostíbulo esperando ela terminar o trabalho dela e voltava para Salvador”¹¹¹.

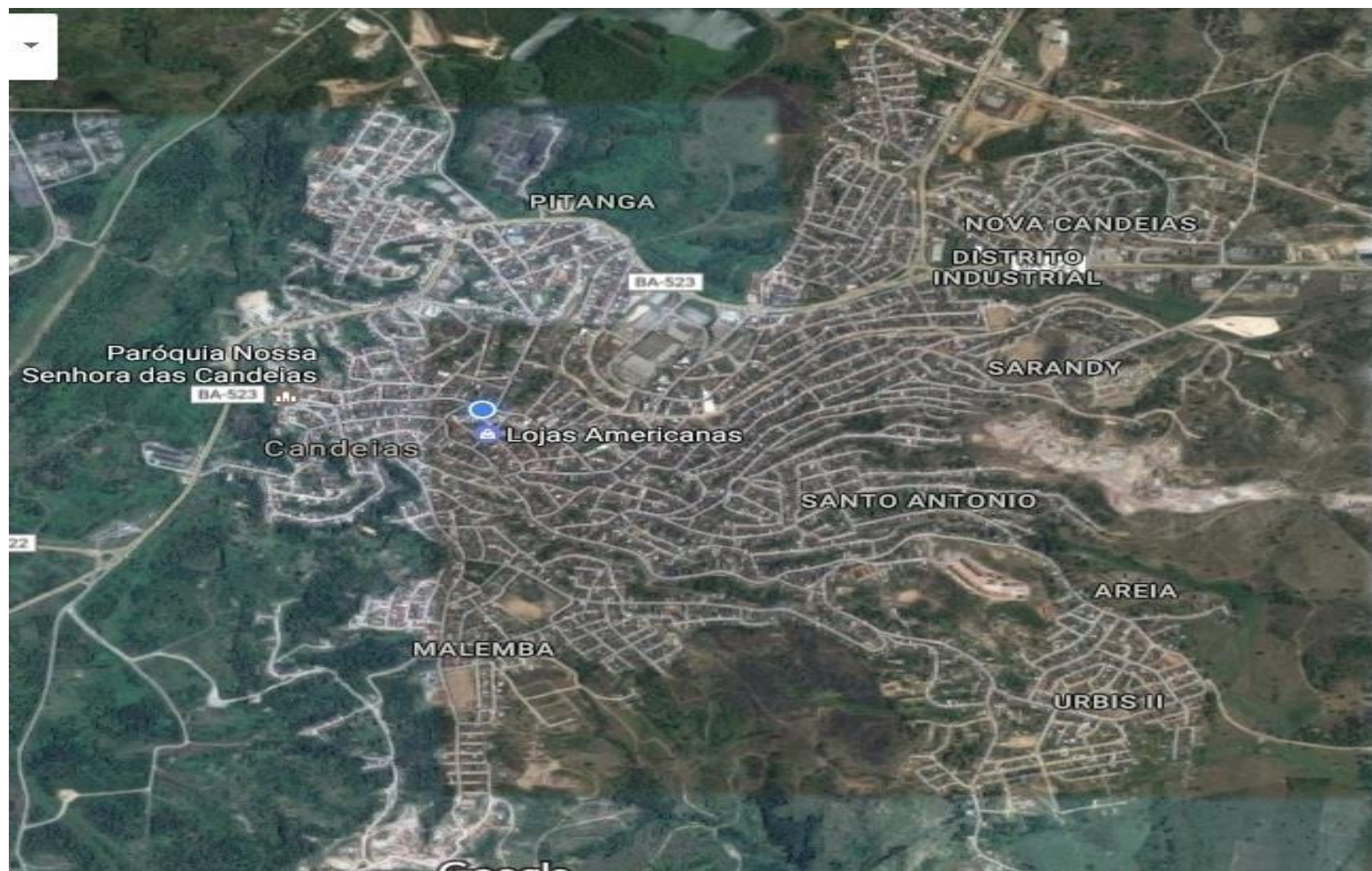
3.4.2 PRINCIPAIS ESPAÇOS: SOCIABILIDADES E FUNCIONAMENTO

Foram inúmeros bordéis que surgiram com nomes e características típicos de zona prostitucional nesta Praça entre as décadas de 1960 e 1980. A exemplo das “Três Jaqueiras”, onde, segundo Magalhães, a avenida de quartos que pertencia ao Sr. João Crente, que alugava os quartos para as empregadas dos trabalhadores da refinaria foi locada por outro proprietário como boate, que ampliou a casa, construindo um novo salão para receber os clientes, ficando o novo estabelecimento conhecido como Três Jaqueiras, ambiente no qual a Júlia trabalhou.

Nas proximidades das Três Jaqueiras, na mesma via, começaram a surgir outros espaços destinados ao comércio do “amor”, em que situamos: a Boate de Zé do Bananal, popularmente conhecida como Bananal, a Tique-Taque, a Boate Saionara, o Pisca-Pisca, a Boate de Leda, outro prédio que pertencia ao mesmo dono do Grande Hotel e, o Brega das Três Jaqueiras e as casas e “quartinhos” alugados. Do outro lado da pista, mas, em frente com as Três Jaqueiras, no entorno do poço de petróleo C-24, também começaram a surgir, ao longo do tempo e do crescimento da zona, outras casas de prostituição como: a Boate de Zezinho, Boate Arpegi, Sonho da Noite, Espacial, Boate Escandinávia que, depois passou a se chamar Canecão, também conhecida como Boate de Lázaro, Casa Branca, Grande Hotel, Pousada de Barão, Casa de Dona Olava, Casa de Boca, Dois Irmãos, além, assim como do outro lado da via, das casas alugadas que não possuíam nome e dos “quartinhos alugados”, em que as mulheres atendiam os seus “clientes”. Em ambos os lados da rodovia que funcionava o território do prazer coexistiam espaços independentes, em que as mulheres alugavam os seus espaços.

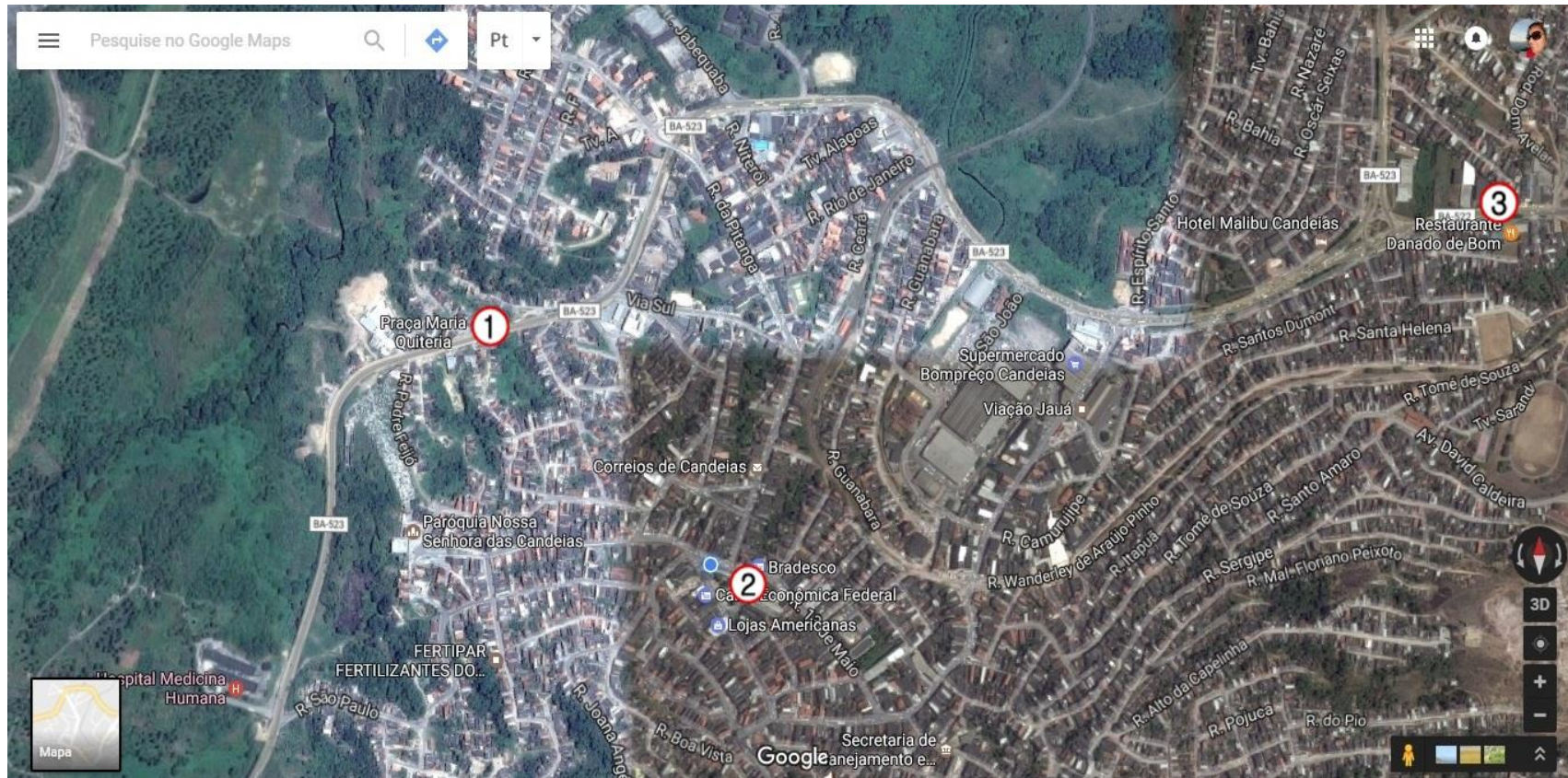
¹¹¹Antonio Paterson, 14/02/2008.

Figura 31: Vista Panorâmica da cidade de Candeias.



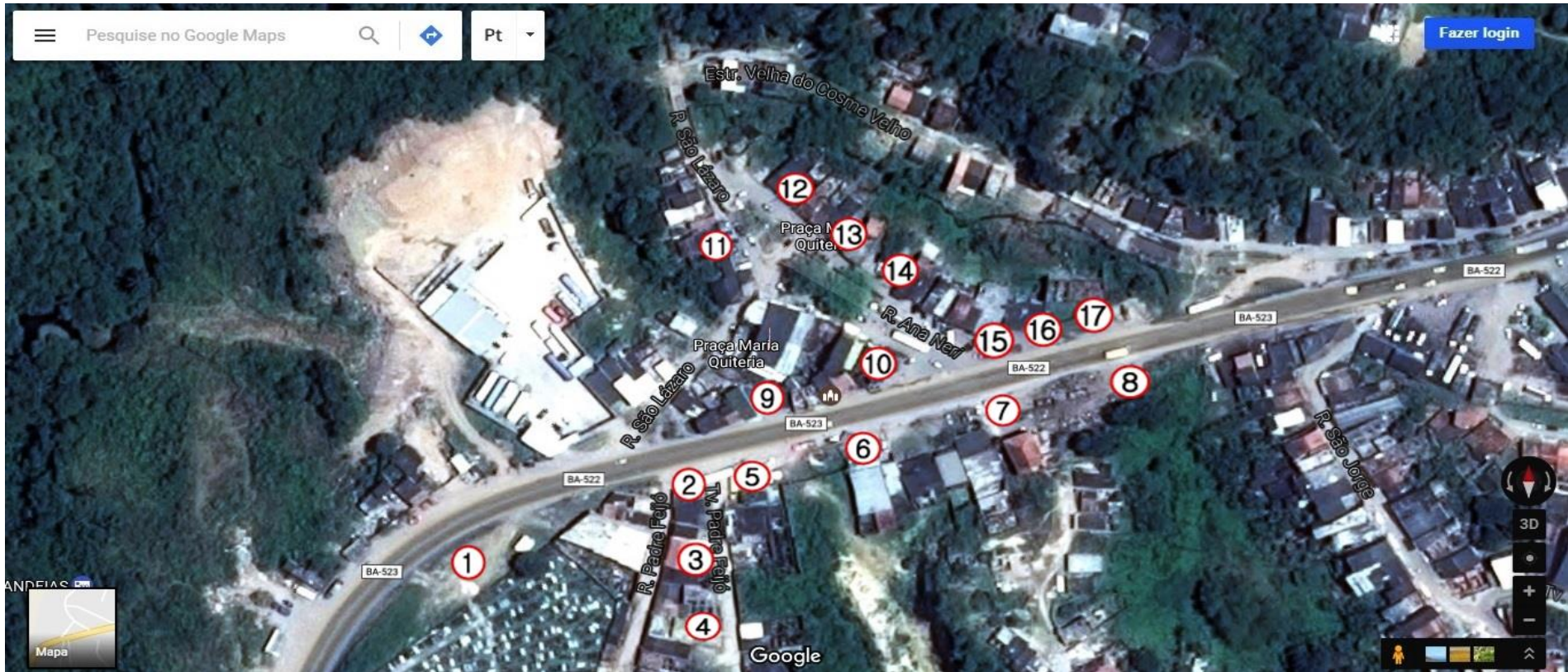
Fonte das imagens 31,33 e 33: Google Maps

Figura 32: Vista das áreas centrais de Candeias.



- 1- Praça Maria Quitéria - Antiga Praça dos Bregas do 24**
- 2- Centro da Cidade de Candeias**
- 3 - Entrada da Cidade de Candeias (Sede)**

Figura 33 - Mapeamento e localização dos principais meretrícios do 24



1- Bananal
 2-Arpegi
 3- Sonho da Noite
 4- Boate de Leda
 5-Pisca-Pisca
 6-Pousada de Barão

7-Casa Branca
 8- Três Jaqueiras
 9- Dois Irmãos
 10-Casa de Boca
 11-Casa de Olava
 12- Saionara

13-Boate de Zezinho
 14-Canecão/Escandinávia
 15-Grande Hotel
 16- Espacial
 17-Tique-Taque

Diante do apresentado, os dois lados da Rodovia BA-522, que ligava Candeias a Mataripe, eram tomados por diversas casas de prostituição. E por se situarem nas proximidades do poço de petróleo, a zona ficou conhecida, mesmo com a multiplicidade de ambientes diferenciados, como Brega do 24, na qual também denominaremos nesta narrativa de Praça do 24, por ali ter se concentrado uma pequena praça, que era rodeada pelas Boates/Bregas. De acordo com o José Magalhães o 24: “[...] era uma mistura, tinha diversas casa de mulher. Tinha. As mulheres alugava, como essa mesmo que eu falei lá de coisa, ela alugava quarto pra fazer o movimento delas”¹¹².

Figura 34 – Foto tirada da BA-522, que corta Candeias e a liga as regiões de Mataripe, Madre de Deus e São Francisco do Conde. Nas duas margens desta rodovia concentravam-se os ambientes que circunscrevia o 24.



Fonte: Acervo de Daniela Nascimento.

¹¹² José Magalhães, 28/01/2013.

Figura 35 – Local onde ficava a Boate/Brega das Três Jaqueiras. As árvores (jaqueiras) que denominaram o espaço, até hoje, encontram-se no local. Ao lado das Três Jaqueiras, e também ao atravessar a pista, em frente, ficava outros ambientes de prazer.



Fonte: Acervo de Daniela Nascimento.

Esses ambientes surgiram e desaparecem entre o decorrer do final da década de 1950 e meados da década de 1980 e, as casas modificavam-se quanto à estrutura física, donos (as), nomes, frequentadores e mulheres prostitutas. Paterson descreveu que os ambientes alternavam-se entre um “pouco de luxo” e outros “degradantes”:

O ambiente era assim, de uma casa de luxúria, de prazer. Algumas casas se destacavam como as Três Jaqueiras, se chamava assim porque no terrenos tinha Três jaqueiras, tinha o Bananal porque tinha Banana, a Boate de Lazaro, a Boate de Godô.[...] Então tinha algumas casas que se destacavam, tinha um ambiente bom, os quartos eram luxuosos, limpinhos e tinha aquelas casas que tavam caindo, dividida por tábua, tinha uns quartos assim..., que se subisse assim..., via o outro do outro lado (ANTÔNIO PATERSON, 14/02/2008).

As “melhores” casas de prazer apresentadas pela oralidade foram as Três Jaqueiras, a Boate Escandinávia/Canecão (Boate de Lázaro), a Boate de Zezinho e o Grande Hotel. Nelas

ficavam as mulheres mais bonitas, os melhores quartos e estrutura física. Ofereciam aos clientes o salão com música, em que dançavam, e devido serem animadas eram as mais procuradas pelos trabalhadores do petróleo e pelos moradores de Candeias e cidades circunvizinhas. De acordo com José Catarino, a Boate Escandinávia/Canecão se destacava:

Aqui mesmo em frente tinha uma que era do finado Lazaro, ali só vinha criatura de... Ele só ia buscar pessoas granfino que falava dois, três idioma.[...] *Ele (Lázaro) sentava para palestrar com ela como elas deveriam tratar as pessoas.* [...] Só quem não era pobre é as que vinham pra casa de Lazaro, que vinha pra casa de Lazaro. E ele saia assim, toda semana vinha... uma semana vinha uma, né? Ia embora ele ia e trazia outra, ia embora ele trazia outra, sempre aí, não ficava muito tempo não (JOSÉ CATARINO, 30/01/2013).

A boate Escandinávia foi a mais organizada e “luxuosa” que funcionou na região do 24. Essa informação também foi confirmada por Júlia e outras fontes orais. O dono, Lázaro, escolhia as meninas mais bonitas e as “treinava”, orientando-as sobre a melhor forma de agradar os frequentadores e fazê-los “gastar mais”. Gilda trabalhou “um tempo” neste espaço e, informou que Lázaro era muito rigoroso quanto ao funcionamento desta casa, os frequentadores e as mulheres que “trabalhavam” para ele. Era comum o cafetão expulsar da boate homens que estivessem “bagunçando” o ambiente e desrespeitando as mulheres. Por Lázaro ser muito “exigente”, havia regras¹¹³ que não poderiam ser quebradas. Desta forma, quando Gilda, as outras prostitutas e os clientes queriam “esticar a noite” e beber preferiam sair da Boate de Lázaro e ir para outra casa:

Essa aí eu só sei onde tinha o Arpegi, por que a dona era muito bacana sabe?! Era uma pessoa, era a melhorzinha desse lado aqui, eu já vinha pra cá era 3hrs da manhã, que aqui já estava fechado para cá. E a gente querendo beber mais , a pessoa que tava comigo queria beber mais, queria amanhecer, aí a gente via já para marginalização, já vinha cair na gandaia. Já em Lázaro não era tão assim, lá em Lázaro não era assim, era uma coisa mesmo rígida. [...] Por que lá em Lázaro ele era... ele tinha organização né? Como o povo conhecia ele por que sabia que ele era patrulheiro da polícia, tinha também polícia envolvida, delegado e tudo, aí respeitava, e não entrava qualquer um (GILDA, 08/03/2013).

¹¹³Segundo a depoente Gilda o dono Lázaro estipulava quais eram as meninas que iriam “fazer salão” nos horários e turnos e que não era permitido sair da casa sem a sua permissão. As mulheres não podiam frequentar as outras casas de prostituição e nem relacionar-se com clientes fora do meretrício. Eram proibidas gritarias, algazaras e brigas. Tinha até horários organizados para os banhos e refeições.

Algumas casas eram mais simples e ofereciam somente a bebida e as mulheres que “faziam salão”¹¹⁴, que identificamos como baixo meretrício. Vera argumentou que na casa de Lázaro não entrava “qualquer mulher” e que ele preferia as mais velhas, com mais de 18 anos. Ela não se enquadrava nesse requisito exigido por ser, no período, menor de idade. As mulheres “mais humildes” quando entravam na casa de prostituição, o dono, Lázaro, não gostava: “Ele não gostava que as mulher mal vestida, como eles diziam, entrasse, só queria aquelas mulher bem vestidas”¹¹⁵.

Outro ambiente prostitucional que é apresentado como “médio meretrício” por Vera é a Três Jaqueiras, que assim como na de Lázaro, não entrava qualquer prostituta:

Eram umas mulher mais bem vestidas, mais... tinha que usar um sapatão dessa altura, os 15 como era chamado naquele tempo né, só entrava mulher assim lá. Se entrasse de uma mulher de sandália, de sandália baixa, era barrada na porta, não podia entrar, não entrava. Agora as mulher de lá já era diferente né, que dizem o povo lá que era mulher de programa, quer dizer, vinha de fora para fazer os programas lá, e a gente não entrava. [...] Mas esse ambiente dessas... dessa condição aí só tinha as três jaqueiras e o finado Lazaro, só mesmo. As outras tudo podiam entrar, quem fosse ou quem quisesse. Em G... mesmo tinha as mulher grã-fina que morava na casa dele. E a gente que não era grã-fina entrava qualquer hora para beber, pra... a gente bebia e tudo. Ele nunca diferenciou ninguém. Mas nas Três Jaqueiras ninguém entrava, só entrava se tivesse na altura da casa (VERA, 28/02/2013).

As Três Jaqueiras era uma casa grande, com um enorme salão e, ficava um vigia na porta, recebendo os clientes e as mulheres que ali adentravam. Tinha um bar e no salão, tocava músicas da moda, as meretrizes bebiam e dançavam com os clientes que estavam na casa. O garçom usava gravata e as mulheres “não pisavam no chão”, por se considerarem “melhores” que as das outras casas:

Mas as mulheres que viviam lá eu me lembro de T..... Ter... quase não pisava no chão, quando saia na rua quase não pisava no chão de tanta banca que botava [...]. Eram muito bonitas e era luxuosas, né? Grã-finas. As boates daqui não, as boates daqui a gente entrava, se arrumava e entrava, ninguém barrava, ninguém falava nada. Era todo mundo conhecido, se quisesse morar lá morava, se não quisesse morar não morava, ou ficava em outra e frequentava lá, era assim, ou morava em suas casas e ficava frequentando lá nas boates. Era só na boate de Lazaro que tinha garçom e lá nas Três Jaqueiras. Só que o finado Lázaro a gente ainda entrava, sentava na mesa e bebia, não morava lá, né? Mas se a gente tivesse acompanhada com algum homem, aí entrava e sentava, e bebia. E lá não, a gente não entrava, lá nas

¹¹⁴“Fazer salão” significa ficar no salão (bar) do meretrício bebendo, conversando e dançando com os possíveis clientes.

¹¹⁵Vera, 28/02/2013.

Três Jaqueiras a gente não entrava, só entrava se tivesse na altura da casa (VERA, 28/02/2013).

Júlia, que trabalhou nas Três Jaqueiras, por mais de oito anos, descreveu que as mulheres dessa casa eram muitas educadas e bonitas, que pareciam “uma atriz”. Ela também justificou porque essa casa não funcionava mais na década de 1980, quando Gilda chegou ao 24, informando que a “dona” alugou a casa para outra pessoa, ela acabou saindo e alugou um quartinho nas redondezas, foi “trabalhando”, vendendo tira-gosto nas redondezas e, com o tempo a casa “foi acabando”.

As fontes orais analisadas revelam que os ambientes que funcionaram por mais tempo foram a Boate Canecão/Escadinávia (Lázaro) e a Boate de Zezinho. Gilda trabalhou e frequentou as duas casas, que também foram sinalizadas pelas mulheres que chegaram a Candeias na década de 1960, informando a temporalidade dos espaços. Vera também trabalhou na Boate de Zezinho e apontou que também havia mulheres “grã-fino” em outros meretrícios, vistos como de médio meretrício: a Boate de Leda, o Bananal, a Boate Espacial e o Grande Hotel. Sobre esta última, Sueli indicou que:

Era casa mesmo grandona, cheia de gente, muita gente mais ou menos né. Só vinha do navio e procurava logo por esta casa. Já vinha às mulheres de fora contratada que o cara ia buscar no carro num lugar aí não sei aonde, e trazia tudo para o B...(Grande Hotel). Aí para beberem por as pessoas gastavam muito naquele tempo, levava tudo pra lá. (SUELI, 01/02/2013).

As mulheres “grã-finas”, conforme observado em algumas falas, correspondem às mulheres que “vinham de fora”, se arrumavam e maquiavam, usavam roupas mais “sofisticadas”, sapatos com saltos altos, bijuterias, até mesmo joias de ouro e, como indicou José Catarino: “viviam nos “trinques”¹¹⁶. Encontramos nas características relacionadas a “grã-finas” e “nos trinques” um recorte de classe, pois significava mecanismos de diferenciação social. Certamente as meretrizes que conseguiam angariar mais dinheiro dentro da atividade prostitucional investiam recursos em sua aparência para atrair clientes mais “endinheirados”. Consoante, também, indicou Gilda às meretrizes vistas como mais bonitas que “encantavam” os homens do petróleo, principalmente os embarcadiços, os “gringos” que transportavam nos navios o “ouro negro” refinado em Mataripe. As prostitutas que exerciam suas atividades nas casas de baixo meretrício nem conseguiam entrar nos ambientes mais

¹¹⁶José Catarino, 30/01/2013

“luxuosos”. Havia consideráveis distinções de classe entre as prostitutas em Candeias, no período histórico analisado.

Encontramos poucas informações sobre as descrições e o funcionamento destas casas do prazer. As memórias recaíram mais sobre a Boate Canecão/Escandinávia e as Três Jaqueiras. Gilda descreveu que quando chegou ao 24 no início da década de 1980 não existia mais o Pisca-Pisca, as Três Jaqueiras, o Sonho da Noite e o Bananal, sinalizando o fechamento e a decadência desta zona.

Conforme percebemos, a famosa zona do 24 era composta de diversas casas agrupadas que cortavam uma via de intensa circulação de carros e pessoas, que durante o dia abrigava e “escondia” estas mulheres. À noite, era o espaço onde exerciam as atividades. Os dias mais movimentados eram nos fins de semanas, principalmente nas noites de sábado para domingo: “Era radiola, som pra todo lado. Era! Em Zezinho, em Lazaro, em G...(Grande Hotel), na banda de lá, naquele outro lá... Apartamento lá, tudo era mulherio ali, cheio de mulherio”¹¹⁷. O ambiente do “Brega do 24” transformava-se nos finais de semana e vésperas de feriados. Os bares tocavam músicas da moda como Agnaldo Timóteo, Roberto Carlos, Tony Damito, Orlando Silva, Altemar Dutra, Lady Zu e internacional como Aba, as esquinas e as casas eram ocupadas por prostitutas e clientes, revelando a atmosfera noturna de zona prostitucional, com mulheres e homens bebendo e “contactando-se”.

Os dois lados da estrada que circunscrescia o ambiente ficavam repletos de pessoas, que circulavam na atmosfera do prazer, entrando e saindo das casas, bebendo, dançando, relacionando-se. Era comum até mesmo acontecer atropelamentos, pois as pessoas atravessavam a pista movimentada de um lado para outro, constantemente, entrando e saindo das mais diferentes casas e quartos alugados¹¹⁸.

¹¹⁷Laura, 23/01/2013.

¹¹⁸Vera, 28/02/2013.

Figura 36– Imagem da entrada da Praça do 24. Ao redor da amendoeira ficavam diversas casas de prostituição, a exemplo da Boate de Zezinho e Boate Escandinávia/Canecão.



Figura 37– A casa de branca e azul é a ruína da antiga Boate Grande Hotel. Do outro lado da via/estrada, em frente, encontra-se as ruínas do outro estabelecimento que pertecia ao mesmo dono e que também era um ambiente prostitucional, que visalizamos na figura 38.



Figura 38 – Ruínas do estabelecimento Pousada Barão, que pertencia ao mesmo dono da Boate Grande Hotel. Ao lado esquerdo desta casa ficava também o Pisca-Pisca, Arpegi e o Bananal, que não existem mais.



Fonte imagens 36, 37 e 38: Acervo de Daniela Nascimento.

Nos fins de semana era costumeiro os clientes, principalmente aqueles que trabalhavam na localidade, pernoitarem em alguns bregas. Magalhães representou como funcionava a atmosfera da região nos finais de semana:

Quando começou o movimento do petróleo a pessoa passava aí embaixo de madrugada, meia noite, 1h da manhã, parecia um carnaval, gente bebendo pelo meio da rua, era... uma bagunçeira miserável. Tinha vez que tinha briga, tinha confusão, mas era assim mesmo porque o movimento o pessoal... que trabalhava nas firma da refinaria, que o povo que vinha do Rio, de São Paulo de outros canto se alojava aí, tinha o alojamento deles, mas de noite eles corria, todo mundo corria aí pra baixo pro mulheroio. Isso aí na época, assim de final de semana, assim dia de sábado e domingo aí embaixo parecia um carnaval, aí em baixo então (JOSÉ MAGALHÃES, 28/01/2013).

O memorialista Costa (1990, p. 187), descreveu diversas noitadas e farras dos empregados da refinaria nestes espaços nestas casas, em tom de “gozação”, com “humor”, ao indicar as atrapalhadas dos colegas de trabalho nos ambientes do comércio do prazer:

Outro operador da U-13, seu nome é Piauí, farrista, mulheroio, enfim, um boêmio [...] Naquela sexta-feira, logo após o pagamento, ele tratou cedo de

reservar a passagem no caminhão coletivo que transportava passageiros para Candeias, e antes das 20h já estava acomodado esperando a saída do caminhão [...] Sentado na mesa de uma dos “puteiros” de Candeias (na década de 60 já tinha bastante) ao lado de duas rameiras cuidava de ajudar as meninas baixar o nível de uma garrafa de loirinha. Das duas escolheu uma para acompanhá-lo na noite [...] Tomou mais umas caipirinhas e cervejas, esquecendo completamente que a última condução para Mataripe, o caminhão de turno, partia de Candeias às 23h30minh [...] Lá pelas 02h30min da manhã, já satisfeito da vida, ele se lembra que tem que regressar, pois no dia seguinte teria que enfrentar o batente. [...] Foi até o salão, vazio, sem sinal de nenhum colega seu. [...] De repente tropeçou numa corda que amarrava um jegue [...] Meia hora depois o farrista enfrentava a escura estrada de volta para o seu alojamento, sozinho, alias no lombo do jumento que tomara “emprestado” (COSTA, 1990, p.187).

Além deste caso descrito, em que os “clientes” do petróleo costumavam ir para a zona e perderem a condução de volta para a refinaria, retornando a pé, ou, como este do imprevisto, “no lombo de jegue”, Costa (1990, p.156) narrou outro “causo” engraçado e inusitado, envolvendo os trabalhadores de petróleo e as mulheres do 24. Neste caso, a situação aconteceu no Brega do Bananal, ainda na luz do dia, enquanto uns dos petroleiros se relacionava sexualmente em dos quartos:

Certa vez um motorista da RLAM, passando vagarosamente com seu carro próximo a uma daquelas casas, avistou um garoto seu conhecido, distraidamente, chupando cana, sentando sob a janela do puteiro. O piloto se admirou na habilidade do menino, que lascava a dura cana com os dentes, com a maior facilidade. O guri estava tão concentrado que nem percebeu que o motorista parou o carro perto dele. Continuou destruindo seu pedaço de cana. Querendo chamar a sua atenção o motorista gritou:

- Chupando, hem moleque? – Quando ele acabou de falar, levou um bruto susto com o que aconteceu. Antes que o garoto desocupasse sua boca para falar, a janela foi aberta bruscamente, e um seu colega de Mataripe, botou a cara de fora, e “berrou” retado da vida:
- Quem é que está me olhando?...

De acordo com Eunápio Costa, no outro dia, este ocorrido já tinha “caído nos ouvidos de Mataripe” e, depois deste episódio, quem quisesse arranjar uma briga com o cidadão que estava no Bananal era só falar: “tá chupando, hem?!?”.

Além de buscarem o prazer carnal através do ato sexual com as meretrizes os frequentadores do 24, também iam beber, espairer, encontrar amigos, sociabilizarem. Clovis, que trabalhou na Refinaria de Mataripe entre 1951-1953 e, depois se tornou comerciante em Candeias, contou como desenrolava a teia de relações sociais nestes espaços:

“Tinha o bar, a festa à noite, com mulheres e homens bebendo”¹¹⁹. No caso dos petroleiros era comum, após a semana de trabalho, socializarem nos bares. Eles costumavam sair do trabalho e irem para a zona com o capacete embaixo do braço e com os macacões, as fardas sujas de petróleo¹²⁰. Todos buscavam os “prazeres da noite”, beber e “espairecer” ao lado de prostitutas e amigos. Outro depoente lembrou que quando era criança escutava diversas histórias envolvendo este ambiente e quando passava pela rodovia, via a movimentação de pessoas e os letreiros de algumas casas piscando, revelando a atmosfera prostitucional: “[...] o Brega do 24 era uma festa, os globos e luzes rodando com casa cheia. Era muito famoso, as casas bem estruturadas, com bebidas de boa qualidade, as melhores mulheres ficavam lá embaixo e eram conhecidas”¹²¹.

As prostitutas, muitas vezes, eram contratadas somente para acompanhar, “curtir a noite”, sem relação mais íntima: “As mulheres, se o homem contratasse ela para ficar a noite toda, elas ficava. Ele ia de manhã que ele ia embora e ela... às vezes nem dormia, as vezes era só para beber, para curtir”¹²². José Magalhães também confirmou que alguns trabalhadores frequentavam o 24 somente para beber, mas, que ele não, o negócio dele era “transação”:

Tinha muitos que ia, não ia só afim de mulher, ia também pra tomar, justamente pra distração. Porque tinha camarada que ia mais no brega mais pra beber, como eu citei esse caso pra você que eu fiz uma coisa que não era licito que não era certo, os cara tava bebendo sentado bebendo distraído, aí eu tava afim de pegar mulher, aí “rastei” a mulher que tava sentada com eles, justamente, porque tem muitos que não vai afim de transação, vai afim mais de beber, né? Já eu não, já eu pensava diferente. Eu ia pra lá porque tava afim mais de pegar mulher, não mais de beber, porque beber o cara bebe em qualquer lugar, né? (JOSÉ MAGALHÃES, 28/01/2013).

Casos “inusitados” aconteciam com frequência no ambiente do 24, que envolviam brigas, confusões, traições e flagras. Os homens adentravam no estigma da “ilegalidade”, da desonra familiar, por estarem comprando prazer com mulheres vistas como “desonestas” pela sociedade. Após farrear em uma casa e “perder a hora”, um “cliente” foi surpreendido pela esposa, que se deslocou até o local que “mulher direita não deveria entrar” para buscar o seu marido, que estava com uma meretriz. Furiosa, a traída tentou agredir a prostituta. Sueli contou o caso, todavia, a esposa do fanfarrão não a viu, pois ela observou pelo buraco da porta a confusão:

¹¹⁹Clovis Vasconcelos, 02/08/2007.

¹²⁰Sueli, 01/02/2013.

¹²¹Jair Cardoso, 26/07/2007

¹²²Vera, 28/02/2013.

Cheguei o marido de uma mulher dormindo, o homem bebeu dormiu perto assim da onde eu tava. Bebeu demais, ele não aguentou ir pra casa. Aí dormiu com essa mulher, se passou, parece que essa mulher fez algum... deu bebida demais, aí ele não foi pra casa. Quando foi de madrugada a mulher chegou na porta, esculhambou a solteira com cabo de aço, com tesoura..Hum.. pra cortar a mulher, e no fim da conta... Até hoje quando eu vou pra rua eu encontro essa mulher, a casada, aí ela não me conhece por que eu não coloquei a cara do lado de fora, mas eu vi muito bem ela (SUELI, 01/02/2013).

As mulheres revelaram que a presença dos embarcações como constante, em que parte era composta por estrangeiros, de outros países. A proximidade da chegada dos embarcações já movimentava algumas casas do 24, e foi rotineiro elas deslocarem-se de carro até o porto na expectativa dos navios atracarem. A oralidade apontou as preferências das prostitutas por estes trabalhadores, os embarcações, pois costumavam gastar muito nas casas e agradar as moças pelos quais se encantavam. Vera relatou: “[...] aí ia todo mundo para o porto lá em Madre de Deus, buscar esses gringos pra cá, esses petroleiro pra cá. As mulher ficava doida, e os donos de casa também, né? pra poder ganhar dinheiro”¹²³.

A proximidade do Brega do 24 com a Temadre, Terminal Marítimo (porto) de Madre de Deus, contribuía para a presença “estrangeira”. Geralmente eram homens que ficavam dias em alto mar, sem contato com outras pessoas, além da tripulação do navio. Estar em terra firme seria a oportunidade de relacionarem-se com outras mulheres. As “notícias” sobre as mulheres do 24 chegavam aos ouvidos dos embarcações pelos colegas de trabalho, que haviam frequentado as casas da zona, criando desejos para o futuro contato com as mulheres.

As relações que os embarcações estabeleciam com as meninas das casas de mulherio envolviam sexo e, também, amizade. Vera expôs que quando tinha uma “mulher certa” para relacionarem-se eles costumavam trazer comidas do navio, ou compravam mariscos para preparar os pratos nos bregas ou na casa da meretriz: “Aí vinha aqueles bocado de petroleiro, todo mundo no navio, do mesmo navio, todo mundo comia, bebia, eles traziam comida e a bebida era comprada na casa, né? Aí eles lá se interessavam em fazer a comida”¹²⁴. As meretrizes apontaram também que algumas mulheres só ficavam com “um embarcação”, que apareciam de “tempos em tempos” e quando chegavam: “[...] aquela mulher já era pra estar lá esperando eles” e que costumava passar “dois, três e ou mais dias com a “mesma mulher””.

¹²³Vera, 28/02/2013.

¹²⁴Idem,

Existia um acordo de exclusividade, e elas não podiam relacionar-se com outro cliente naquele período: “Não era para pegar outra pessoa, era só ele. Entendeu?”¹²⁵.

Casos parecidos envolvendo as mulheres do 24 e os embarcações também são descritos por Gilda. Ela confirmou sobre a espera das prostitutas pelos petroleiros do mar no porto de Madre de Deus. Muitos eram “gringos”, estrangeiros, e falavam outras línguas, mas, na Boate Escandinávia/Canecão havia meninas que falavam outros idiomas e que traduziam “o quê” os clientes diziam. Costumava ir para o 24 do capitão ao cozinheiro da embarcação, sem distinções, e era comum oferecerem presentes para as prostitutas:

Quer dizer já eu tinha, Dilma também, essa outra também que eu não lembro o nome dela, ela dirigia o carro do finado Lazaro. Lazaro comprou uma Brasília na época, ela ia buscar os gringos aí a gente ia junto para que eles se agradarem da gente, entendeu?! Aí se agradava a gente ficava lá esperando esse carro voltar para pegar. E as meninas, por exemplo, ia 6(seis), aí ali quem se agradasse com a gente ficava com a gente e a gente... Ela falava né que a gente não entendia, ela falava inglês, a gente ficava esperando, aí vinha levava umas “carrada” de gente, depois levava outra e era assim. [...] Não, o nosso dinheiro... ele dava, dava, dava, dava muito presente, muito pacote de cigarro , que eles dava franco. Geralmente vinha mais era quem? Cozinheiro, deixa eu ver... capitão as vezes vinha é... deixa eu ver... me esqueci o nome dos outros. O capitão que tinha escolhia a melhor mulher, quer dizer, a melhor, a mais bonita, a mais fina, que só queria andar pintada, no salto, de dia e de noite. [...] (GILDA, 08/03/2013).

Os caminhoneiros, petroleiros, marítimos, trabalhadores da localidade aglutinavam-se nas casas que faziam parte da geografia do 24 nas noites de movimento, fazendo com que a circulação de dinheiro fosse intensa, especialmente o dinheiro movimentado pelo petróleo. Segundo José Magalhães, as mulheres não tinha preferência por nenhum trabalhador em específico, apesar dos petroleiros terrestres e do mar aparecerem em suas falas, mas sim, por aquele que pudesse “banca”, dar mais dinheiro, pois o principal produto em negociação e iam ao encontro de quem pagasse mais.

As ruas que circunscriviam o 24, além de serem ocupadas pelos “clientes” e prostitutas, também eram movimentadas por vendedores de cervejas, quitutes, tira-gostos, acarajé, cocadas e outras comidas. Famílias inteiras sobreviviam através do dinheiro que circulava entre a combinação petróleo e sexo. Nas Boates/Bregas trabalhavam garçons, zeladores, arrumadeiras, cozinheiras, lavadeiras, pessoas que realizavam diversas atividades para manter a vida noturna e sexual dos ambientes de prazer:

¹²⁵Vera, 28/02/2013.

É, trabalhavam também, homem, mulher, garçom, trabalhava como garçom, zelador, limpava tudo. Mulher mesma coisa, trabalhavam para servir as mesas, para arrumar as casa, arrumar o salão, lavar tudo, as cadeiras as coisas. E as mulher que vivia, que no caso fazia a vida, não faziam nada na casa, tinha aquela pessoa para trabalhar para fazer aquilo ali (VERA, 28/02/2013).

De acordo com José Catarino: “Na mesma hora que chegava aqui um tabuleiro de milho acabava, vinha com um bocadão de espeto de carne, aquilo ali na mesma hora estava indo embora. Cada casa aqui tinha um som (música) e tudo”¹²⁶. Para Vera, a zona do 24 parecia uma “feira”: “Nas ruas vendia né, não vendia muito, mais vendia. Vendia na barraca do acarajé, vendia na barraca do mingau, vendia em outras barracas que tinha, por que tinha um bocado de tabuleiro, o povo vendendo, vendo normal nas portas”¹²⁷. As prostitutas costumavam comercializar outros produtos além dos seus corpos, na tentativa de obterem mais recursos para seu sustento e autonomia.

O mundo da prostituição era fluído, complexo e efêmero. Singularmente neste universo que mudanças, trocas de boates e retirar-se do comércio do prazer pelas mulheres foi frequente. Muitas meretrizes do 24, ao saírem das casas de prostituição, costumavam alugar quartos nas proximidades da zona para terem mais autonomia sobre os seus corpos e vidas, pois, poderiam escolher livremente os clientes e realizar outras atividades além da prostituição.

Gilda viveu essa experiência e relatou em suas memórias. Ela alugou um quarto em uma avenida, em frente à Boate Escandinávia/Canecão, em que o banheiro era compartilhado por todos os moradores e costumava tomar banho na fonte de água. Os quartos da avenida eram mobiliados e muito pequenos. Contudo, o desejo de viver com mais liberdade levavam-nas a optarem por saírem das casas de prostituição:

É por que a gente era livre, né? A gente era livre. A gente só não podia comprar um móvel por que não tinha onde botar. Uma vez mesmo eu comprei uma cama que eu morava nesse quarto alugado, e lá já tinha cama, já tinha penteadeira, aí eu quis trocar a cama, sei que acabei dando a cama por que eu não podia. Eu dei a cama para essa mulher que o homem já tinha tirado, o mecânico, tinha tirado ela da vida, da vida que ela vivia para ficar com ele, e esse quarto foi desocupado do que... do que tinha dentro. Aí eu dei a minha cama, eu dei a cama nova que eu comprei, tive que dá a ela, que não tinha onde botar a cama, ele não deixou botar (GILDA, 08/03/2013).

¹²⁶José Catarino, 30/01/2013.

¹²⁷Vera, 28/02/2013.

Era corriqueiro as mulheres dividirem o aluguel com colegas, principalmente quando tinham filhos e, os donos das Boates/Bregas não permitiam mulheres com crianças em seus espaços. A história de Vera perpassa dois momentos, um de inserção e outro de retorno a prostituição. Quando chegou pelas “bandas” da zona, trabalhou por um tempo nas Boates de Leda e Zezinho e depois se “amigou” com um rapaz que a “tirou da vida”. Ela passou anos morando em outra cidade e enquadrou-se nos padrões normativos de mulher/mãe/casa/dona-de-casa. Enquanto “mulher casada”, viu-se obrigada a aceitar um marido violento, que a agredia constantemente e que não provia o lar, como um “homem deveria fazer”. Vera e os filhos passaram até fome nesse período. Então, vendo-se em uma situação, que para ela “era pior que estar na vida”, resolveu voltar para Candeias com os dois meninos pequenos, retornando ao 24. Contudo, não poderia voltar mais para as casas de meretrício, por ter filhos pequenos e, alugou um quarto. Na região que circunscrevia o 24, ela tinha certeza que não viveriam no luxo, mas, não passariam fome:

A boate que eu morei aqui foi em Leda, Zezinho, só morei nessas duas, depois que eu sai eu aluguei quarto para mim, foi quando eu tive meus filhos também. Aí não pude mais ficar por lá. Aí eu fiquei com meus filhos aí, aluguei quarto, aí morei minha vida toda aí também, deixei de andar por lá por baixo, né? Arrumei o pai dos meus filhos, fiquei morando mais ele, que o filho do mais velho, dos meus dois mais velhos, eu morei 14 anos com ele, e não tive nada, nem um fogão para cozinhar eu nunca tive que ele nunca me deu. Aí vivia mais meus filhos passando fome e tudo. Aí também quando eu voltei para cá já trouxe os meninos mais grandinho. Aí arrumei outro, e me ajuntei mais ele, aí já tive esses “otos” filhos que já é tudo pai de família. Aí morei aqui esses anos todo, nesse pedaço de rua aqui, nunca sai daqui (VERA, 28/02/2013).

Em seu retorno ela dividiu o quarto com uma colega que “fazia vida” e, descreveu uma situação em que um homem foi procurá-la para manter uma relação sexual, mas, vendo as crianças e o estado de pobreza em que se encontrava, deu o dinheiro sem querer nada em troca:

Quando eu voltei pra cá pra Candeias eu já não fui mais para a boate nem nada, eu já aluguei minha casa aqui e fiquei ali. Aluguei um quarto, um quartinho que era até aqui mesmo, nesse lugar aqui. Aí fiquei aqui morando com meus dois filhos pequeno, aí as vezes até... que era um vão assim, menor que essa cozinha, bem menor. Aí muitas vezes vinha um filho de Deus para me dar meu dinheiro. Aí chegava e encontrava os meninos dormindo. Aí dizia: **“Olha eu vou lhe dar o dinheiro mais não quero nada com você, por que no lugar que tem criança eu não entro, para fazer essas coisas”**. Aí eu disse: “tá bem”. Aí às vezes me dava o dinheiro. Aí eu já tinha o dinheiro para dar comida a meus filhos (VERA, 28/02/2013).

As mulheres do 24 teciam suas vivências para além da zona. As narrativas mencionaram inserções e práticas em outras atividades, como estudo, formação, trabalhos informais e profissionalização. Elas tentavam ampliar suas possibilidades de provimentos e mecanismos de “sair da vida”, caso desejassem. Existiam outros espaços de circulação e até mesmo de envolvimento amorosos, “chamegos”, com outros homens fora dos muros invisíveis da zona. Para Gilda “o mundo já estava avançado” e elas não estavam focadas somente na prostituição, buscavam alternativas de sobrevivência e experiências amorosas:

Na realidade, eu já cheguei pra cá já tava um pouco mais avançado né, em 82, a gente já estava com a visão mais aberta, não estava muito focada só na prostituição. Eu mesmo, eu mesmo fui fazer um curso na datilografia, entendeu?![...] eu fui fazer... Aí quando eu passava as mulheres ficavam me chateando, “Olha a estudante, vai estudar agora de dia para de noite entrar na escola do...” Aí falava o nome. Tinha outra menina que também era igual a mim, aí ela me perguntou se ela podia, eu, “pode sim”, Dilma o nome dela. Aí a gente ia junto para tipografia também, inclusive essa menina foi até embora daqui lá pra terra dela, arrumou emprego, um homem tirou ela daqui e foi embora pra lá para Juazeiro, Dilma. Aqui tinha uma também que sabia falar todas as línguas, não lembro o nome dela, já era coroa ela.. mais... Muito educada, muito fina, eu acho que ela largou o marido para vir para cá, ela falava todas as línguas, dirigia, ela ficava na casa de Lazaro também, mas só que ela não morava na casa de Lazaro, que ela não queria ficar debaixo da asa dele entendeu? Não queria ficar... Ela morava já no quarto. E eu também passava um tempo também aí eu aluguei um quarto pra mim, tinha uma avenida que chamava avenida de João, João da Fonte, aí eu aluguei um quarto pra mim, e algumas também, que até já morreu (GILDA, 08/03/2013).

A sociedade candeense não via com “bons olhos” o trânsito das prostitutas em outros espaços sociais. Estudar, fazer cursos profissionalizantes e mostraram-se educadas, estudadas, bem vestidas significava a oposição do que o imaginário candeense tinha sobre elas. As prostitutas deveriam ter comportamentos contrários a “moça de família” e estudos não fazia parte de sua rotina. Dessa forma, as meretrizes eram discriminadas quando tentava ocupar outros espaços sociais, principalmente ter família, casarem, estudarem. Gilda revelou que chegou a “chamegar” com um rapaz no período das festas juninas e que um familiar de sua “conquista” reconheceu que ela vivia/trabalhava na Praça do 24 o que gerou constrangimento para ela e seu “namorado”:

Que uma vez eu arranjei um namorado que morada na Rua das Fontes. Aí era uma época de festa, São João, aí foi me levaram, um colega dele me levou até a casa dele. Menina quando eu cheguei lá foi um absurdo, “essa mulher é do brega!”. Aí ficava cada um cochichado “essa mulher é do brega, essa mulher é do brega”. Aí eu fiquei assim olhando..., aí eu perguntei para ele o que era. Aí eles disseram “não, por que eles estão sabendo aqui, acho que o marido daquela fulana disse que já viu lá em baixo”. Aí quando... aí

disse que já me viu lá em baixo. Menina começou a briga com o marido. Aí eu sei que a gente veio embora que não dava para me ficar mais, que eu era do brega, era assim (GILDA, 08/03/2013).

Além deste caso de constrangimento por adentrar no ambiente familiar que era “impróprio” para ela, Gilda também revelou que foi “violentada” por um homem chamado vulgarmente de “Graxa”, muito perigoso e que vivia na localidade da Praça do 24. Ela estava sozinha, à noite, bebendo, sem uma presença masculina e vulnerável. Quando ele tentou investir no envolvimento sexual ela recusou-se e sofreu diversas violências.

É notório perceber no pensamento patriarcal, que por utilizarem o próprio corpo como instrumento no comércio erótico, as mulheres ficavam vulneráveis as mais variadas formas de agressão, violências e desprazer (SANTANA, 1996, p.33). Não aceitando ser rejeitado por uma mulher vista como “desvalorizada”, de “vida fácil” que deveria pertencer a “qualquer um”, o vulgo Graxa a perseguiu e aprisionou-a em sua casa. A recordação de Gilda caminhou para a negação da violência sexual, pelo constrangimento da situação de humilhação. Entretanto, suas palavras relevaram nas entrelinhas que ele a violentou:

E isso tinha muito aqui, e outra coisa que ainda tinha os marginal, tinha marginal que atacava a gente, entendeu?! Que às vezes a gente bebia já tava só, aí queria curtir mais, queria sair mais, beber mais, amanhecer sozinha, as vezes, já tava desacompanhada. Eu mesmo passei por uma, uma vez, eu já era de madrugada, tinha um homem aqui que era muito perverso chamada de Graxa. Ele me pegou, me pegou pelo cabelo e me levou para casa dele, né? E eu tapeando ele, tapeando, que eu queria ainda beber. Aí me levou para um bar chamado aqui de Malvadeza, ele até já faleceu, Malvadeza... Aí me levou, aí me trancou lá, me deixou trancada, não me bateu não por que tapei ele, só que eu fingir que tava dormindo. A janela da casa dele toda trancada de prego por que ele era malvado, traficante. Aí eu fui com uma tesoura, eu acho que foi uma tesoura, tirei todos os pregos e pulei, pulei pro fundo do quintal que era um matagal tremendo. Eu nem conhecia pro lado daqui, por que eles diziam “não vai pra lá não, que acontece isso assim e assim”. Foi dito e certo. Aí eu me escondi no mato, menina o que era de gente me procurando, homem, eu acho que queria fazer alguma maldade comigo. Aí depois passado assim uma hora que ele não tava mais me procurando, menina, aí eu vim me embora, toda cheia de lama, vim me embora. Aí entrei dentro da minha casa... depois vem ele. E eu já tava com esse homem que tinha me tirado, mas eu só tava ainda namorando com ele, entendeu?! Aí lá vem ele, lá vem ele com uma renca de marginal na porta do meu quarto, **ainda vem com minha calcinha assim mostrando para todo mundo**. Aí eu sei que no outro dia foi uma gozação, o povo dizendo que ele tinha me estuprado, tinha feito, mas ele não tinha feito nada comigo, mas eu também não desmenti, por que aqui era terrível, eles queriam era envergonhar a gente, né? A gente já era o que era, quem ia acreditar? Aí eu sei que eu fui, dei uma queixa dele por que nunca tinha acontecido isso aqui, a mulher caia no pau. Eu não fui na mesma da hora não, que se eu fosse ele ia me pegar e me bater. Eles, né? No caso. Aí eu deixei para o outro dia eu fui e dei uma

queixa dele. Eu já tinha esse Mineiro, que é meu ex-marido, aí foi uma guerra (GILDA, 08/03/2013).

Retratando o cotidiano das violências das mulheres prostitutas de Salvador durante as décadas de 1900/1940, Nélia Santana (1996) discutiu em sua dissertação de mestrado - *A Prostituição Feminina em Salvador (1900-1940)* – que a violência era quase sempre um componente das cenas envolvendo as meretrizes e seus clientes. A prostituta era vista como o objeto que deveria satisfazer o desejo sexual masculino e quando recusavam o envolvimento sexual os desejos masculinos eram satisfeitos através do uso da força e sem o consentimento dessas mulheres. Abrangendo a discussão, Santana (1996), evidencia que as explicações para o abuso sexual das mulheres não se restringem somente as relações de gênero. Outras hierarquias envolvendo classe, etnia, geração, raça também influenciavam para esta resultante. No caso específico da prostituta, é possível sugerir que, ao ser identificada pela ideia de disponibilidade sexual, seu corpo refletisse para o imaginário masculino a representação de um espaço sem fronteiras, onde a qualquer momento e em qualquer lugar, a meretriz devesse satisfazer os mais variados desejos eróticos masculinos (SANTANA, 1996, p. 26).

A história descrita por Gilda, segundo a mesma, acabou em morte. Ela estava “namorando”, tinha um “relacionamento sério” com o homem que a tirou da prostituição. Contudo, Graxa, o homem “malvado” e “violento” continuou perseguindo-a, passado algum tempo depois do ocorrido, mesmo quando já estava casada com o rapaz denominado Mineiro, já com um filho desse relacionamento. O resultado final foi uma tragédia, em que “Mineiro” assassinou a tiros, usando uma arma de fogo, o vulgo “Graxa”. Ao assassinar o homem que humilhou a sua mulher e mãe de seu filho, “Mineiro” vingou com sangue o sofrimento provocado pelo agressor de Gilda, no passado. Também refletiu em sua atitude a exaltação da masculinidade, a lavagem da honra, do homem que foi ofendido.

3.4.3 OS PETROLEIROS E AS “DAMAS” DO PETRÓLEO: CASOS E HISTÓRIAS

Ah! Eles já eram conhecidos, né? Quando eles chegavam as mulheres até levantavam para recebê-los, e se tivesse outros na mesa deixavam. Tinha mulheres que não queria nem ficar com outro homem, só esperando eles, aquele petroleiro que tinha dinheiro. E o que aconteceu também um pouco aqui é que os petroleiros, com esse desenvolvimento dessa vida, alguns tiravam muitas prostitutas desta vida e se casaram ou levaram para o seio da sociedade, foram morar com elas,

tiveram filhos (ANTÔNIO PATERSON, 14/02/2013).

As meretrizes transitavam entre diversos ambientes em Candeias, envolviam-se com sujeitos diferenciados, solidarizavam-se com outras mulheres e teciam seus laços de afetividade nos espaços que circulavam. Muitos homens dirigiam-se com frequência aos espaços do “amor pago” e aproximavam-se além do simples contrato comercial com as meretrizes. A beleza, a conversa, a sutileza, a sedução e contato com os corpos acabavam por encantar muitos homens, e a oralidade indicou, que as prostitutas, muitas vezes, eram retiradas “da vida” por algum homem que se “encantavam” por elas, ou, a via dentro do seu imaginário, como objeto de prazer sexual. Foram muitas as histórias/casos amoroso-sexuais envolvendo as meretrizes e os trabalhadores do petróleo, ou não, das redondezas e de outras localidades. Dentre as mulheres que compõe a narrativa, sinalizamos o envolvimento amoroso com amasiamento de um petroleiro com Sueli. Essa antiga meretriz indicou que ficou pouco tempo “na vida” e que se amasiou com um petroleiro casado que já tinha família, com quem teve um filho. Ele, “o velho petroleiro”, como ela denominou, sustentava duas famílias, tinha duas casas, a oficial e a da “rapariga”, que era ela. Esse petroleiro a tirou do meio prostitucional, dando a ela uma casa, terrenos, sustentando-a¹²⁸.

Era habitual alguns trabalhadores ligados ao petróleo sustentarem duas famílias. Vistos como símbolos de prestígio, ter mais de uma esposa configurava no imaginário da época como demonstração de riqueza e virilidade. Evidencia-se nas diversas fontes consultadas que a masculinidade petroleira necessitava ser todo o tempo demarcada, fosse através da família, dos bens em que possuíam, nos lugares em que frequentavam, da sexualidade. Mostrar-se petroleiro tornou-se um indicador de poder em Candeias e eram várias as facetas utilizadas para demarcar espaços sociais¹²⁹.

José Magalhães confirmou essa “característica” ao relatar que teve outra família além da “oficial”, envolvendo-se sexualmente com a empregada doméstica que cuidava da sua casa e tendo filhos (as) da “traição”. Quando isso acontecia era comum as mulheres entrarem com processos de PJ (Pensão Judicial), em que a pensão era descontada diretamente no salário do empregado da empresa. Mas, no caso Magalhães não foi necessário a sua amante entrar com PJ, pois ele a colocou em uma casa e cumpriu o seu papel de “homem”, por não deixá-la desamparada e formou duas famílias:

¹²⁸Sueli, 01/02/2013.

¹²⁹Algumas das demonstrações e representações das masculinidades petroleiras já foram apresentadas no capítulo anterior.

Comigo chegou a acontecer mais, mas eu assumi assim, eu não pagava pensão esse PJ, porque... a menina, essa menina mesmo, eu peguei aluguei uma casa e botei ela pra morar, quer dizer, a minha mulher discordou, disse que eu tinha que ir embora, eu disse: Eu não vou. Foi o que aconteceu..quer dizer eu ganhava o meu salário mais ou menos, aí aluguei a casa, comprei os móveis, botei ela pra morar e aí ela teve esses menino todo, mas morando na casa alugada, aí pronto eu não pagava pensão (JOSÉ MAGALHÃES, 28/01/2013).

Estar ao lado de uma prostituta era outra estratégia usada pelos petroleiros para revelar sua posição “diferenciada”. Afinal, desfrutar de uma meretriz era para aqueles que tinham dinheiro, e a matéria prima que fazia circular dinheiro por aquelas bandas era o petróleo. As relações que estes trabalhadores mantinham com estas mulheres ultrapassavam as linhas permitidas dentro do acordo vendedora (mercadoria) e cliente. Como mencionado, eram laços de amizade, solidariedade, confiança e de outros sentimentos mais fortes que os aproximavam, fazendo com que histórias de casamento e amasiamento acontecesse. O último, com mais frequência.

De acordo com Manoel Ferreira, muitos homens chegavam de regiões do interior da Bahia e do Brasil e que nas suas localidades de origem não “se via” mulheres bonitas como existia nos meretrícios de Candeias. Quando os homens migrantes encontravam essas atraentes mulheres, envolviam-se afetivamente e, mesmo demarcadas socialmente como “sendo do brega”, casavam-se com elas:

Essas mulheres era um drama. Olhe! Eles nunca tinha visto uma mulher daquela bonita, que eram bonita. Assunte! Os homens vinha para aqui, saia uma turma daqui e ia para Sergipe, Pernambuco, Alagoas e Paraíba e traziam um caminhão, três carro de mulher. Aí os homens que viam aquelas meninas bonitas não dava outra, se casavam mesmo no papel. Aqueles mais..., chamava assim, ia no cartório e casava, Aqui tem gente que casaram com estas mulheres, e levavam para Salvador, para outros lugar e quando iam já iam como esposa deles. [...] Ali (24) era o ponto das mulheres que eles traziam, mutuava ali naquele ponto e ficava lá. Aí os homens conseguiram umas casinhas assim por aqui de ter 5, 8 e 10 mulher, aí o que se engaçava com alguém lá ia logo chegando e casando. [...] Aqui era um lugar pobre mesmo de mulher, tinha mulher assim não e as mulher era. Só tiveram oportunidade mesmo de dizer assim ela tem um marido porque desses que vieram de outros lugar e ela também. Aqui não tem, para dizer que é filha mesmo de Candeias, nenhuma e nem outra, as mulher que tem aqui vieram de outros lugares, de outros estados [...] (MANOEL FERREIRA, 01/08/2007).

As falas de Manuel Ferreira anunciou que eram mulheres que “chamava a atenção masculina”, e os homens se encantavam e iam logo casando no cartório. Outros depoentes/frequentadores, que assim como Manuel trabalharam em Mataripe, também

descreveram as “damas” do 24: bonitas, atraentes, charmosas, sedutoras e apaixonantes. Everaldo Saba também contou um caso atípico de envolvimento de um amigo seu de trabalho com uma meretriz:

Ali mesmo no 24, um colega meu da Petrobrás, chamado V..., chegou no Brega e mandou chamar a Dona e pediu para que reunisse todas as meninas. Ele escolheu uma prostituta e perguntou se ela queria morar com ele. Ele fez isso porque a mulher dele colocou os filhos na casa de uma vizinha e fugiu com outro homem (EVERALDO SABA, 30/07/2007).

De acordo com Everaldo Saba, o seu amigo foi traído e abandonado pela esposa, e em um momento de angústia resolveu ir até umas das casas do 24. Chegando ao ambiente solicitou a dona que todas as meretrizes a sua frente, com a intenção de escolher uma para ser sua companheira e cuidar dos filhos. Assim o fez. Entretanto, ao levar a “mulher da vida” para casa descobriu que a mesma não estava naquele ambiente por vontade própria, mas, porque se vira obrigada a encontrar um mecanismo de sobrevivência, pois tinha sido expulsa de casa pelo seu pai pelo fato de não manter sua castidade até o casamento. A virgindade significava a honra da mulher e perdê-la antes do casamento desvalorizava a mulher. Uma mulher desvirginada jamais seria escolhida por um homem para assumi-la como esposa, somente em casos raros.

No livro *Trópicos dos Pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*, o historiador Ronaldo Vainfas levanta a problemática envolvendo as desvirginadas. De acordo com o autor, para em sociedades regidas pela lógica patriarcal a prostituição era o caminho de muitas mulheres violadas sexualmente. A sociedade local, fundamentada na lógica religiosa, também excluía as mulheres que tiveram seus corpos corrompidos, conforme evidenciamos no caso apresentado por Everaldo Saba.

Essa fonte oral narrou a história apresentada anteriormente na presença de sua esposa, e sua companheira também confirmou o acontecimento. Os dois recontaram a história e descreveram que a moça escolhida era uma ótima pessoa, boa mãe e que cuidava bem do seu esposo, desconstruindo as múltiplas imagens que corrobora sobre a mulher prostituta, que por utilizar-se do sexo como forma de sobrevivência nega qualquer outra identidade que possa ser assumida como mãe, filha, esposa, as identidades esperadas pela mulher “correta e honesta”.

José Magalhães trouxe outra história de uma mulher do 24 que para ele se tornou “mulher de verdade”, pois não dava “ousadia” a “peão nenhum” depois que foi morar com seu companheiro apelidado de Careca:

Eles... não era comum ele casar, eles lá teve Maria Helena... era uma mulher que era daí de baixo, Maria Helena, e casou com... o camarada lá de Mataripe. Agora ela se tornou uma senhora mulher, Maria Helena, era esposa de Careca, se tornou uma senhora mulher. Mas ela saiu daqui, daí de baixo, Maria Helena e ela tinha um motorista lá que se chamava Aloiso, ela dizia mesmo: “Ói véi”. Ela... era assim devassa pra falar aqueles negócio, falava, mas não dava intimidade a ninguém. Ela dizia mesmo, não adianta ela dizia a Aloiso, porque tinha o motorista era meio gaiato, Aloiso, brincava com ela e tudo, ela dizia: “Não rapaz, não adianta aqui só quem vai é Careca”. Ela falava mesmo na cara do cara “véi”, era nó cego ela (JOSÉ MAGALHÃES, 28/01/2013).

Para as informantes usadas nessa pesquisa, os amasiamentos ou casamentos não se limitavam somente aos trabalhadores do petróleo. Homens de outras funções e empresas também costumavam se encantar pelas “desvalorizadas da sociedade”:

E às vezes ele gostava da pessoa e vinha de avião ver a pessoa, entendeu? Gostava da mulher, aí vinha ver a mulher. Às vezes tirava daqui, alugava uma casa em Madre de Deus, ou em qualquer lugar por aqui. Também tive muitas colegas que falava “Vá lá na minha casa que eu to com fulano, fulano alugou uma casa pra mim mas eu ainda faço vida”. Ainda fazia vida, né? Só tirou daqui! Aí a pessoa sempre ia por que já vendia roupa, eu vendia cortina que eu mesmo fazia, abaju que eu fazia. Aí ia para Madre de Deus, por exemplo, muitas daqui se mudou para lá (GILDA, 08/03/2013).

Júlia também relatou outro caso de envolvimento entre as mulheres do 24 com seus clientes, que resultou em amasiamento, ao narrar o caso de uma jovem, chamada Nieta, que trabalhava na zona para ajudar a irmã nos estudos:

Tinha uma menina, Nieta, muito bonita mesmo, uma morena, do cabelão aqui, ela gostava de um advogado, ele vinha ver ela de 15 em 15 dias. E ela dizia: “Dona Júlia eu não posso sair que minha irmã tá estudando, eu tenho minha avó, tenho minha mãe, tenho filho, e eu que sustento. O advogado vinha ver ela de 15 em 15 dias. Gostava muito dela, gostava muito dela. E ela quando saiu daqui ela foi morar com ele. E outras e outras e outras, que tiveram muito homem bom, e que viajou, acabou o serviço aqui levou para São Paulo, levou para outros estados, levou para tudo por que era muito homem bom que frequentava, tudo empregado.

Em outra fala Júlia reforçou o pensamento patriarcal sobre os comportamentos idealizados para as mulheres, e as linhas invisíveis que dividiam as moças honestas e faladas, quando afirmou que após a mulher “da vida” se casar, era difícil identificar que ela estivera, em algum momento da vida, em um brega: “E muitas, e muitas, e muitas se apararam com esses homens, que tem mulher em Dias D’vila mesmo tem, Santo Amaro tem, Camaçari tem, toda mulher que foi desse ambiente, e hoje são donas de casa, mãe de família e ninguém diz”

¹³⁰. Percebeu-se, nas fontes orais consultadas, que não foi revelado, nenhum caso concreto de casamento na igreja e no civil. Os relatos recaíram na maior parte em colocar as mulheres em uma casa “digna”, tirando-as da vida e reinserindo-a na sociedade.

Muitas dessas mulheres desvalorizadas pela sociedade, através do casamento ingressaram nas vigências normalizadas. Rago (1989, p. 139) analisa tal vivência sugerindo que o abismo que as separavam do mundo “respeitável” era menor do que se imaginava. O casamento significava “elevação social e moral”, inserção no mundo normatizado e aceito, uma “premiação”, na visão dos homens e mulheres entrevistados/as. Antônio Paterson destacou que muitos homens : “Começavam a despertar o amor pela “pobre” e era melhor, porque se ele tinha envolvimento, se ele gostava, tirasse ela dali... Era uma forma de premiar, de mostrar o amor que ele tinha, né? E tinha isso, eles levavam mesmo, isso não era caso isolado não, acontecia muito mesmo” ¹³¹. Assim, muitos homens casaram ou se amasiaram com as “mundanas”, sendo a atitude provas dos seus sentimentos, assumindo-as como companheiras, tirando-as da prostituição.

Ocorreram também brigas e disputas pelo amor das meretrizes do 24. Paterson que vivenciou umas das “disputas” pelo amor de uma prostituta em que o triângulo amoroso não teve um desfecho muito feliz:

Eu mesmo tive um exemplo, uma garota aí, ela era de Juazeiro, era Neuza. Eu gostava muito dela e todas as noites ia vê-la, muito bonita, alta, e, um colega meu da refinaria também era apaixonado por ela, o apelido dele era Guanabara. Daí, eu me separei dela e tal..., e ele levou-a para o Rio Grande do Sul (ANTÔNIO PATERSON, 14/02/2008).

Os envolvimento das prostitutas do 24 com os petroleiros ultrapassou os limites dos Bregas. Costa (1990, 57, p.134) afirmou ser comum uma “mundana” de Candeias, vez ou outra, cobrar por seus serviços na porta da refinaria ou até com os talões de cheques, que destinava-se para pagamento das despesas de compras realizadas na cantina da Refinaria. Elas perguntavam aos vigilantes onde poderiam descontar aquele “cheque”, o que gerava desconfiança e constrangimento, pois se perguntavam quem havia realizado o pagamento do serviço sexual com os benefícios trabalhista da empresa.

Ocorriam também situações em que os serviços sexuais oferecidos pela meretriz não serem pagos pelos clientes “enrolados” e elas cobrarem aos devedores nos portões de entrada da empresa petrolífera. O memorialista Costa revelou outro “causo” com essas características,

¹³⁰Júlia, 13/03/2013.

¹³¹Antonio Paterson, 14/02/2008.

em que oito colegas de Mataripe destinaram-se para Candeias para “farrear” e três apertaram-se numa cabine de “pick-up” e cinco foram em uma Jeep, todos “doidos para ver mulheres”. Chegando a região encontram duas meninas, em que cada uma “serviu” ao grupo motorizado:

Encostaram os veículos num barranco deserto, a beira da estrada e cuidaram de “se tratar”. Para a mulher que enfrentou a fila de três, foi fácil ou pelo menos se safou cedo. Mas, para a outra mulher de vida fácil, foi difícil a sua tarefa, pois na fila tinha “cinco” ressecados. A disputa foi acirrada, mas no final todos saíram satisfeitos. Todos saíram ganhando.... Todos, eu disse? – Não foi bem assim. Ficara combinado que após a “suruba”, eles levariam a importante dama para casa, onde seria feito o acerto de contas. Mas, após todos se darem por satisfeitos, não consideraram mais aquela importante mulher e, numa manobra rápida, zarparam dali deixando a pobre criatura a ermo, a ver estrelas... algumas delas reais (COSTA, 1990, p. 57).

A situação descrita por Costa é uma, dentre tantas outras que devem ter ocorrido, de humilhação e desprezo pelas prostitutas. Os petroleiros não tiveram qualquer consideração pelo acordo realizado, e saíram deixando as mulheres na estrada e sem o pagamento pelo serviço sexual prestado. A forma como o autor do “causo” descreveu as prostitutas também revela menosprezo e ironia quando refere-se a elas como “importante mulher” e “importante dama”, atribuindo-lhes adjetivos com a intenção de indicá-las como mulheres “diferenciadas”, que não deveriam ser tratadas com respeito. O autor encerra a narrativa ao revelar que a atitude dos rapazes terem “zarpado” e deixado a meretriz sem o pagamento combinado foi um erro, devido a repercussão que o acontecimento gerou quando o superior dos rapazes soube do ocorrido:

Eles não deveriam ter feito aquilo. No dia seguinte o Sr. Andrade é chamado à portaria para resolver um problema. Uma mulher desesperada insiste em receber o dinheiro de cinco fregueses da noite anterior, sem o qual não sairia dali. Sr. Andrade, homem justo, velho descolado, perguntou a mulher como foi a coisa. No fim da narrativa ele já tinha concluído quem foram os autores da façanha. Pegou o telefone e...- Dauton, reúna o pessoal e arrecade o dinheiro para pagar a mulher da farra de ontem...AGORA. – Falou com tanta convicção e autoridade que não deu margem ao colega Dauton nem sequer pensar em negar o fato. Quinze minutos depois chega o chefe dos farristas com aquela quantia exigida pela mulher (COSTA, 1990, p.57).

3.4.4 MASCULINIDADES PETROLEIRAS E REPRESSÃO POLICIAL NOS AMBIENTES DE PRAZER

A presença dos petroleiros era marcante nos espaços que delimitavam a Praça do 24, principalmente entre as décadas de 1950/80. Nesses ambientes de intensa concentração de

homens e mulheres, muitos petroleiros ostentavam sua fama de “novo rico”, por serem vistos pela sociedade da época como símbolos de prestígio e poder. Nas noites em que os meretrícios estavam cheios de homens e mulheres, foi rotineiro grupos de trabalhadores solicitar o fechamento dos estabelecimentos, custeando todas as mulheres que se concentravam. E muitas dessas prostitutas levantavam-se da mesa, abandonando o cliente que a cortejava, quando os petroleiros chegavam. Antônio Paterson relatou que muitos já eram conhecidos e as prostitutas ficavam esperando o petroleiro que tinha dinheiro e poderia lhe pagar “por fora”, já que o pagamento ficava nas mãos do dono do estabelecimento, possibilitando que se fortalecessem os laços de solidariedade entre esses sujeitos. José Magalhães evidenciou que ajudou uma meretriz a construir uma casa, possibilitando-a, segundo ele, que saísse “daquela vida”.

Os depoentes Antônio Paterson e Manoel Ferreira revelaram outras manifestações de exibicionismo dos petroleiros nos ambientes de prazer. Paterson contou que:

Um amigo meu, Salomão, uma vez eu vi ele na Boate jogando um bucado de nota para cima, cheia de mulheres, fazendo assim galinha gorda. Ele jogou o dinheiro para cima e as moças lutando para pegar o maior número de notas (ANTÔNIO PATERSON, 14/02/2008).

Manoel Ferreira contou outro caso parecido, que coincidentemente está descrito no Almanaque de Memórias dos Trabalhadores da Petrobrás¹³²:

Aí teve uns idiotas que de noite saíam para fazer festa aí...lá com as mulher...Quando chegou lá, eles que receberam uma bolada de dinheiro danado, metia a mão no bolo assim..., chegava lá..., o ventilador tava funcionando assim..., deixava o ventilador cortar aquelas moedas tudo (MANUEL FERREIRA, 01/08/2007).

As mulheres que viveram nesses ambientes não presenciaram nenhum fato como “jogar dinheiro para cima” ou similares, mas, afirmaram ser comum solicitarem o fechamento das casas para terem “exclusividade”. Rago (1989, p.187) argumenta que para os homens de destaque da sociedade, a companhia da meretriz preenchia seus anseios de ser admirado pela virilidade, pela capacidade de conquistas amorosas, que os levavam a contabilizar os seus casos. Com a expansão do mercado capitalista, o dinheiro possibilitou o consumo dos mais diferentes prazeres, e dentre eles: – a prostituta (LEITE, 2005, p. 22), que, simultaneamente, era a vendedora e a mercadoria.

¹³²Almanaque Memória dos Trabalhadores Petrobrás. Organizado pelo Museu da Pessoa. – Rio de Janeiro: Petrobrás; São Paulo: Museu da Pessoa, 2003. p. 119.

As exhibições dos petroleiros também contribuíram, segundo os entrevistados, para a ocorrência de brigas e confusões com outros frequentadores do 24. José Magalhães argumentou que nesses ambientes, conforme apontamos no capítulo anterior, se agrupavam dois elementos que juntos geravam muita confusão: “bebida e mulher”. O petroleiro aposentado complementou:

Às vezes tinha briga, né? Sempre acontecia, às vezes pelo problema de um cara ser muito ciumento, que ele gastava o dinheiro dele com uma mulher e ela queria ir para o quarto com outro, esse negócio todo. Então, às vezes, existia briga por causas destes problemas...Mais às vezes o cara é novo e não ta nem aí, vai para lá porque esta afim né, de tudo, porque quem estar naquele meio ali está arriscado a tudo (JOSÉ MAGALHÃES, 28/01/2013).

A repressão policial era intensa nessas casas de prostituição, chegando a movimentar a política local para conter os “excessos” e as brigas. O então presidente da Câmara de Vereadores de Candeias, o Vereador Milton Expedito de Oliveira Ferreira foi parabenizado pelo Vereador José Xavier, numa sessão da Câmara de Vereadores de Candeias, em 24 de Janeiro de 1964, por realizar uma política de controle e de tráfego de prostitutas na cidade. Na Ata da Sessão está contida a seguinte fala:

Continuando a parabenizar o Senhor Presidente pela atuação brilhante, quando exerceu o cargo de Prefeito desta cidade. E quando a repressão ao tráfego das mundanas foi a melhor possível. Terminou dizendo que esperava fosse esta atitude mantida pelo senhor Egberto Carvalho, a fim de conservar a cidade em um clima de moral ¹³³.

Segundo Antônio Paterson, que governou Candeias de 1967 a 1970, o prefeito Egberto Ferreira de Carvalho construiu, de forma arbitrária, durante a sua gestão, uma cadeia próxima a Praça do 24, para tentar controlar, na visão do então prefeito, as constantes brigas e confusões que frequentemente ali ocorriam. O fato foi motivado devido à delegacia ser na Praça Central da cidade, distante dali, e não havia carros e viaturas suficientes para deslocar-se para o local quando necessário.

Para controlar o vai-e-vem de pessoas circulando entre a rodovia que ligava Candeias a Mataripe o poder público municipal baixou uma norma estabelecendo que os movimentados ambientes do 24 somente pudessem funcionar até as 22horas. O “vulgo” Mundinho Mamão, que era policial, mas, agia com postura e autoridade de delegado, vivia fazendo batidas na geografia do prazer. As meretrizes relataram que o principal alvo de busca eram mulheres menores de idade que estivessem sendo exploradas sexualmente. Lázaro o conhecia e

¹³³Ata de Sessão da Câmara de Vereadores de Candeias, 24 de Janeiro de 1964.

costumava dar propina para que ele não perturbasse a continuidade do 24. Paterson também relatou que os policiais exploravam as meretrizes e os donos dos estabelecimentos, exigindo dinheiro como forma de proteção. Outro depoente, Milton Matos, acredita que as primeiras manifestações de criminalidade em Candeias ocorreram na Praça do 24: “Ele era do tipo de “delegado” mandão, que interferia em tudo, queria se meter em tudo”¹³⁴.

As prostitutas e as casas que as abrigavam, que piscavam luzes coloridas em sua fachada (Boate Pisca-Pisca), denunciando a atmosfera noturna do prazer, não incomodaram somente os policiais, delegados e governantes de Candeias, mas, também a população local, principalmente os moradores das proximidades do Brega do 24, região que vivia isolada da cidade. Olivieri (1977, p.137) argumentou que os moradores de outras unidades urbanas de Candeias defenderam que a área que delimitava a zona de prostituição não merecia passar por qualquer processo de urbanização, para não ser confundida ou equiparada aos outros bairros. A praça do 24, pelas próprias condições topográficas, já era uma região por si só, segregada de Candeias (FRAGA Fº: 2000; 104).

3.4.5 A DECADÊNCIA E O FIM DA FAMOSA PRAÇA DO 24

Entre o final da década de 1950 e meados da década 1980 essas casas funcionaram como espaços de sociabilidade e lazer em Candeias. Entretanto, com o passar dos anos a zona de prazer entrou em colapso, e aos poucos, os ambientes foram fechando as suas portas, as mulheres deixaram de vender os seus corpos e os homens que procuravam diversão e prazer não circularam mais por aquelas redondezas. Várias razões foram levantadas, na tentativa de explicar os motivos que levaram ao declínio do 24.

Os depoimentos orais não conseguiram especificar o período que os espaços que circunscreviam o 24 pararam de funcionar. José Magalhães defendeu a hipótese que O Golpe de 1964¹³⁵ colaborou para o início da decadência da zona, devido às mudanças trabalhistas que ocorreram na Refinaria de Mataripe, quando retirou-se parte das vantagens dos proventos dos funcionários. O depoente argumentou que:

¹³⁴Milton Matos, 01/08/2007.

¹³⁵O Golpe Militar de 1964 designa o conjunto dos eventos de 31 de março de 1964, ocorridos no Brasil, e que culminaram em um golpe de estado que interrompeu o governo do presidente João Goulart. Militantes de direita acusaram Jango, de ser comunista e o impediram de assumir à presidência no regime presidencialista. Iniciou-se uma ditadura no Brasil perseguindo os movimentos sociais, sindicais e parlamentares de oposição. Alguns municípios de localização fronteiriça, marítima e de alto valor econômico passaram a serem Área de Segurança Nacional (ASN) (FAUSTO, 2010) Os municípios eram diretamente controlados pelo Estado, e os prefeitos não eram eleitos pelo voto direto e sim pelo Comando Militar, de acordo com os seus alinhamentos ideológicos. A cidade de Candeias foi enquadrada na ASN em 22 de junho de 1972 (EPIFANIA, 2008).

Depois da Revolução de 64 foi que o movimento começou cair, porque foi as forças armadas que tomou conta de tudo isso aí, e todo lugar que pertencia a Petrobrás quem tava comandando foi as forças armadas, né? Na Refinaria o pessoal tinha total liberdade e fazia o que queria, o petroleiro fazia greve, parava, fazia e acontecia aí. Quando prenderam Mario Lima e outros diretores do Sindicato, muita gente teve preso, então acabou, mudou tudo e quem mandava era as forças armadas (JOSÉ MAGALHÃES, 22/01/2008).

Para José Magalhães, essas mudanças favoreceram para o declínio da zona do 24, que refletiu-se também na própria cidade de Candeias. O depoente relatou:

As coisas aqui foi porque caiu o movimento, aí ficava cheio de soldado do exercito, as coisas aí. Porque aqui a cidade ficou protegida pelo exercito, na Área de Segurança Nacional, que tudo era fiscalizado, tudo olhado, até o prefeito foi nomeado pelo exercito. Daí em diante começou as coisas mudando e foi aí que as coisas fracassou de vez (JOSÉ MAGALHÃES, 22/01/2008).

Segundo Santos (2008, p. 156), os reflexos do Golpe de 1964 foram sentidos de imediato em Candeias. Sendo uma cidade industrial, com uma população operária e de grande ativismo sindical, foi de interesse dos militares, sufocar toda a movimentação sindical e política em Mataripe que se refletia na cidade, que ganhava projeção estadual e até mesmo federal no período. Os Sindicatos de Petroleiros, tanto de extração quanto de refino, tinham grandes bases na cidade e sofreram com a reação dos militares em que muitos dirigentes foram demitidos e presos, a exemplo de Mário Lima, Alencar Ferreira Minho e José Xavier. Os dois últimos citados eram vereadores de Candeias na época do golpe e tiveram os seus mandatos parlamentares cassados. Acreditamos que após o golpe, por Candeias ter sido cidade de interesse dos militares, o movimento de pessoas na região tenha minorado por um breve período, até que a diminuição da frequência das forças armadas na região da refinaria e nas proximidades de Candeias. A zona continuou funcionando a “todo vapor” após esse acontecimento histórico com o regime ditatorial no Brasil.

Outra possibilidade apresentada, que também não advém de dados precisos, mas apareceram nas memórias das fontes orais foram às melhorias das estradas que ligavam a Refinaria a capital em 1960. Segundo COSTA (1990, p. 112), em 1959 surgiram os primeiros ônibus, ligando Mataripe a Salvador e por volta de 1961/62, apareceram os “papa-filas” que eram ônibus com carrocerias muitos grandes e cabine separada, cujos pontos finais eram os bairros de Amaralina, Ribeira e Comércio. Com isso, muitos trabalhadores foram morar em outras localidades, em busca de melhores condições de vida, diminuindo o fluxo de homens “petroleiros” em Candeias.

BACELAR (1982, p.57) aponta outro fator por entender a queda na procura pelos serviços dos bordéis e bregas, ao argumentar que a “revolução sexual” das mulheres trouxe aos homens maiores possibilidades de exercer a sua sexualidade, o que exigiu necessariamente das prostitutas adaptar-se a nova situação. A prostituição empobrecida e confinada foi a mais duramente atingida por este fenômeno. Clovis Vasconcelos argumentou que os fechamentos destas casas ocorreram por que: “as pessoas se acostumaram com a rotina do prostíbulo, o petróleo foi caindo, as pessoas sumindo e morando em outros lugares”¹³⁶. Para o Sr. Paterson o próprio “tempo” determinou o fim da zona:

Até 1965, metade da década de 1960. Foi se deteriorando, veio a decadência, veio as boates...,mudaram...,alguns morreram, aí foi degradando mesmo e uma parte dos homens que freqüentaram se afastaram (CLOVIS VASCONCELOS, 02/08/2007).

Em 1976, o Relatório Preliminar da Conder já classificava a região da Praça do 24 como uma área de prostituição muito pobre, constituída de casas rústicas, hotéis, pensões, bares e boates que existiam em função desta atividade¹³⁷. Contudo, as mulheres que vivenciaram o 24 e que compõem a narrativa histórica deste trabalho, a exceção de Gilda, chegaram a Candeias na década de 1960, e não apontaram nenhuma dessas possibilidades para o fim do ambiente prostitucional. José Catarino também migrou para Candeias no final da década de 1960 e relatou que a Boate administrada por ele, que funcionou principalmente durante a década de 1970, a Sonho da Noite, tinha grande movimento, levando-nos a questionar as versões. José Catarino e as mulheres, que residem nas proximidades da antiga zona até a atualidade, sinalizaram o contrário do que foi apontado, descrevendo a crescente movimentação de dinheiro e de pessoas nesses espaços até meados de 1980 e que a decadência ocorreu, sobretudo, após 1985.

Para estas pessoas, a decadência da zona ocorreu de forma gradativa, aos poucos, com a passar dos anos, com o fechamento dos espaços devido crescente marginalização local, principalmente após o assassinato de Lázaro, dono da Boate Escandinávia/Canecão. Antes desse episódio, já estavam ocorrendo roubos e mortes, mas, com a morte do cafetão a violência e insegurança acentuaram-se no local:

Vinha muita gente de fora pra aqui, e matava muita gente por aqui, e roubava muito, roubava muito mesmo. Os homens vinham pra que eles roubavam tudo, deixava os cara nu, dava tiro. Aí os povo começou a se afastar, se afastar daqui e pronto, foi acabando, acabando até que acabou,

¹³⁶Clovis Vasconcelos, 02/08/07.

¹³⁷Relatório Preliminar da Conder, 1976.

mas não foi por causa de Lazaro não, antes de Lazaro sair daqui já tava acabando por que entrou muita gente ruim aqui. Assaltando de fora vinha, achava apoio aqui. Aí o povo dava apoio aí ficava morando aqui e tudo mais, aí foi acabando, acabando... (VERA, 28/02/2013).

Vera relatou que Lázaro: “se metia em muita confusão, muita confusão ele se metia por aí né, roubo, negocio de assalto, e isso e aquilo, tava metido em tudo”. Ele já havia sido perseguido na região do 24, mas, foi assassinado em frente à Boate que tinha em outra cidade próxima, Madre de Deus:

Os caras chegou lá ele tava sentado na porta, na cadeira, em pleno carnaval. Já tinha jurado a muito tempo e já tinha dado muito tiro nele aí, aqui na boate daqui, ele abriu a boate de lá e a daqui continuava aberta e outra pessoa tomando conta. Aí ele bulia muito com o pessoal aí que não era brincadeira também, aí pegaram e mataram ele lá, ele sentado na porta, morreu sentado (VERA, 28/02/2013).

Gilda também referenciou a morte de Lázaro ao aumento da insegurança na localidade e ao gradativo fim do ambiente. Segundo ela era o local mais seguro e mais procurado, e com o fechamento, após a sua morte, muitas pessoas não se sentiram mais seguras em frequentar o 24. Lázaro, em diversos momentos, foi apontado como um “fiscal” e “protetor” da localidade, em que ele não permitia que brigas, confusões e roubos acontecessem na região em que estava sua boate:

Quando começou mesmo foi quando mataram o finado Lazaro. Aí foi caindo por que o movimento foi caindo, por que as melhores pessoas entre aspas, né? Era os que vinham frequentar aí, daqui um saia se agradava de uma já de outra casa, entendeu?! Já queria, já frequentava, já vinha no outro dia vinha para outra casa e era assim. Aquela que era chique, que tinha mulher mais ou menos humilde, mais bonitinha, agradável. As que tava aqui nessa se agradava já, entendeu? E aqui o que fazia a movimentação era esse povo, aí esse povo parou de vir, aonde era seguro era na casa do finado lazaro, aí acabou um pouco (GILDA,08/03/2013).

As mulheres tomaram com referência a datação para o fim do 24 principalmente o período de nascimento dos filhos/filhas e segundo Vera “antes do meu filho caçula (nacer) já começou a cair”¹³⁸. Laura tomou como referência o nascimento do neto, que também nasceu entre os meados de década de 1980, que possibilita demarcar o fim da zona após 1985¹³⁹.

O 24 foi apresentado pelas fontes orais como um local tranquilo, seguro, em que não ocorriam violências, brigas, mortes, roubos, sobretudo, durante as décadas de 1960/70. O

¹³⁸Vera, 28/02/2013.

¹³⁹Laura, 23/01/2013.

terceiro prefeito de Candeias, Antônio Paterson de Melo descreveu que o ambiente era saudável: “Era saudável até, o ambiente era saudável. Eu dormia lá, almoçava, fazia refeições. Depois é que degradou mesmo, mais antes da degradação ele era saudável”¹⁴⁰. Todavia, no final da década de 1980, o cenário apresentado como saudável e tranquilo modificou-se, determinando o fim, através da inserção de drogas, roubos, pessoas de índole duvidosa, que tornou o ambiente inseguro, afastando as pessoas que viam a região como um lugar de diversão e prazer, e passou a ser visto como perigoso e violento:

Depois foi aumentando, foi ficando diferente, começou a confusão, as briga. Começou a confusão a briga todo dia, era muito ladrão, que depois os ladrão começou a sair dos seus lugares pra vir pra cá, aí se arrochava aqui, vinha ladrão de tudo quanto era lugar, Salvador, tudo que era lugar vinha se arrochar aqui em baixo. E mulher também, mulher que dava ousadia a ladrão, aí ficava morando aqui também. Aí ficou de um jeito que ninguém mais... o pessoal não vinha mais por que quando vinha era roubado (VERA,28/02/2013).

Essa é a versão que consideramos mais plausível para as mudanças nas formas de viver da atmosfera do prazer da zona do 24. O desaparecimento das “casas de mulherio” foi gradativo, tornando-as lembranças na qual agora são narradas toda a atmosfera da ilegalidade, onde homens e mulheres entrelaçavam-se nos salões das boates e nas ruas movimentadas. Os piscas-piscas das boates/bregas convidavam/convidam por meio das memórias aqueles que trafegaram/trafegam na rodovia para uma bebida, uma dança, uma noite de prazer, regada ao dinheiro advindo do petróleo.

¹⁴⁰Antônio Paterson, 14/02/2008.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao registrar as últimas considerações desta pesquisa, misturam-se diversos sentimentos, que variam entre risos, lágrimas, alívio e novas expectativas. E remete a sensação de satisfação e de superação. Chegar a estas páginas significa que mais uma etapa foi concluída, enquanto historiadora, feminista e também candeense.

No último 14 de agosto de 2013, Candeias completou 55 anos de existência enquanto cidade. E trazer a cena do debate, as suas origens históricas e transformações, com os petroleiros e as prostitutas, que movimentaram as suas ruas, praças, avenidas, ruelas, becos, através de redes de solidariedades e sociabilidades, constituindo os espaços, foi a forma encontrada de presenteá-la e de também nos presentear. De inserir mais um recorte da sua história nas linhas de um trabalho acadêmico, realizado por uma “filha da terra”, nascida e criada no Malembá.

Desde o início desta pesquisa, até a construção deste texto a cidade foi visibilizada, percebendo as singularidades territoriais e de seus sujeitos, pois, sempre tomamos Candeias como um organismo vivo, pulsante, vibrante, que interfere diretamente na vida daqueles (as) que nela convive, situa-se e estabelecem as suas vidas cotidianas. A atmosfera candeense transforma-nos.

Por isso, foi importante no primeiro capítulo situa-la, demarca-la, para que os leitores deste texto compreendessem como os espaços interferem nas formas de viver, pensar, agir, relacionar-se daqueles (as) que nele vivem. Com a descoberta do primeiro poço de petróleo do Brasil em seu subsolo em 1941, Candeias modificou-se, tornou-se cidade, territorializou-se e se modernizou, conforme se percebeu através dos relatos, das fontes escritas e icnográficas. Assim como ocorreu alterações dentro do plano econômico e político do até então, pequeno povoado, aqueles que eram ali viventes, nativos e migrantes, também se transformaram com a “riqueza” proporcionada pelo “ouro negro”, emergindo uma nova classe social – os petroleiros e com eles, as mulheres, as prostitutas, discussões dos capítulos subsequentes. Junto com este “progresso do petróleo” vieram também os sonhos, anseios e expectativas e de ascensão social, e a pequena Candeias absorveu essa massa de “aventureiros” que vieram, como disse Antônio Paterson: “pela febre do dinheiro, dos cruzeiros na época em que Candeias estava nadando ”¹⁴¹.

¹⁴¹Antonio Paterson, 14/02/2008.

A chamada “terra do petróleo”, durante algumas décadas, ganhou fama e movimentou o samba-enredo da escola de Samba Mangueira, no carnaval de 1956, que já enfatizava a fama do pequeno distrito de Salvador:

*Candeias, a cidade petroleira
Trabalha para o progresso fabril
Orgulho da indústria brasileira
Na história do petróleo no Brasil*¹⁴²

Em busca dessas experiências, vivências, histórias de vidas, tensões, hierarquias e todas as complexidades da relação mundo do trabalho petroleiro e mundo da prostituição, em um local e datação histórica específica e singular, objetivou-se com este trabalho levantar uma problemática nunca antes discutida em obras que historicizaram Candeias, descortinar estas histórias invisibilizadas e omitidas e inserir, politicamente, na história local e regional, através desta dissertação, as mulheres que viveram da prostituição em Candeias entre 1960/1985. Mas, para isso, foi importante sinalizar no segundo capítulo, quem era este novo trabalhador que atraiu estas mulheres, assim como as masculinidades hegemônicas que se fizeram presentes com as mudanças provocadas pelo petróleo, como também apreender, dentro da perspectiva interdisciplinar, entrelaçado nos estudos feministas de gênero e patriarcado, o lugar do feminino naquela sociedade.

As perguntas que movimentaram as primeiras pesquisas, relacionadas à migração de homens de mulheres, motivados direta ou indiretamente pelo petróleo, também foram confirmadas, em que se percebeu como indicou o depoente, que também migrou para a localidade, Manoel Ferreira, que Candeias uma cidade constituída de pessoas de diferentes lugares, de localidades próximas e também de outros estados. E foram esses “migrantes”, em busca do “ouro negro” que compuseram este espaço e historicizaram esta narrativa.

A pluralidade dos sujeitos que compuseram Candeias nos acontecimentos sinalizados provocaram mudanças nas formas de pensar/viver feminilidades e masculinidades, ao inserir no cenário a mulher marginalizada, a prostituta, nosso objeto de análise do terceiro capítulo, aquela que vende sexo para sua sobrevivência. Trazer as histórias particulares dessas mulheres, indicando suas origens, como chegavam a Candeias, os territórios de prazer em que trabalhavam, as relações sócio sexuais, foi descortinar a outra história sobre o feminino e desvendar hierarquias e poder demarcados pelo gênero. Apareceram nas falas analisadas

¹⁴² Trecho do samba-enredo da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, cantada no carnaval de 1956. A letra completa do samba pode ser encontrada em: A letra completa dessa música pode ser encontrada em: <https://www.vagalume.com.br/mangueira/samba-enredo-1956.html>. Acessado em 26 de agosto de 2014.

mulheres fortes, que sustentaram sozinhas a si mesmas e seus filhos, que migraram para fugir da dominação e violências de companheiros, para ter controle sobre suas vidas e corpos.

Essas mulheres, maioria pertencente às classes menos favorecidas, trouxeram uma “nova atmosfera” a terra do petróleo. Pois, romperam com as convenções de gênero, que atribuiu, durante séculos características de subalternidade, fragilidade, dependência, docilidade, necessidade de figuras masculinas para a sobrevivência feminina. As meretrizes migrantes de Candeias lutaram, romperam tabus, preconceitos, limites e exclusões. E através das barreiras enfrentadas se articularam e enfrentaram a sociedade candeense patriarcal. E, as histórias que as envolvem não estão aqui para serem julgadas, mas, para serem ouvidas, interpretadas, lembradas e vividas. A intenção é trazer o passado que foi omitido, silenciado, ocultado, a partir dos “vistos de baixo”, dos que estavam entre as margens.

A elas, como apontado nas descrições, não foi permitido frequentar os espaços sociais e familiares em Candeias¹⁴³. As “damas” teciam suas vivências cotidianas entre os limites demarcados pela sociedade candeense, na territorialidade que estivesse na estrada que ligava Candeias a Mataripe. Mas, mesmo “excluídas” dos ambientes “de família” foram descritas como mulheres bonitas, atraentes, inteligentes, que ultrapassavam a função de somente proporcionar o prazer sexual. Os homens que frequentaram os bregas, na maioria, positivaram os espaços como ambientes de diversão e aproximação de corpos, e muitos relataram que se envolveram afetivamente como elas, e casos de compromissos afetivos foram estabelecidos, principalmente quando eles “a tiravam da vida” e se comprometiam, o que aconteceu com frequência.

Percebeu-se também, que as histórias sobre a prostituição e as prostitutas que ofereceram a aqueles trabalhadores que edificaram a primeira Refinaria de Petróleo do Brasil diversão, lazer e prazer não seriam possíveis sem o uso da oralidade. Foi grande a dificuldade de encontrar essas mulheres e constatou-se que na sociedade candeense contemporânea perdura que as prostitutas não “merecem” aparecer nas histórias locais, revelando a mentalidade patriarcal e as representações de gênero e sexualidade discutidos ao longo deste trabalho. Sendo a ocultação dessas mulheres na história atrelada à dificuldade de encontrar suas falas nas primeiras pesquisas realizadas durante a graduação umas das problemáticas e lacunas. Por isso, ver, conversar, compartilhar vivências pessoais e compreender através dos olhares de Gilda, Sueli, Vera e Júlia os “mundos” que elas se inseriram e foram inseridas foi enriquecedor e sedimentou a proposta política de fazê-las “sujeitos históricos”. As novas

¹⁴³Trazemos o exemplo de Gilda, no terceiro capítulo.

fontes orais encontradas trouxeram uma “amostragem” do vivido, modificado e reinterpretado com a inserção do capital.

Quanto a isto, em *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir, alertou que a invisibilidade das mulheres na história as desprovia de orgulhar-se de si, devido aos silenciamentos de suas memórias (DEL PRIORE, 1998, p.217). Eram sombras tênues que não apareciam, apenas eram citadas insignificadamente através de um olhar masculino. Os sujeitos privilegiados na história eram marcados por espaços onde os homens exerciam seu poder e seus conflitos, empurrando para fora destes conflitos os espaços femininos. Tornaram-se herdeiras de um presente sem passado, em que suas vozes, corpos, rostos, sexos, trabalho foram silenciados na medida em que estas eram dominadas e controladas pelos homens.

Entendemos que para que as mulheres façam parte desta história depende da importância que damos aqueles que consideramos sujeitos históricos. E as mulheres ficaram durante muito tempo fora deste relato, como se, destinados à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do seu tempo, ou pelo menos, fora dos acontecimentos (PERROT, 2007, p.16).

Além de mostra-se singular falar sobre as meretrizes de Candeias, a partir de suas falas, essa pesquisa diferencia-se e inova por problematizar o mundo da prostituição através das relações estabelecidas entre prostitutas e clientes, e as complexidades que envolviam as aproximações envolvendo sexo e dinheiro. As principais pesquisas na historiografia¹⁴⁴ são descrições analíticas das regras morais, códigos de condutas, expulsão das mulheres marginalizadas dos centros urbanos, e de como as meretrizes rompem com as normas estabelecidas e se reapropriaram dos espaços. Contudo, esta dissertação fala das prostitutas a partir dos seus olhares, das suas subjetividades, dos seus espaços e tempo vividos, das relações sócio afetivas e comerciais com aqueles que pagavam para ter prazer. Espera-se que esse novo olhar lançado a partir deste estudo possibilite que novas historiadoras possam desafiar-se em abordagens originais sobre a prostituição.

Conforme se percebeu no final do terceiro capítulo, com o passar dos anos e diversas mudanças provocadas pela marginalização dos espaços que circunscreviam os ambientes de prostituição, como também a abertura de estradas ligando Candeias a capital através da BR-324, que possibilitou que muitos trabalhadores do petróleo saíssem de Candeias, buscando em outros municípios mais conforto, lazer e outros serviços para suas famílias a exemplo de Salvador. Hoje, Candeias não aparece mais com o título de “cidade petroleira”. Na verdade,

¹⁴⁴Tomamos os estudos baianos para estabelecer essa análise comparativa.

ainda nos idos de 1980, essa denominação já não se encontrava mais em “voga”. Novos poços de petróleo foram descobertos em outras localidades do país, bem como outras refinarias de extração e refino do “ouro negro” foram construídas. Atualmente o Brasil aparece como um dos maiores produtores do rico mineral do mundo e os equipamentos utilizados são bem mais avançados que aqueles que foram usados pelos “pioneiros”, que fizeram o “trabalho pesado”. Candeias cidade rica, mas, de população pobre, muitas vezes, é colocada como o “primo pobre” de São Francisco do Conde, pois, é ela que recebe que toda a movimentação veicular e de pessoas da Refinaria de Mataripe/RLAM, mas, é sua vizinha, São Francisco, que desfruta dos royalties, devido à refinaria encontrar-se em seu território.

Assim como Candeias não é mais a “cidade do petróleo”, os ambientes de prazer que nela se localizaram movidos pelo advento das atividades petrolíferas também não existem mais. Com o tempo as prostitutas do Buraco Doce e o do Brega do 24 e os homens petroleiros, foram postos nas margens da história da cidade de Candeias, porém merecendo importância através do estudo de sua prática social enquanto sujeitos históricos. Na estrada que liga Candeias a Refinaria, e que funcionava nas décadas de auge das atividades petrolíferas a famosa Praça do 24 percebemos, através das imagens apresentadas no terceiro capítulo, as ruínas de algumas casas, alguns poucos vestígios, outras habitadas por famílias, oficinas de carros, bares, garagens, ambientes que não identificam que ali, há algumas décadas atrás era um famoso e movimentado ambiente prostitucional. Nas ruas em que se afluavam as brigas e encontros do Buraco Doce estão rodeado de casas, mercados, igrejas evangélicas, e, alguns moradores ainda insistem em chamar a Rua oficialmente denominada de José Xavier de “Buraco Doce”. E a Boate de Firmino, que fazia “forró na ladeira grande”, conforme apontou Olga, somente aparece quando alguma historiadora feminista curiosa pergunta aos “velhos (as) moradores” sobre os tempos pretéritos.

Devido ao movimento crescente de veículos nas estradas de Candeias e de caminhoneiros, trabalhadores, operários, ainda existem em suas rodovias “bregas” e “puteiros”, a exemplo do Brega de Caroba, que é muito famoso na localidade e onde dizem, conforme a música do cantor Marcio Moreno, nasceu a dança sensual que faz parte do estilo musical Arrocha. O Brega de Caroba também já se encontra em processo de decadência, e algumas das casas que faziam parte desse espaço já foram derrubadas, conforme aconteceu no passado com a Praça do 24. Em substituição a este espaço, já se constitui há alguns anos o Pimenta Doce e a Kbanas Club. Nessa primeira, percebe-se que é uma prostituição baixo meretrício e é costumeiro ao passar pela rodovia ver placas que ficam em sua fachada com a seguinte mensagem escrita incorretamente: “Hoje tem show de langerie”. A cidade de

Candeias modificou-se nestes cinquenta e cinco anos, pluralizando-se seus espaços de sociabilidades e os habitantes, que hoje trabalham nas diversas indústrias que circunscvem a região, prestam seus serviços em empresas, ou, trabalham no movimentado comércio local.

Observando o resultado final da pesquisa, com as narrativas dos capítulos que compõe este trabalho, verificamos que as lacunas deixadas na pesquisa inicial, realizada durante a graduação não foram totalmente preenchidas, com a finalização desta dissertação. Outros incômodos continuaram, pois nenhuma pesquisa historiográfica finda-se em si. Ela sempre levanta novas problemáticas, novas complexidades, a depender do olhar da pesquisadora/o, temporalidade, historicidade e sujeitos envolvidos.

Ao estudar o perfil dos trabalhadores da Refinaria de Mataripe nos primeiros anos da atividade petrolífera outros hiatos para reparação de futuros estudos feministas foram localizados, especialmente pela comprovação durante as investigações do perfil dos trabalhadores nos primeiros anos das atividades petrolífera da quase que total ausência de figuras femininas nos ambientes de trabalho, principalmente nos vistos como “mais pesados”, os que exigiam força física, para “verdadeiros machos”. Diante disso, apresenta-se uma possibilidade de pesquisa histórica feminista, analisar as inserções, hierarquias e relações de poder vivenciados pelas mulheres nesses espaços. As novas reflexões poderiam ser incorporadas para o enriquecimento do tema e o estudo do trabalho feminino da RLAM. Outra possibilidade de tema político, que não foi realizada nessa pesquisa pela falta de tempo, leitura e também por não ser o ponto de interesse desta dissertação seria a possibilidade de aprofundamento da discussão sobre raça e classe, hierarquias e tensões, entre os trabalhadores do petróleo, a partir desses marcadores sociais. Certamente uma nova abordagem para se pensar masculinidades. Essa discussão necessitaria de novas fontes, metodologias, leituras bibliográficas e análises, resultando, caso realizado, em novos trabalhos com temáticas diferenciadas.

Esta dissertação é fruto de algumas investigações e não pretende esgotar as análises sobre o tema, até mesmo porque sabemos que nenhuma história do passado abarca “o real acontecido”. Aqui estão algumas reflexões e representações que são oriundas das bibliografias e fontes consultadas, mas, que também estão imbuídas do olhar e da percepção da pesquisadora. Faz-se necessário trazer a cena, através de um recorte interdisciplinar, outras histórias dos sujeitos e espaços de Candeias e que este trabalho possa provocar novos interesses em que outros estudos sejam realizados e abordagens suscitadas.

E que, para nós, mulheres feministas, assumidas ou não, oriundas das classes populares, a história sempre nos movimente, nos possibilite ousar, falar a partir dos nossos

lugares, para visibilizar nossos espaços de vivências e lutas cotidianas. E que nada, nem nenhum poder dominador nos definam e nem nos sujeite. Que a liberdade, conforme indicou Simone de Beauvoir, seja nossa substância, já que a vida é para ser vivida e de forma livre.

REFERÊNCIAS E FONTES

ABREU, José Capistrano de. *Capítulos da História Colonial (1500-1800) & Os Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.

BRANDÃO, Maria Azevedo (Org.). *Recôncavo na Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 1998.

BACELAR, Jeferson Afonso. *A Família da Prostituta*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Ática, 1982.

BARRETO, Carlos Eduardo Paes. *A saga do petróleo brasileiro: “a farra do boi”*. São Paulo: Nobel, 2001.

BADINTER, Elisabeth. *XY: Sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BATISTA, Ricardo dos Santos. *Lues Venérea e as Roseiras Decaídas: Biopoder e Convenções de Gênero e Sexualidade em Jacobina-Ba (1930-1960)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010, 120 p. Disponível em: <http://www.ppgh.ufba.br/wp-content/uploads/2013/09/Lues-Venerea-e-as-Roseiras-Deca%C3%ADdas.pdf>

BENEVIDES, Nete. *A Louvação das prostitutas de Riachão do Jacuípe ao glorioso São Roque*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, FUNCEB; 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrad Brasil, 2009.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs), *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1988.

CHARTIER, Roger. “A história entre narrativa e conhecimento” e “Figuras retóricas e representações históricas”. In: Chartier. *À Beira da Falésia. A História entre Certezas e Inquietude*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. "Masculinidade hegemônica: repensando o conceito". *Revista Estudos Feministas*, CFH/CCE/UFSC, v. 21, n. 1, p. 241-242, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650>. Acesso em: 19 de maio de 2014.

COSTA, Ana Alice Alcântara. *As donas no poder. Mulher e Política na Bahia*. Salvador: NEIM/ALBA, 1998.

COSTA, Emília Viottida. *Da monarquia à República: Momentos Decisivos*. São Paulo: UNESP, 2007, p. 387-492.

DAHLERUP, Drude. *Conceptos confusos. Realidad confusa: una discusión teórica sobre el Estado patriarcal*. In SASSOON, Anne (org) *Las mujeres y el Estado*. Madrid: Vindicación Feminista. 1987.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2011.

DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do Corpo: condição feminina e maternidade no Brasil Colonial*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres: as vozes do silêncio*. In: FREITAS, M.C. de. (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Cotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ENGEL, Magali. *Maretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

EPIFANIA, Anderson Gomes. *Encontros e Desencontros entre o Sagrado e o Urbano no Cotidiano de Candeias – Bahia*. Dissertação de Mestrado em Geografia (Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Departamento de Geociências. Salvador/Ba: Universidade Federal da Bahia, 2008, 175 p.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2010.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Quem pariu e bateu que balance: mundos femininos, maternidade e pobreza em Salvador (1890-1940)*. Salvador: UFBA, Centro de Estudos Baianos, 2003.

FRAGA FILHO, Walter (et al). *Uma Luz na Noite do Brasil: Refinaria Landulpho Alves 50 anos de história*. Salvador: Design e Editora, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade – volume 1 – A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2010a.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade – volume 2 – O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2010b.

FONSECA, Cláudia. *Ser mulher, mãe e pobre*. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Sueli. *Cartografias do Desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

IVO, Alex de Souza. *Uma história em verde, amarelo e negro: classe operária, trabalho e sindicalismo na indústria do Petróleo (1949-1964)*. Dissertação (Mestrado em História – Departamento de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador/Ba: Universidade Federal da Bahia, 2008, 183 p.

GASPAR, Dulce Maria. IN: *Garotas de Programa*. Prostituição em Copa Cabana e Identidade Social. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

HARDING, Sandra, *The Feminist Standpoint Theory Reader: intellectual and political controversies*. New York. Routledge –USA, 2003.

LEITE, Gabriela Silva. *Eu, mulher da vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempo, 1992.

LEITE, Juçara Luzia. *República do Mangue*. Controle policial e prostituição no Rio de Janeiro (1954 – 1974). Rio de Janeiro: Yendis, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa. *Dicionário da Crítica Feminista*. Afrontamentos, 2005.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando (Org.) *Historia da vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MATTOS, Wilson Roberto (et al). *Uma Luz na noite do Brasil: Refinaria Ladulpho Alves 50 anos de história*. Salvador: Solisluna Designer e Editora.

MAZZIERO, João Batista. *Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e outros delitos – São Paulo 1870/1920*. Rev. Br. Hist, V. 18, Nº. 35: São Paulo, 1998.

MILLET, Kate. “Teoria de la política sexual”. In: *Política Sexual*. México, DF, 1975.

MONTEIRO, Marko. Sujeito, gênero e masculinidade. In. ALMEIDA, Eloísa Buarque et al (org.) *Gênero em Matizes*. São Paulo: EDUSF, 2002.

NETO, Isaias. Questão Urbana como questão política: Ensaio sobre a experiência de planejamento urbano em Candeias e Senhor do Bonfim. In: JUNIOR, Milton Esteves; URIARTE, Urpi Montoya (ORG.) *Panoramas urbanos: Reflexões sobre a cidade*, Salvador: EDUFBA, 2003.

NICHOLSON, Linda L. Haciaun método para comprender el genero. In: ESCANDÓN, C.R. (org). *Género e História*. México: Instituto Mora/UAM. 1992. p.142-180.

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OLIVEIRA JÚNIOR, Franklin. *A usina dos sonhos: sindicalismo petroleiro na Bahia*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1996.

OTT, Carlos. *Povoamento do Recôncavo Baiano pelos Engenhos 1536 – 1888*. Salvador: Bigraf, 1996.

PATEMAN, Carole. *O Contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PALMERO, Maria José. *Teoria feminista contemporânea*. Una aproximación desde la ética. Madrid: Complutense. 2004.

PASSOS, Elizete Silva. *Palcos e Plateias: as representações de gênero na Faculdade de Filosofia*. Salvador: NEIM, 1999.

PERROT, Michelle. Escrever a história das mulheres. In: PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. In: *Cadernos Pagu*, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi Estudos de Gênero e História Social. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril/2009.

REIS, Adriana Dantas. *Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 2000.

RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite*. Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, J. M.; GROSSI, M. P. (org.) *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Mulheres, 1998.

SANTANA, Nélia de. *A prostituição feminina em Salvador (1900-1940)*. Salvador: UFBA, 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 1996, 115 p.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres*. Série Estudos e Ensaios – Ciências Sociais/FLACSO Brasil, jun. 2009.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (Org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

SCOTT, Joan Wallach. “*Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica*”. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul-dez, 1990.

SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SILVA, Maria Carolina Silva Martins Silva. *Nas Veredas dos Discursos Moralistas: A Honra das Mulheres em Feira de Santana, Bahia (1960-1979)*. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, 164 p. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11739/1/Dissertacao%20Maria%20Carolinaseg.pdf>

SILVA, Paula Cristina da. *Negro à luz dos fornos: do trabalho e da cor dos metalúrgicos baianos*. Salvador: Dynamis Editorial – Programa A Cor da Bahia, 1997.

SMITH, Peter Seaborn. *Petróleo e política no Brasil moderno*. Brasília: Editora da UNB, 1978.

SOARES, Luiz Carlos. *Rameiras, ilhoas e polacas... a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX*. Rio de Janeiro: Ática, 1992.

SOHIET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

SOHIET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. (Org.) *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

SOHIET, Rachel; PEDRO, J.M. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 54, 2007. p. 281-300.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2001.

TORRÃO FILHO, Almícar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 24, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332005000100007&lng=pt&nrm=iso

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. *PROJETO HISTÓRIA: Revista de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, SP – Brasil, 1997.

THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa I – A árvore da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

THOMPSON, E.P. *As Peculiaridades dos Ingleses e outros Artigos*. São Paulo: Unicamp, 2001.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado - História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de Si: Uma interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim do Século, 1995.

VANIN, Iole Macedo. *Educando “Machos”, formando “Homens” O ginásio/seminário São Bernardo*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002, 196 p.

WEEKS, Jeffrey. *O corpo e a sexualidade*. In LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FONTES (ALMANAQUES, LIVRETOS, FOLHETOS, RELATÓRIOS):

Almanaque Memória dos Trabalhadores Petrobras. Organizado pelo Museu da Pessoa. – Rio de Janeiro: Petrobras; São Paulo: Museu da Pessoa, 2003.

AZEVEDO, Thales de. *Problemas sociais da exploração de petróleo na Bahia*. Publicação da Imprensa Oficial: 2º Edição, 1960

COSTA, Eunápio Cavalcanti. *No rio dos papagaios: histórias, casos e causos Mataripenses*. Salvador: Gráfica e Editora Arembepe, 1990.

Estratégias de desenvolvimento urbano. DIPLAN. 1985.

Livrinho de Nossa Senhora das Candeias. Ed. Era Nova Ltda: Bahia, 1949.

MATOS, Milton dos Santos. *Evocação Épica da Bahia*. Salvador: Editora Itapoan, 1982.

MATOS, Milton dos Santos. *Recôncavo berço dos Canaviais*. Salvador: Editora Itapoan, 1976.

Prefeitura Municipal de Candeias. *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano CETEAD – PRODUR*, 2000.

SANTOS, Jair Cardoso dos. *A vida conta uma história - Biografia da professora Dalila Baptista dos Santos*. Salvador: Editora Arco Íris, 1989.

SANTOS, Jair Cardoso dos. *Candeias – História da Terra do Petróleo*. Salvador: Editora Gráfica Salesiano, 2008.

Relatório Conselho Nacional de Petróleo, 1951.

Relatório da Petrobras, 1950.

Relatório Preliminar da Conder, 1976.

SOUZA, Péricles Vasconcelos de. *Lembranças e coisas da minha terra*. Salvador: R.S.Melo (s/d)

SOUZA, Pericles Vasconcelos de. *Um sublime entardecer*. 1996.

OLIVIERI, Alberto Freire de Carvalho. *Candeias une petitedanslaRegionMetropolitaine de Salvador*. Toulouse, France, Université de Toulouse lê Mirail, 1977.

PEREIRA, Armando. *Sexo e Prostituição*. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1967.

Prefeitura Municipal de Candeias. *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano CETEAD – PRODUR*, 2000.

VELOSO, Mabel. *Candeias: Milagres e Romarias*. Editora Casa de Jorge Amado, 2000.

REVISTAS E PERIÓDICOS:

CARVALHO, Ana Lúcia Borges de; et, al. Mudanças na dinâmica demográfica de Salvador e sua Região Metropolitana na segunda metade do século XX. In: *Revista Bahia Análise e Dados*. Leituras da Bahia II. Salvador, Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2000.

Revista de Mataripe, 1963.

Jornal A Tarde, 18/08/1951.

Jornal A Tarde, 29/09/1984.

Jornal Folha do Recôncavo, Agosto de 1992.

Folha do Recôncavo, Edição Especial de 14 de agosto de 1989.

Jornal da Petrobrás, Abril de 1989.

Jornal Tribuna de Candeias, Setembro de 1956.

O Observador Econômico e Financeiro – Refinaria de Mataripe, Outubro de 1951.

FONTES MANUSCRITAS:

Ata da Câmara de Vereadores de Candeias, 1964.

PROCESSOS CRIMES:

Antônio Gonçalves Conceição e outros, 1963.

Dário Gonçalves da Costa, 1966.

Manuel Maria, 1909.

FONTES ORAIS:

Antônio Paterson de Melo Pereira, mais de 70 anos, trabalhou nos primeiros anos da indústria petrolífera e foi o terceiro prefeito de Candeias (1968-1972). Entrevista concedida em 14/02/2008 a Daniela Nunes do Nascimento, em Candeias/Bahia.

Beatriz, mais de 90 anos, pode ser considerada umas das mais antigas moradoras da região conhecida por Buraco Doce. Entrevista concedida em 06/01/2013 a Daniela Nunes do Nascimento, em Candeias/Bahia.

Clovis Vasconcelos, 90 anos, trabalhou nos primeiros anos das atividades petrolíferas, comerciante e antigo morador de Candeias. Entrevista concedida a Daniela Nunes do Nascimento em 02/08/2007.

Dora, mais de 80 anos, antiga feirante e moradora da região do 24. Entrevista concedida a Daniela Nunes do Nascimento em 23/01/2013, em Candeias/Bahia.

Everaldo Saba, mais de 70 anos, operador aposentado da Petrobras e antigo morador de

Candeias. Entrevista concedida a Daniela Nunes do Nascimento em 30/07/07, em Candeias/Bahia.

Francisco Gualberto Dantas Fontes, mais de 90 anos, primeiro prefeito de Candeias também foi médico da Petrobrás. Entrevista concedida a Daniela Nunes do Nascimento em 23/05/2008, em Salvador/Bahia.

Gilda, quase 60 anos, migrante do Maranhão, chegou a Candeias em 1982 e se estabeleceu entre as Boate de Lázaro e Zezinho. Entrevista concedida a Daniela Nunes do Nascimento em 08/03/2013, em Candeias/Bahia.

Heloisa, mais de 60 anos, segundo as outras depoentes era prostituta do Buraco Doce e omitiu durante o depoimento o seu passado. Entrevista concedida em 09/04/2008 em Candeias/Bahia

Jair Cardoso dos Santos, advogado, professor de História e pesquisador sobre a história de Candeias, é um dos autores que me utilizo para compor este trabalho. Entrevista concedida a Daniela Nunes do Nascimento em 26/07/07, em Candeias/Bahia.

José Catarino, mais de 70 anos, foi dono da Boate Sonho da Noite, antigo morador da região da Praça do 24. Entrevista concedida a Daniela Nunes do Nascimento em 30/01/2013, em Candeias/Bahia.

José Magalhães, mais de 70 anos, motorista aposentado da Petrobrás e antigo morador de Candeias. Até os dias atuais mora nas proximidades onde funcionava o Brega do 24. Entrevista concedida a Daniela Nunes do Nascimento em 22/01/2008 e em 28/01/2013, em Candeias/Bahia.

Júlia, mais de 60 anos, trabalhou na Boate Três Jaqueiras e é antiga moradora da região do 24. Entrevista concedida a Daniela Nunes do Nascimento em 13/03/2013, em Candeias/Bahia.

Laura, mais de 70 anos, antiga moradora da Praça do 24. Entrevista concedida a Daniela Nunes do Nascimento em 16/01/2013, em Candeias/Bahia.

Olga, mais de 70 anos, aguadeira e antiga moradora da região conhecida por Buraco Doce Candeias. Entrevista concedida em 09/04/2008, em Candeias/Bahia

Manoel Ferreira, mais de 80 anos, trabalhou durante toda a sua vida na Petrobras como tratorista. Também é antigo morador de Candeias. Entrevista concedida a Daniela Nunes do Nascimento em 01/08/2007, em Candeias/Bahia.

Milton Matos, mais de 70 anos, antigo morador, professor e comerciante em Candeias. Publicou alguns livros que ajudaram nesta pesquisa. Entrevista concedida a Daniela Nunes do Nascimento em 01/08/2007, em Candeias/Bahia.

Mario Lima, mais de 80 anos, ex-deputado federal e fundador dos sindicatos dos petroleiros em Candeias. Trabalhou muitos anos na Refinaria e acompanhou a dinâmica local. Entrevista concedida a Daniela Nunes do Nascimento em 19/05/2008, em Salvador/Bahia.

Ruth Vasconcelos de Souza, mais de 80 anos, antiga moradora de Candeias. Entrevista concedida a Daniela Nunes do Nascimento em 30/07/07, em Candeias/Bahia.

Sueli, mais de 60 anos, frequentou os espaços do 24 na década de 1960 e é antiga moradora da região. Entrevista concedida a Daniela Nunes do Nascimento em 01/02/2013, em Candeias/Bahia.

Teresa, mais de 60 anos, antiga moradora da região conhecida por Buraco Doces. Entrevista concedida em 17/04/2008, em Candeias/Bahia.

Vera, mais de 60 anos, frequentou as boates de Zezinho e Leda e é antiga moradora da região da Praça do 24. Entrevista concedida a Daniela Nunes do Nascimento em 28/02/2013, em Candeias/Bahia.

ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E INSTITUIÇÕES CONSULTADAS:

Arquivo da Câmara de Vereadores de Candeias

Arquivo Público do Estado da Bahia – APEB

Arquivo Público Municipal de Candeias

Biblioteca Pública do Estado da Bahia – BPEB

Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia/UFBA

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Biblioteca Municipal de Candeias Magalhães Neto

Centro de Documentação e Informação Cultural sobre a Bahia – CEDIC-BA

ACERVOS PESSOAIS:

Acervo documental e fotográfico de Anderson Gomes Epifania.

Acervo documental e fotográfico de Alex Souza Ivo.

Acervo documental de Jair Cardoso dos Santos.

Acervo pessoal de José Magalhães dos Santos.

ANEXOS

Figura 39 – Ruínas da Igreja de Nossa Senhora da Encarnação do Passé. A Freguesia de Nossa Senhora da Encarnação do Passé se originou entre os anos de 1563 e 1566, quando os padres jesuítas da Companhia de Jesus receberam uma sesmaria, onde se multiplicaram os canaviais com seus respectivos engenhos, a exemplo do Engenho Pitanga que foi constituído nessa freguesia quase no mesmo período.



Fonte: SANTOS (2008)

Figura 40 – Ruínas do Engenho Caboto, que fazia parte da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Matoim.



Fonte: SANTOS (2008)

Figura 41 – Foto da década de 1970, tendo como fundo o antigo Engenho Freguesia, uns dos engenhos mais importantes da Freguesias de Nossa Senhora da Piedade de Matoim. Atualmente compreende o Museu Vanderley Araújo Pinho.



PHOTO 35

Fonte: OLIVIERI(1977)

Figura 42- Foto recente do Museu Vanderley Araújo Pinho, que no passado foi o casarão do Engenho Freguesia.



Fonte: SANTOS (2008)

Foto 43- Imagem da casa onde residia Horácio Pinto, uns dos coróneis que comandava a política de cima em Candeias, dono da Usina Maracangalha, no início do século XX.



PHOTO 19

Fonte: OLIVIERI(1977)

Foto 44- Imagem de 1951, evidenciando os campos de petróleo que a Petrobras herdou do CNP (Conselho Nacional do Petróleo). A descoberta do “ouro negro” foi tão importante para a cidade de Candeias que hoje o termo Ouro Negro batiza escola, bairro e hospital.



Fonte: Jornal da Petrobrás, Abril de 1989.

Foto 45- Imagem do centro de Candeias, na década de 1970, com o centro comercial, a estação de ônibus e ponto de taxi nas imediações da Praça Doutor Gualberto Dantas Fontes.



PHOTO 16

Fonte: OLIVIERI(1977)

Foto 46 - Imagem de crianças trabalhando com carrinhos de madeiras no transporte de mercadorias na feira em Candeias.



PHOTO 4

Fonte: OLIVIERI(1977)